



comprometida

livro n.º.6 de
Memórias de um Vampiro

morgan rice

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Copyright © 2012 por Morgan Rice

Todos os direitos reservados.

Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia do autor.

Este e-book é licenciado para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se você estiver lendo este livro sem tê-lo comprado, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho do autor.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, entidades, eventos e incidentes são produto da imaginação do autor ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.

Jacket art ©iStock.com /© Jen Grantham

Modelo da capa: Jennifer Onvie. Fotografia: Adam Luke Studios, New York. Maquiagem: Ruthie Weems.

Se tiver interesse em contatar qualquer um destes artistas, favor entrar em contato com Morgan Rice.

CONTEÚDO

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

CAPÍTULO TRINTA E SETE

FATO:

Na época de Shakespeare, “rinhas de ursos” representavam uma forma comum de entretenimento em Londres. Um urso era amarrado em um poste enquanto uma matilha de cães selvagens era liberada.

Apostas eram feitas para ver quem sairia ganhando. O local da rinha era próximo ao teatro de Shakespeare. Muitos dos espectadores das rinhas depois se dirigiam ao teatro para assistir uma peça de Shakespeare.

Na época de Shakespeare, o público que assistia a suas peças não era elitista ou sofisticado. Pelo contrário. A maioria das pessoas que assistiam a suas peças eram pessoas simples e rudes, plebeus que procuravam se divertir que precisavam apenas pagar um centavo para ter acesso ao teatro. Por este preço elas podiam ficar em pé na plateia durante toda a apresentação e, portanto, ficaram conhecidas como estácias.

A Londres de Shakespeare era civilizada – mas também era considerada primitiva. Era comum testemunhar execuções e torturas públicas de criminosos nas ruas. A entrada para uma de suas construções mais famosas – a Ponte de Londres – era frequentemente decorada com estacas, sobre as quais eram expostas as cabeças de criminosos.

A Peste Bubônica (também conhecida como Morte Negra) matou milhões de pessoas na Europa, tendo atingido Londres repetidas vezes ao longo dos séculos. Ela se propagou em locais com pouco saneamento e grandes aglomerações de pessoas, e atingiu o distrito do teatro de Shakespeare profundamente. Séculos foram

necessários para que descobrissem que a praga era transmitida por pulgas, hospedadas em ratos.

“Vem, gentil noite, vem noite amorosa de escuras sobranceiras,
Restitui-me o meu Romeu, e quando, mais adiante, ele vier a morrer,
Em pedacinhos o corta como estrelas bem pequenas,
E ele a face do céu fará tão bela
Que apaixonado o mundo vai mostrar-se da noite,
Sem que o sol esplendoroso continue a cultivar.”

William Shakespeare, ***Romeu e Julieta***

CAPÍTULO UM

Londres, Inglaterra (Setembro, 1599)

Caleb acorda ao som de sinos.

Ele se senta e olha ao seu redor, respirando profundamente. Ele havia sonhado com Kyle, a persegui-lo, e com Caitlin, estendendo a mão para ajudar. Eles estavam em um campo repleto de morcegos, contra um sol vermelho-sangue, e tinha lhe parecido bastante real.

Agora, ao olhar ao redor do quarto, ele tenta descobrir se tudo tinha sido real, ou se ele estava realmente acordado e viajado no tempo. Após alguns segundos ouvindo sua própria respiração, sentindo a umidade fresca no ar, e ouvindo o silêncio, e seu próprio coração, ele percebe que tinha sido tudo um sonho. Ele estava realmente acordado.

Caleb percebe que ele está sentado dentro de um sarcófago aberto. Ele olha ao redor da sala cavernosa e mal iluminada vê que está repleta de sarcófagos. Há um teto arqueado e baixo e fendas estreitas no lugar das janelas, por onde entra uma quantidade mínima de luz solar. É apenas o suficiente para ele enxergar. Ele fecha os olhos por causa da luz, coloca a mão no bolso e pega o colírio, pingando-o em seus olhos. Aos poucos, a dor diminui, e ele relaxa.

Caleb pula e fica em pé em um único movimento, girando o corpo para ver ao redor da câmara, avaliando todas as direções. Ele ainda

está na defensiva, não quer ser atacado ou cair em uma armadilha emboscada antes que ele tenha a chance de se orientar. Mas não há nada, e ninguém, no quarto. Apenas o silêncio. Ele nota os antigos pisos de pedra, as paredes, o pequeno altar e cruz, e percebe que ele está na cripta subterrânea de uma igreja.

Caitlin.

Caleb dá mais uma volta pelo quarto, em busca de qualquer sinal dela. Ele sente uma sensação de urgência, enquanto corre para o sarcófago mais próximo dele. Com toda a sua força, ele empurra a tampa.

Seu coração se enche de esperança de encontrá-la. Mas ele fica decepcionado ao descobrir que ele está vazio.

Caleb corre pela sala, indo de um sarcófago ao outro, empurrando todas as tampas, mas eles estão todos vazios.

Caleb sente uma sensação crescente de desespero ao empurrar a tampa do último sarcófago no quarto, com tanta força que ela cai no chão e se quebra em um milhão de pedaços. Mas ele já consegue sentir que, assim como os outros, aquele sarcófago estaria vazio - e ele está certo. Caitlin não está em lugar algum daquela sala, ele percebe, começando a suar frio. Onde ela poderia estar?

A ideia de voltar no tempo sem ela lhe dá um arrepio na espinha. Ele se importa mais com ela do que ele era capaz de dizer e, sem ela ao seu lado, sua vida, sua missão, lhe parece inútil.

Ele de repente se lembra de alguma coisa e enfia a mão no bolso, para se certificar de que ainda estava lá. Felizmente, estava; o anel de casamento de sua mãe. Ele o segura contra a luz, e admira sua afira de seis quilates, perfeitamente lapidada, montado em uma banda de diamantes e rubis. Ele ainda não tinha encontrado o momento certo para pedir a mão dela em casamento. Desta vez, ele não pretende perder a oportunidade.

Se, é claro, ela tivesse voltado no tempo desta vez.

Caleb ouve um barulho e se vira na direção da porta, pressentindo um movimento. Ele torce para que seja Caitlin.

Mas ele fica surpreso por se ver olhando para baixo enquanto observa a pessoa que se aproxima, e ainda mais surpreso ao ver que na verdade não se trata de uma pessoa; é Ruth. Caleb fica extremamente feliz de vê-la ali, de ver que ela havia sobrevivido à viagem no tempo.

Ela caminha até Caleb, balançando o rabo e com os olhos felizes ao reconhecê-lo. Quando ela chega perto, Caleb se abaixa e ela corre até seus braços. Ele gosta de Ruth, e se surpreende com o tanto que ela havia crescido: ela parece ter o dobro do tamanho, e estava se tornando um animal formidável. Ele também se sente encorajado em vê-la naquele lugar: talvez aquilo significasse que Caitlin também estava ali.

Ruth de repente se vira e corre para fora da sala, desaparecendo pelo corredor. Caleb fica confuso com o comportamento dela, e corre atrás de Ruth para ver onde ela estava indo. Ele entra em outra câmara abobadada, também repleta de sarcófagos antigos. Ele percebe imediatamente que todos já tinham sido abertos, e que estão vazios.

Ruth continua farejando e gemendo, e sai correndo daquela câmara. Caleb começa a se perguntar se Ruth estaria tentando guiá-lo até algum lugar, e se apressa para segui-la. Depois de atravessar mais alguns quartos, Ruth finalmente para diante de uma alcova no final do corredor mal iluminado pela luz de uma única tocha. Dentro dela, há um único sarcófago de mármore, esculpido detalhadamente.

Caleb se aproxima devagar, prendendo a respiração e torcendo – pressentindo – que Caitlin poderia estar lá dentro.

Ruth senta ao lado do sarcófago e encara Caleb, gemendo freneticamente. Caleb se abaixa e tenta empurrar a tampa de pedra, mas aquela tampa é muito mais pesada que as outras, e ele mal consegue movê-la.

Ajoelhado, ele tenta empurrar com mais força, usando toda sua força até que, finalmente, ela começa a mexer. Ele continua empurrando, e poucos instantes depois, a tampa é removida completamente.

Caleb fica aliviado ao encontrar Caitlin deitada ali, completamente imóvel, com as mãos dobradas sobre o peito. Mas seu alívio se transforma em preocupação quando ele a olha mais de perto e vê que ela está mais pálida do que ele já havia visto. Não há cor alguma em seu rosto, e os olhos dela não reagem a luz da tocha. Ele a observa mais de perto e percebe que ela parece não estar respirando.

Ele se afasta, horrorizado; Caitlin parece estar morta.

Ruth geme ainda mais alto: agora ele entende.

Caleb se aproxima e, colocando as duas mãos firmemente sobre os ombros dela, sacode o corpo dela gentilmente.

“Caitlin?” ele diz, ouvindo a preocupação em sua própria voz. “CAITLIN!” ele chama mais alto, sacudindo o corpo dela com um pouco mais força.

Mas ela não reage, e o corpo de Caleb estremece ao considerar como seria sua vida sem ela. Ele sabia que havia um risco ao viajar no tempo, e que nem todos os vampiros sobreviviam à viagem. Mas ele nunca havia contemplado a possibilidade de morrer ao fazer a viagem de volta. Ele teria cometido um erro ao insistir para que ela continuasse sua busca e completasse sua missão? Ele deveria ter permitido que ela desistisse e ficado com ela no último lugar e época em que haviam estado? O que seria dele se tivesse perdido tudo?

Ruth salta sobre o sarcófago, ficando com as quatro patas em cima do peito de Caitlin, e começa a lambe seu rosto. Alguns minutos se passam, e Ruth não para de lambe, gemendo o tempo todo. Quando Caleb se aproxima, pronto para tirar Ruth de cima dela, ele fica paralisado e se surpreende ao ver que Caitlin está começando a abrir um dos olhos.

Ruth uiva, excitada, enquanto salta de cima de Caitlin e começa a correr em círculos. Caleb de inclina sobre Caitlin, igualmente feliz, e ela finalmente abre os dois olhos e começa a olhar ao redor. Ele se apressa para pegar uma das mãos delas, frias como o gelo, para aquecê-la entre as suas.

“Caitlin? Você consegue me ouvir? Sou eu, Caleb.”

Lentamente, ela começa a se sentar, e Caleb a ajuda, esticando o braço e colocando a mão gentilmente nas costas dela. Ele fica extremamente feliz em vê-la piscar os olhos e percebe que ela está desorientada, como se estivesse despertando de um sono profundo.

“Caitlin?” ele pergunta mais uma vez, suavemente.

Ela olha para ele com o rosto sem expressão. Caleb olha dentro dos lindos olhos castanhos dela, mas ele sabe – consegue sentir – que há algo errado. Caitlin ainda não sorriu e, ao piscar os olhos mais uma vez, olha para ele como se estivesse vendo um estranho.

“Caitlin?” ele pergunta de novo, preocupado desta vez.

Ela olha além dele, com os olhos arregalados, e ele se dá conta, finalmente, que ela não o está reconhecendo.

“Quem é você?” ela pergunta.

O coração de Caleb se parte. Como era possível? A viagem tinha apagado a memória dela? Ela tinha realmente esquecido dele?

“Caitlin,” ele insiste, “sou eu, Caleb.”

Ele sorri, torcendo para que talvez isso a faça se lembrar dele. Mas ela não lhe devolve o sorriso, e apenas o encara com o olhar vago, piscando repetidas vezes.

“Sinto muito,” ela diz finalmente, “mas não faço a mínima ideia quem você é.”

CAPÍTULO DOIS

Sam acorda ao som da revoada de pássaros. Ele abre os olhos e vê, alto no céu, vários abutres circulando o céu. Deve haver uma dúzia deles, circulando cada vez mais baixo, parecendo estar bem acima dele, como se o observassem – como se estivessem esperando.

Ele de repente percebe que os pássaros devem pensar que ele está morto, e que estão apenas esperando pela oportunidade para avançar e comê-lo.

Sam fica em pé e, ao fazer isso, os pássaros se afastam repentinamente como se tivessem ficado surpresos que um morto pudesse se levantar novamente.

Ele olha a sua volta, tentando se localizar. Ele está em um campo, no meio das colinas. Até onde ele consegue enxergar, há mais colinas, cobertas de grama e estranhos arbustos. A temperatura está perfeita, e não há uma nuvem sequer no céu. O lugar é pitoresco, e Sam não consegue ver nenhum prédio; é como se ele estivesse no meio do nada.

Sam tenta descobrir onde está, em que época e como ele havia chegado até ali. Ele tenta desesperadamente se lembrar do que tinha acontecido antes dele viajar no tempo.

Lentamente, ele se recorda: Ele estava em Notre Dame, na Paris de 1789. Ele havia enfrentado Kyle, Kendra, Sergei e seus homens, tentando retardá-los para que Caitlin e Caleb pudessem fugir. Aquilo tinha sido o mínimo que ele poderia fazer, e devia isso a ela, especialmente depois de tê-la colocado em perigo por causa de seu romance imprudente com Kendra.

Em número terrivelmente inferior, ele tinha usado seu poder de transmutação, e conseguido confundi-los o bastante para causar danos consideráveis, matando vários homens de Kyle, incapacitando outros tantos, até que finalmente havia conseguido escapar com Polly.

Polly.

Ela tinha ficado ao lado dele durante todo o tempo e lutado com bravura, e os dois tinham formado uma dupla considerável. Eles haviam escapado pelo teto da catedral de Notre Dame e partado em busca de Caitlin e Caleb pela noite. Sim, as lembranças estão começando a aflorar...

Sam havia descoberto que sua irmã tinha voltado no tempo e, soube no mesmo instante, que tinha que ir atrás dela. Ele precisava acertar as coisas entre eles, encontrar Caitlin, pedir desculpas e protegê-la. Ele sabe que ela não faz questão disso: é uma guerreira agora, e tem Caleb ao seu lado. Mas ela é sua irmã, afinal, e o impulso de protegê-la não é algo que ele possa simplesmente desligar.

Polly havia insistido em voltar no tempo com ele. Ela também estava decidida a rever Caitlin, e a lhe dar algumas explicações; Sam não tinha oferecido resistência, e os dois haviam viajado no tempo juntos.

Sam olha ao seu redor mais uma vez, observando os campos ao longe e pensando.

“Polly?” ele chama timidamente.

Não há resposta.

Ele caminha até a beira de uma colina, curioso para ver a paisagem.

“Polly!?” ele exclama mais uma vez um pouco mais firme.

“Finalmente!” diz uma voz.

Quando Sam olha adiante, Polly surge no horizonte, caminhando na direção dele. Ela está com os braços repletos de morangos e, enquanto come um deles, fala com ele de boca cheia.

“Estou esperando você durante toda a manhã toda! Nossa! Você realmente gosta de dormir, não é mesmo!?”

Sam está feliz em vê-la. Olhando para ela, ele percebe o quanto tinha se sentido sozinho ao acordar, e o quanto está feliz em ter companhia. Ele também percebe que, apesar das circunstâncias, tinha aprendido a gostar dela. Especialmente depois do desastre de seu relacionamento com Kendra, ele estava gostando de ficar perto de uma garota normal, e gosta mais de Polly do que ela pode imaginar. E quando ela se aproxima, e o sol ilumina seus cabelos castanho-claros, seus olhos azuis e pela branca translúcida, Sam é surpreendido pela beleza natural dela. Ele está prestes a responder mas, como de costume, ela não lhe dá a chance de dizer uma palavra.

“Eu acordei a apenas alguns metros de você,” ela continua, se aproximando e comendo outro morando, “e eu chacoalhei você sem parar, mas você simplesmente não acordava! Então eu fui dar uma volta, e procurar algumas coisas. Não vejo a hora de sair deste lugar, mas pensei em salvar você dos abutres antes de ir. Temos que

encontrar Caitlin. Como vamos saber onde ela está? Ela pode estar precisando de nossa ajuda nesse exato momento e tudo o que você faz é dormir! Pode me dizer por que viajamos no tempo se não vamos sair daqui e...”

“Por favor!” Sam grita, caindo na risada. “Você não deixa que eu responda!”

Polly para e o observa, parecendo surpresa, como se não fizesse a menor ideia de que estava falando sem parar.

“Pois muito bem,” ela diz, “fale!”

Sam a encara, distraído pelo tom de azul dos olhos dela sob a luz da manhã; quando tem a oportunidade de falar, ele fica paralisado e esquece o que havia pensado em dizer.

“Eu...” ele começa.

Polly joga as mãos para o alto.

“Garotos!” ela exclama. “Ele nunca querem que você fale – mas também nunca têm nada a dizer! Bem, eu não quero mais ficar aqui!” ela diz, se afastando pelas colinas enquanto come outro morango.

“Espere!” Sam grita, se apressando para alcançá-la. “Para onde você está indo?”

“Procurar a Caitlin, é claro!”

“E você por acaso sabe onde ela está?” ele pergunta.

“Não,” Polly responde, “mas eu já sei onde ela *não* está – e ela não está nesse campo! Precisamos sair daqui, encontrar a cidade mais próxima – ou prédios, ou qualquer coisa – e descobrir em que

período nós estamos. Precisamos começar em algum lugar, e esse com certeza não é ele!”

“Mas, você não acha que eu também queira encontrar minha irmã!?”
Sam grita irritado.

Finalmente, ela para e se vira, olhando para ele.

“O que eu quero dizer é, você não quer companhia?” Sam pergunta, percebendo ao pronunciar as palavras, o quanto ele gostaria de procurar por Caitlin junto a Polly. “Você não acha melhor procurarmos juntos?”

Polly olha para Sam com seus grandes olhos azuis, como se o estivesse analisando. Ele sente que está sendo examinado, e pode perceber a incerteza dela. Ele só não consegue entender por quê.

“Eu não sei,” ela diz finalmente. “Quero dizer, você conseguiu se virar bem em Paris – tenho que admitir. Mas...”

Ela pausa.

“O que foi?” ele enfim pergunta.

Polly limpa a garganta.

“Bem, se quer mesmo saber, o ultimo... hmm... garoto... com que estive... Sergei... acabou sendo um mentiroso e vigarista, que me enganou e me usou. E eu fui idiota demais para perceber. Mas nunca mais vou cair em outra armadilha desse tipo. E não estou pronta para confiar em qualquer pessoa do sexo masculino – nem mesmo você. Eu simplesmente não quero passar meu tempo ao lado de garotos agora. Não que eu e você... eu não estou dizendo que nós... não é que eu pense em você dessa forma... como algo além de meu amigo... de um conhecido...” Polly começa a gaguejar e, percebendo o quanto ela está nervosa, Sam não consegue evitar

um leve sorriso. "...mas é que, independente de tudo isso, estou cansada de garotos. Sem querer te ofender."

Sam abre um largo sorriso. Ele gosta da sinceridade dela, e de sua coragem.

"Não estou ofendido," ele responde. "Para dizer a verdade," ele completa, "também estou farto de garotas."

Os olhos de Polly se abrem de surpresa; obviamente não é esta a resposta que ela estava esperando.

"Ocorre que temos mais chances de encontrar minha irmã se procurarmos juntos. Quero dizer...só..." Sam limpa a garganta, "...profissionalmente falando."

Agora é a vez de Polly abrir um sorriso.

"Profissionalmente falando," ela repete.

Sam estende a mão, formalmente.

"Eu prometo, seremos apenas amigos – nada além disso," ele diz. "Eu desisti de garotas para sempre. Aconteça o que acontecer."

"E eu desisti dos garotos, não importa o que aconteça," Polly diz, ainda examinando a mão dele, que permanece estendida para ela.

Sam continua com o braço esticado, esperando pacientemente.

"Apenas amigos?" ela pergunta. "Nada além disso?"

"Apenas amigos," Sam lhe garante.

Ela finalmente ergue o braço e aperta a mão dele.

Ao fazer isso, Sam não consegue evitar a sensação de que ela segurou sua mão apenas um instante a mais que o necessário.

CAPÍTULO TRÊS

Caitlin se senta dentro do sarcófago, e encara o homem em pé diante dela. Ela sabe que o reconhece de algum lugar, mas não consegue se lembrar exatamente de onde. Ela olha dentro dos olhos castanhos preocupados dele, para seu rosto perfeitamente esculpido, a pele perfeita e os cabelos ondulados. Ele é maravilhoso, e ela pode perceber o quanto ele se importa com ela. Ela sente dentro de seu coração que aquela pessoa é importante para ela, mas por mais que se esforce, não consegue se lembrar de quem ele é.

Caitlin sente algo molhado na mão, e quando olha para baixo vê um lobo sentado ao seu lado, lambendo-lhe a mão. Ela se surpreende pelo carinho do animal com ela, como se o lobo a conhecesse há muito tempo. O pelo do animal é lindo, inteiramente branco com uma faixa cinza atravessando sua cabeça e suas costas. Caitlin sente que conhece este animal também, e que em algum momento de sua vida havia tido uma ligação muito próxima com ele. Mas por mais que se esforce ela não consegue se lembrar de nada.

Ela olha ao seu redor na sala, tentando absorver o lugar, torcendo para que algo desperte sua memória. O quarto lentamente entra em foco. O lugar é mal iluminado por apenas uma tocha e, à distância, ela vê outros quartos repletos de sarcófagos. O teto é baixo e arqueado, e as pedras parecem ser bem antigas; parece uma cripta. Ela se pergunta como teria chegado até ali – e quem seriam aquelas pessoas. Ela sente como se tivesse acordado de um sonho que parece não terminar.

Caitlin fecha os olhos por um instante, respirando profundamente, e quando faz isso, algumas cenas aleatórias passam por sua cabeça. Ela se vê parada no Coliseu de Roma, lutando contra diversos soldados no chão empoeirado e quente; e se vê sobrevoando uma ilha no rio Hudson, olhando um magnífico castelo; e se vê em Paris, caminhando ao longo de um rio com um homem que ela reconhece estar diante dela naquele momento. Ela tenta se concentrar naquela imagem, prender-se a ela. Talvez isso a ajude a lembrar.

Ela se vê junto a ele novamente, desta vez em um castelo no interior da França. Ela vê os dois cavalgando a beira mar, e então um falcão, circulando o céu acima deles e entregando uma carta.

Ela tenta se concentrar no rosto dele, tenta lembrar qual o nome dele. Ela tem a sensação de que está conseguindo lembrar, que está quase lá. Mas as imagens continuam mudando, e é difícil se prender a uma delas. Vidas inteiras se passam diante de seus olhos, em uma coleção infinita de cenas. É como se a mente dela estivesse carregando todas aquelas informações.

"Caleb," diz uma voz.

Caitlin abre os olhos. Ele está parado bem próximo a ela, com o braço estendido e a mão sobre seu ombro.

"Meu nome é Caleb. Do coven White. Você não se lembra?"

Caitlin fecha os olhos mais uma vez, e sua memória é afetada por aquelas palavras, pela voz dele. *Caleb*. O nome lhe soa familiar, e Caitlin sente que aquele é um nome importante para ela.

Coven White. Isso também lhe soa familiar. Ela de repente se vê em uma cidade que ela sabe ser Nova Iorque, em um claustro no norte da ilha. Ela se vê parada em um grande terraço, olhando ao longe. E se vê discutindo com uma mulher chamada Sera.

"Caitlin," diz a voz mais uma vez, com um pouco mais de firmeza.
"Você não se lembra?"

Caitlin. Sim. Esse é nome dela. Ela tem certeza agora. E Caleb. Sim. Ele é importante para ela. Ele é seu... namorado? Ele parece ser mais importante que isso. Noivo? Marido?

Ela abre os olhos e o encara, e as lembranças começam a surgir. Ela se enche de esperança e, lentamente, começa a se recordar de tudo.

"Caleb," ela diz suavemente.

Os olhos dele se enchem de lágrimas, esperançosos. O lobo geme ao lado dela, lambendo-lhe o rosto, encorajado. Ela olha para o animal, e de repente se lembra do nome dela.

"Rose," ela diz, e então percebe que está enganada. "Não. Ruth. Seu nome é Ruth."

Ruth se aproxima, lambendo-lhe ainda mais. Caitlin não consegue evitar o riso, e acaricia a cabeça de Ruth. Caleb abre um sorriso de alívio.

"Sim. Ruth. E eu sou Caleb. E você é Caitlin. Consegue se lembrar agora?"

Ela confirma.

"Estou começando a me lembrar," ela responde. "Você é meu... marido?"

Ela observa enquanto o rosto dele se enrubesce como se estivesse constrangido ou envergonhado. E naquele momento, ela se lembra. Não, eles não eram casados.

"Não estamos casados," ele diz, em tom de desculpas, "mas estamos juntos."

Ela também fica constrangida ao começar a se lembrar de tudo, à medida que as lembranças começam a aflorar.

Ela de repente se lembra das chaves – as chaves de seu pai. Ela estica o braço, colocando a mão no bolso e se certificando que elas ainda estavam ali. Ela coloca a mão no outro bolso e sente seu diário, confortada pela sua presença. Caitlin fica aliviada.

Caleb estica o braço. Ela segura na mão dele e deixa que ele a ajude a sair do sarcófago. É muito bom estar em pé, alongando os músculos. Caleb estica a mão e tira o cabelo da frente do rosto dela. Ela gosta da sensação dos dedos dele acariciando suas têmporas.

"Estou tão feliz que esteja viva," ele fala.

Ele a envolve em seus braços, abraçando-a com força. Ela também o abraça, e ao fazer isso mais lembranças surgem em sua cabeça. Sim, este é o homem que ela ama. Ele é o homem com quem, um dia, sonha em se casar. Ela pode sentir o amor dele atravessando seu corpo, e se lembra de que tinham viajado no tempo juntos. Paris é o último lugar em que haviam estado juntos, e onde ela tinha encontrado a segunda chave antes que fossem enviados mais uma vez ao passado. Ela havia rezado para que acordassem juntos desta vez. E ao abraçá-lo com força, ela percebe que suas preces tinham sido atendidas.

Finalmente, desta vez, eles estão juntos.

CAPÍTULO QUATRO

"Vejo que vocês dois se reencontraram," diz uma voz.

Caitlin e Caleb, no meio de um abraço, se viram surpresos ao ouvir a voz. Caitlin fica surpresa que alguém tenha conseguido se aproximar deles tão rápido, especialmente considerando seus sentidos vampiros apurados.

Mas ao olhar para a mulher parada diante deles, ela percebe o motivo: essa mulher também é uma vampira. Vestida completamente de branco e com um capuz na cabeça, a mulher ergue lentamente o rosto e os encara com olhos azuis penetrantes. Caitlin pode sentir a energia pacífica e serena emanando dela, e baixa sua guarda. Ela sente quando Caleb faz o mesmo.

A mulher então abre um largo sorriso.

"Estamos esperando você há bastante tempo," ela diz, em tom gentil.

"Onde estamos?" Caitlin pergunta. "Que ano é esse?"

A mulher apenas sorri.

"Por favor, me acompanhem," ela pede, virando-se, e começa a se afastar, passando pela porta arqueada.

Caitlin e Caleb entreolham-se, e então a seguem pela porta, seguidos por Ruth.

Eles caminham por um corredor de pedras sinuoso, que os leva até um lance de escadas estreitas,

iluminado pela luz de uma única tocha. Eles estão logo atrás da mulher, que continua andando, certa de que eles a seguem.

Caitlin sente vontade de fazer mais perguntas, pressioná-la para saber onde estavam; mas ao chegarem ao topo da escada, ela consegue ter uma visão magnífica que lhe tira o fôlego, e ela percebe que estão dentro de uma igreja enorme. Pelo menos esta parte da pergunta tinha sido respondida.

Caitlin mais uma vez se arrepende de não ter prestado mais atenção à aula de história e arquitetura, por não poder identificar em que igreja eles estavam naquele momento. Ela se lembra de todas as outras igrejas que havia visitado – a Notre Dame em Paris, o Duomo em Florença – e não consegue evitar a sensação de que esta igreja é parecida com as outras.

A nave central da igreja se estende por dezenas de metros, o chão é de lajotas de mármore e as paredes estão decoradas com dezenas de estátuas esculpidas em pedra. O teto da igreja é altíssimo, alcançando dezenas de metros. No alto, há fileiras intermináveis de vitrais, que permitem a entrada da luz do sol que se reflete suavemente em inúmeras cores. Na parede do final da nave, um vitral redondo enorme filtra a luz que recai sobre o altar dourado. Espalhadas diante do altar há centenas de pequenas cadeiras de madeira para os fiéis. Mas agora a igreja está vazia. É como se o lugar tivesse sido reservado para eles.

Eles atravessam o salão principal, seguindo a vampire, e seus passos ecoam, reverberando pelo enorme corredor vazio.

"Que igreja é essa?" pergunta por fim.

"É a Abadia de Westminster," responde a mulher, enquanto continua a caminhar. "O lugar onde Rainhas e Reis são coroados há centenas de anos."

Abadia de Westminster, Caitlin pensa. Ela sabe que esta igreja fica na Inglaterra. Na verdade, ela fica exatamente na cidade de Londres.

Londres.

Caitlin fica um pouco atordoada com a ideia de estar ali. Ela nunca havia estado na cidade antes, e havia sonhado em conhecê-la um dia. Ela tinha amigos que já haviam feito a viagem, e ela já tinha visto muitas fotos online. Fazia sentido para ela estar ali, dada a história medieval da do lugar. A igreja tinha centenas de anos – e ela sabe que há muitas outras igrejas como aquela na cidade. Mas ela ainda não sabe em que ano estão.

"E em que ano estamos?" Caitlin pergunta nervosa.

Mas o guia deles anda tão rápido que já está do outro lado da capela, atravessando outra porta arqueada e forçando Caitlin e Caleb a se apressarem para alcançá-la.

Ao entrarem, Caitlin se surpreende ao perceber que estão dentro de um claustro. Há um longo corredor de pedras, com paredes de pedra e estátuas ao longo de um lado e, do outro, arcos abertos. Os arcos são expostos aos elementos, e através deles ela pode ver um pequeno pátio interno. O lugar a faz pensar em todos os outros claustros onde já havia estado; ela começa a reconhecer algum padrão na simplicidade das construções, das paredes arqueadas, das colunas e pátios bem cuidados. Todos parecem oferecer um refúgio do mundo, como um lugar ideal para o silêncio e a reflexão.

A vampira finalmente para e se vira para eles. Ela encara Caitlin com seus grandes olhos compassivos, e parece transcendental.

"Estamos às vésperas da virada do século," ela diz.

Caitlin pensa por um instante.

"Que século?" pergunta ela.

"O século XVI, é claro. Estamos no ano de 1599."

É 1599, pensa Caitlin. A constatação a assusta; mais uma vez, ela gostaria de ter lido seus livros de história com mais atenção. Das outras vezes, ela tinha ido de 1791 para 1789. Mas agora, eles estavam em 1599 – um salto de quase 200 anos.

Ela ainda consegue se lembrar de como as coisas pareciam primitivas mesmo em 1789 – a falta de encanamentos, as estradas de terra, a ausência de banho. Ela não consegue imaginar como as coisas seriam duzentos anos antes daquilo. Certamente, as coisas seriam ainda menos familiares que em qualquer outra época. Até mesmo a cidade de Londres dificilmente seria reconhecida. Isso a faz sentir-se isolada, sozinha, em um mundo completamente diferente do dela. Se não fosse pela presença de Caleb, ao seu lado, ela teria se sentido absolutamente sozinha.

Mas ao mesmo tempo, a arquitetura, a igreja e os claustros – tudo aquilo lhe parece familiar e reconhecível. Afinal, eles estão caminhando na mesma Abadia de Westminster que existia no século XXI. E não apenas isso, o prédio, mesmo no ano de 1599, já parece antigo, já estava ali há muitos séculos. Isso lhe fornece um estranho consolo. Mas por que ela tinha sido enviada para aquele período? E para aquele lugar? Obviamente, o lugar tem alguma importância para sua missão.

Londres. 1599.

É nessa época que Shakespeare havia vivido? Ela se pergunta, com o coração de repente acelerado, ao imaginar que talvez tivesse a chance de vê-lo pessoalmente. Eles caminham silenciosamente por vários corredores.

"A Londres de 1599 não é tão primitivo quanto você pensa," a guia informa, olhando para Caitlin com um sorriso.

Caitlin se sente envergonhada ao perceber que ela tinha lido seus pensamentos. Como sempre, ela sabe, deveria ser mais cuidadosa em escondê-los, e espera que não tenha ofendido a vampira.

"Não é ofensa alguma," ela responde, lendo os pensamentos de Caitlin mais uma vez. "A época em que vivemos pode ser primitiva em relação a algumas tecnologias com que você está acostumada. Mas, de certa forma, somos mais sofisticados que as pessoas dos tempos modernos. Somos extremamente experientes e estudados, os livros nos governam. Um povo de meios primitivos, talvez, mas com um intelecto bastante apurado. "E mais importante, este é um período crucial para a raça vampira. Estamos em um momento decisivo. Você chegou na virada do século por uma razão."

"Por quê?" Caleb pergunta.

A mulher lança um sorriso pra eles antes de entrar em outro corredor.

"A resposta para esta pergunta você terá que encontrar sozinho."

Eles chegam à outra sala magnífica - com teto alto, vitrais coloridos e o chão de mármore - decorado com enormes velas e estátuas esculpidas à imagem de reis e santos. Mas esta sala é diferente das outras; há sarcófagos e efígies colocadas cuidadosamente ao redor da sala e, no centro, um enorme túmulo com dezenas de metros de altura, coberto por ouro. A guia caminha até o túmulo, e eles a seguem. Ela para diante dele e se vira para eles.

Caitlin olha para o túmulo: ele é grande e imponente; uma verdadeira obra de arte, banhado a ouro e adornado com gravuras belíssimas. Ela também pode sentir uma energia emanando do túmulo, como se ele tivesse alguma importância oculta.

"O túmulo do Santo Eduardo o Confessor," a vampira diz. "É um lugar sagrado, destino de peregrinação da nossa espécie por centenas de anos. Dizem que ao rezar ao lado dele, é possível receber curas milagrosas para aqueles que estão doentes. Olhe a pedra, aos seus pés: ela está gasta por todas as pessoas que já se ajoelharam aqui ao longo dos anos."

Caitlin olha para baixo e vê que, de fato, a plataforma de mármore está um pouco gasta nas bordas. Ela se espanta ao pensar em quantas pessoas já tinham se ajoelhado ali ao longo dos séculos.

"Mas no seu caso," continua ela, "ele é ainda mais importante."

Ela se vira e olha diretamente para Caitlin.

"Sua chave," ela fala para Caitlin.

Caitlin fica perplexa. A que chave ela estava se referindo? Ela coloca a mão no bolso e sente as duas chaves que tinha encontrado até então. Ela não sabe ao certo qual delas a mulher quer. Ela balança a cabeça.

"Não. Sua outra chave."

Caitlin pensa, confusa. Ela tinha esquecido alguma chave?

Então, ao olhar para baixo, ela percebe. Seu colar.

Caitlin leva a mão ao pescoço, surpresa por ele ainda estar lá. Ela remove o colar com cautela, e segura a antiga cruz de prata na palma da mão. A vampira balança a cabeça novamente.

"Apenas você pode usá-la."

Ela estica o braço e gentilmente segura a mão de Caitlin, guiando-a até uma pequena fechadura na base do pedestal.

Caitlin fica espantada, pois nunca teria notado a existência daquela fechadura de outra forma. Ela insere a chave e gira, ouvindo um leve clique.

Ela olha para cima, e vê que um pequeno compartimento havia surgido na lateral do túmulo. Ela olha para a vampira, que assente solenemente. Caitlin ergue o braço e remove o compartimento estreito e comprido. Dentro dele, ela se surpreende ao encontrar um

longo cetro dourado, com a ponta incrustada de rubis e esmeraldas. Ela tenta remover o centro da caixa, e fica surpresa com o peso dele, e da maciez do ouro contra suas mãos. O cetro tem aproximadamente um metro de comprimento, e é feito inteiramente de ouro.

"O cetro sagrado," a freira vampira diz. "Pertenceu ao seu pai um dia."

Caitlin olha para o cetro com um novo senso de reverência e respeito. Ele se sente energizada ao segurá-lo, e se sente mais próxima de seu pai do que jamais havia estado.

"Isso me levará até meu pai?" ela indaga.

A guia simplesmente lhes dá as costas e sai da câmara.

"Por aqui," ela diz.

Caitlin e Caleb a seguem por outra porta e diversos outros corredores, atravessando o pátio de outro claustro. Enquanto caminham, Caitlin pode ver vários outros vampiros vestindo túnicas brancas e capuzes, que também andam pelos corredores. A maioria mantém a cabeça abaixada, como se concentrados em suas orações; alguns balançam incensários. Os poucos que cruzam o seu caminho acenam com a cabeça, e continuam caminhando em silêncio.

Caitlin se pergunta quantos vampiros vivem ali, e se fazem parte do coven de seu pai. Ela nunca havia se dado conta que a Abadia de Westminster era um convento, além de igreja – ou que era o último lugar de descanso para sua espécie.

Eles finalmente entram em outra sala, está menor que as outras, mas com tetos altos e iluminado pela luz natural. O chão da sala é feito de pedras resistentes, e no centro há algo extraordinário: um trono. Colocado sobre um pedestal com no mínimo cinco metros de

altura, o trono é feito de madeira, uma cadeira espaçosa com braços que se inclinam para cima e um encosto que termina em um triângulo com uma ponta no centro. Embaixo, nos cantos da cadeira, há dois leões dourados esculpidos de forma a dar a ideia de que estão segurando o trono.

Caitlin examina o trono admirada.

"O trono do Rei Eduardo," diz a vampira. "O trono da coroação de reis e rainhas por milhares de anos. Um item muito especial – não apenas por seu papel na história, mas por que guarda uma das chaves da nossa espécie." Ela se vira na direção de Caitlin. "Estamos guardando este trono há milhares de anos. Agora que você está aqui, e agora que liberou o cetro, é chegada a hora de assumir o seu lugar de direito."

Ela sinaliza para que Caitlin suba ao trono.

Caitlin olha para ela em choque. Que direito tinha ela, uma simples garota, de subir ao trono real – um trono que tinha sido usado por reis e rainhas por milhares de anos? Ela não se sente à vontade para se aproximar dele, e muito menos para subir no pedestal e sentar no trono.

"Por favor," insiste a vampira. "Você tem o direito. Você é a Escolhida."

Caleb assente com a cabeça, e Caitlin devagar e relutantemente sobe no enorme pedestal, segurando o cetro. Ao chega ao topo, ela se vira e delicadamente senta no trono. Ele é feito de madeira maciça, e não encostar-se e repousar os braços sobre o apoio, Caitlin pode sentir o poder do trono. Ela consegue sentir as centenas de membros da realeza que tinham recebido suas coroas naquele exato local, e se sente completamente energizada.

Ao olhar para a sala, cinco metros acima de todos os outros, ela sente como se estivesse acima de tudo, no topo do mundo. A

sensação é inspiradora.

"O cetro," diz a vampira.

Caitlin olha para ela, confusa, incerta sobre o que a vampira quer que ela faça com ele.

"No braço do trono, você vai encontrar um pequeno orifício. Ele é feito para segurar o cetro."

Caitlin olha para baixo, atentamente, e desta vez localiza um pequeno buraco, com o diâmetro exato do cetro. Ela ergue o braço e lentamente encaixa o cetro no orifício. Ele afunda até o fim de modo que apenas o topo fique para fora do braço. De repente, ouve-se um leve clique. Caitlin olha para o chão e fica surpresa ao ver um compartimento minúsculo se abrir na base da cabeça dos leões. Dentro dele, há um pequeno anel de ouro. Ela estica o braço e o retira do compartimento. Ela ergue o anel e o observa.

"O anel do destino," informa a vampira, "pertence apenas a você. É um presente de seu pai."

Caitlin o encara encantada, segurando-o contra a luz e assistindo as pedras brilharem ao movimentá-lo.

"Coloque o anel no dedo anelar de sua mão direita."

Caitlin faz isso, e ao sentir o metal frio, uma vibração percorre todo o seu corpo. Ela sente o poder que emana do anel.

"Ele irá lhe mostrar o caminho."

Caitlin o examina.

"Mas como?" ela pergunta.

"Você só precisa inspecioná-lo," explica a vampira.

A princípio, Caitlin fica confusa, mas então examina o anel com mais atenção. Quando o faz, ela percebe uma pequena gravação em volta do anel. Seu coração bate mais forte ao ler a mensagem. Ela sabe imediatamente que se trata de uma mensagem de seu pai.

Do outro lado do ponto,
Para além do urso,
Com os ventos ou o sol,
Nós ignoraremos Londres.

Caitlin lê a charada mais uma vez, e então a lê em voz alta, para que Caleb possa escutar.

"O que isso significa?" ela pergunta.

A guia apenas sorri.

"Tenho permissão para trazer você apenas até aqui. O restante da jornada você terá que descobrir." E então ela se aproxima. "Estamos contando com você. O que quer que faça, não nos decepcione."

CAPÍTULO CINCO

Caitlin e Caleb saem pelas enormes portas da Abadia de Westminster sob a luz da manhã, seguidos por Ruth. Eles instintivamente fecham os olhos e levam as mãos aos olhos, e Caitlin se sente grata que Caleb lhe tenha dado o colírio antes de saírem. Eles precisam de alguns instantes para que seus olhos se acostumem. Lentamente, a Londres de 1599 surge diante deles.

Caitlin fica espantada. A Paris de 1789 não tinha sido tão diferente da Veneza de 1791. Mas a cidade de Londres em 1599 é um mundo completamente novo. Ela fica espantada pela diferença que 190 podem fazer.

Diante dela, a cidade de Londres se revela. Mas não se trata de uma cidade metropolitana movimentada. Pelo contrário, ela tem a sensação de que está em uma grande cidade rural, com muitos terrenos ainda em desenvolvimento. Não há ruas pavimentadas – há sujeira por toda parte – e enquanto há muitos prédios, é possível ver árvores em bem maior número. Escondidas entre as árvores em quarteirões mal formados há fileiras de casas, algumas um pouco tortas. As casas são todas feitas de madeira, com grandes telhados de palha. Ela logo percebe que a cidade é altamente inflamável; quase completamente feita de madeira, e com toda aquela palha em cima das casas, Caitlin vê o quanto Londres é suscetível ao fogo.

Ela imediatamente se dá conta que as ruas de terra tornam a passagem complicada. Andar a cavalo parece ser o meio de transporte ideal, e ocasionalmente eles cruzam com um cavalo ou carroça. Mas estas são exceções; a maioria das pessoas caminha – ou melhor, tropeça. As pessoas caminhando pelas ruas enlameadas parecem lutar pra manter-se em pé.

Ela identifica excrementos ao longo das ruas e fica enojada com o cheiro, mesmo à distância. As eventuais vacas passeando pelas ruas também não ajudam. Se ela tivesse pensado em voltar no

tempo para recuperar o romantismo, esse lugar certamente não seria o melhor destino.

Além disso, ela não tinha visto pessoas passeando bem vestidas, carregando sombrinhas e exibindo as últimas tendências da moda, como tinha sido em Veneza e Paris. Ao invés disso, elas se vestem com simplicidade e com roupas ultrapassadas; os homens vestem roupas da fazenda, que parecem trapos, e alguns vestem calças brancas e túnicas curtas que parecem saias. As mulheres, por sua vez, ainda estão tão cobertas que têm dificuldades para andar pelas ruas segurando as barras das saias o mais alto que conseguem – não apenas para mantê-las longe da lama e dos excrementos, mas também dos ratos, que Caitlin se surpreende ao ver correndo pelas ruas abertamente.

Ainda assim, apesar de tudo, o modo de vida da época é certamente único – e, pelo menos, bastante descontraído. Ela tem a impressão de que está em uma grande vila rural, bem diferente do ritmo frenético do século XXI. Não há carros nas ruas; nenhum som de construções, ou buzinas, ônibus, caminhões e máquinas. Até mesmo o som dos cavalos parece abafado, com suas patas se afundando na lama. De fato, o único som que pode ser ouvido além dos gritos dos vendedores, é o som dos sinos de igrejas, como um coral de bombas, soando por toda a cidade. Londres é obviamente dominada pelas igrejas.

As únicas coisas sinalizando o futuro que está por vir, por incrível que pareça, são as igrejas – erguendo-se acima da arquitetura simples e dominando a paisagem da cidade com suas torres incrivelmente altas. Na verdade, o prédio de onde acabam de sair, a Abadia de Westminster, se ergue acima de todos os outros prédios a vista. Ela pressente que seu campanário é a referência para que toda a cidade se oriente.

Ela olha para Caleb, e vê que ele está avaliando a cena, igualmente assombrado. Ela estica o braço e fica feliz quando ele segura em sua

mão. É agradável sentir seu toque novamente. Ele se vira para ela e Caitlin pode ver o amor nos olhos dele.

"Bem," ele diz, limpando a garganta, "isso não é nada parecido com a Paris do século XVIII."

Ela sorri para ele.

"Não, de forma alguma."

"Mas estamos juntos, e é isso que importa," completa ele.

Ela sente o amor de Caleb, quando ele olha dentro dos olhos dela e, por um momento, ela se esquece de sua missão.

"Sinto muito por tudo que aconteceu na França," ele diz. "Com Sera. Eu nunca tive a intenção de magoar você, espero que saiba disso."

Ao olhar para ele, Caitlin sabe que ele está sendo sincero. E para sua surpresa, ela sente que pode perdoá-lo facilmente. A antiga Caitlin teria guardado rancor, mas ela se sente mais forte do que nunca, e realmente acha que pode esquecer tudo. Especialmente porque ele havia voltado para ela, e especialmente porque está claro que ele não tem mais qualquer sentimento por Sera.

E acima de tudo, ela agora, pela primeira vez, reconhece seus próprios erros do passado, sua tendência a julgar rápido demais, a não confiar nele, e não lhe dar o devido espaço.

"Eu também sinto muito," ela diz. "Esta é uma nova vida, e estamos juntos agora. Nada mais importa."

Ele aperta a mão dela, e quando faz isso, Caitlin é tomada pela emoção.

Ele se inclina e a beija. Ela fica surpresa, e excitada ao mesmo tempo. Ela sente a eletricidade atravessando seu corpo, e retribui o

beijo. Ruth começa a gemer aos pés deles. Eles se afastam, olham para baixo e caem na risada.

"Ela está com fome," Caleb diz.

"Eu também."

"Vamos conhecer Londres?" ele convida com um sorriso. "Podemos voar," ele completa, "isso é, se você estiver preparada."

Ela alonga os ombros e sente a presença de suas asas, e tem certeza de que está de fato pronta. Caitlin já se sente recuperada da última viagem no tempo, e pensa que talvez esteja, afinal, se acostumando com o procedimento.

"Estou," ela diz, "mas prefiro ir andando. Gostaria de conhecer a cidade, pela primeira vez, como as outras pessoas o fazem."

E também porque é bem mais romântico, ela pensa, mas não diz nada.

Mas ele olha para ela e sorri, e ela se pergunta se ele teria lido seus pensamentos.

Ele estende o braço, sorrindo, ela segura na mão dele e os dois começam a descer as escadas.

* * *

Ao saírem da igreja, Caitlin localiza um rio a distância, e uma rua larga a uns cinquenta metros dele, com uma placa esculpida grosseiramente com os dizeres "Estrada do Rei." Eles teriam que escolher entre virar à direita ou à esquerda. A cidade parece mais desenvolvida à esquerda. Eles viram para a esquerda, na direção norte, seguindo a Estrada do Rei paralela ao rio.

Enquanto andam, Caitlin fica encantada com a paisagem e os sons, absorvendo tudo que vê pela frente. A direita deles há uma série de grandiosas casas de madeira ao estilo Tudor, com os exteriores em estuque branco e bordas marrons que terminam em telhados de palha. A esquerda, ela fica surpresa ao ver pequenas fazendas com eventuais casas simples e algumas vacas e ovelhas pontuando a paisagem. A cidade de Londres em 1599 a fascina. Um lado da rua é cosmopolita e abastado, enquanto o outro ainda é povoado por fazendeiros.

A rua em si já é motivo de espanto. Seus pés se prendem à lama enquanto eles andam, a terra está ainda mais fofa e macia devido ao trânsito de pedestres e cavalos. Isso seria aceitável, mas em meio à lama há excrementos das matilhas de cães selvagens que vagam pelas ruas, ou fezes humanas arremessadas pelas janelas. Na verdade, enquanto avançam, algumas janelas se abrem ocasionalmente, e baldes aparecem, com mulheres idosas despejando os excrementos das casas pelas janelas. O cheiro no ar é bem pior do que o que ela tinha sentido em Veneza, Florença ou Paris. Ela quase passal mal em diversas ocasiões, e gostaria de ter uma daquelas bolsinhas perfumadas para levar ao nariz. Por sorte, ela ainda está calçando os sapatos de treinamento que Aiden tinha lhe dados em Versalhes. Ela não quer nem pensar em como seria ter que andar naquelas ruas com saltos.

Mesmo assim, em meio à estranha mistura de áreas rurais com grandes propriedades, ocasionalmente eles encontram alguns feitos arquitetônicos. Caitlin se encanta ao perceber, espalhados pelo caminho, algumas construções que ela reconhece de fotos do século XXI, igrejas belíssimas e ocasionalmente alguns palacetes.

A estrada chega abruptamente ao fim em frente de um grande portão, com vários guardas uniformizados parados em frente dele, empunhando lanças. Mas o portão está aberto, e eles simplesmente passam por ele.

Uma placa presa na coluna de pedra diz "Palácio Whitehall," e eles continuam caminhando por um pátio comprido e estreito, passando por outro portão e chegarem ao outro lado, de volta à estrada. Eles logo chegam a uma pequena rotatória onde há outra placa com os dizeres "Charing Cross," e um grande monumento vertical no meio. A rua se divide para a direita e para a esquerda.

"Para que lado?" ela pergunta.

Caleb parece tão confuso quanto ela. Finalmente, ele diz:

"Meus instintos dizem que devemos permanecer próximos ao rio, e seguirmos pela direita."

Ela fecha os olhos e tenta se concentrar também.

"Eu concordo," ela diz, e completa, "Você faz alguma ideia do que é que estamos procurando, exatamente?"

Ele balança a cabeça negativamente.

"Seu palpite é tão bom quanto o meu."

Ela olha para o anel e lê a charada mais uma vez.

Do outro lado da ponte,

Para além do urso,

Com os ventos ou o sol,

Nós ignoraremos Londres.

A charada não a ajuda, e parece não surtir qualquer efeito sob Caleb também.

"Bem, ela menciona Londres," diz ela, "então acredito que estamos no caminho certo. Meu instinto me diz que devemos continuar

avançando, entrar na cidade, e que saberemos quando encontrarmos.”

Ele concorda, e Caitlin pega em sua mão e os dois viram para a direita, caminhando paralelamente ao rio seguindo uma placa que diz “A Strand.”

Enquanto andam por esta rua, Caitlin percebe que a área está ficando cada vez mais populosa, com casas construídas mais próximas umas das outras, em ambos os lados da rua. Ela tem a sensação de que estão cada vez mais próximos do centro da cidade, pois as ruas também estão mais movimentadas. O clima está perfeito – Caitlin sente que está no começo do outono, e o sol brilha incessantemente. Ela se pergunta por um instante em que mês estariam, e fica surpresa com a facilidade em que perde a noção do tempo.

Pelo menos não está muito quente. Mas à medida que as ruas se enchem de gente, ela começa a sentir claustrofóbica. Eles definitivamente estão se aproximando de alguma cidade metropolitana, mesmo sem a sofisticação dos tempos modernos. Ela fica espantada: sempre tinha imaginado que nos tempos antigos houvesse menos pessoas, que tudo fosse menos lotado. Mas na verdade, é bem o contrário: enquanto as ruas parecem ficar cada vez mais lotadas, ela não consegue acreditar que tantas pessoas vivam ali. A cena a faz lembrar quando ainda morava em Nova Iorque no século XXI.

As pessoas se empurram e acotovelam sem ao menos se desculparem. E ainda por cima, fedem. Além disso, há vendedores parados em todas as esquinas, tentando vender seus produtos agressivamente. Por onde anda, ela ouve pessoas gritando com sotaques britânicos engraçados. E quando as vozes dos vendedores se calam, outras dominam o ambiente: os gritos dos pregadores. Por toda parte, Caitlin pode ver algumas plataformas, palcos e púlpitos improvisados, sobre os quais os

pregadores declamam os seus sermões, gritando para serem ouvidos.

"Jesus diz ARREPENDAM-SE!" diz um pastor, parado com um chapéu engraçado e um olhar severo. "Eu digo que TODOS OS TEATROS devem ser fechados! Todo o tempo ocioso deve ser PROIBIDO! Voltem para os seus templos de oração!"

A cena faz Caitlin pensar nas pessoas que pregam nas esquinas de Nova Iorque. Algumas coisas não haviam mudado.

Eles chegam a outro portão, bem no meio da rua, com um sinal que diz "Temple Bar, Portão da Cidade", e Caitlin acha graça que cidades tenham portões. O enorme portão está aberto, permitindo que as pessoas passem livremente, e Caitlin se pergunta se alguém o fecha durante a noite. Há guardas em pé em ambos os lados do portão.

Mas este portão é diferente: parece ser também um local de encontros. Um grande grupo se amontoa ao redor dele e, de cima de uma plataforma, o guarda segura um chicote. Caitlin olha para cima e fica admirada ao perceber um homem, acorrentado e praticamente nu, está amarrado ao pelourinho. O guarda ergue o braço e o chicoteia repetidas vezes, e o grupo inteiro reage à cena.

Caitlin analisa as expressões da multidão, e não consegue acreditar na indiferença deles, como se este acontecimento fosse corriqueiro, como se aquilo tudo representasse alguma forma de entretenimento popular. Ela sente a raiva se acumular dentro dela em resposta à barbárie daquela sociedade, e cutuca Caleb. Ele está absorto pelo que vê, e ela pega na mão dele e se apressa para atravessar o portão com ele, esforçando-se para não ver o que está acontecendo. Ela teme que se pensar muito a respeito, será incapaz de se segurar, e irá atacar os guardas.

"Este lugar é mesmo primitivo," ela diz, ao ganharem distância da cena macabra e quando o barulho do chicote mal pode ser ouvido.

"Terrível," ele concorda.

Ao continuarem a caminhada, Caitlin tenta tirar a imagem da cabeça, se esforçando para concentrar suas atenções em qualquer outra coisa. Ao olhar para uma placa na rua, ela vê que o nome da rua em que estão andando havia mudado para "Fleet Street." Enquanto caminham, as ruas se tornam mais cheias de gente, mais apertadas, e os prédios e fileiras de casas parecem ser construídos ainda mais próximos uns dos outros. Esta rua também possui diversas lojas; uma das placas informa: "Barba por um centavo." Diante de outra loja há a placa de um ferreiro, com uma ferradura pendurada na frente dela. Outra placa diz, em letras garrafais, "Selaria."

"Está precisando de ferraduras novas, senhorita?" um vendedor local pergunta a Caitlin ao vê-la.

Ele a pega um pouco desprevenida.

"Hmm... não, obrigada," ela diz.

"E que tal você, senhor?" insiste o homem. "Quer fazer a barba? Tenho as lâminas mais limpas de toda Fleet Street."

Caleb sorri para o homem.

"Muito obrigada, mas estou bem."

Caitlin olha para Caleb, e percebe que ele está sempre de barba feita, o tempo todo. Seu rosto é tão macio, que a faz pensar em uma porcelana.

Ao continuarem avançando pela Fleet Street, Caitlin não consegue deixar de notar como a aparência da multidão parece ter mudado. O ambiente ali é mais puído, com várias pessoas bebendo abertamente de frascos e garrafas de vidro, vagando pelas ruas, rindo em tom alto e importunando as mulheres.

"GIM AQUI! GIM AQUI!" grita um garoto, que deve ter uns dez anos, enquanto segura um engradado repleto de pequenas garrafas verdes com gim. "PEGUEM SUAS GARRAFAS! DOIS TOSTÕES! PEGUEM SUAS GARRAFAS!"

Caitlin é empurrada mais uma vez, à medida que a multidão se torna mais densa. Ela olha para o lado e vê um grupo de mulheres, maquiadas em excesso, vestindo roupas pesadas com quilos de tecido e com decotes que deixam a maior parte de seus seios à mostra.

"Quer se divertir um pouco?" grita uma das mulheres, obviamente bêbada, quase sem conseguir ficar em pé.

Ela se aproxima de um transeunte, que a empurra bruscamente.

Caitlin se surpreende com o quanto aquela parte da cidade é perigosa. Ela sente Caleb se aproximar instintivamente dela, colocando a mão ao redor de sua cintura, e sente que ele a protege.

Eles apressam o passo e continuam a atravessar a multidão; Caitlin olha para baixo e vê que Ruth ainda os acompanha.

A rua termina em uma pequena ponte de pedestres e, ao atravessarem, Caitlin olha para baixo.

Ela vê uma placa enorme que diz "Fosso de Fleet," e se espanta; abaixo deles, em um pequeno canal de uns três metros de largura, completamente cheio de água suja. Em meio a água, lixos e dejetos de todos os tipos flutuam na superfície. Quando olha para cima, Caitlin vê que algumas pessoas urina no canal, enquanto outras despejam baldes de excrementos, ossos de frango, lixo doméstico e todos os tipos de detritos. O lugar é um imenso esgoto a céu aberto, e as águas carregam todo o lixo da cidade canal abaixo.

Ela tenta identificar para onde flui o rio e vê que, à distância, o canal termina em um rio. Ela vira o rosto devido ao odor; aquele é

provavelmente o pior cheiro que ela já sentiu em toda sua vida. A água libera gases tóxicos que fazem o cheiro horrível das ruas da cidade se parecer com rosas em comparação.

Eles correm para atravessar a ponte.

Ao atravessarem até o outro lado da Fleet Street, Caitlin fica aliviada ao perceber que a rua se torna mais larga, e um pouco menos lotada. O odor também é mais sutil; depois da terrível experiência com o cheiro do Fosso de Fleet, os cheiros cotidianos das ruas não a incomodam mais.

Ela se dá conta que é assim que as pessoas vivem satisfeitas naquelas condições: está tudo relacionado ao que se consegue acostumar, no contexto em que se vive.

Ao continuarem a caminhar, a vizinhança se torna mais agradável. Eles passam em frente a uma enorme igreja à esquerda, e podem ver preso à parede do edifício de pedra, em uma caligrafia cuidadosa, as palavras: "Igreja de São Paulo." A igreja é enorme, com uma fachada rebuscada com torres altíssimas que se erguem acima de todos os demais prédios da região. Caitlin se encanta com a arquitetura da igreja, e que um prédio como aquele ainda se encaixe perfeitamente à arquitetura do século XXI. Ela parece estar fora do lugar, mais alta que todas as construções de madeira ao seu redor. Caitlin está começando a perceber como as igrejas comandam a paisagem urbana da época, e o quanto são importantes para as pessoas do local. As igrejas são literalmente onipresentes e seus sinos, altíssimos, estão sempre soando.

Caitlin para diante da igreja, contemplando a arquitetura antiga, e não consegue deixar de pensar que talvez haja alguma pista ali dentro.

"Será que devemos entrar?" Caleb pergunta, lendo os pensamentos dela.

Ela estuda a gravação em seu anel mais uma vez.

Atravessando a Ponte, Além do Urso.

"A mensagem fala sobre uma ponte," ela diz, pensando em voz alta.

"Acabamos de atravessar uma ponte," Caleb responde.

Caitlin balança a cabeça. Algo não está certo.

"Aquela era apenas uma ponte para pedestres. Meus instintos me dizem que não é este o lugar. Onde quer que tenhamos que ir, eu sinto que não é aqui."

Caleb fica parado e fecha os olhos, concentrando-se. Quando finalmente abre os olhos, ele diz,

"Também acho que não, vamos continuar."

"Vamos chegar mais perto do rio," Caitlin diz. "Se temos que encontrar uma ponte, presumo que ela seja no rio. E também não me incomodaria em respirar um pouco de ar fresco."

Ela encontra uma rua lateral que leva até a beira do rio, com uma placa improvisa que informa "Colina de Santo André." Ela segura na mão de Caleb e se dirige até lá.

Eles descem a colina ligeiramente inclinada, e ela consegue ver um rio ao longe, movimentado com o trânsito de barcos.

Este deve ser o famoso Rio Tamisa de Londres, ela pensa. Só pode ser ele; é uma das poucas coisas de que se lembra de suas aulas básicas de geografia.

Esta rua termina em um prédio, sem acesso direto até o rio, então eles viram para a esquerda em uma rua que corre paralela a ele, a apenas uns quinze metros e apropriadamente chamada "Thames Street."

A Thames Street é ainda mais distinta, um mundo completamente diferente da Fleet Street. As casas são mais bonitas naquela região, e à direita deles, ao longo do rio, há mais propriedades grandiosas, com terrenos enormes em frente ao rio. A arquitetura ali também é mais elaborada e bela. Obviamente, aquela parte da cidade é reservada para o mais abastados.

É um bairro singular, e eles passam por muitas ruas e travessas com nomes engraçados como "Alameda Windgoose" e "Alameda Old Swan" e "Colina Garlick" e "Colina Bread Street." Na verdade, o cheiro de comida está presente no ar, e Caitlin sente seu estômago roncando. Ruth também geme, e Caitlin sabe que ela está com fome, mas ela não vê nenhuma comida à venda.

"Eu sei, Ruth," Caitlin simpatiza. "Vou encontrar algo para comer, eu prometo."

Eles continuam caminhando sem parar. Caitlin não sabe exatamente o que procura, e Caleb também não. Eles têm a impressão que a charada poderia levá-los a qualquer lugar, e ainda não tinham encontrado nenhuma pista concreta. Eles estão chegando cada vez mais perto do coração da cidade, e ela ainda não sabe ao certo que direção tomar.

Quando Caitlin está começando a se sentir cansada, com fome e mal humorada, eles chegam a um grande cruzamento. Ela para, olha para cima e lê a placa que diz "Gracechurch Street." O cheiro de peixe domina o ar do local.

Irritada, ela para e encara Caleb.

"Nem sabemos o que estamos procurando," ela diz. "A mensagem fala em uma ponte, mas não vi nenhuma ponte em lugar algum. Será que estamos perdendo tempo aqui? Não deveríamos pensar de outra forma?"

Caleb de repente a cutuca no ombro, apontando.

Ela se vira lentamente, e fica surpresa com o que vê.

A Gracechurch Street dá acesso a uma ponte enorme, uma das maiores pontes que Caitlin já tinha visto. Seu coração se enche de esperança novamente; ela vê uma placa que diz "Ponte de Londres" e ele bate ainda mais acelerado. Esta rua é mais larga, uma via principal, e pessoas, cavalos, carroças e todo tipo de transporte parecem se dirigir até a ponte.

Se uma ponte é o que estavam procurando, eles obviamente a tinham encontrado.

* * *

Caleb pega na mão dela e a leva até a ponte, misturando-se ao tráfego. Ela olha para cima e fica espantada; aquela ponte é diferente de todas as pontes que ela já tinha visto. A entrada da ponte é protegida por um enorme portão, com guardas de ambos os lados. No topo dela há inúmeras lanças, com cabeças empaladas escorrendo sangue. A cena é macabra, e Caitlin vira o rosto.

"Eu me lembro disso," suspira Caleb. "De séculos atrás; é assim que eles costumavam decorar as pontes: com as cabeças dos prisioneiros. Eles fazem isso como um alerta para os outros criminosos."

"É horrível," diz Caitlin, abaixando a cabeça, enquanto eles rapidamente sobem na ponte.

Na base dela, cabines e comerciantes vendem peixe, e ao olhar para o rio Caitlin pode ver barcos se aproximando, com homens carregando peixes e escorregando na ribanceira enlameada. A entrada da ponte cheira a peixe, um odor tão forte que Caitlin tampa o nariz. Peixes de todos os tipos, alguns ainda se movimentando, estão dispostos em pequenas mesas improvisadas.

"Ciobas, três centavos o quilo!" alguém grita.

Caitlin anda rápido, tentando se afastar do cheiro.

Ao continuarem avançando, a ponte surpreende Caitlin mais uma vez, quando ela descobre que a ponte está repleta de lojas. Pequenas cabines e vendedores estão dispostos ao longo de ambos os lados da ponte, e pedestres, gado, cavalos e carroças se apertam no meio. A cena é caótica, com pessoas gritando por todos os lados, tentando vender seus produtos.

"Curtume aqui!" grita uma pessoa.

"Retiramos a pele de seu animal!" grita outro.

"Cera de vela aqui! Cera da melhor qualidade!"

"Arrumamos telhados!"

"Compre lenha conosco!"

"Penas novas! Penas e pergaminhos!"

Enquanto caminham, as lojas se tornam mais refinadas, algumas vendendo joias. Caitlin não consegue deixar de pensar na ponte dourada em Florença, em seu tempo com Blake e no bracelete que ele havia lhe dado.

Momentaneamente tomada pela emoção, ela se afasta um pouco, indo para a lateral da ponte e segurando no gradil para olhar a paisagem. Ela pensa em todas as vidas que já tinha vivido e nos lugares por onde já havia passado, e se sente um pouco oprimida. Tudo aquilo era mesmo verdade? Como uma única pessoa poderia ter vivido tantas coisas? Ou será que um dia ela acordaria de volta em Nova Iorque, e descobriria que tudo aquilo tinha sido um sonho maluco e comprido?

"Está tudo bem?" Caleb pergunta, se aproximando dela. "O que aconteceu?"

Caitlin rapidamente enxuga uma lágrima. Ela se belisca, e percebe que não está sonhando. Aquilo tudo é real, e isso a deixa ainda mais espantada.

"Nada," ela diz, com um sorriso forçado nos lábios. Ela espera que ele não tenha lido seus pensamentos.

Caleb fica em pé ao lado dela e, juntos, eles observam o rio Tamisa. O rio é largo e completamente movimentado; barcos a vela de todos os tamanhos navegam por suas águas, dividindo espaço com barcos a remo, de pesca e todos os tipos de embarcações. É um rio interessante, e Caitlin se encanta com o tamanho dos diferentes barcos e velas, alguns com dezenas de metros de altura. As águas do rio são calmas, mesmo com tantas embarcações, e não há sons de motores. Tudo o que se ouve é o som das velas balançando ao vento, e o som a faz relaxar. O ar ali, com a presença constante da brisa, é mais fresco e finalmente livre de odores desagradáveis.

Ela se vira na direção de Caleb e eles continuam a atravessar a ponte, seguidos por Ruth. Ruth começa a gemer novamente, e Caitlin percebe que ela está com fome, e quer parar. Mas por onde olha, Caitlin não consegue encontrar qualquer alimento, e também está sentindo mais fome.

Ao chegarem ao meio da ponte, Caitlin mais uma vez se surpreende. Ela não achava ainda houvesse algo que pudesse surpreendê-la depois de ver as cabeças empaladas, mas não esperava por isso.

Bem ali, no meio da ponte, três prisioneiros estão em pé sobre um tablado, com cordas ao redor do pescoço e vendas nos olhos; quase nus e ainda vivos. O carrasco está atrás deles, vestindo um capuz preto com buracos para os olhos.

"O próximo enforcamento será às treze horas!" ele grita. Um grupo enorme se amontoa ao redor do tablado, aparentemente esperando.

"O que eles fizeram?" Caitlin pergunta para um dos expectadores.

"Eles foram pegos roubando, senhorita," ele responde, sem se incomodar em olhar para ela.

"E um deles foi pego falando mal da Rainha!" uma velha informa.

Caleb afasta Caitlin da cena macabra.

"Assistir a execuções parece ser o esporte favorito aqui na região," Caleb comenta.

"É cruel," Caitlin diz.

Ela se espanta com as diferenças entre aquela sociedade e a sociedade moderna, e com a tolerância que o povo demonstra diante da crueldade e violência. E aquela é Londres, uma dos lugares mais civilizados de 1599. Ela não quer nem imaginar como as coisas são longe de uma cidade civilizada como aquela. Ela acha curioso como a sociedade, e suas regras, tinham mudado.

Eles finalmente terminam de atravessar a ponte e, enquanto estão parados do outro lado, Caitlin olha para Caleb. Ela pega o anel, e lê a mensagem de novo.

Do outro lado da ponte,

Para além do urso,

Com os ventos ou o sol,

Nós ignoraremos Londres.

"Bem, se estamos interpretando isso corretamente, acabamos de 'atrasar a ponte.' O próximo passo seria 'Além do urso.'" Caitlin olha para ele. "O que isso quer dizer?"

"Também gostaria de saber," ele responde.

"Sinto que meu pai está por perto," Caitlin diz.

Ela fecha os olhos, e se esforça para pensar em alguma pista.

Naquele instante, um garoto, carregando uma pilha enorme de panfletos, passa rapidamente por eles, gritando enquanto anda.

"RINHAS DE URSOS! Cinco centavos! Por aqui! RINHAS DE URSOS! Cinco centavos! Por aqui!"

Ele estica o braço e enfia um panfleto nas mãos de Caitlin. Ela olha para o papel e vê, em letras enormes, as palavras "Rinha de Urso," com um desenho mal feito de um estádio. Ela olha para Caleb, e ele olha para ela ao mesmo tempo. Os dois observam o garoto que se começa a se afastar.

"Rinhas de Urso?" Caitlin pergunta. "O que é isso?"

"Estou me lembrando," Caleb diz. "Costumava ser um esporte popular, na época. Eles colocam um urso no meio de uma roda, e o amarram a um poste, usando-o como isca para cães selvagens. Então eles fazem apostas para ver quem ganha: o urso ou os cães."

"Isso é doentio," Caitlin fala.

"A charada," ele diz. "Atravessando a ponte, e Além do urso. Você acha que pode ser isso?"

Juntos, eles se viram e começam a seguir o garoto, agora um pouco adiante deles e ainda gritando.

Eles viram à direita na base da ponte e caminham ao longo do rio, agora do outro lado do Tamisa, andando por uma rua chamada "Clink Street." Este lado do rio, Caitlin pode perceber, é bem diferente do outro. Ele é menos desenvolvido, e há menos gente. As casas também são mais baixas, mais simples; este lado do rio é bem mais negligenciado. Certamente há menos lojas, grupos menores de pessoas.

Eles logo chegam até uma estrutura enorme, e Caitlin percebem pelas barras nas janelas e guardas diante da porta, que se trata de uma prisão. *Clink Street*, Caitlin pensa; *que nome apropriado*.

O prédio é gigantesco e ao passarem diante dele, Caitlin vê as mãos e os rostos de alguns prisioneiros pelas grades, observando-a enquanto ela anda. Há centenas de prisioneiros presos lá dentro, provocando e insultando os transeuntes. Ruth rosna para eles, e Caleb se aproxima dela.

Eles continuam caminhando, e passam por uma rua com uma placa que diz "Lugar do Homem Morto." Caitlin olha para o lado e vê outro tablado, com outra execução sendo preparada. Um prisioneiro, tremendo, está em pé na plataforma com os olhos vendados e a corda ao redor do pescoço.

Caitlin está tão distraída que quase perde o garoto de vista, e sente quando Caleb segura na sua mão para continuarem descendo a Clink Street.

Ao retomarem o caminho, Caitlin de repente escuta um grito à distância, e então um bramido. Ela vê o garoto, um pouco à frente, virar em uma rua e depois ouve outro grito. Ela fica surpresa ao sentir o chão tremer sob seus pés; não sentia nada assim desde aquele dia no Coliseu. Ela percebe que deve haver algum estádio virando a rua.

Ao dobrarem a esquina, ela fica espantada com a cena. O estádio é uma estrutura circular enorme, parecida com uma miniatura do Coliseu. A construção tem vários andares e é fechada, mas há portas de acesso em todas as direções. É possível ouvir os gritos, mais altos agora, vindos de dentro do estádio.

Centenas de pessoas esperam ao redor do prédio, algumas das pessoas mais mal cuidadas que Caitlin já tinha visto. Alguns estão quase despidos, com barrigas enormes aparecendo, com a barba por fazer e sem tomar banho. Cães selvagens vagam pela multidão e

Ruth rosna; os pelos de suas costas se arrepiam, ela está claramente incomodada.

Vendedores empurram seus carrinhos pela lama, alguns deles vendendo quartilhos de gim. Pelo visto, a maior parte da multidão havia aproveitado a oferta; pessoas se empurram bruscamente, muitos deles claramente bêbados. Outro grito é ouvido, e ao olhar para cima, Caitlin localiza uma placa pendurada diante do estádio: "Rinhas de Ursos." Ela se sente mal ao ver a placa. As pessoas daquela sociedade eram mesmo tão cruéis?

O pequeno estádio parece fazer parte de um complexo. À distância, há outro pequeno estádio, com uma placa enorme onde se lê: "Rinhas de Touros". Um pouco adiante, separada destes dois estádios, há outra estrutura circular – embora esta seja um pouco diferente das demais, com um pouco mais de classe.

"Venham conferir a nova peça de Will Shakespeare no Teatro Globe!" grita um garoto, enquanto passa carregando uma pilha de panfletos.

Ele se aproxima de Caitlin e lhe envia um panfleto nas mãos. Ela olha para o papel, onde está escrito: "a nova peça de William Shakespeare: A tragédia de Romeu e Julieta."

"Você irá comparecer, senhorita?" o garoto questiona. "É uma peça nova, e será apresentada pela primeira vez no teatro recém-inaugurado: o Globe."

Caitlin olha para o panfleto, sentindo-se animada. Aquilo era sério? Estava mesmo acontecendo?

"Onde é o teatro?" ela pergunta.

O garoto ri, se vira e aponta.

"Bem, fica por ali, senhorita."

Caitlin olha para a direção que ele indica, e vê uma estrutura circular ao longe, com paredes de estuque e a borda de madeira ao estilo Tudor. O Globe. O Teatro Globe de Shakespeare é incrível; ela realmente está ali.

Milhares de pessoas perambulam diante do teatro, vindas de todas as direções. E a plateia parece ser tão mal encarada quanto o grupo que se dirige às rinhas de urso e touro, o que a deixa surpresa. Ela sempre havia imaginado que os frequentadores do teatro de Shakespeare fossem mais civilizados e sofisticados. Ela nunca tinha realmente considerado que se tratava de um entretenimento para as massas – e o pior tipo de gente. O teatro parece ser tão apreciado quanto as rinhas de ursos.

Sim, ela adoraria assistir a nova peça de Shakespeare, adoraria conhecer o Globe. Mas ela está determinada a completar sua missão primeiro, e a resolver a charada.

Um novo grito irrompe no estádio das rinhas de ursos, e ela se vira e concentra suas atenções novamente no local. Ela se pergunta se a resposta de sua charada estaria além daquelas portas.

Caitlin se dirige a Caleb.

"O que você acha?" ela pergunta. "Devemos ir até lá ver do que se trata?"

Caleb parece hesitar.

"A charada realmente fala em uma ponte," ele diz, "e em um urso. Mas meus sentidos estão me dizendo outra coisa. Não tenho tanta certeza..."

De repente, Ruth rosna e sai em disparada.

"Ruth!" Caitlin grita.

Mas ela se foi; nem ao menos vira para escutar, e continua correndo com tudo que tem. Caitlin fica chocada. Ela nunca tinha visto Ruth se comportar assim antes, mesmo quando estava completamente faminta. O que teria a atraído dessa forma? Ruth não costumava ignorá-la.

Caitlin e Caleb começam a correr atrás dela, ao mesmo tempo. Mas mesmo com sua velocidade vampire, é difícil atravessar toda aquela lama, e Ruth é mais rápida do que eles. Eles veem quando ela vira e atravessa a multidão, e eles precisam empurrar para não perdê-la de vista. Caitlin consegue ver, adiante, quando Ruth vira em uma rua e corre na direção de um beco estreito. Ela aumenta o ritmo, assim como Caleb, empurrando um homem para fora do caminho e entrando no beco atrás dela.

O que será que ela está procurando? Caitlin pensa. Ela se pergunta se seria algum cachorro perdido, ou talvez tivesse chegado ao limite da fome e partido em busca de algo para comer. Ela é um lobo, afinal. Caitlin precisa se lembrar disso; deveria ter se esforçado mais para encontrar algum alimento para ela, e deveria ter feito isso antes. Mas ao virar a rua e entrar no beco, Caitlin percebe, espantada, o que Ruth havia encontrado.

Uma garotinha de aproximadamente oito anos está sentada no fim do beco, em meio à sujeira, chorando e tremendo. Um homem enorme, bem maior que a garota, sem camisa e com a barriga exposta para fora da calça, barbudo e com os ombros e o peito cobertos de pelos, está parado perto dela. Ele tem o rosto contorcido pela raiva, e vários dentes faltando; o homem ergue o braço segurando um cinto de couro, e bate nas costas da pobre garota, repetidas vezes.

"É isso que você merece por não ter me escutado!" o homem grita com uma voz assustadora, ao erguer o cinto mais uma vez.

Caitlin está estarelecida e, sem pensar, se prepara para defender a garota. Mas Ruth chega até ela primeiro. Ruth tinha dado o primeiro passo, e quando o homem ergue o braço mais uma vez, ela dispara e salta no ar, abrindo a boca. Ela morde o antebraço do homem, enfiando suas presas até o fim. O sangue do homem espirra para todos os lados, enquanto ele solta um grito sobrenatural.

Ruth está furiosa, e não se dá por satisfeita. Ela rosna e balança a cabeça para os lados, perfurando ainda mais o braço do homem, sem soltá-lo. O homem chacoalha Ruth, conseguindo fazer isso apenas devido ao seu tamanho considerável e ao fato de que Ruth ainda não era o lobo adulto. Ela continua rosnando, e o som é assustador o suficiente para fazer os cabelos de Caitlin se arrepiarem.

Mas este homem está obviamente acostumado à violência, e ele gira o ombro e consegue bater Ruth contra a parede. Então, ele estica o outro braço e bate nas costas de Ruth com o cinto. Ruth dá um latido e geme, soltando finalmente o braço do homem ao cair no chão. O homem, com ódio no olhar, levanta os dois braços prestes a chicotear Ruth com todas suas forças.

Caitlin reage rápido e, antes que o homem possa acertar Ruth, ela parte para cima dele esticando o braço direito e agarrando o pescoço dele com a mão. Ele o empurra pelo pescoço, ergue o homem e bate o corpo dele contra a parede, derrubando alguns tijolos. Ela continua segurando o homem pelo pescoço, enforcando-o, e o rosto dele começa a ficar azul. Caitlin é bem menor que o homem, mas ele não tem a menor chance diante de seu punho de ferro. Finalmente, ela o liberta. Ele se levanta, tentando alcançar o cinto, e Caitlin lhe dá um chute forte no rosto, quebrando seu nariz. Então ela dá outro chute no peito dele, tão forte que arremessa o homem vários metros pra trás. Ele bate na parede com tanta força que deixa uma marca na parede, caindo finalmente desacordado.

Mas Caitlin ainda pode sentir o ódio percorrendo suas veias. Ela pensa na garotinha inocente, em Ruth, e é tomada por um sentimento de raiva que não sentia há muito tempo. Ela não consegue se controlar e, caminhando até onde ele está, arranca o cinto de sua mão e lhe dá uma cintada forte na barriga.

O homem se senta, levando as mãos à barriga. Então Caitlin o chuta com força, bem no rosto. Ela acerta o queixo dele, arremessando-o para trás, e o homem bate a parte de trás de sua cabeça no chão. Finalmente ele cai, inconsciente. Mas Caitlin ainda não está satisfeita. Ela não tinha muitas oportunidades para liberar sua raiva ultimamente, e agora, ela não consegue parar. Ela dá um passo adiante, coloca um pé sobre a garganta dele, e se prepara para matá-lo sem medir as consequências.

"Caitlin!" diz uma voz aguda.

Ela se vira, ainda descontrolada pela raiva, e vê Caleb em pé ao lado dela. Ele balança a cabeça lentamente, com um olhar de reprimenda.

"Você já fez bastante estrago. Deixe-o ir. "

Algo na voz de Caleb a faz escutar.

Em contragosto, ela tira o pé de cima do pescoço do homem. Ao longe, ela vê uma enorme banheira cheia de dejetos humanos. Ela pode ver o líquido escuro e espesso que transborda da banheiras, e consegue sentir o cheiro de longe.

Perfeito.

Ela estende a mão, içando o homem acima de sua cabeça, apesar de seu peso que facilmente supera os 120 quilos, e o leva até o outro lado da rua. Ela o joga, de cabeça, para dentro do tanque de esgoto. Ele cai, espirrando o líquido para todos os lados. Ela vê que ele está submerso até o pescoço, rodeado de excremento. Quando o

homem acordar, e perceber onde está, terá uma desagradável surpresa e, finalmente, Caitlin se sente satisfeita.

Bom, ela pensa. É esse o lugar que você merece.

Caitlin imediatamente pensa em Ruth. Ela corre até ela, e examina a marca de cinto em suas costas; ela está assustada, e recuperando lentamente a confiança. Caleb também se aproxima para examiná-la, e Ruth coloca o focinho no colo da Caitlin, choramingando. Caitlin a beija na testa. Ruth de repente se afasta deles e dispara para o outro lado do beco, na direção da menina.

Caitlin se vira e de repente se lembra, e também começa a correr na direção dela. Ruth corre até a garota e começa a lamber seu rosto. A menina, que chorava histericamente, lentamente se silencia, distraída com a língua de Ruth. Ela se senta na lama, com seu vestido sujo, coberta de marcas de cinto nas costas, com sangue umidecendo o tecido, e olha para Ruth, surpresa. Seus olhos marejados se abrem de surpresa enquanto Ruth continua a lamber seu rosto. Finalmente, ela ergue a mão lentamente e, hesitante, começa a acariciar. Então ela a abraça, e Ruth reage, aproximando-se um pouco mais.

É incrível, pensa Caitlin; Ruth tinha encontrado esta garota quando ainda estavam a quarteirões de distância. É como se as duas já se conhecessem há anos. Caitlin se aproxima e se ajoelha ao lado da garota, estendendo o braço para ajudá-la a se sentar.

"Está tudo bem?" Caitlin pergunta.

A garota olha para ela surpresa, e então olha na direção de Caleb. Ela pisca algumas vezes, como se estivesse se perguntando quem seriam aquelas pessoas. Finalmente, lentamente, ela assente com a cabeça. Seus olhos se abrem surpresos, e ela parece assustada demais para falar. Caitlin estende a mão e gentilmente acaricia a cabeça da garota, retirando o cabelo da frente de seu rosto.

"Está tudo bem," Caitlin diz. "Ele não vai mais lhe causar nenhum mal."

A garota parece prestes a começar a chorar novamente.

"Eu sou Caitlin," ela diz, "e esse é Caleb."

A garota olha para eles, ainda sem falar nada.

"Qual é o seu nome?" Caitlin pergunta.

Depois de alguns segundos, a garota finalmente responde:

"Scarlet."

Caitlin sorri.

"Scarlet," ela repete. "Que nome bonito. Onde estão seus pais?"

Ela balança a cabeça.

"Eu não tenho pais. Ele é meu tutor, e eu o odeio. Ele me bate todos os dias, sem motivo algum. Eu o odeio, *por favor*, não me façam voltar para casa; eu não tenho mais ninguém."

Caitlin olha para Caleb, e vê que ele olha para ela, ambos pensando a mesma coisa ao mesmo tempo.

"Você está em segurança agora," Caitlin diz. "Você não precisa se preocupar mais, pode vir conosco."

Os olhos de Scarlet se abrem de surpresa e felicidade, e ela quase esboça um sorriso.

"Sério?" ela pergunta.

Caitlin retribui o sorriso, estendendo a mão para Scarlet, e ajudando-a a ficar em pé. Ela vê os ferimentos nas costas da garota, ainda

escorrendo sangue, e de algum lugar dentro de seu ser, Caitlin sente surgir um poder inexplicável. Ela pensa em tudo que Aiden a tinha ensinado, no poder de se unir ao universo, e de seu íntimo, ela sente um poder incomparável ao que já havia experimentado. Ela sempre havia encontrado forças em sua raiva, mas nada comparado a isso. Este poder é diferente, algo novo, que surge em seus pés e sobe lentamente pelo seu corpo, passando pelos seus braços até chegar às pontas de seus dedos.

É o poder da cura.

Caitlin fecha os olhos e estende os braços, colocando as mãos gentilmente sobre as costas de Scarlet, em cima das cicatrizes. Ela respira profundamente, e invoca o poder do universo, e todas as coisas que Aiden tinha ensinado - concentrando-se em enviar energia da cura para a garota. Ela sente quando suas mãos ficam quentes e uma energia incrível atravessando seu corpo.

Caitlin não sabe ao certo quanto tempo havia passado quando abre os olhos mais uma vez. Ela olha para cima, abrindo-os lentamente, e vê que Scarlet a encara, completamente espantada. Caleb também a encara, com igual surpresa. Caitlin olha para Scarlet, e vê que suas feridas estão completamente cicatrizadas.

"Você é uma feiticeira?" Scarlet pergunta.

Caitlin abre um largo sorriso.

"Mais ou menos."

CAPÍTULO SEIS

Sam sobrevoa o interior britânico, com Polly ao seu lado, mantendo certa distância. Suas asas estão completamente abertas e muito próximas, mas não se encostam, pois ambos querem um pouco de espaço entre si. Sam prefere que as coisas sejam assim, e presume que ela também. Ele gosta de Polly de verdade, mas depois de seu problema com Kendra, Sam não se sente pronto para se aproximar de qualquer pessoa do sexo oposto por um bom tempo. Seria preciso algum tempo até que conseguisse confiar em outra pessoa novamente, mesmo em alguém que tinha sido amiga de sua irmã, como Polly parecia ser.

Eles já estavam voando há horas; Sam olha para terra sob a luz da manhã, e vê intermináveis plantações, e algumas casas de fazenda com fumaça saindo pela chaminé, mesmo em um dia agradável como aquele. Às vezes ele pode ver um humano andando pelo jardim, cuidando das roupas, pendurando lençóis no varal. Mas não há muitas casas, a área parece ser inteiramente rural, e ele começa a se perguntar se havia cidades no período em que estavam – seja lá qual fosse.

Sam não faz ideia para onde ir, e Polly não havia ajudado. Ambos tinham usado seus sentidos vampiros para tentar localizar Caitlin, tentando usar a proximidade com ela para tentar determinar onde ela estava. Eles tinham concordado que ela estava em algum lugar naquela direção, e estavam voando desde então. Mas mesmo depois de horas, eles não tinham encontrado mais nenhuma prova ou pista concreta. Os instintos de Sam lhe diziam que ela estava em uma cidade grande, mas eles não tinham passado por nada remotamente parecido com uma cidade desde que tinham começado a voar.

Justo quando Sam estava começando a se perguntar se estavam voando na direção certa, eles fazem uma curva e, assim que o fazem, Sam fica surpreso com o que vê a distância. No horizonte ao longe, uma cidade enorme se estende diante de seus olhos. Ele

não consegue identificar qual cidade é aquela, e não tem certeza se poderia reconhecê-la mesmo se estivesse mais perto. Ele nunca tinha sido bom de geografia, e de história era ainda pior. Isso era o resultado de muitas mudanças de escola, das amizades erradas e da falta de atenção durante as aulas. Ele sempre tinha sido um aluno mediando, embora soubesse de seu potencial para ser um dos melhores. Mas com sua criação, havia sido difícil para ele encontrar um motivo para tentar, ou se importar – e agora ele se arrependia.

"É Londres!" Polly grita, alegre e surpresa. "Ai meu Deus! Londres! Mal posso acreditar. Estamos aqui! *Realmente* estamos aqui! Que lugar incrível para estarmos!" ela grita, excitada.

Ainda bem que Polly está aqui, pensa Sam, sentindo-se mais burro do que nunca, e percebendo o quanto pode aprender com ela.

Quando se aproximam e conseguem ver os prédios, ele fica se espanta com a arquitetura. Mesmo à distância, ele pode ver os campanários das igrejas erguendo-se até o céu, e pontuando a cidade como um campo de lanças. Ao se aproximarem ainda mais, ele vê a real magnitude das igrejas – e fica surpreso que já pareçam tão antigas. Ao lado delas, o resto da cidade parece apenas uma miniatura.

Quando começam a absorver tudo, ele sente a forte presença de Caitlin na cidade, e começa a se sentir entusiasmado.

"Caitlin está aqui!" ele grita. "Posso senti-la."

Polly sorri para ele.

"Eu também!" ela grita.

Pela primeira vez desde que havia chegado naquele tempo e lugar, Sam finalmente se sente em casa, com um forte senso de direção e propósito. Finalmente, ele sente que está no caminho certo. Ele tenta se concentrar para ver se ela está em perigo, mas por mais

que ele tente, não consegue ver nada. Ele pensa na última vez que tinha visto Caitlin, logo antes de sua fuga de Notre Dame. Ela estava na companhia daquele garoto – Caleb – e ele se pergunta se os dois ainda estariam juntos. Ele tinha visto Caleb apenas uma ou duas vezes, mas gostava bastante dele. Ele espera que Caitlin esteja com ele, e que Caleb esteja cuidando bem dela. A ideia dos dois juntos lhe parece certa.

Polly de repente mergulha sem avisar, aproximando-se dos telhados. Talvez ela não faça questão que Sam a siga, ou talvez presuma que ele o faça. Isso irrita Sam, ele gostaria que ela o tivesse avisado, ou que pelo menos se importasse com ele o suficiente para dar algum sinal de que estava prestes a voar mais baixo. Ainda assim, uma parte dele sente que ela se importa. Ela estaria apenas se fazendo de difícil? E por que ele se importava tanto? Ele não havia acabado de dizer que não estava interessado em garotas naquele momento?

Sam mergulha, se aproximando dela, e eles voam alguns metros acima da cidade. Mas ele faz questão de voar um pouco mais para a esquerda, de modo que fiquem ainda mais longe um do outro. *Tome isso*, pensa Sam.

Ao se aproximarem do centro da cidade, Sam não consegue acreditar no que vê. Aquilo é tão diferente de tudo que ela já tinha visto e vivenciado em toda sua vida. Ele está tão perto dos telhados, que sente que se estendesse o braço poderia tocá-los. A maioria das construções é baixa, com apenas alguns andares, e eram construídas com telhados inclinados cobertos por algo que se parece com feno ou palha. Muitos dos prédios são pintados de branco, alguns com bordas de madeira escura. As igrejas – enormes, de mármore ou calcário, – erguem-se acima da cidade, dominando quarteirões inteiros, e aqui e ali algumas outras grandes estruturas parecendo palácios pontuam a paisagem. Ele imagina que sejam residências da realeza.

Eles agora sobrevoam um grande rio, que divide a cidade. O rio é bastante movimentado pelo tráfego de barcos de todos os formatos e tamanhos e, ao olhar para as ruas, Sam vê que elas também estão repletas de gente. Na verdade, ele mal consegue acreditar no movimento que vê nas ruas; há pessoas andando para todos os lados, e ele não consegue imaginar pra quê tanta pressa. Não é como se tivessem internet, e-mails, faxes ou até mesmo telefones.

Ainda assim, outras partes da cidade parecem relativamente calmas. As ruas de terra, o rio, e todos os barcos transmitem uma sensação de tranquilidade. Não há carros em alta velocidade, ônibus, caminhões, ou motos costurando o trânsito. Tudo é relativamente calmo. Isto é, até que ouvem o grito de uma multidão.

Sam olha na direção do barulho, e Polly faz o mesmo. Afastado, à direita deles, eles veem um grande estádio, construído como um círculo perfeito e com diversos andares. O prédio o faz pensar no Coliseu de Roma, embora seja bem menor.

De onde está, ele vê o que parece ser um animal de grande porte no centro do estádio, correndo em círculos com vários outros animais menores correndo em volta dele. Ele não consegue entender exatamente o que está acontecendo, mas pode ver que o estádio está repleto de espectadores, todos em pé, aplaudindo e gritando.

Seu corpo começa a formigar de repente, não por que ele percebe o que está acontecendo, mas por que sente a presença certa de Caitlin naquele lugar.

"Minha irmã!" ele grita na direção de Polly. "Ela está lá dentro," ele diz, apontando. "Tenho certeza."

Polly olha para baixo, franzindo o cenho.

"Não tenho tanta certeza," ela diz. "Não sinto nada."

Ela vira o rosto na outra direção, e aponta para uma ponte que surge diante deles.

"Sinto que ela está ali."

Sam olha, e vê uma grande ponte sobre o rio. Ele fica surpreso ao perceber que há várias lojas em cima dela, e mais ainda ao ver, enquanto sobrevoam a ponte, que há diversos prisioneiros em pé sobre um tablado, com cordas ao redor do pescoço e capuzes sobre as cabeças. É evidente que eles estão prestes a serem executados, e um grupo de espectadores se amontoa ao redor deles.

"Certo," Sam diz, e de repente mergulha na direção da ponte.

Ele tenta repetir o gesto dela, e ser o primeiro a tomar uma atitude desta vez. Sam aterrissa na ponte, sem olhar para trás, e instantes depois sente quando Polly aterrissa alguns metros atrás dele. Ela o alcança, e os dois caminham lado a lado, mantendo a distância, ele sem olhar para ela, e ela sem olhar para ele. Ele está feliz que estejam conseguindo manter a relação entre eles puramente profissional. Não há nada entre eles nem remotamente parecido com intimidade, que é obviamente o que ambos desejam.

Sam fica espantado com o que vê na ponte, com tantos estímulos vindos de todas as direções.

"Quer curtir o seu couro, meu bom rapaz?" um homem pergunta, encostando um pedaço de pele de vaca em seu rosto. O homem tem mau hálito, e Sam desvia dele.

"Pra onde?" Sam pergunta para Polly.

Ela observa a ponte, procurando Caitlin, e Sam faz o mesmo. Mas não há qualquer sinal dela.

Polly finalmente ergue os ombros.

"Eu não sei," ela diz. "Eu havia sentido a presença dela aqui antes, mas agora... não tenho tanta certeza."

Sam se vira e olha para trás, na direção do estádio.

"Senti a presença dela lá atrás," ele fala. "Dentro daquele estádio que sobrevoamos."

"Certo," Polly diz, "vamos para lá. Mas vamos andando – caso ela esteja na ponte."

Enquanto andam pela ponte, passando pelos vários vendedores, Polly parece se animar mais uma vez, e lentamente volta a ser como era.

"Veja o costume destas pessoas!" ela exclama. "Quero dizer, olhe para o que vestem! É incrível, não é mesmo? Acho que não vestiria algo assim nem se estivesse morta, mas posso entender a praticidade dessas roupas. Como será que a moda surge? Quero dizer, como será que as coisas mudam de geração em geração? Estava pensando, se eu vivesse aqui, se fosse uma dessas pessoas, que cor eu usaria..."

Sam suspira. Polly tinha começado a falar de novo, e ele sabe que não há meio de interrompê-la agora. Secretamente, ele deixa de escutá-la.

Enquanto caminham, Sam observa os rostos de todas as pessoas na ponte, procurando por algum sinal de Caitlin. Ele acredita tê-la encontrado algumas vezes, mas então vê que não se trata dela. Em uma ocasião, ele vê uma garota por trás, e coloca a mão em seu ombro.

"Caitlin!" ele exclama.

Mas a garota se vira, e ele fica envergonhado ao perceber que não é ela; a garota lhe dá um olhar estranho, e se afasta.

Logo eles chegam ao final da ponte, e Sam vê uma placa enorme que diz "Southwark." Ele vira para a direita, na direção do estádio. Eles andam por uma rua chamada "Clink Street," e passam diante de uma prisão. Ele ouve outro grito da multidão, e Sam tem certeza que Caitlin está lá - sua irmã, a alguns quarteirões de distância.

Eles apertam o passo e ao fazerem uma curva, Sam fica assombrando com o que vê: diante deles, surge um enorme estágio, diante do qual perambulam milhares de pessoas – tipos grosseiros – todos entrando e saindo apressados. Ele para e olha para Polly. Ela para diante dele, parecendo espantada.

"Sinto que ela está lá dentro," ela fala para ela. "Você quer dar uma olhada?"

Polly olha para as pessoas ao redor deles, intimidada.

"Parece que essas pessoas não tomam banho há anos," ela diz. "E pra falar a verdade, eles poderiam se vestir um pouco melhor."

Um homem gordo e suado passa ao lado deles, sem camisa, com os braços repletos de pelos, e encosta no braço de Polly, deixando para trás um pouco de suor, que Polly enxuga furiosamente.

"Que nojo," ela fala.

Sam também sente repulsa.

"Ai, eu não sei," Polly diz. "Não acho que ela esteja aqui. E tenho um mau pressentimento sobre este lugar."

Sam olha ao seu redor.

"Você tem alguma outra ideia?" ele pergunta.

Ele vê que Polly fecha os olhos por vários segundos. Por fim, ela os abre, parecendo frustrada.

"Não," ela responde.

"Então vamos dar uma olhada," Sam diz. "O que temos a perder?"

* * *

Sam está na defensiva ao atravessarem o grande arco na entrada do estádio, que o faz pensar no Coliseu de Roma apesar de ser bem menor.

A energia no ar é palpável. Diante deles, no nível dos olhos, há uma arena circular de terra, rodeada de arquibancadas de madeira que se erguem em vários níveis ao redor dela. Não há um único lugar vazio, e todos os presentes estão em pé, amontoados uns contra os outros, inclinando-se sobre o parapeito e dando gritos de entusiasmo.

Sam olha para baixo para ver o motivo de tanta animação e localiza, amarrado a um poste no centro da arena, um grande urso pardo, acorrentado ao poste por uma corrente de três metros presa em seu tornozelo. O urso rosna e brame, tentando se soltar, mas não consegue.

O urso corre em círculos, pra frente e para trás, tentando arrebentar a corrente, sem sucesso. A multidão parece se animar a cada tentativa do urso em se libertar, gritando e zombando dele. Sam observa tudo atentamente, avaliando os rostos na multidão, e percebe que a maioria deles está bêbada, segurando garrafas em plena luz do dia.

O espaço ali embaixo também é apertado. Na entrada, centenas de pessoas continuam em pé, ombro a ombro, empurrando Sam e Polly. Embora anteriormente tivesse mantido distância dele, Polly agora se aproxima, obviamente nervosa.

Ele abre caminhos para ambos, empurrando as pessoas na frente dele para conseguirem chegar mais perto e poderem ver melhor. Sam observa as pessoas com atenção, tentando localizar Caitlin, mas não consegue encontrá-la em parte alguma. Mas é tudo tão caótico, e há tanta energia no ar, que ele não consegue se concentrar em seus sentidos. Ele não a vê em lugar algum, e começa a se preocupar que talvez estejam no lugar errado. Talvez eles tivessem cometido um erro indo até ali, talvez Polly estivesse certa.

Sam também não consegue entender por que todas aquelas pessoas estavam tão excitadas em assistir um urso acorrentado a um poste. E então, ele descobre.

O som de um trompete é ouvido e várias portinholas se abrem ao redor da arena. Uma matilha de cães selvagens parte para cima do urso, em um círculo perfeito. Ele dispara na direção do urso, e Sam mal consegue acreditar na cena. Os cães saltam no ar, com patas estendidas e dentes à mostra, partindo para cima do urso. O primeiro a chegar até o urso crava os dentes na pata traseira dele. O urso se vira com raiva, e arremessa o cachorro longe com uma patada. As garras do urso cortam o cachorro ao meio e ele cai no chão, morto.

A multidão grita em sinal de aprovação.

Os outros cães atacam o urso por todos os lados, e ele luta furiosamente. Eles conseguem causar bastante dano, mordendo-o e arranhando-o, mas ele consegue causar muito mais dano, matando ou ferindo a maior parte deles com uma única mordida.

"FAÇAM SUAS APOSTAS! FAÇAM SUAS APOSTAS!" grita uma voz.

Um homem passa diante de Sam e de Polly segurando uma bolsa cheia de moedas, e com a outra palma vazia. Enquanto ele passa, várias pessoas estendem as mãos, passando por Sam e colocando moedas de diferentes tamanhos na mão dele. O homem coloca estas

moedas na bolsa e, estendendo a mão, dá um recibo para estas pessoas.

"Vinte centavos nos cães!" grita um homem, ao colocar uma moeda na mão dele.

"Duas libras no urso!" grita outro.

O homem para na frente de Sam e Polly, olhando para eles com a mão estendida.

"O jovem casal gostaria de fazer uma aposta?" ele pergunta.

Sam, envergonhado, olha para Polly, e ela vira o rosto, igualmente embaraçada.

"Nós *não* somos um casal," Polly o corrige, enrubescendo.

Mas o homem parece não se importar e, percebendo que eles não fariam uma aposta, continua seu caminho.

Sam também está constrangido. Apesar de tudo, ele fica um pouco chateado que Polly tivesse sido tão rápida em esclarecer que eles não formavam um casal. Não que eles fossem um par, mas ela não precisava ser tão insistente em negá-lo.

O homem continua andando, mas logo que ele parte outro homem aparece, segurando um saco nas costas.

"GIM AQUI! GIM AQUI! Quinze centavos!"

Um homem bêbado passa ao lado de Sam e, ao fazer isso esbarra em Polly, empurrando-a bruscamente ao esticar o braço para pegar um frasco de gim. Sam fica revoltado. Ele olha para Polly, e vê que ela está transtornada.

"Está tudo bem?" ele pergunta.

Ela afirma que sim, mas está claramente abalada.

"Vamos embora," ela diz. "A Caitlin não está aqui. Quero ir embora."

Sam está disposto a ir, especialmente já que Caitlin parecia não estar em parte alguma - mas ele ainda não está pronto para partir. Ele está indignado que o homem tivesse empurrado Polly tão bruscamente, e não acha certo ir embora sem falar nada.

"É quinze centavos," fala o vendedor para o grandalhão.

O homem de repente tira uma pequena faca de suas roupas, e a segura contra o pescoço do vendedor.

"E que tal trocarmos um frasco pela sua vida?" o homem responde.

O vendedor, assustado, se apressa para se afastar. O homem então se vira, preparando-se para voltar ao seu lugar. Mas Sam dá um passo ao lado, bloqueando o caminho dele. Ele encara o homem corajosamente, olhando dentro dos olhos dele.

"Você deve desculpas a ela," Sam fala para ele com a voz calma, escondendo sua raiva.

O homem, quase meio metro mais alto que Sam - e duas vezes sua largura - olha para baixo como se Sam estivesse brincando, e então começa a dar risada.

"Devo?" ele pergunta.

Ele olha para Polly, e então lambe os lábios, praticamente salivando.

"Vamos fazer o seguinte: que tal eu levá-la pra casa comigo por um tempo, e posso me desculpar a noite inteira. Sim, acho que é exatamente isso que farei."

O homem dá um passo na direção de Polly, como se fosse agarrá-la. Mas antes que possa continuar, Sam avança e o empurra com

força, arremessando-o vários metros para trás e derrubando várias pessoas junto com ele. O homem cai de costas no chão.

"Sam, vamos embora," Polly implora, em um sussurro assustado, segurando no braço de Sam enquanto tenta fazer com que ele se afaste. " *Por favor.*"

Mas Sam não está pronto para ir embora. Uma parte dele, seu lado racional, sabe que é isso o que deve fazer. Mas esta parte está cada vez mais adormecida, e outra parte toma conta dele: o desejo por sangue. Vingança.

E o grandalhão também não parece estar disposto a perdoar. Seu rosto fica vermelho de raiva enquanto ele continua sentado no chão, olhando para Sam como se estivesse em choque. E a situação fica ainda mais complicada com todas aquelas pessoas ao redor dele, gritando e zombando do homem, cujo rosto fica ainda mais vermelho. Quando ele fica em pé, mais dois homens juntam-se a ele, e Sam percebe que são seus amigos. Os três agora o encaram e, enquanto eles se aproximam, cada um deles segura uma faca.

"Garotinho," o homem fala, "você vai pagar por isso com sua vida. Espero que a tenha aproveitado."

Os três homens partem para cima de Sam, mas ele não sente medo algum. Ao invés disso, Sam sente apenas calma - e um sentimento forte de determinação. Com um braço, ele empurra Polly gentilmente para trás dele, para que ele fique na frente, dando-lhe um pouco de proteção. Então ele dá dois passos à frente, salta no ar e encontra o homem no meio do caminho, chutando seu peito e o arremessando mais uma vez para trás. Ao mesmo tempo, ele abre os braços e agarra as cabeças dos outros dois, batendo-as uma contra a outra. As cabeças se encontram com um barulho, e os dois homens caem no chão.

Mas Sam não ainda não terminou. Ele continua correndo, e enquanto o grandalhão está tentando se levantar, Sam dá um chute

em seu rosto, deixando-o desacordado. Sam se vira para ver se mais alguém quer enfrentá-lo, mas a multidão está aturdida, finalmente em silenciada. Ninguém ousa se aproximar dele. Ele vê vários homens chegando mais perto, vindos de outra direção, todos vestidos de preto. Eles se parecem com oficiais, e usam uniformes idênticos. Esses homens são maiores, mais profissionais, e Sam pensa que talvez façam parte da segurança.

Cinco deles se aproximam, segurando clavas.

Sam está completamente tomado pela raiva, e não consegue se controlar. Ele estufa o peito e ruge, sentindo o ódio percorrendo cada centímetro de seu corpo. Ele nunca havia sentido tamanha raiva e, ao jogar o rosto para trás, rugindo, o som reverbera pelo lugar, cada vez mais alto, superando o barulho da multidão até finalmente fazer tremer todo o estádio. Dentro de instantes, seu rugido supera até mesmo o do urso.

Pessoas de todas as partes do estádio param e voltam suas atenções para ele.

Os cinco guardas param no meio do caminho, distantes alguns metros, completamente paralisados pelo medo. Está claro, mesmo para ele, que Sam não é humano.

Sam pisca e ao abrir os olhos vê Polly parada diante dele. Ele tem dificuldade para se concentrar por causa da raiva, mas ela está apenas alguns centímetros dele, segurando seu rosto entre as mãos, forçando-o a se concentrar.

"Sam," ela diz. "Sou eu."

Lentamente, sua raiva diminui.

Ela estica o braço, pega na mão dele, e o guia através da multidão, que abre caminho para eles - com medo de se aproximar. Dentro de

instantes, eles atravessam a porta e voltam para o lado de fora do estádio.

Polly caminha rapidamente, ganhando distância, andando sem parar e logo eles se encontram longe do estádio. Eventualmente, eles chegam às margens de um rio. Assim que o fazem, Sam lentamente se permite voltar ao normal.

Finalmente, ela solta a mão dele. Ele está tão transtornado que tem dificuldade em entender o que tinha acabado de acontecer.

"Nunca mais faça isso," Polly dispara. "Você acaba de nos colocar em perigo - e a toda nossa espécie."

Sam está indignado. Ele tinha acabado de defendê-la - e este não é o agradecimento que ele esperava.

"Do que você está falando?" ele pergunta. "Eu estava cuidando de você, protegendo você. Aquele homem te empurrou."

"Não preciso da sua proteção," Polly diz. "Posso cuidar de mim mesma, caso tenha esquecido. Não é como se eu fosse humana, e, particularmente, não preciso da proteção de nenhum garoto. Estou muito bem sozinha e, além disso, você não estava me protegendo: você estava me colocando em perigo, e massageando seu próprio ego."

Sam agora fica nervoso - ele havia pensado que ela ficaria grata e não consegue entender por que ela está tão alterada.

"Tudo bem," ele dispara. "Não a ajudarei mais."

"Ótimo," ela responde.

Sam fica parado ali, nervoso, observando enquanto ela se afasta.

Garotas, ele pensa. Ele nunca as entenderia.

CAPÍTULO SETE

Caitlin se espanta com a rapidez que as crianças se recuperam. Scarlet anda ao seu lado, praticamente saltando de felicidade, rindo enquanto brinca com Ruth. Ruth também está correndo animada, acompanhando Scarlet e olhando para a direita e para a esquerda, atenta quanto a qualquer ameaça que possa se aproximar da garota. Caitlin nunca tinha visto Ruth agir dessa forma, tão protetora ou tão feliz. As duas parecem feitas uma para a outra, e já tinham se tornado inseparáveis.

Scarlet sorri de um lado ao outro do rosto, e ao olhar para ela agora, seria difícil acreditar que tenha passado por qualquer sofrimento. Isso deixa Caitlin feliz, ver a garota deitada no chão daquele beco, apanhando daquele homem cruel havia partido seu coração, mas agora Scarlet parecia estar bem.

Caitlin também está animada por ter Scarlet ao seu lado. Ela não consegue evitar, e ao olhar para a menina, acaba pensando no filho que ela e Caleb teriam tido se tivessem ficado no século XXI. Ela não consegue deixar de imaginar se a filha deles teria sido parecida com Scarlet. É estranho, mas Caitlin acha que pode ver alguns de seus traços na garota. A ligação entre elas é tão forte, tão natural, que enquanto caminham, Caitlin sente como se já a conhecesse há tempos.

Depois do incidente no beco, Ruth havia começado a gemer novamente, e Scarlet tinha observado, com razão, que ela estava com fome. Antes que Caitlin e Caleb pudessem decidir onde deviam ir, Scarlet havia insistido em guiar o caminho até a comida, e tinha

começado a andar sem dizer mais nenhuma palavra, sequer esperando pelo consentimento deles. Ela tinha percebido que Ruth estava com fome e estava decidida a resolver a situação. Caitlin e Caleb tinham sorrido enquanto a seguiam, dando voltas por ruas e becos, guiados por Scarlet. Ruth não poderia estar mais feliz. É como se ela soubesse que estava sendo levada até a comida.

"Não falta muito agora, Ruth," Scarlet diz, acariciando a cabeça dela. "Faltam apenas alguns quarteirões. Agente firme."

Ruth geme de satisfação, balançando o rabo como se tivesse compreendido.

Scarlet olha para Caitlin enquanto elas continuam andando.

"Você está vendo ali?" Scarlet pergunta. "Aquele é o rio, no final deste quarteirão. De lá, viramos para a esquerda, e caminhando ao longo da Bankside. Além daquela fileira de casas tem um cais, e há um homem lá que vende pedaços de carne. Não é o melhor lugar da cidade, mas não custa caro. Mas eu não tenho dinheiro."

"Não se preocupe," Caleb diz, enfiando a mão no bolso e retirando algumas moedas de ouro.

Caitlin olha para as moedas, espantada, perguntando-se onde ele as teria encontrado.

"Elas não são desta época ou desse lugar," ele diz com um sorriso, "mas são feitas de ouro. Estou certo de que nenhum vendedor as recusaria."

Os olhos de Scarlet se abrem de surpresa.

"Meu Deus," ela exclama, "você por acaso são ricos?"

Caleb sorri para ela.

"Mais ou menos."

Scarlet praticamente corre ao continuarem caminhando pela rua, até que eles chegam ao rio, exatamente como ela havia previsto. Caitlin se surpreende com o senso de direção da garota, que os estava guiando pelas ruas e becos da cidade, determinada a mostrá-los a vizinhança. Eles agora estavam sob seu comando, e ela havia insistido em lhes apresentar a região, como se estivesse esperando por eles.

Ao chegarem à beira do rio, Scarlet de repente para, como se estivesse paralisada, e olha para a direita. Caitlin se pergunta o que ela estaria olhando, e presume que seja um navio. Mas quando Caitlin se aproxima dela, ela vê do que se trata. Ali, à distância, está a Ponte de Londres, onde ela tinha visto aqueles prisioneiros sobre o tablado, que agora estavam sendo erguidos pelo pescoço. Ao som de trompetes, o tablado é removido de debaixo dos três homens. Eles despencam e se contorcem pendurados pelo pescoço.

A multidão aplaude.

Caitlin estica o braço e segura Scarlet pelos ombros, voltando seu rosto na outra direção.

"Está tudo bem," Scarlet diz. "Isso acontece aqui todos os dias."

Caitlin olha para ela preocupada, e não consegue imaginar como tinha sido para a garota crescer em um lugar como aquele.

"Eu sinto muito," Caitlin fala. "Isso deve ser muito difícil para uma garota como você."

Scarlet parece estar triste por um momento, mas então ergue os ombros e deixa o sentimento de lado.

"Vamos lá, Ruth! Agora não falta muito. É por aqui."

Ele de repente sai correndo em outra direção, virando para a esquerda ao longo do rio.

"Ali!" ela grita, apontando. "Venha comigo, Ruth!" Scarlet fala, correndo na frente.

Caitlin sorri, ficando de olho nela, e percebe o quanto já se sente como a protetora da garota. Ela olha para Caleb, se perguntando como ele se sente a respeito de tudo aquilo. Por um instante, ela se preocupa que ele tenha ficado chateado por ela ter dito decidido cuida de Scarlet. Mas ela parecia estar tão feliz quanto ela. Ela imagina se ele também estava se perguntando se a filha deles teria sido parecida com Scarlet.

Ele olha para ela e sorri.

"Ela é maravilhosa," ele diz.

"Não podemos simplesmente abandoná-la," Caitlin fala. "Ela não tem ninguém que possa cuidar dela."

"Eu sei disso," Caleb diz.

Caleb estende o braço e eles caminham na beira do rio de mãos dadas, enquanto observam Scarlet e Ruth correndo. Caitlin sente seu coração se aquecer de emoção e tem certeza que, naquele momento, Caleb também considera Scarlet como a filha deles. A constatação faz seus olhos se encherem de lágrimas.

Scarlet e Ruth correm até uma estrutura grande de madeira na beira do rio. Diante da construção há uma placa que informa "Estalagem Falcão." O lugar é movimentado e, a julgar pelas pessoas entrando e saindo dele, um pouco obscuro. Caitlin e Caleb as alcançam, e ficam atrás de Scarlet quando ela se aproxima de uma pequena cabine no fundo do pensionato, um pouco escondido da vista. Há um homem vestindo um avental sujo e manchado de sangue, fatiando grandes pedaços de carne.

"Dois por favor," Scarlet pede ao homem.

Ele olha para ela com uma careta.

"E como é que você pretende pagar hoje?" ele fala, zombando dela.
"É como eu já lhe disse: sem dinheiro, sem carne."

Caleb limpa a garganta, dando um passo à frente.

"Você vai, de fato, entregar os dois pedaços que a garota pediu," ele diz com o semblante sério, olhando feio para o homem. "Na verdade, você vai dar para ela quanta carne ela quiser." Caleb estica o braço e coloca uma moeda grande de ouro na mão gorda e suada do homem.

O homem olha para baixo, arregalando os olhos ao ver a enorme moeda de ouro em suas mãos. Caitlin percebe que aquilo provavelmente era dinheiro suficiente para comprar mil pedaços de carne. O homem rapidamente começa a cortar pedaços grandes de carne do espeto, entregando-os sucessivamente para Scarlet. Assim que os pega na mão, ela estica o braço e os mostra para Ruth, que salta no ar e pega o pedaço de carne direto das mãos dela.

Scarlet dá gritos de felicidade.

O homem entrega outro pedaço de carne a ela, e Scarlet repete o gesto – e mais uma vez, Ruth pega a carne.

Scarlet não consegue conter a risada.

"Você está mesmo faminta, Ruth!"

Ruth lambe os lábios. O homem continua fatiando a carne, em pedaços cada vez maiores, e Scarlet continua alimentando Ruth. Depois de mais seis fatias, Caleb dá um passo a frente.

"O próximo pedaço é para você, Scarlet."

Ela pega o pedaço seguinte com satisfação e, de olhos arregalados, o devora. Obviamente, ela também está morrendo de fome.

"Nós também queremos um," Caleb diz, e o homem corta uma fatia para cada um deles.

Caitlin morde com força e suga todo o sangue da carne, e vê quando Caleb faz o mesmo. Ela sente o sangue fluindo em suas veias, e percebe que também está com sede – de sangue verdadeiro. Aquilo ajuda a aliviar a sensação, mas também faz Caitlin perceber que precisa se alimentar – de verdade. Ela respira profundamente, forçando-se a permanecer disciplinada. Provavelmente deve haver alguma floresta por ali, e ela teria que se forçar a esperar.

"Vamos, Ruth, você precisa ver isso!"

Scarlet começa a correr, dando voltas atrás da estalagem, e Ruth dispara atrás dela.

Caitlin e Caleb se esforçam para acompanhá-la. Quando Scarlet finalmente para de correr, eles estão em cima de um enorme píer de madeira, que se estende sobre o rio e tem alguns degraus que descem até a água. Uma placa enorme informa que aquela é a "Escada do Jardim de Paris." A frágil escada dá acesso à beira do rio, e está repleta de pessoas em pé ou sentadas, observando as águas, enquanto mais pessoas chegam em barcos.

Scarlet corre até a beira da água e aponta para um barco com uma vela enorme, que se ergue até o céu. Ruth corre até ela e também fica olhando para o rio. Caitlin fica atrás dela, cuidando para que Scarlet não escorregue e caia na água. Ela olha para o rio e fica encantada com a cena vibrante: é como se ela estivesse dentro de uma obra de arte. O sol surge por trás das nuvens, iluminando a água enquanto enormes barcos históricos passam diante de seus olhos.

Caleb coloca o braço ao redor de sua cintura, apreciando a cena com ela, e Caitlin respira profundamente. Pela primeira vez, ela se sente completamente relaxada desde que havia chegado ali. A missão é importante para ela, mas ela também está feliz por ter Caleb ao seu lado. Ela percebe que isso é tudo que precisa para sentir-se feliz. Isso, e saber que as pessoas de quem ela gosta e com quem se importam estavam a salvo. Ela se vê pensando em Sam e Polly mais uma vez. Ela torce para que eles tenham conseguido escapar de Notre Dame em segurança. Ela pensa que vê-los aqui, sãos e salvos, é tudo que ela precisa para finalmente se sentir completa.

Naquele exato instante, Caitlin ouve um barulho no tablado atrás dela, e seus sentidos ficam em alerta extremo. Ela vira o corpo e não consegue acreditar no que vê. Ali, descendo as escadas e olhando para o rio, sem fazer ideia da presença dela, estão Sam e Polly. Caitlin se pergunta se estaria delirando. Ela pisca repetidas vezes, pensando estar vendo coisas. Finalmente, ela percebe que realmente não está imaginando tudo aquilo. Ela dá um passo à frente, incapaz de respirar, tamanha sua surpresa e felicidade em reencontrá-los.

"Sam? Polly?"

Os dois viram e olham na direção dela.

São realmente eles.

* * *

Caitlin está transbordando felicidade ao abraçar seu irmão mais novo. Lágrimas escorrem por seu rosto, enquanto ela o envolve em um longo abraço.

Ela afasta um pouco o corpo e olha na direção de Polly, que um dia tinha sido sua melhor amiga, e por um instante, ela hesita. Ela ainda se lembra da última vez que a tinha visto, ainda em Versalhes, e que elas não estavam em um bom momento. Polly estava tão

apaixonada por Sergei, que tinha se recusado a acreditar em Caitlin, e elas haviam brigado.

Mas Polly dá um passo à frente e abraça Caitlin com força, e Caitlin sabe que qualquer coisa que tinha acontecido entre elas agora fazia parte do passado. Ela gosta de abraçar sua amiga de novo, e de repente é tomada pela emoção. Estar ao lado de seu irmão e de sua melhor amiga agora, naquele momento e lugar, é tudo o que ela precisa.

Caitlin dá um passo para trás, e se lembra de Caleb. Ela tenta lembrar se eles já tinham sido formalmente apresentados, mas não consegue.

Ela limpa a garganta.

"Sam, este é Caleb."

"Eu me lembro de você," Sam diz, apertando a mão de Caleb.

Caleb sorri, apertando a mão dele também.

"E eu, de você," Caleb responde. "Você cresceu bastante. Obrigado por tudo que fez por nós em Notre Dame."

Sam sorri orgulhoso, e Caitlin fica feliz ao ver que eles estão se dando bem.

"E Caleb, está minha amiga Polly."

Caleb se inclina ligeiramente, segurando a mão dela e beijando-a suavemente.

"Encantado," ele diz.

Caitlin ouve alguém limpando a garganta, e ao se virar, vê Scarlet parada ali, com um sorriso nos lábios, esperando ansiosamente para ser apresentada.

Mas é claro. Caitlin se sente mal por ter esquecido, e se ajoelha ao lado dela.

"É mais importante que tudo, permitam-me apresentar-lhes, Scarlet," Caitlin fala. "Somos a família dela, agora," Caitlin completa, gostando do som daquelas palavras assim que as pronuncia.

Scarlet dá um passo à frente e estende a mão, educada, parecendo um adulto.

"É um grande prazer conhecê-los," Scarlet diz, tentando fazer uma voz adulta.

Sam sorri, esticando o braço e apertando a mão dela, formalmente. Mas Polly se ajoelha e a pega no colo, envolvendo-a em um grande abraço.

"Ai meu Deus, você não é uma graça?" Polly fala. "É muito bonita. Olhe este cabelo, estes olhos. Acho que você deve ser a menina mais bonita que já vi em toda minha vida," completa Polly.

Scarlet fica radiante.

Ruth late de repente, e os olhos de Polly se abrem de surpresa. Ela se ajoelha ao lado de Ruth e a abraça também.

"Minha nossa, veja só você! Nossa, como você cresceu!"

Ruth lambe seu rosto, e Polly a acaricia

"Meu Deus," Polly diz, em pé, olhando para Caitlin. "Nós procuramos por você em *todos os lugares*. Eu nem acredito que finalmente encontramos vocês. Acabamos de sair daquele lugar com rinhas de ursos. Minha nossa, que lugar horrível; é o pior lugar que já vi em toda minha vida. E estávamos caminhando na beira do rio, tentando descobrir para onde ir. Por um segundo, não achei que conseguiríamos encontrá-la e..."

"O que ela quer dizer é que estamos muito felizes em vê-la," Sam diz, interrompendo ela.

Polly olha para Sam, irritada.

Caitlin olha para Sam e depois para Polly, e por um momento se pergunta se os dois estariam tendo um relacionamento. Mas ela vê como eles se olham, e acha tudo aquilo engraçado.

"Nós passamos por lá, também," Caitlin diz, "na rinha de ursos. Mas foi bem rápido. Não chegamos a entrar no estádio."

"Isso explica tudo," Sam diz. "Pensei ter sentido sua presença lá. Mas eu não tinha certeza."

"O que você estava fazendo em um lugar como aquele?" Polly pergunta.

"Bem," começa Caitlin, "Nós estávamos apenas seguindo pistas. Ou pelo menos, era isso que pensávamos. Nós estávamos na Abadia de Westminster, e havia algumas pessoas lá, da nossa espécie, e elas nos ajudaram. Elas nos levaram até um cetro dourado, que nos levou até este anel."

Caitlin estica o braço, mostrando o anel em seu dedo. Sam segura sua mão, fascinado, como sempre ficava com as coisas relacionadas ao pai deles. Ele lê a mensagem em voz alta.

Do outro lado da ponte,

Para além do urso,

Com os ventos ou o sol,

Nós ignoraremos Londres.

Ele faz uma careta em silêncio, parecendo confuso.

"Nós atravessamos a Ponte de Londres," Caitlin continua, "pensando que talvez fosse a tal ponte. E então a mensagem fala de um urso, e ouvimos falar nas rinhas de usos, e fomos até lá, esperançosos. Mas não há nada, devo ter interpretado mal as pistas. Pensei que estávamos indo na direção certa, mas agora não tenho tanta certeza."

"Atravessando a ponte, além do urso," Sam repete, tentando desvendar o segredo, "atravessando a ponte, além do urso..." Finalmente, ele suspira. "Não faço a menor ideia," ele diz.

"Eu também não," fala Polly.

O silêncio toma conta deles, enquanto os quatro ficam parados, desanimados.

"Se lerem o que está escrito rapidamente, talvez faça sentido," Scarlet diz.

Caitlin vira, e os outros também, e todos encaram Scarlet. Ela está radiante, com um sorriso maroto nos lábios.

"O que foi que você disse?" Caitlin pergunta.

"Sua charada faz sentido pra mim."

Caitlin a observa atentamente, percebendo de repente que ela pode ter desvendado a charada para eles.

"Como?" Caitlin pergunta ansiosa, "como assim, faz sentido?"

"Bem," Scarlet diz lentamente, apreciando toda aquela atenção, "ele leu a mensagem bem devagar. É esse o problema, tente ler mais rápido. Ele pulou a parte mais importante."

Caleb faz uma careta.

"O que você quer dizer com isso?"

"Com os ventos ou o sol," Scarlet diz. "Esta parte é muito importante; leiam bem rápido." Ela hesita, e então continua: "Não é ventos ou sol. Temos que pensar como os ingleses, e ler as palavras juntas, não como 'ventos ou', e sim 'windsor.' A mensagem é Windsor. Vocês conhecem o Castelo de Windsor?. Atravessando a ponte, temos Windsor, e além do urso está a floresta que vocês devem atravessar. A floresta do Urso," ela diz, como se tudo aquilo fosse a coisa mais óbvia do mundo.

Todos olham para ela, boquiabertos.

Ela sorri com orgulho.

"O lugar que vocês estão procurando é o Castelo de Windsor."

CAPÍTULO OITO

Kyle abre os olhos, completamente enfurecido. Ele sente imediatamente que tinha voltado no tempo para o lugar exato em que Caitlin, Caleb e Sam estavam. Ele deveria se sentir feliz com isso, mas não está.

Ele está cansado de viajar no tempo, especialmente na direção errada; ele sente falta de sua guerra em Nova Iorque, e sente mais raiva de Caitlin a cada viagem para o passado. Ele permanece deitado, tão tomado pelo ódio que mal consegue se movimentar. Ele pensa em todas as formas que se vingaria dela. Torturá-la e matá-la não será mais o bastante; não depois de todas aquelas viagens no tempo. E matar seu querido Caleb, e seu irmão Sam, também não será suficiente. Ele quer mais, e terá que pensar

em uma vingança ainda mais inovadora. Algo como rastrear cada um dos amigos dela, todos os seus parentes próximos e distantes, e torturá-los lentamente antes de matá-los da maneira mais cruel.

A ideia o faz relaxar, e ele consegue até esboçar um sorriso. Sim, talvez ele pudesse fazer algo nesse sentido. Ele se vê torturando todas as pessoas próximas a Caitlin, bem diante dos olhos dela.

Ele pensa em diferentes formas de matá-lo – o tratamento com ácido, arremessá-los em valas cheias de óleo quente, jogá-los para os tubarões – e seu sorriso ganha forma.

Kyle suspira finalmente recuperado. Lentamente, as coisas voltam ao normal em seu mundo. Ele deita na completa escuridão, confortável no sarcófago de pedra, e coloca a mão no cinto. Ele fica feliz ao ver que seu frasco com a peste bubônica havia sobrevivido à viagem. Na verdade, ele fica extasiado. Ele tem o suficiente para destruir praticamente toda a população humana da cidade, para criar confusão, sozinho, de escalas inimagináveis. Ele causaria tanta devastação e pânico, que certamente atrairia Caitlin e sua turma, como ratos são atraídos pelo esgoto. Aqueles vampiros patéticos sempre tentavam ajudar quando os humanos estavam em perigo; é tão fácil enganá-los que chega a ser até engraçado.

Kyle começa a gostar cada vez mais de seu plano. Por que desperdiçar energia indo atrás dela, seguindo cada um de seus passos, como das outras vezes? Desta vez, ele faria com que ela viesse até ele. Se ele causar dano suficiente, ela será atraída como um ímã para salvar estes humanos patéticos. E então ele poderá capturá-la viva, e acabar de uma vez com ela.

Além disso, ele não quer arriscar outro confronto. O irmão dela, Sam, o tinha surpreendido com sua habilidade de transmutação, e seu próprio confronto com Caitlin o havia deixado surpreso. Eles tinham se fortalecido, justamente como ele achava que fariam. Agora, eles representavam uma ameaça terrível, uma força a ser

reconhecida. Ele não tem tanta certeza que conseguiria matá-los sozinho, em confronto direto – especialmente com Caleb ali também. E ele não está disposto a gastar sua energia tentando.

Kyle não quer arriscar desta vez. Desta vez, ele tem um plano um plano infalível para matar Caitlin, Caleb e todos eles.

Ele vai localizar seu velho amigo Thor, trancado na torre de Londres. Alguns séculos antes, os dois tinham se divertido bastante torturando humanos e vampiros rivais juntos. Será ótimo revê-lo, mas ainda mais importante, Thor guarda a chave que Kyle procura: um veneno especial contra vampiros.

Séculos antes, na Idade Média, Kyle tinha visto o veneno sendo usado pela primeira vez: o veneno era a única arma capaz de matar vampiros com eficácia que Kyle conhecia. Ele não apenas os matava, mas também os deixava tão doentes, que sofriam por horas. Kyle sorri com a ideia; seu plano é perfeito. Ele não precisa enfrentar Caitlin, ou qualquer um deles. Ele precisa apenas libertar Thor, conseguir o veneno e dar um jeito de colocá-lo na bebida deles. Chegou a hora de usar a cabeça.

Sentindo-se de repente animado, Kyle ergue os braços e arrebenta a tampa de pedra do sarcófago, partindo-a em pedaços e saltando para fora, sentindo-se renascido. Ele analisa a sala, e vê que está exatamente onde havia torcido para chegar: a cripta inferior de Guildhall, bem no centro de Londres. Guildhall, o ponto de encontro de políticos por centenas de anos, está dezenas de metros acima dele. Todos aqueles humanos perversos estão ali em cima, andando para lá e para cá, fazendo seus planos sórdidos para satisfazerem suas ambições por poder.

Ele odeia todos os políticos.

Mas ele sabe que eles são um mal necessário para espalhar a ganância e a corrupção. Guildhall, na verdade, o lembra muito da

Prefeitura em Nova Iorque. É sempre útil construir uma cripta embaixo do covil dos políticos.

A sala tem teto baixo e é mal iluminada por apenas algumas poucas tochas. Ele pode ver outros sarcófagos ali, e sabe que eles guardam os corpos de outros vampiros, que estavam dormindo há séculos. A cidade os havia aprisionado muitos anos antes, acreditando que aquele túmulo poderia detê-los - e estavam certos.

Mas eles não haviam contado com a possibilidade de Kyle voltar no tempo.

Kyle parte para a ação, derrubando todos os sarcófagos que vê pela frente. O barulho de pedras caindo sobre pedras se repete muitas vezes e, dentro de minutos, o chão está coberto de detritos. Dezenas de vampiros mal encarados lentamente se sentam, acordados após séculos de sono forçado.

Quando Kyle termina sua destruição, ele fica em pé no centro da sala e analisa seu pequeno exército vampiro, que agora o encara. Eles estão obviamente agradecidos - e prontos para seguir suas ordens e comandos.

"CAROS IRMÃOS!" ele grita, com sua voz mais imponente. "SIGAM-ME!"

Há gemidos, e um barulho de excitação atrás dele, quando Kyle vira e começa a sair da sala. Ele pode sentir que os vampiros atrás dele, sua nova gangue, e sabe que eles o seguiriam, e faria qualquer coisa que ele quisesse. Eles seriam uma força mercenária muito útil, e Kyle os mandaria para todas as partes da cidade - para criarem confusão.

Mas, agora, Kyle tem uma questão a ser resolvida com os políticos. Ele invade os corredores, correndo pelos corredores subterrâneos e halls antigos, seguido de perto por seu exército, e começa a subir as escadas medievais, dando voltas e mais voltar, andar por andar. Ele

finalmente chega aos níveis superiores de Guildhall, e com um único chute, derruba a grande porta de carvalho que protegia o lugar há séculos.

Ele atravessa o salão principal, o saguão medieval de Guildhall; um lugar magnífico, com dezenas de metros de altura e comprimentos, com teto arqueado e construído com paredes de calcário de um metro e meio de espessura. As paredes e o teto estão cobertos por estátuas, gárgulas e outras imagens bíblicas: em um canto pode-se ver a estátua da criatura mística Gog, enquanto no outro lado está disposta a estátua de Magog. Kyle gosta destes demônios místicos gigantes, retirados da bíblia, a personificação do mal. Ele sempre havia se perguntado por que os humanos tinham escolhido aquelas duas imagens para decorar este lugar.

Mas também, a julgar pelas centenas de políticos reunidos diante dele, não lhe restam muitas dúvidas. Estes políticos, o tipo de humano mais cruel, têm um lugar todo especial dentro de seu coração. Mas, ao mesmo tempo, ele os odeia com todas as suas forças e, agora, depois de sua viagem no tempo, precisa descontar sua raiva e frustração em alguém - e esses humanos são um alvo bem fácil.

Kyle invade a sala, com os vampiros atrás dele, e assim que faz isso, a enorme congregação de políticos começa a gritar e a se dirigir para as portas.

Eles não conseguem ir muito longe.

Dentro de instantes, Kyle está arrancando cabeças sem pensar duas vezes, alimentando-se do sangue de suas gargantas e dispensando os cadáveres. À sua volta, seu pequeno exército segue seu exemplo. Nenhum deles se alimentava há anos, e todos querem beber sua cota.

Em poucos minutos, as paredes e o chão do lugar estão cobertos de sangue, e nenhum dos humanos consegue sobreviver. Quando todos

finalmente terminam de se alimentar, Kyle se vira e olha para seu agora leal séquito.

"IRMÃOS!" ele grita. "Vocês me ajudarão a espalhar a peste em todos os cantos desta cidade. Não desistam até que tenham completado sua missão," ele diz, distribuindo pequenos frascos com a peste para cada um deles enquanto atravessa o grupo. "Quando terminarem de fazer isso, podem aproveitar da maneira que quiserem. Mas apenas sob meu comando." Ele para e analisa seus vampiros. "Estamos entendidos?"

O grupo grita, demonstrando aprovação.

Ele sorri. Ah, como havia sentido saudades de Londres.

CAPÍTULO NOVE

Caitlin sobrevoa o interior da Inglaterra com um sorriso no rosto. Sam, Polly e Caleb voam ao seu lado, e Caleb segura Ruth. Caitlin leva Scarlet nas costas, que segura bem firme com suas pequenas mãos. Caitlin se lembra da surpresa de Scarlet quando ela havia lhe contado que sabia voar, e que voariam juntas. Ela nunca tinha visto alguém com os olhos tão arregalados. Se Scarlet fosse adulta, ela certamente nunca teria considerado aquilo possível. Mas como ainda é uma criança, Caitlin pode ver em seu rosto que ela acredita, e que está encantada—como se Caitlin tivesse acabado de confirmar que poderes sobrenaturais existiam de verdade.

Sem hesitar, Scarlet pula nas costas de Caitlin. Caitlin segura ela bem firme, e em um instante estão flutuando no ar. Caitlin pode

ouvir Scarlet gritando e gargalhando de alegria enquanto voam rumo ao horizonte, e fica imaginando a expressão em seu rosto.

Caitlin lembra-se novamente de como tinham decifrado a charada, da maneira como Scarlet havia compreendido rápido. Ela se encanta com a inteligência daquela criança que, de alguma maneira, havia superado quatro adultos, resolvendo a charada em uma fração de segundo. Caitlin nunca teria imaginado que a resposta da charada viria de uma criança. Ela a tinha subestimado muito: Scarlet é, sem dúvida, uma criança especial. Caitlin se sente sortuda por tê-la encontrado, e não consegue deixar de se perguntar se estavam ou não destinadas a se encontrar, se aquilo havia sido predestinado.

Castelo de Windsor. Claro. Aquele era um lugar lendário, um lugar de que ela só tinha ouvido falar através de livros. Ela mesma estava animada por estar indo lá. Assim que Scarlet havia mencionado o lugar, Caitlin tinha percebido que fazia todo o sentido. E quando Caleb havia dito a ela que o Castelo de Windsor tinha acolhido a família real por milhares de anos, e que também tinha sido o lugar onde Rei Arthur e os seus Cavaleiros da Távola Redonda costumavam se encontrar, ela soube que ela tinha que estar lá. Se ainda há mais pistas ou relíquias para serem encontradas, não existe lugar mais apropriado que o Castelo de Windsor, pensa ela.

O castelo fica somente a vinte milhas, saindo a oeste de Londres. Enquanto todos voam, na velocidade máxima, Caitlin olha para baixo, e vê um infundável trecho de floresta passando abaixo deles, muito pouco habitado. Ele sente novamente seu estômago roncar. Mas estão com tanta pressa que não podem parar. Nem quinze minutos depois de terem deixado o rio Tamisa para trás, Caitlin começa a ver os primeiros sinais do castelo.

A visão a fez perder o fôlego. Em suas viagens, ela tinha ido a lugares magníficos, mas este certamente está entre um de seus preferidos, no topo da lista. O que mais chama sua atenção é o tamanho do castelo, situado em uma área enorme. A propriedade

deve ter centenas de milhares de acres, e só a passagem que liga ao castelo, muito bem cuidada por sinal, se estende por milhas. O terreno é levemente inclinado para cima, culminando em um massivo e imponente portão.

Lá no alto, Caitlin tem a vantagem de voar sobre o portão, e lá de cima ela consegue enxergar o que se esconde atrás dele. O castelo tem um pátio interno enorme, com a grama meticulosamente cuidada, e várias estruturas espalhadas por cada lado. Parece ser não apenas um castelo, mas vários, todos eles amontoados em uma única e gigante estrutura. Ao fundo, um edifício circular, bem no topo de uma colina, com muralhas alcançando o céu, um pouco afastado dos outros prédios, é circundado por um fosso.

"Um Castelo!" Scarlet solta um gritinho de excitação, "Um castelo de verdade!"

Caitlin sente sua animação, e sorri para ela com entusiasmo, sentindo que Scarlet a segura com mais força.

"Será que eu vou conhecer uma princesa de verdade?" Scarlet pergunta.

Caitlin sorri ainda mais.

"Talvez," ela responde.

"Essa é a torre!" Caleb grita. "É aqui que o Rei Artur e seus cavaleiros se reuniam."

Ele então aponta para outra direção.

"E ali é a Capela de São Jorge, onde governantes se encontraram por centenas de anos."

Eles sobrevoam o castelo, voando em círculos e absorvendo tudo. Caitlin fica mais impressionada a cada vez que sobrevoam o lugar. Ela sente algo se mover dentro dela, e sabe, imediatamente, que o lugar que seja a próxima pista, é ali que a encontrarão. Ela se sente encorajada de novo, à medida que se convence que aquele é o lugar certo para a missão.

"Onde devemos pousar?" Sam gritou.

Caitlin está se perguntando a mesma coisa. A área do castelo é tão imensa, a pista, seja ela qual for, pode estar em qualquer lugar. Mais importante, ela percebe que guardas e soldados olham para todas as direções, e sabe que se pousarem bem no meio, pode haver algum confronto.

"Vamos pousar do lado de fora do castelo, e nos aproximar da entrada principal formalmente".

Todos parecem gostar da ideia, e todos eles mergulham e pousam fora do alcance dos olhos atentos dos guardas, atrás de um grupo de árvores.

Caitlin desce Scarlet e Caleb cuida de Ruth; Scarlet agarra a mão de Caitlin imediatamente, pulando de alegria, enquanto o grupo anda em direção ao portão principal.

"Podemos fazer aquilo de novo!?" "Pergunta Scarlet." "Eu quero continuar a voar!". "Será que ela vai estar com a coroa?" pergunta ela. "Eu posso por a coroa também?"

Caitlin sorri:

"Vamos ver," ela diz.

Os cinco, Ruth a tiracolo, se aproximam da entrada principal. Caitlin olha para a torre de pedra, que é muito mais imponente vista assim

de perto. Diante deles há vários guardas, a postos, bloqueando a porta.

Caitlin percebe que eles devem parecer um grupo estranho de pessoas – ela, Caleb, seu irmão, Polly, Scarlet e Ruth. Ele se preocupa, por um segundo, em qual será a reação dos guardas. Ele presume que não seja sempre que um grupo de visitantes aparece do nada, e se aproxima do palácio real.

"O castelo está fechado para visitantes," o guarda vocifera firmemente, olhando pra frente, bloqueando a passagem.

Eles param, e Caitlin fica parada, contemplando suas opções. Ela temia que algo assim pudesse acontecer. Ela se pergunta se deveriam ter se aproximado de maneira diferente.

"Mas eu tenho negócios a tratar aqui," diz Caitlin.

"Que negócios?" o guarda responde de volta.

"Estou em uma missão. Uma missão muito importante. E ela me trouxe até esse lugar," fala Caitlin, querendo não divulgar muito mais.

"Desculpe-me," diz o guarda, "mas não é permitida a entrada de pessoas sem autorização."

Caitlin começa a sentir a raiva queimando dentro dela, mas ela respira profundamente, e finalmente consegue controlar suas emoções. Mas seu irmão Sam, claramente não está tão contido; ele dá um passo à frente e se aproxima da cara da guarda.

"Minha irmã falou que quer entrar aí," diz Sam, "e nós vamos entrar."

Sam se afasta, e com uma única mão, empurra o guarda.

Caitlin fica surpresa. Quase sem encostar a mão no guarda, Sam o faz voar por vários metros, atingindo outro guarda nocauteando a ambos.

Os guardas imediatamente sacam suas espadas, e começam a se aproximar.

Caitlin fica incomodada. Sam deveria ter a cabeça mais fria, ter contido suas emoções, e tê-la deixado cuidar de tudo. Agora terão que lutar com as próprias mãos. E isso é a última coisa que ela queria.

E pior, Scarlet começa a chorar, e Ruth começa a rosnar. Caitlin se sente cada vez mais tensa, e percebe que a situação pode rapidamente sair do controle.

Assim que os guardas começam a se aproximar, Caitlin começa a imaginar a melhor maneira de derrubá-los sem machucá-los até que, de repente e por muita sorte, uma grande porta de carvalho se abre.

De dentro sai uma senhora pomposa, usando um vestido feito de um tecido maravilhoso, com as joias mais lindas que Caitlin jamais havia visto. Ela anda em direção a eles, bloqueando a passagem dos guardas, agindo como apaziguadora das partes, fazendo a tensão diminuir.

Ela anda bem na direção de Caitlin, parando diante dela, e Caitlin a encara. Caitlin não consegue acreditar. Em frente dela está uma mulher que ela ama, uma mulher que uma vez fora sua amiga.

É Lily.

Lily a encara de volta, sem expressão, aparentando mais régia do que nunca, e por um instante, Caitlin pensa que ela não a reconhecesse. Um silêncio tenso paira no ar, enquanto Lily a encara, e todos aguardam seu comando.

Finalmente, ela quebra o silêncio com um sorriso.

"Caitlin", ela diz com um sorriso aberto, "eu lhe disse que nos encontraríamos novamente."

CAPÍTULO DEZ

Caitlin sente como se estivesse em um sonho ao caminhar, juntamente com os demais, pelos jardins e pátios do Castelo de Windsor. Ela está feliz em ver Lily novamente, e encantada ao ver um humano, também, pode viver diversas vidas. É estranho vê-la ali, como um membro da realeza mais uma vez.

Por um lado, tudo é muito diferente ali - o período, as pessoas, a arquitetura do castelo - mas por outro lado, nada havia mudado. Ali estava Lily, ainda na realeza, ainda belíssima e suntuosa - ainda como costumava ser, mas agora vivendo em um novo lugar, em um novo tempo. Isso faz Caitlin se perguntar se estariam fadados a viver vidas semelhantes, várias e várias vezes, apenas mudando o tempo e o lugar, nomes e costumes. As coisas estavam todas conectadas, independente do tempo e do lugar? A distância entre os lugares, a diferença de tempo entre os séculos era apenas uma ilusão?

A constatação faz Caitlin se sentir conectada a todas as pessoas e coisas que conhece. E claro, ele também sente uma forte ligação com Lily. Além de Polly, ela havia sentido que Lily era sua amiga mais próxima, e vê ali mais uma vez, faz com que ela sinta como se estivesse reencontrado uma irmã.

Lily não havia mudado. Ela ainda é alta, vaidosa e magnificente, com sua pele escura, cabelos pretos e lisos e lindos olhos verde. Mas agora, ela está vestida de acordo com a moda local, com roupas completamente diferentes. Ela ainda veste quantidades inacreditáveis de tecido, que a cobrem até os pés, e está usando joias incrivelmente luxuosas, desde seus brincos compridos, até seu colar de diamantes e anéis de esmeralda. E ainda, sua aura é um pouco diferente; é mais britânica que francesa desta vez.

Enquanto andam, Caitlin não consegue deixar de notar a beleza da propriedade Windsor. Ela se encanta com o tamanho e magnitude dos prédios, espalhados no formato de um retângulo, com o pátio no meio. À distância, em cima de uma colina, há uma torre circular, que parece observar tudo ali embaixo.

"O castelo de Windsor é o lar da família real inglesa há séculos," diz Lily. Eles a seguem de perto, atentos a tudo que ela fala. "Foi exatamente ali que o Rei Artur se encontrou com seus cavaleiros, antes mesmo da construção deste castelo. Este lugar foi escolhido por uma razão, acredita-se que este é um lugar sagrado. Na verdade, em cima daquela colina, onde vocês podem ver aquela torre redonda, é onde ficava a tábua redonda."

Scarlet de repente dá um passo à frente e cutuca o braço de Lily.

"Você é uma princesa de verdade?" ela pergunta.

Lily olha para baixo e sorri, acariciando os cabelos de Scarlet.

"Não, minha querida," ela responde, "mas aposto que você é."

Os olhos de Scarlet se abrem de surpresa e ela ri, parecendo constrangida.

"Não sou mesmo," ela fala.

Caitlin olha para Scarlet com toda seriedade que consegue, e diz:

"Sim, você é, Scarlet. Nunca se esqueça disso."

Scarlet a encara de olhos arregalados, e lentamente Caitlin vê que ela se enche de orgulho. Caitlin segura na mão dela, e elas continuam caminhando.

"Minha missão nos trouxe aqui," Caitlin informa Lily, enquanto andam, continuando a travessia do pátio. "Ainda estou procurando por meu pai." Caitlin vira e olha para Sam. " *Nós* ainda estamos procurando por nosso pai," ela corrige, querendo incluí-lo, "e pelo Escudo místico."

"Eu sei," Lily responde. "Tenho esperado vocês há bastante tempo. Geralmente, os vampiros são os guardiões de relíquias. Mas, neste caso, eu fui escolhida." Lily para e olha para Caitlin com o semblante sério. "Eu sei exatamente o que vocês estão procurando."

Caitlin também a encara, e sente seu coração batendo mais rápido. Ela de repente se pergunta se seu pai estaria li. O lugar certamente parece grandioso o suficiente para ele.

"Por aqui," Lily diz, virando-se de repente e entrando em um prédio magnífico.

Eles a seguem por diversos corredores, e Lily sobe uma escada circular de pedras, atravessa um corredor e sobe outra escada, passando então por outro corredor. Caitlin se encanta com o lugar, ao passarem por tapetes luxuosos e ambientes repletos de lustres de cristais gigantescos.

Eles finalmente chegam à maior escada mais diferente e grandiosa que Caitlin já tinha visto.

Balaústres incomuns cercam os degraus em ambos os lados e, ao descerem os degraus, eles ficam diante de uma enorme estátua de mármore, ladeada por armaduras. A estátua se ergue acima deles, dezenas de metros, e enquanto descem os degraus de

mármore cobertos por um tapete vermelho, ela não consegue deixar de sentir-se como um membro da realeza.

"A Rainha Elizabeth vive aqui agora," Lily diz, "com sua corte e seus criados. Centenas de pessoas vivem aqui durante todo o tempo – a criadagem e os conselheiros reais; este castelo é como uma pequena cidade."

Eles atravessam outra câmara, completamente feita de pedras, com tetos altos e vitrais em todos os lados, passando por diversos guardas enquanto andam. Finalmente, Lily os leva até uma grande porta de carvalho, abrindo-a, e dá um passo ao lado com um sorriso nos lábios.

"A capela de São Jorge," ela anuncia formalmente, fazendo um gesto com as mãos.

Caitlin entra, seguida pelos demais, e o que vê a deixa sem fôlego.

Fica imediatamente aparente que aquela sala é a joia da coroa no castelo. A impressão é que anos tinham sido necessários para construí-la. O chão é adornado com lajotas de mármore branco e preto em formato de diamante, polidas tão perfeitamente que chegam a refletir a imagem sol. O teto fica a dezenas de metros de altura, arqueado e culminando em uma ponta de calcário. A sala é comprida e estreita, as paredes têm uma série de janelas com lindos vitrais. Diante deles, há enormes bancos de madeira, onde políticos e membros da família real deviam se sentar durante grandes reuniões. O lugar parece um antigo parlamento, talvez usado durante a época medieval. Ela se pergunta se Rei Artur e seus cavaleiros também teriam se reunido ali.

Acima deles há fileiras de bandeiras, de todos os formatos, tamanhos e cores.

"Os Cavaleiros de Garter," Lily explica. "Este costumava ser sua sala de reuniões. Os Cavaleiros de Garter eram a ordem dos cavaleiros

mais respeitados em toda a Inglaterra, o grupo de elite de mais honrado e de maior prestígio - este era o seu local de encontro. E mais importante," continua Lily, "este lugar foi escolhido como o ultimo local de descanso de Reis e Rainhas da Inglaterra há centenas de anos. E é por isso que se torna importante para o que temos que fazer."

Caitlin olha para ela, confusa, mas Lily vira e continuar a caminhar, e seus passos ecoam no chão de mármore. Eles a seguem.

"É aqui que a princesa mora?" pergunta Scarlet, agarrada às pernas de Caitlin.

Caitlin sorri para ela, acariciando sua cabeça.

"Não tenho certeza," ela responde, "mas acho que estamos prestes a descobrir."

Quando continuam a caminhar, a sala é dividida por um enorme painel de mogno. Eles atravessam a porta e chegam ao outro lado.

Este lado da sala é ainda mais impressionante. Ali, ao lado, há dezenas de sarcófagos – enormes, de mármore, detalhadamente esculpidos. Caitlin sabe imediatamente que eles contêm os restos mortais de Reis e Rainhas.

E assim que chegam a este parte da câmara, Caitlin sente uma energia estranha. Ela sente o anel se aquecer em sua mão, e sabe que eles estão muito próximos de encontrar o que precisam. Caitlin dá um passo à frente, deixando que o anel a guie, e se vê parada diante de um grande sarcófago, em um dos quantos da sala. Ela o analisa atentamente, e vê uma efígie na tampa: é a imagem de um antigo rei, com uma barba comprida, usando uma coroa e segurando um bastão. Ele está vestindo trajes reais, e uma cota de malha, e suas mãos estão cruzadas sobre seu peito.

Estranhamente, um de seus dedos está ligeiramente mais elevado que os demais. Caitlin imediatamente sabe – simplesmente *sabe* - por quê. Ela tira o anel de seu dedo, e deixa que seus sentidos tomem conta dela, enquanto coloca o anel no dedo da efígie.

Todos se aproximam e continuam a observar.

O anel se encaixa perfeitamente.

Ouve-se um suave clique, e na outra mão da efígie Caitlin encontra um pequeno pergaminho de mármore. Ela o estuda de perto, e vê que a ponta parece estar ligeiramente aberta. Então ela o abre gentilmente, e descobre que ele é oco e que, dentro dele, há um pergaminho real – um pedaço de papel verdadeiro.

O coração de Caitlin bate ainda mais rápido quando ele coloca a mão dentro e lentamente remove um frágil pergaminho.

Todos se aproximam ainda mais dela, que desenrola a pequena mensagem. Nela, Caitlin vê uma caligrafia delicada e antiga, que ela imediatamente reconhece como a de seu pai. Ela é tomada pela emoção ao segurar o papel e, limpando a garganta, lê em voz alta:

Meus queridos Caitlin e Samuel,

Se vocês dois chegaram até aqui, isso significa que estão juntos, unidos na busca por mim e pelo Escudo. Este pergaminho que vocês estão segurando foi especialmente escondido, então se vocês estão aqui, é por que têm que estar. E eu parablenizo vocês por isso.

Vocês são frutos da mesma árvore, a Rosa e o Espinho, e possuem destinos distintos. Vocês estão na mesma busca, mas devem seguir caminhos opostos. E podem não estar procurando pela mesma coisa.

Samuel, seu caminho o leva a Warwick, onde você começará a encontrar as respostas que procura.

Caitlin encontre-me no monte do julgamento.

Com todo meu amor,

Seu pai.

Caitlin abaixa lentamente o pergaminho, e olha na direção de Sam. Ele fica parado, encarando-a de olhos arregalados. Ela percebe que ele está transtornado por tudo que acaba de ouvir. Afinal de contas, aquela era a primeira pista que também tinha sido dirigida a ele. Caitlin se lembra do sentimento de assombro que havia sentido ao receber a primeira carta dirigida a ela.

"Samuel," ele fala. "Ninguém me chama assim há tanto tempo."

Caitlin fica parada, relendo a mensagem, enquanto tenta decodificá-la. Ela fica feliz que seu pai tenha deixado esta carta para ela, e Caitlin se sente mais próxima a ele do que nunca. Mas ao mesmo tempo, a ideia de se separar de Sam a magoa. Por que eles não podiam continuar a jornada junto? Quais eram os destinos deles?

O monte do julgamento.

Ela não faz a menor ideia do que isso quer dizer.

Ela olha para Caleb, perguntando-se se ele saberia, mas ela simplesmente balança a cabeça, assim como Polly, Sam e Lily.

"Warwick?" Sam pergunta. "O que é isso?"

Lily limpa a garganta.

"Isso é fácil. Só pode significar uma coisa. Tem que ser uma referência ao Castelo de Warwick. É o mais antigo da região, e tem sido um reduto para sua espécie por milhares de anos."

"E onde fica esse monte do julgamento?" Caitlin pergunta.

Lily balança lentamente a cabeça.

"Seu palpite é tão bom quanto o meu."

* * *

A cabeça de Caitlin dá voltas enquanto ela se senta à mesa de jantar com seus companheiros. A carta de seu pai, que ela havia lido diversas vezes, tinha sido como uma bomba em seu consciente.

Ela traria muitas consequências, várias implicações para o futuro dela e de Sam. Ela fica repassando cada palavra da mensagem em sua cabeça, tentando descobrir seu significado.

Mas ela não tem tempo para pensar naquilo agora. Lily havia encomendado aquele enorme banquete para eles, absolutamente generoso e preparado sob a supervisão dela. Aquele é de fato um jantar luxuoso. Ela está sentada em uma grande mesa de carvalho, com Scarlet de um lado e Caleb do outro, e Sam, Polly e Lily sentados diante deles – apenas os seis, em uma mesa que acomoda cem pessoas, sentados em poltronas reclináveis e muito confortáveis.

Caitlin examina a prataria, os delicados pratos de porcelana, as flores frescas e velas enormes, os lustres acima deles e as enormes janelas de ambos os lados, que permitem a entrada dos raios do pôr do sol. Fatias de carnes saborosas, perus recheados, pães, geleias, e sobremesas... não há fim para as pilhas de comidas dispostas diante deles. E atrás das poltronas, criados esperam para satisfazer todos os seus desejos.

Caitlin analisa a expressão no rosto de Scarlet, que está encantada pelo suntuoso banquete à sua frente. Obviamente, ela nunca tinha visto nada remotamente parecido com aquilo em sua curta vida. Caitlin abre ainda mais o sorriso ao pensar que Scarlet provavelmente pensa estar sonhando.

"Isso tudo é pra gente?" Scarlet pergunta para Caitlin, sem conseguir acreditar.

"Sim, minha querida," Caitlin responde, "é tudo nosso, vá em frente."

Scarlet estica a mão, como uma criança em uma loja de brinquedos, e pega uma grande fatia de cheesecake, para começar. Caitlin sorri; Scarlet provavelmente nunca havia comido tão bem em toda sua vida. Ela pega a comida rapidamente, como se tivesse medo que alguém a tiraria dali.

Caitlin estica o braço e coloca sua mão gentilmente sobre a dela.

"Está tudo bem," Caitlin diz. "Você pode comer devagar, toda essa comida é só pra você."

Scarlet olha para ela sem parecer acreditar, como se tivesse acabado de chegar ao paraíso. Mais relaxada, Scarlet coloca várias fatias de carne em seu prato, ao lado do cheesecake. Caitlin sorri ao ver que a pilha de comida está ficando quase da altura da cabeça da menina.

Scarlet pega a fatia no topo da pilha, estica o braço, e o entrega a Ruth, que está pacientemente sentada ao seu lado, olhando tudo, hipnotizada, enquanto lambe os lábios. Ruth pega a carne da mão dela e Scarlet ri, satisfeita. Scarlet repete o gesto diversas vezes, e alimenta Ruth com um prato inteiro de carne.

Caitlin fica surpresa; Scarlet provavelmente nunca tinha visto tanta comida de uma só vez, e a primeira coisa que faz é dar toda sua

comida a Ruth. Caitlin a admira mais do que nunca. Se um dia tivesse uma filha, Caitlin gostaria que ela fosse parecida com Scarlet.

Caitlin estica o braço e coloca um pedaço grande de carne no prato de Scarlet.

"Esse é só pra você, Scarlet," ela diz.

Scarlet olha para o prato com olhos arregalados, pega uma faca e um garfo nas mãos e coloca um grande pedaço na boca. Ele mastiga, e Caitlin pode ver a satisfação estampada no rosto da garota.

De repente, criados aparecem e grandes cálices incrustados de joias são colocados diante de Caitlin, Caleb, Sam e Polly, repletos de um líquido branco. Caitlin já consegue pressentir do que se trata, com cada um dos poros de sua pele: é o sangue branco mais puro, e cada milímetro de seu corpo anseia por aquele líquido.

Eles erguem suas taças e esticam os braços, batendo-as uma contra as outras em um brinde.

Caitlin se encosta e, finalmente, bebe toda sua taça.

Aquele é o melhor sangue que ela já havia experimentado. Ela bebe todo o líquido sem parar e, a cada gole, sente suas forças sendo restabelecidas. Quando finalmente coloca a taça de volta sobre a mesa, ela se sente completamente renovada.

Caitlin observa os criados colocarem delicadas fatias de carne diante de Lily e se lembra que, obviamente, Lily é humana. É tão natural tê-la por perto, que Caitlin havia momentaneamente se esquecido de que Lily não é da mesma espécie que ela. Lily, sentada com a postura perfeitamente ereta, estica os braços e delicadamente pega os telhares, cortando a carne em pedaços pequenos e mastigando demoradamente. Caitlin fica encantada com a educação de Lily.

As risadas de Scarlet tomam conta do ambiente, criando uma atmosfera festiva, enquanto a garota continua alimentando Ruth com os quitutes da mesa. Caitlin sente seu coração se aquecer com a cena, ao ver Scarlet tão bem cuidada naquele lugar, e Ruth parece estar igualmente feliz. Caitlin fica sentada, olhando para Caleb, Sam, Polly e Lily, todos sorrindo e conversando felizes, e sente grata.

Finalmente, todos estão juntos; ela está com Caleb, e também tem Sam, Polly e Lily ao seu lado. Eles estão em um lugar incrível, saboreando uma refeição deliciosa. Ela se sente tão bem, e gostaria de poder congelar aquele momento e vivê-lo para sempre.

Mas a carta que ela havia lido ainda a incomoda. Uma vez que a voz do seu pai toma conta de sua mente, Caitlin tem dificuldade de pensar em outra coisa. As frases que ela tinha lido continuam passando por sua cabeça sem parar. Onde seria o monte do julgamento? Por que ela e Sam tinham que seguir caminhos distintos: Estes caminhos os levariam ao mesmo destino? Ou suas jornadas separadas os separariam para sempre? E o que aconteceria se ela de fato encontrar esse monte do julgamento? Seu pai estaria lá para encontrá-la? Ou ela seria forçada a voltar no tempo mais uma vez?

Ela sabe que terá dificuldades em relaxar até que tenha encontrado as respostas para todas essas perguntas.

Caitlin precisa espairar um pouco e, vendo a alegria e satisfação de Scarlet e dos demais, ela lentamente se levanta.

Todos olham em sua direção.

"Por favor, permitam que eu me ausente por uns instantes," Caitlin diz.

Um criado se apressa até ela e afasta sua cadeira.

"Mas é claro," Lily diz, "foi um dia longo. Os criados a levarão até seus aposentos."

Caitlin se inclina e dá um beijo na cabeça de Scarlet, e se aproxima de Caleb pra beijá-lo nos lábios. Então ela sai da sala, seguindo um criado. Ela se sente um pouco mal por estar deixando todos ali, mas eles parecem satisfeitos e contentes, e ela precisa de alguns minutos a sós, para organizar suas ideias. Ela tem um pouco de dificuldade em pensar com tantas pessoas à sua volta.

Caitlin é levada até um quarto luxuoso e enorme, com pelo menos quinze metros em cada direção e formato de semicírculo; de um lado, há uma parede inteira de vidro com vista para os jardins do Castelo de Windsor. O quarto é magnífico, uma verdadeira obra prima arquitetônica, com detalhes nas paredes e no teto, grandes tapetes esparramados pelo chão, sofás e poltronas antigas e cômodas detalhadamente esculpidas, além da cama de casal com dossel em um dos cantos. Estar ali proporciona a Caitlin uma estranha sensação de ânimo, embora ao mesmo tempo ela pressinta que não ficará ali por muito tempo e que sua missão a levará em outra direção.

Ela anda até a janela e olha para fora, observando o entardecer. Onde seu pai queria que ela fosse em seguida? Haveria algum fim para aquela missão e para todas essas pistas? Ela veria Sam novamente, depois que suas jornadas os levassem em caminhos opostos? Ela sabe que Caleb irá acompanhá-la, mas e quanto a Polly? Ela acompanharia Caitlin, ou escolheria seguir com Sam? E o que seria de Scarlet? Caitlin já sente como se a garota fizesse parte de sua família, e não consegue imaginar abandonar Scarlet. Mas o que seria do futuro? Ela levaria Scarlet com ela em todas as duas missões? Não seria perigoso demais para uma criança?

Caitlin vê uma pequena escrivaninha em um canto, e se senta diante dela. Ela coloca a mão em um dos bolsos e retira seu diário. Ela o

tinha carregado o tempo todo, e fica feliz ao finalmente segurá-lo nas mãos.

Ela vira uma página após a outra, e vê que o diário está ficando cada vez mais grosso, suas páginas mais gastas e amassadas. O diário está realmente se tornando seu velho amigo fiel. Finalmente, ela encontra uma página em branco, pega a pena em cima da mesa, a mergulha no tinteiro e começa a escrever.

Qual será meu destino? Quando poderei finalmente encontrar meu pai? Quem é ele? Ele realmente me ama? Por que fui escolhida para esta missão? Por que será que sou tão especial? E como, exatamente, minha missão difere da de Sam?

E o que acontecerá quando eu encontrar o Escudo? Será o fim de tudo isso? O que isso significa? Voltarei a ter uma vida normal? Quando e onde? Caleb fará parte dela?

Caitlin olha para o papel, e fica um pouco surpreendida. Aquele não é um registro como os que ela geralmente faz. Ela não tinha feito um resumo, como era de seu costume. Ela não sente mais esta necessidade. Agora, ela precisa questionar, e sente que precisa conhecer sua essência mais profunda. Ela volta a escrever:

Será que devo esquecer esta missão? Devo simplesmente ficar aqui, esquecer as pistas e viver uma vida pacata e em segurança? Ou devo sair daqui, retomar minha jornada e me separar de Sam? Estarei mais segura ficando aqui? Ou terei segurança apenas ao completar minha missão?

"Olhe!" diz uma voz alegre.

Caitlin se vira rapidamente, perdendo a concentração.

Ali está Scarlet, usando um lindo vestido de seda branca, uma tiara de diamantes e diversos colares e pulseiras de brilhantes. A alegria

da garota é inegável. Caitlin mal consegue acreditar na cena. Scarlet parece uma verdadeira princesa em miniatura.

"Lily me deu estas coisas. Ela disse que posso ficar com tudo. Posso mesmo? Por favor?"

Caitlin abre um sorriso. Ela não sabe exatamente como responder.

"Hmm... se ela disse que sim, então, hmm... é claro."

Scarlet abre um sorriso ainda maior que o de Caitlin, se aproxima correndo e lhe dá um forte abraço. Caitlin corresponde, apreciando a sensação de ter a criança em seus braços.

"Eu amei este lugar," Scarlet diz. "Podemos ficar aqui para sempre?"

Caitlin a encara, pensando na estranheza de ouvir Scarlet fazendo a mesma pergunta que estava passando pela cabeça dela. Ela percebe que Scarlet é uma criança bastante precoce, e se pergunta até que ponto seus poderes chegam.

"Eu adoraria," Caitlin responde, "mas se tivermos que partir, nós sempre podemos encontrar outro lugar tão agradável quanto este."

Scarlet abraça Caitlin mais uma vez.

"Eu te amo, mamãe," ela diz.

Mamãe.

A palavra atravessa o corpo de Caitlin como se fosse uma descarga elétrica. Aquilo é tão inesperado, e ainda assim ouvir as palavras aquece seu coração, causando um redemoinho de emoções que leva Caitlin às lágrimas. Ela continua abraçando Scarlet, sentindo as lágrimas escorrendo por seu rosto. Ela sente que já ama a garota como se ela fosse sua própria filha. Ela não consegue evitar e, mais

uma vez, começa a pensar em quando estava grávida, e no filho que ela poderia ter tido com Caleb.

Scarlet se afasta e olha para ela.

"Qual é o problema, mamãe?"

Caitlin enxuga rapidamente suas lágrimas.

"Não é nada, querida. Tudo está perfeito."

Ruth entra correndo no quarto e Scarlet se vira, caindo na risada ao brincar com o lobo. As duas correm pelos aposentos, brincando de pega-pega.

Caitlin enxuga as últimas lágrimas e olha para fora da janela, para o por do sol. Ela sabe que tem uma importante decisão a tomar, e que não lhe resta muito tempo. Ela ficaria aqui para sempre, ou iria atrás de cumprir o seu destino?

CAPÍTULO ONZE

Kyle adora assistir o anoitecer. Esta é sua hora favorita do dia, especialmente à medida que ele volta no tempo, e observa as pessoas comuns fechando suas lojas, trancando janelas e correndo para casa, morrendo de medo do escuro. Quanto mais ele volta no tempo, mais as pessoas parecem temer a noite.

E obviamente, eles têm motivos para ter medo.

Esta é a hora favorita do dia para pessoas como Kyle, e para toda sua espécie. Quando a noite cai, aquele sentimento estranho que alguns humanos sentem é, na verdade o sinal do despertar de sua espécie. Kyle nunca se sente tão energizado quanto no final do dia, quando está prestes a sair e causar o dano que bem entender.

Kyle estica o braço e passa a mão sobre as dezenas de frascos com a peste que ele havia guardado em segurança dentro de seu bolso, e um sorriso confiante toma conta de seu rosto. Parado ali, no coração de Londres, ele observa a multidão agitada diante dele, todos aqueles humanos patéticos que não fazem a mínima ideia do que está por vir, da tempestade que ele, sozinho, está prestes a causar. Ele se sente exultante, como uma criança prestes a entrar em uma loja de brinquedos. Por todos os lados, há pessoas, becos e bares – lugares para espalhar a peste. Ele está tão animado, que mal sabe por onde começar.

Mas Kyle precisa se controlar. Ele sabe que se quer espalhar a peste completamente e profissionalmente, ele terá que recrutar não apenas seus vampiros mercenários, o que ele já tinha feito, mas também um exército de criaturas – ratos. Um exército de rato seria muito mais eficaz, seriam mais rápidos para espalhar a peste do que ele jamais poderia sonhar em ser, então sua primeira tarefa seria encontrá-los e infectá-los. Ele também poderia, é claro, tentar infectar humanos individualmente, e em grandes concentrações, mas isso seria apenas por diversão.

Kyle praticamente salta pelas ruas da cidade, pronto para se divertir um pouco. Ele vê um homem gordo, cambaleando com uma garrafa de gim nas mãos. Kyle estica o braço e dá um tapa nas costas no homem – ao mesmo tempo enfiando uma pequena agulha infectada em sua pele.

O homem gordo dá um grito, abrindo os olhos de surpresa pela dor, mas Kyle esbarra contra ele e continua andando, desaparecendo no

meio da multidão. Kyle abre um sorriso; o primeiro infectado sempre lhe causa uma sensação de realização.

Kyle vê um cão selvagem farejando uma pilha de lixo embaixo de seus pés e se ajoelha, agarrando o cachorro pelo pescoço enquanto enfia uma pequena agulha em suas costas. O cachorro geme e tenta se virar para mordê-lo, mas Kyle é bem mais rápido do que ele. Ele se afasta bem a tempo e chuta o cachorro, arremessando-o vários metros para trás. O cachorro geme mais uma vez e sai correndo na direção oposta. Kyle sorri, sabendo o dano que o animal causaria, carregando a peste por todas as ruas da cidade.

Kyle vê um comerciante se levantar um pouco adiante, com fileiras e mais fileiras de frutas expostas diante dele. Ele se aproxima e o vendedor o encara com cautela, observando as cicatrizes que permeiam seu rosto. Kyle discretamente espalha o vírus da peste em suas mãos e então as estica, passando-as sobre as frutas em um movimento rápido.

"Opa, tire suas mãos de minhas frutas!" o homem grita.

Kyle sorri, pega uma maçã e a joga contra o pescoço do homem. É um golpe perfeito; o homem leva as duas mãos ao pescoço, esforçando-se para respirar.

Quando Kyle continua avançando pela rua, vê que diversos humanos se aproximarem da banca de frutas que ele havia infectado, apalpando-as. Ele abre um grande sorriso.

Agora é hora de parar com brincadeiras. Kyle localiza um cais apodrecido à distância. É perfeito; ele sabe exatamente o que encontrará embaixo de tudo aquilo. Ratos.

Ele se apressa até a beira do rio e desce pelas margens lamacentas até chegar à escuridão embaixo do cais. Ali, ele vê exatamente o que havia esperado: dezenas de ratos, entrando e saindo da água, correndo sobre o cais. Eles se viram e guincham para ele, e a

maioria começa a fugir. Ele ri da ironia ao ver que os ratos têm medo dele.

Mas Kyle é mais rápido do que eles. Ele se concentra, usando seus instintos vampiros, no líder dos ratos, e a infecta, agarrando-a com força pelo pescoço e enfiando a agulha em seu traseiro. A ratazana guincha, tentando mordê-lo, mas Kyle a joga para longe. Ele então estica o braço e segura outro rato, e depois outro, sucessivas vezes. Com uma velocidade estonteante, ele consegue infectar pelo menos uma centena de ratos antes que todos consigam escapar de seus reflexos ultrarrápidos.

Kyle esvazia uma boa parte dos frascos e satisfeito, começa a subir pelas margens do rio, se afastando da água. Ele fica em pé no topo do monte e enquanto ajeita suas roupas, vê ratos correndo em todas as direções. Ele vê vários deles entrarem em um grande barco, repleta de humanos, e vê vários outros subindo pelas margens do rio, em direção à cidade lotada de gente. Ele sabe que seu trabalho está feito – ao menos por agora. Dentro de poucas horas, aqueles ratos teriam infectado cada canto daquela cidade.

Agora as coisas estavam ficando sérias. Ele já tinha cuidado dos humanos, mas ainda tem que conseguir o veneno, a fórmula especial, para matar Caitlin. Ele tem que chegar até a Torre de Londres, libertar seu velho amigo vampiro, e fazer com que ele lhe conte onde o veneno se encontra.

Antes que Kyle possa partir, ele ouve repentinamente um rugido distante. Ele olha na direção do som, do outro lado do rio Tamisa, e vê à distância um pequeno estádio circular, iluminado por tochas. Ele ouve outro rugido, e de repente percebe do que se trata: um estádio para rinhas de ursos.

Kyle é tomado pela alegria. Há séculos ele não assistia uma rinha de ursos, e ele sente falta do espetáculo.

Sem pensar, ele salta no ar e voa sobre o Tamisa, indo na direção do estádio. Ele percebe que aquilo serviria um duplo propósito: lá, ele teria a oportunidade de infectar mais milhares de humanos. E mais importante, ele poderia causar uma grande confusão pessoalmente. Ele sente falta da violência, e já é hora de descontar suas frustrações em alguém.

Kyle sabe, enquanto sobrevoa o estádio de rinhas de ursos, que deveria permanecer concentrado, e se dirigir à Torre de Londres, soltar seu amigo e conseguir o veneno. Mas ele quer se divertir um pouco, e sabe que terá tempo suficiente para isso, pois considera que está um passo à frente. Ele chega a conclusão de que podem se dar ao luxo de aproveitar um segundo de distração para causar um pouco de confusão com suas próprias mãos.

Kyle sobrevoa o estádio e olha para os milhares de humanos abaixo dele, iluminados por tochas enquanto gritam e fazem suas apostas, observando o urso amarrado no centro do estádio ser atacado por todos os lados por cães. Aquilo é pura diversão.

Ele mergulha em direção ao estádio, e aterrissa bem no meio da arena. Ao fazer isso, ele agarra um dos cães, erguendo-o sobre sua cabeça e arremessando-o para as arquibancadas. Um olhar de choque e surpresa toma conta dos milhares de humanos que haviam testemunhado sua chegada, bem ao centro da arena, aparentemente tendo despencado do céu. Todos eles ficam em pé, atordoados, perguntando-se que diabos seria aquilo. Várias pessoas fazem o sinal da cruz.

Kyle agarra mais alguns cachorros, lançando-os para as arquibancadas; ao caírem, agitados, os cães começam a morder os humanos.

Em seguida, ele corre até o urso. O animal, pressentindo algo, recua, tentando se afastar de Kyle.

Mas Kyle ainda não terminou. Ele agarra a corrente do urso e a arranca do poste. Ele então segura a corrente e gira o urso várias vezes, arremessando-o finalmente. O urso cai nas arquibancadas e os humanos gritam, tentando se afastar – mas é tarde demais. O urso aterrissa tomado pelo ódio, e golpeia para todos os lados com suas patas, matando pessoas com um único golpe. Ele morde, arranha e pisoteia, matando todos os humanos que encontra pela frente.

Começa uma debandada, e os humanos pisoteiam uns aos outros enquanto tentam fugir a qualquer custo. Mais pessoas morrem pisoteadas do que o urso teria conseguido matar. Dentro de instantes, todo o estádio começa a esvaziar, com pessoas correndo em todas as direções, torcendo para sair daquele lugar vivas.

Kyle ainda não terminou. Ele agarra algumas tochas na lateral do estádio e corre pelas arquibancadas, ateando fogo em tudo. Então ele corre para fora do estádio, e rapidamente circula pelo perímetro, colocando fogo em tudo e barrando as entradas.

Seu plano dá certo; a maioria dos humanos está presa dentro do estádio, e as chamas e fumaça começam a tomar conta de tudo. Kyle voa e paira sobre o estádio, assistindo as chamas consumirem tudo, ouvindo os gritos das pessoas presas ali dentro enquanto o urso enfurecido continua partindo os poucos sobreviventes em pedaços.

Kyle não poderia ter imaginado um começo melhor para sua noite.

CAPÍTULO DOZE

Caleb voa com Ruth nos braços e Caitlin ao seu lado, levando Scarlet nas costas. Caleb se espanta com a rapidez com que Caitlin e Scarlet tinham ficado inseparáveis desde que tinham se conhecido. É estranho olhar para as duas agora, e não pensar que se conheciam desde sempre.

Os quatro atravessam o céu nascente, indo na direção Norte rumo ao castelo de Caleb em Leeds. A despedida naquela manhã havia sido triste com a separação de Caitlin e Sam. Os dois tinham se abraçado com olhos cheios de lágrimas, para seguirem cada um as suas pistas. Caleb acha que Caitlin havia tomado a decisão certa; Sam obviamente precisaria seguir a pista dele, e Caitlin ainda precisa desvendar a dela.

Polly tinha surpreendido a todos ao anunciar que continuaria seu caminho com Sam, e ele pareceu igualmente surpreso. Mas Polly havia prontamente explicado que sua decisão tinha sido puramente profissional; já que Caitlin teria Caleb, faria mais sentido equilibrar os números e acompanhar Sam.

Afinal de contas, estavam todos procurando a mesma coisa. Sam não havia contestado, e Caleb sorri ao repassar tudo. Parece-lhe óbvio que os dois realmente gostam um do outro, e que ambos estão determinados a não demonstrar qualquer sentimento.

Caleb pensa em seu amor por Caitlin. Ele voa bem próximo a ela desta vez, com o céu se misturando em um milhão de cores e suas asas praticamente encostando uma na outra, Caleb sente a intensidade de seu amor por ela. O tempo que eles haviam passado juntos tinha sido mágico. Eles tinham conseguido se reencontrar e permanecido juntos o tempo todo, e finalmente ele sente que nada poderá detê-los. Nem Sera, Blake ou qualquer outro obstáculo. Dali pra frente seria apenas os dois.

Este lugar e época não são tão dramáticos quanto Paris ou Veneza, e mesmo assim a convivência deles tinha sido mais romântica do

que nunca. Aquilo o faz perceber que o verdadeiro amor não tem relação com o lugar em que vivemos. Caleb nunca havia se sentido tão feliz, e sente que Caitlin diria o mesmo.

Ele discretamente coloca a mão discretamente na lateral de seu corpo, apalpando seu bolso e sentindo-se animado. O anel de sua mãe – ele ainda está ali, guardado em segurança, e agora ele sente que a hora certa chegou. Eles haviam chegado a uma encruzilhada; Sam sabe onde deve ir em seguida, mas Caitlin não faz a menor ideia de como interpretar sua pista, e Caleb também não. Então, como não tinham aonde ir, ele havia usado um pouco de astúcia, procurando uma oportunidade onde pudesse ficar a sós com Caitlin para que pudesse pedi-la em casamento. Quando Caitlin havia decidido deixar o Castelo de Windsor e se mostrado incerta sobre qual rumo tomar, ele tinha sugerido um lugar onde poderiam procurar. Confiando nele, ela havia concordado.

Agora eles voam rumo ao norte, para um lugar que Caitlin acredita poderá lhes fornecer alguma outra pista. Mas ela não sabe que estão, na verdade, voando para um dos castelos de Caleb. O castelo de Leeds é uma de suas propriedades mais esplendorosas, um castelo que ele havia comprado há muitos séculos. Ele havia lacrado o castelo durante sua última estada ali, e espera que ainda esteja em boas condições. Ele tem castelos em praticamente todas as partes do mundo, mas este é um de seus prediletos. Aquele é também uma de suas propriedades mais românticas.

Ele havia pensado que o castelo seria o lugar perfeito para pedir a mão de Caitlin em casamento. Ele visualiza o topo de uma colina com vista para o castelo e na grama selvagem e flores do campo que crescem em todas as direções, e sabe que este é momento e lugar certo para isso.

Ele não tinha planejado fazer o pedido na frente de qualquer outra pessoa, e estava um pouco despreparado para a presença de Scarlet e de Ruth. Ele teria de descobrir quando chegasse a hora certa, mas

está certo de que pode encontrar um modo para ter alguns minutos a sós com ela. Mesmo assim, ele está tão feliz com a presença de Scarlet na vida deles, que abriria mão de qualquer coisa para tê-la ali.

Ao fazerem uma curva sobre o topo de uma colina, o castelo de Caleb surge diante deles. Iluminado pela luz da manhã, a propriedade é magnífica – exatamente como ele se lembrava. Construído em calcário, com torres em todas as direções, disposto em uma área quadrada perfeita, um pátio interno e uma ponte levadiça, o castelo é imponente e domina a paisagem do interior inabitado. Ele está vazio, - exatamente como Caleb esperava.

Por ora, ele não quer levar todos para dentro do castelo. Na verdade, ele quer levá-la para cima da colina com vista para a propriedade. Caleb de repente mergulha, apontando para baixo, e Caitlin o segue.

Alguns momentos depois eles aterrissam sobre um planalto, no alto de uma colina. É a colina mais alta de toda a região e, daquele ponto de vista, eles podem ver tudo por muitas milhas. Caleb coloca Ruth no chão ao pousar, e Caitlin faz o mesmo com Scarlet.

"Por que pousamos aqui?" Caitlin pergunta.

Caleb havia ensaiado o que diria quando chegasse a hora uma centena de vezes. Mas agora que o momento está diante dele, ele se sente nervoso e sem palavras. Sua garganta de repente fica seca, suas mãos começam a transpirar e por um instante, ele esquece o que tinha planejado dizer.

"Nossa, olha esse castelo!" Scarlet grita, olhando para o horizonte e apontando.

Caleb se dirige a ela. "Querida, acho que Ruth precisa usar o banheiro. Talvez você possa levá-la até aquela pequena floresta,

bem ali?"

Caleb aponta para algumas árvores, distantes talvez uns vinte metros, afastadas do planalto; um lugar onde ele ainda poderia vê-la, e ao mesmo tempo conseguir um pouco de privacidade para falar com Caitlin.

Scarlet sai correndo com Ruth, feliz ao correr pela grama, enquanto Ruth corre ao lado dela, brincando no caminho.

Caitlin olha para ele um pouco confusa.

"O que deu em você?" Caitlin pergunta. "Você está estranho."

Ele limpa a garganta.

"Caitlin," ele diz, parando para limpar a garganta de novo. Há algo que venho tentando... hmm... bem... algo que venho tentando lhe pedir a séculos. Todas as vezes que tento, algo parece acontecer. Mas agora, creio que é chegado o momento certo."

Ela olha para ele confusa, e ele percebe que ela não faz a mínima ideia sobre o que ele está falando.

"Eu trouxe você até aqui por uma razão," continua ele. "Este é um lugar muito especial para mim... e para minha família... há séculos. Ele me pertence agora, é um lugar que eu posso chamar de lar. Um lugar que, espero, possamos chamar de lar juntos."

Caitlin se vira e olha para o castelo, perdendo a respiração com a cena. Ele estica os braços e a segura pelos ombros, e ela volta a olhar para ele.

Seus olhos castanhos brilham sob a luz do sol da manhã. Ele ergue a mão e acaricia o rosto dela, ajeitando seu delicado cabelo castanho.

"Caitlin," ele diz, "quero passar o resto de minha vida ao seu lado, e há algo muito importante que preciso lhe perguntar."

Ele leva a mão ao bolso, sente a presença do anel e sabe que deve prosseguir.

Lentamente, ele retira o anel do bolso e, segurando-o na mão, se ajoelha.

Chegou a hora de passarem o resto da vida juntos.

CAPÍTULO TREZE

Sam voa pela manhã, com Polly ao seu lado, indo na direção do Castelo de Warwick. Polly mantém sua distância, e ele a dele. Ele está surpreso que ela tenha decidido acompanhá-lo; ela havia deixado claro estava fazendo isso por razões puramente profissionais, para equilibrar as equipes, dois e dois, na busca pelo Escudo. Ela havia argumentado que Caitlin não precisaria de reforços, tendo Caleb ao seu lado, mas que Sam poderia muito bem precisar de ajuda.

Sam fica um pouco ressentido. Ele não precisa de ajuda, e se sente bem sozinho. Mas ele aprecia a companhia de Polly, embora ela às vezes fale demais, e está feliz que ela tenha decidido acompanhá-lo. Ele sorri por dentro, percebendo o quanto deve ter sido difícil para ela admitir que gostaria de acompanhá-lo, já que ela estava tentando tanto, desde o começo, manter uma certa distância dele.

Mas desde então, durante todas aquelas horas de vôo, ela havia mantido uma boa distância, e não havia dito uma palavra. Ele agora está começando a se perguntar se ela gosta dele de alguma forma que seja.

A separação de Caitlin o havia deixado transtornado. Ele tinha ficado feliz por ter finalmente a reencontrado, e estava começando a se sentir confortável no Castelo de Windsor – especialmente depois daquele banquete e dos aposentos incríveis onde haviam passado a noite. A última coisa que ele gostaria de fazer é sair do lado de Caitlin, sobretudo depois da dificuldade que havia sido para encontrá-la, assim como também não gostaria de deixar o castelo. Mas está claro pela carta de seu pai que é exatamente isso que precisam fazer – seguirem cada um o seu caminho e que o procurem em direções diferentes.

Ele se pergunta o porquê de tudo aquilo. Eles tinham destinos distintos? Eles algum dia se reencontrariam, continuando sua busca no mesmo caminho? E seu o destino dele era diferente, qual eram as diferenças em relação ao destino de Caitlin? Por outro lado, ele gosta de ter sua própria pista, exclusivamente sua. Ele está curioso para descobrir onde esta pista o levará, para ver o que Warwick reserva para ele e, finalmente, descobrir o que do que se trata a tal busca.

Eles sobrevoam uma colina e diante deles, no horizonte, surge um enorme castelo – a única estrutura por centenas de milhas. Obviamente, aquele é o famoso castelo de Warwick. A luz do sol da manhã ilumina o castelo com tons de laranja, e mesmo a esta distância, Sam pode ver que é um castelo antigo. A construção é grande e faz com que Sam se lembre do Castelo de Windsor, com seus muros altos, baluartes e pátios a céu aberto. Este castelo não é tão grande quanto Windsor, mas tem algumas características distintas, como uma torre altíssima de dezenas de metros de altura, construída sobre uma colina, e diversas outras torres menores.

O Castelo de Warwick, Sam percebe, também foi construído às margens de um rio, e assim é protegido pela água em um de seus lados. Como Windsor, ele é completamente rodeado pela natureza, por fazendas e plantações por todos os lados. E o castelo é a única construção por centenas de milhas, o que lhe dá um ar ainda mais imponente diante da paisagem majoritariamente rural. A estrada de terra que dá acesso ao castelo se estende interminavelmente, gradualmente subindo a colina e dando a tudo um ar ainda mais suntuoso.

Do ponto de vista de Sam, entretanto, o castelo não é tão impressionante. Na verdade, dali de cima, a construção lhe parece bela, especialmente sob a luz da manhã.

Polly o surpreende, mergulhando de repente para ver tudo mais de perto, sem ao menos lhe dar um aviso. Típico. Ele a segue de perto, mergulhando atrás dela para também poder ver.

As torres estão guardadas por soldados em todas as direções, e ao se aproximarem, Sam pressente algo e vê que Polly também. Aqueles não são soldados normais – são todos soldados vampiros.

Mas Sam não pressente qualquer perigo. Pelo contrário, ele sente uma grande afinidade. A excitação toma conta dele ao perceber que ele está no lugar onde deveria estar, - o local onde seu pai gostaria que ele estivesse. Seu pai estaria atrás daqueles portões?

Ao circularem o castelo, Sam se pergunta onde eles deveriam pousar. Seria melhor aterrissarem na estrada se andarem até os portões? Ou deveriam apenas mergulhar e pousar diretamente no pátio interno do castelo?

Ele está prestes a perguntar a opinião de Polly, quando de repente ouve algo atrás dele e se vira.

Atrás dele, para sua surpresa, Sam vê dezenas de vampiros, voando em linha reta como um bando de morcegos, diretamente na direção

deles. Parece ser um pequeno exército vampiro, e a esta distância, Sam não consegue perceber que eles têm a intenção de atacá-los.

"Polly!" ele grita.

Ela vira, e também vê os vampiros se aproximando.

Sam instintivamente fica entre ela e os vampiros, protegendo-a caso eles decidam atacar. Ele se prepara para um confronto, pronto para encarar o que for preciso, embora ele já possa perceber, pelo número de vampiros, que eles estão em clara desvantagem.

Os vampiros voam diretamente no rumo deles, e então param a apenas alguns metros de distância. Sam e Polly também param, flutuando no ar enquanto os encaram. A poucos metros deles, o vampiro líder os encara abertamente.

"Aiden nos mandou aqui para buscá-los," ele diz.

O vampiro não age como um amigo, mas também não demonstra muita hostilidade.

Polly se adianta, passando por Sam.

"Aiden?" ela pergunta esperançosa.

O vampiro confirma, fazendo um sinal com a cabeça.

De repente, os olhos de Polly se iluminam.

"Tyler? É você?" ela questiona.

A expressão facial do vampiro se suaviza, à medida que ele parece reconhecê-la.

"Polly?" ele pergunta.

Os dois se aproximam um do outro e se abraçam.

Sam não consegue deixar de sentir uma pontada de ciúme, e percebe que seu rosto se enrubesce.

"Aiden vive aqui? Vocês todos vivem aqui?" Polly pergunta, e seus olhos se enchem de esperança.

Tyler confirma com a cabeça.

"Vivemos aqui há séculos," ele diz.

Tyler se vira e olha para Sam, com curiosidade nos olhos.

"Este é Sam," Polly diz finalmente. Mas ela havia demorado demais, pensa Sam, irritado.

Tyler olha na direção de Sam, também parecendo um pouco enciumado, e simplesmente assente friamente com a cabeça.

"Bem, o que estamos esperando?" Polly pergunta alegremente "Mal posso esperar para rever Aiden!"

Ela está prestes a se aproximar para o pouso, mas Tyler estica o braço e a impede.

"Sinto muito, Polly," ele diz. "Ele quer ver apenas Sam por ora."

Polly se vira e olha para Sam, surpresa. Sam também parece surpreso.

"Mas, por favor, desça e junte-se a nós. Você pode participar os duelos no pátio enquanto os dois conversam."

Polly analisa o grupo de vampiros, vê alguns rostos conhecidos e se aproxima, envolvendo-os em um abraço em pleno ar. Eles mergulham juntos no ar, em direção ao chão, formando um grupo bastante animado.

Tyler fica para trás, encarando Sam friamente.

"Siga-me," ele diz, mergulhando na direção oposta, rumo à torre solitária em um dos cantos do castelo.

Sam flutua por alguns instantes, observando Polly se afastando na direção oposta.

Relutantemente, ressentido, ele se vira e segue Tyler.

* * *

Sam segue Tyler, emburrado, pelo pátio do castelo. Uma parte dele está admirada pela arquitetura ao seu redor, e todo aquele calcário antigo. O lugar se parece um pouco com o Castelo de Windsor, mas é menor e mais antigo.

"William, O Conquistador construiu este lugar em 1066," Tyler informa enquanto caminham. "Ele está aqui há mais tempo que nós."

Sam ouve sem prestar muita atenção, seguindo Tyler de longe. Eles andam por várias trilhas, atravessando passagens, arcos e corredores de pedras enquanto segue o garoto. Ele presume que esteja sendo levado até Aiden, mas está apenas parcialmente interessado.

Surpreendentemente, pensamentos sobre Polly dominam a sua mente. Ela ama Tyler? Ela realmente não se importa com Sam? E por que ele se importa com isso? Ele não havia considerado que gostasse realmente dela, mas agora, ele começa a perceber que talvez sinta mais por ela do que estava disposto a admitir.

Ele fica ressentido consigo mesmo. Ele havia prometido para si mesmo que não se permitiria apaixonar-se por outra garota, especialmente tão rápido. Mas agora, ele percebe que está ficando distraído por pensamentos a respeito dela. Ele sabe que talvez isso não signifique qualquer coisa, que talvez estivesse apenas

desprevenido. Ele tenta tirar Polly da cabeça, e se concentra no que Tyler está dizendo.

"Você ouviu o que eu disse?" pergunta Tyler.

Eles param diante de uma enorme porta aberta, com uma grande aldrava no formato da cabeça de um leão. Sam olha para ele, e percebe que tinha prestado atenção.

"Eu a amo," Tyler diz. "Polly."

O coração de Sam bate acelerado. Então é verdade.

"Mas não desse jeito. Eu a amo como a uma irmã. Já sou casado," Tyler diz.

Ele coloca a mão sobre o ombro de Sam.

"É óbvio que ela ama você, cuide bem dela," ele pede.

Com isso, ele se vira e começa a se caminhar, se afastando do pátio. Sam o acompanha com o olhar, completamente surpreso.

Ele está em choque. Polly? Amá-lo? O que fez Tyler pensar isso? Sam Não tinha percebido qualquer coisa. Como assim, é óbvio? Nada lhe parece tão óbvio.

"Mas e o Aiden?" Sam grita, enquanto Tyler continua a se afastar.

Tyler vira e olha para ele com um sorriso nos lábios.

"Eu lhe disse, passe pela porta. Receio que este seja um caminho que você deve seguir sozinho."

Sam se vira e atravessa porta, encontrando um lance estreito de escadas circulares diante dele. Ele entra e começa a subir os degraus, andando em círculos. Ao fazer isso, ele passa diante de pequenas janelas nas pedras, mais parecidas com pequenas

frestas, pelas quais pode vislumbrar a paisagem, especialmente à medida que ascende.

Após centenas de degraus, Sam está começando a se sentir cansado quando finalmente chega ao topo. Ele sobe o último degrau e chega ao topo de uma torre branca, rodeada por um parapeito.

Ali, de costas para ele, está um homem vestindo uma túnica branca comprida, com cabelos prateados e uma barba comprida, segurando um cajado.

Ao chegar ao topo, Sam não consegue deixar de se impressionar com a vista: ele pode ver todo o interior se estendendo por milhas e milhas em todas as direções. Ele se sente um pouco nervoso parado ali, com Aiden de costas para ele, e começa a se perguntar por que teria sido chamado. O que Aiden tem para dizer a ele? E por que a pista de seu pai o tinha levado até ali, até aquele lugar?

O que quer que seja, Sam, desafiador como sempre, está ressentido por ter sido convocado, está ressentido por ter que ficar ali, como uma criança, esperando pela vontade de Aiden.

"Sim," diz a voz rouca de Aiden, ainda de costas para Sam, "você está ressentido. Você fica ressentido com tudo, posso sentir o rancor cursando suas veias."

Sam fica chocado com a facilidade de Aiden em ler seus pensamentos. Ele fica envergonhado, mas também se sente compreendido pela primeira vez.

Aiden se vira lentamente. Seus olhos enormes são de um azul vívido.

"E é precisamente por isso que você não evoluiu em sua busca," Aiden completa.

Quando Aiden encara Sam com seus olhos azuis brilhantes, ele tem dificuldade em se concentrar. Ele sente que seus pensamentos estão sendo lidos, ao mesmo tempo em que pensa neles, e se sente quase hipnotizado pela presença de Aiden. Ele tem dificuldade em formular suas palavras, e para decidir como responder.

Vários momentos de silêncio se seguem, até que Aiden finalmente suspira.

"Seu problema, Samuel, é que você se deixa dominar por suas emoções. Seu amor, seu desejo – por Samantha, Kendra e por Polly, sua raiva e seu ressentimento, sua vingança - você está rodeado por emoções, e não aprendeu como evoluir além delas. Precisa aprender a controlá-las, como sua irmã fez."

Aiden anda lentamente, olhando para o horizonte.

"Quando ela chegou até mim, ela era muito parecida com você; controlada pela raiva, pela fúria e pelo ódio, um produto da infância difícil que viveu – que vocês dois tiveram."

Ele para e olha para Sam.

"Mas ela aprendeu a controlar tudo isso, e a controlar a si mesma. Ela aprendeu como se tornar maior que seus próprios sentimentos e emoções, mas temo que você, ainda não. Você ainda é imprudente, viajou centenas de anos no tempo, mas ainda é jovem, ainda é um adolescente."

Sam sente-se enrubescendo, ficando na defensiva, pronto para responder à altura, contrariar Aiden, sair correndo da sala e fazer todas as coisas que geralmente faz. E naquele exato instante ele percebe, pela primeira vez, que é exatamente a isso que Aiden se refere. Ele percebe que Aiden está certo, e que o tinha analisado perfeitamente – ele não está em controle de suas emoções ou de si mesmo.

E pela primeira vez, Sam se sente determinado a aprender como fazer isso. Aprender como não deixar-se levar pelas emoções, agindo por impulso, retrucando ou fugindo dos problemas. Para sua surpresa, ele permanece onde está e presta atenção no que ouve.

Aiden deve ter pressentido a mudança no ar, pois ele se vira e encara Sam.

"Sim, muito bem," ele diz lentamente. "Vejo que você demonstra potencial. Mas é claro que sim: você é da mesma linhagem que Caitlin. Mas no seu caso, é mais complicado. Ela foi transformada por Caleb, e você foi transformado por Samantha. Uma profunda escuridão a domina, e deve estar presente em você também. Caitlin pediu para ser transformada, e você não. E Samantha o preencheu com sua escuridão."

Aiden anda.

"Então, diferente de Caitlin, você tem as duas coisas dentro de si. A luz e a escuridão, o Bem e o Mal. Até agora, você superou a escuridão, mas você deve ser forte para nunca se entregar a ela. Ela lhe trás grandes benefícios, dando-lhe mais força física do que Caitlin jamais poderá conseguir. Mais força que praticamente qualquer outro vampiro. Mas este mesmo poder também possibilita a sua derrota, e o coloca em uma missão completamente diferente."

"Qual é minha missão?" Sam pergunta, pronunciando as palavras pela primeira vez, sua garganta seca. "A carta de meu pai me trouxe até aqui. Onde está a próxima pista?"

Aiden balança a cabeça, parecendo desapontado.

"Tão impaciente," ele diz. "Você está interessado apenas no que lhe beneficia, em encontrar a próxima pista e continuar o seu caminho. Mas nunca lhe ocorreu que talvez, *eu* seja a pista."

Sam o encara, completamente estupefato. *Aiden? A pista?*

“Na verdade, você não foi enviado até aqui por causa de algo material. Você veio até aqui para me ver, enviado pelo seu pai. Você veio até aqui para receber treinamento. Encontrar seu pai não é o seu destino. Seu destino é guardar a missão de Caitlin; você não é o Escolhido, Caitlin é.”

Sam fica devastado ao ouvir aquelas palavras. Por um lado, ele ficaria honrado em tomar conta de Caitlin, em protegê-la. Mas por outro lado, ele também gostaria de ser escolhido, de se sentir especial, e ouvir aquilo deixa ele arrasado. No fundo, ele já sabia que não era tão especial quanto ela. E agora, tinha recebido a confirmação.

“Você é especial,” Aiden o corrige, ao ler seus pensamentos, “mas de uma forma diferente. Você foi enviado a mim por seu pai para que se torne o vampiro que deve ser. Para que aprenda a controlar suas emoções, a invocar seu verdadeiro poder interior. E para aprender como cuidar direito de Caitlin, até que ela cumpra sua missão. Você também vai encontrar seu pai, um dia, mas a missão deve ser cumprida por ela.”

Sam sente a raiva se acumular dentro dele.

"E se eu não quiser treinar com você? E se eu não quiser ficar aqui? E se eu disser que não quero cuidar de Caitlin? Você está dizendo que eu não tenho escolha?"

Aiden balança a cabeça devagar.

"A vida é o que você deseja fazer dela," ele responde de maneira enigmática.

E isso é tudo o que ele diz.

Sam fica parado ali, espumando de raiva, querendo sair dali e sem saber o que fazer.

Aiden dá um passo adiante e o encara atentamente.

"Você tem liberdade total para ir embora, se quiser. Ninguém vai forçar você a ficar aqui; você pode ir, mas nunca será livre. Por que até que tenha aprendido a controlar seus poderes, seu maior inimigo será você mesmo."

CAPÍTULO CATORZE

Kyle voa pela noite Londrina, sentindo-se mais feliz do que em anos. Ele não consegue lembrar há quanto tempo não se divertia assim. Ver o urso partir aqueles humanos em pedaços, vê-los pisoteando uns aos outros na tentativa fútil de fugir, havia lhe causado imenso prazer. Ele abre cada vez mais o sorriso ao repassar as cenas das pessoas correndo e gritando enquanto eram despedaçadas – e uma imagem em particular, do urso partindo um homem ao meio. Ele se sente como uma criança de novo, e fica surpreso ao pensar que aquela noite, assim como toda sua estadia em Londres, estava se saindo muito melhor do que ele havia planejado.

Ele lembra que havia infectado todos aqueles ratos no cais, e os imagina agora, correndo pelas ruas da cidade, infectando outros ratos enquanto carregam a peste para todos os cantos de Londres.

Ele consegue visualizar em sua mente todas as pulgas que aqueles ratos deviam ter, e todas as pessoas que as pulgas iriam picar. A peste, em questão de algumas horas, começaria a se espalhar como

fogo. Ele solta uma gargalhada, sem conseguir se controlar. Ele nunca teria imaginado que se divertiria tanto, em tão pouco tempo.

E se isso não fosse suficiente, ele agora estava indo visitar seu velho amigo Thor, que ele não via há muitos séculos. Thor havia sido estúpido o suficiente para deixar que um ninho de vampiros rivais o prendesse em uma prisão humana dentro da Torre de Londres. Sua cela é especial e, diferente das outras prisões, esta não é subterrânea, e fica nos níveis mais altos da torre. Kyle fica animado com a possibilidade de rever seu velho amigo, e com a gratidão que ele sentiria quando Kyle o libertasse.

Não que Kyle quisesse, necessariamente, fazer algum favor para ele. Thor era cruel, egoísta e manipulador – o motivo exato que havia tornado a amizade possível – e Kyle não está ansioso pela convivência. Mas Kyle sabe que se lhe oferecer a liberdade, Thor seria forçado a revelar o esconderijo do veneno vampiro. E com o veneno em suas mãos, Kyle finalmente seria capaz de matar Caitlin e todos os seus amigos idiotas.

Kyle voa com pressa, olhando para trás para ter uma última visão do estádio em chamas, o brilho agora já distante no horizonte. Mesmo a esta distância, ele ainda consegue sentir o calor, e ouvir os gritos fracos dos humanos pisoteados e queimados vivos, e isso renova suas energias.

Seria apenas uma questão de dias até que toda a cidade abaixo dele, naquele momento um emaranhado de tochas acesas, se tornasse um imenso cemitério a céu aberto. Talvez, se ele matasse um número suficiente deles, ele poderia dizimar toda a raça humana de uma só vez, enquanto mata Caitlin e toda sua turma.

Kyle mergulha baixo, aumentando sua velocidade ao sobrevoar o Tamisa. Ele vira para a esquerda e a vê diante dele, a Torre de Londres. Ele dá mais uma volta e tem uma visão completa da torre,

e as lembranças de todas as vezes que já havia estado ali ao longo dos séculos de repente surgem em sua memória.

Kyle se lembra de quando a torre tinha sido construída, por William o Conquistador em 1066. Naquela época, ela era apenas uma única torre. Ao longo dos séculos, eles a tinham ampliado, construindo um, complexo ao redor dela, com diversas torres e até mesmo um palácio, e protegido tudo com grandes muros de defesa, além de um fosso. A construção tinha sido considerada um espantoso feito arquitetônico na época, e ainda é bastante impressionante, erguendo-se acima de quase todas as outras construções de Londres. Com os anos, os humanos a tinham usado para diferentes propósitos – para guardar o tesouro real, a corte e mais notoriamente uma prisão e centro de execuções. Aquele é um dos lugares favoritos de Kyle em toda a Europa.

Ao circular mais uma vez, Kyle consegue ver como o lugar está fortificado. Diferente do século XXI, quando a torre havia se tornado apenas mais um ponto turístico, agora, no século XVI, a torre é um forte e prisão em funcionamento. Centenas de soldados a cercam, em todas as direções, impedindo que qualquer pessoa se aproxime, e que qualquer prisioneiro possa escapar. Um exército de soldados britânicos fica em pé diante de seus muros, em cima de suas torres, sobre a ponte levadiça e ao redor do fosso, e ainda patrulham os pátios. É um complexo enorme, e há guardas por todas as partes.

Kyle voa ainda mais baixo, aproximando-se dos balaústres, usando sua incrível visão apurada para analisar cada detalhe da estrutura. É exatamente como ele se lembrava, com quatro grandes torres, espalhadas nos quatro cantos, construída quase em um quadrado perfeito. Ele dá mais algumas voltas, tentando descobrir onde Thor pode estar preso. Antigamente, eles mantinham os prisioneiros vampiros mais perigosos nos níveis subterrâneos da prisão. Mas as fontes de Kyle haviam dito que os humanos tinham criado uma cela especial há mais ou menos um século, na torre mais alta da prisão, um lugar em que nenhum vampiro jamais seria capaz

de libertar o outro. Ele tinha ouvido rumores de uma cela de prata produzida por encomenda, com paredes externas de pedra e o interior completamente revestido por uma chapa maciça de prata, com trinta centímetros de espessura e barras de prata na janela.

Ao dar mais uma volta, Kyle de repente sente algo. Bem ali, na torre da asa Nordeste. Ele pode sentir a prata mesmo a esta distância, e ao se aproximar, tem certeza que encontrou o lugar certo. Ele sabe que, sem dúvida alguma, Thor está ali dentro.

Kyle mergulha e pousa diretamente sobre a torre. Há um guarda a postos em um dos lados, e quando Kyle aterrissa atrás dele, o guarda lentamente se vira. Ele olha para Kyle surpreso, surgindo do céu, e deixa sua baioneta cair no chão. Seus olhos se abrem de espanto ao ver o rosto desfigurado de Kyle, parado a apenas alguns metros dele.

Kyle sorri, e antes que o humano possa reagir, ele dá dois grandes passos e o pega no colo, arremessando-o sobre o parapeito. O humano despenca, sacudindo os braços e gritando, e Kyle inclina o corpo para poder assistir quando seu corpo chegasse ao chão.

O guarda havia feito muito barulho: agora guardas aparecem de todos os lados e olham para ele.

Ele tinha sido estúpido, e sabe disso; deveria ter apenas se aproximado devagar e partido o pescoço dele, silenciosamente. Mas Kyle não tinha conseguido resistir: ele adora ver humanos caindo de grandes alturas, – é um de seus hobbies favoritos – e ele não havia conseguido se segurar.

Mas agora ele teria que enfrentar as consequências. Dezenas de guardas assopram seus apitos, e começam a correr na direção dele.

Kyle tem que agir rápido. Ele fecha o punho, se concentra e dá um soco no chão de pedras embaixo dele.

As grossas paredes de granito se partem, e pedras voam para todos os lados.

Mas Kyle tira a mão depressa, sentindo dor; ele havia acertado um pedaço de prata maciça. Ele estava preparado para isso. Ele enfia a mão em sua bolsa, pega seu pó especial e espalha um pouco em cima da prata. Ele ouve um chiado e a reação libera uma espécie de nuvem de vapor; Kyle se afasta um pouco, saindo do caminho, à medida que a prata é corroída. Finalmente, um buraco grande o suficiente para o corpo de Kyle se forma, e ele pula para dentro.

Kyle despenca uns três metros, caindo em pé no chão de pedras da cela. Diante dele, apenas a alguns metros, está seu velho amigo, Thor. Thor fica parado, fazendo um careta, com uma enorme cicatriz atravessando seu nariz. Ele ainda é tão feio e nojento quanto Kyle se lembrava.

"Por que você demorou tanto?" Thor reclama.

Kyle sorri. Esse é o velho Thor de sempre, grosseiro e ingrato. O reencontro lhe traz boas lembranças.

"Você tem sorte que eu tenha vindo," Kyle responde.

Thor apenas o encara.

"O que você quer?" ele pergunta. "Sei que um desgraçado interesseiro como você não perderia seu tempo a não ser que tivesse algo em mente."

Kyle sorri. Pelo menos Thor não estava disposto a perder tempo.

"O veneno," Kyle fala. "Aquele que você usou na Idade Média. Aquele que matou o líder de nosso coven, o veneno vampiro. Eu preciso dele agora."

Thor abre lentamente um sorriso torto e cruel.

"E por que acha que eu o ajudaria? Posso de repente resolver ficar aqui e apodrecer, pelo simples prazer de não lhe dar aquilo que deseja. Além disso," ele completa, "você já fez o favor de abrir um buraco na parede – e agora posso escapar sem a sua ajuda. Na verdade, acho que é isso mesmo que vou fazer."

Thor se adianta e empurra Kyle, e Kyle vê seu corpo sendo arremessado vários metros para trás, de encontro com a parede.

Kyle está chocada, pois não lembrava que Thor era tão forte. Talvez todos aqueles séculos trancado ali tenham feito com que sua força, de alguma forma, se acumulasse. Kyle consegue se recuperar bem a tempo de ver Thor prestes a saltar para fora pelo buraco no teto.

Kyle parte para a ação. Ele corre e agarra as pernas de Thor no último instante, e puxa ele para baixo novamente. Ele gira o corpo de Thor e bate com força com ele contra a parede. Agora é Thor que se mostra surpreso. Ele enxuga o sangue dos lábios, arquejando.

"Se você ficar enrolando, eles irão tampar aquele buraco," ele fala para Kyle, "e ambos ficaremos presos aqui."

"Que assim seja," Kyle responde. "Se eu não conseguir o que quero, então você também não conseguirá."

Thor olha para ele, transpirando, parecendo estar em pânico.

"Você está blefando," Thor diz. "Não arriscaria ficar preso aqui."

Kyle sorri.

"Seu desgraçado," Thor fala. "Você faria isso de verdade, apenas para me irritar?"

A expressão de Thor se transforma e ele ataca Kyle com um grito furioso. Kyle também grita, indo de encontro ao amigo.

Os dois se encontram no meio, como dois touros, com um tremendo estrondo. Seus gritos e gemidos preencher o lugar, enquanto ambos testam a força do outro, lutando em pé e deitados, de um lado ao outro da cela. Eles destroem tudo que existe ali, mas não conseguem chegar ao vencedor. Eles vão ao chão e seguram um ao outro, gemendo e transpirando, casados, sem que um consiga superar o outro.

De repente, uma dúzia de guardas no buraco acima deles, olhando para dentro e gritando.

"Eles vão fechar aquilo em um minuto," Thor fala.

"É a sua liberdade," Kyle responde, sem dar o braço a torcer.

Eles continuam tentando se enforcar por mais alguns segundos, até que finalmente Thor para de apertar o pescoço Kyle.

Ele se afasta, balançando a cabeça.

"Você não mudou," ele diz. "Nem um pouco. Você ainda é um bastardo teimoso."

"Isso quer dizer que vai me dar o veneno?" Kyle pergunta.

"Se me prometer que nunca mais vou ter que olhar para essa sua cara feia."

Kyle sorri.

Ele salta de repente no ar, atravessando o buraco no teto e derrubando vários guardas no caminho, enquanto eles estavam se preparando para colocar uma enorme placa de prata sobre ele. Thor o segue, chutando vários guardas para fora do caminho e jogando outros para o baixo.

Kyle seguro um dos guardas pelos pés e gira o corpo, derrubando mais alguns guardas como pinos de boliche de cima da torre. Então, com uma última volta, ele joga o soldado o mais longe que consegue. Kyle observa com alegria quando ele sai voando, dando piruetas pelo ar, e cai no chão com um grito.

“Onde está?” Kyle pergunta para Thor.

“Ali, dentro da torre.”

Os olhos de Kyle se abrem de espanto. Ele havia imaginado que teriam que viajar longe para encontrá-lo; ele nunca teria suspeitado que Thor pudesse ter escondido seu tesouro mais valioso bem debaixo dos pés de seus captores.

Thor de repente atravessa o pátio voando e Kyle o segue de perto. Ele mergulha e aterrissa na plataforma em cima da torre.

Thor se dirige até uma pedra um pouco maior que as demais e se abaixa. Ele remove um pouco da argamassa e revela um compartimento secreto. Kyle se aproxima, e fica surpreso ao ver um frasco pequeno com um líquido verde brilhante; ele estica o braço para pegá-lo.

Thor estica o braço e segura em seu pulso, impedindo que ele toque o frasco.

“Se encostar a mão no frasco, você morre,” Thor lhe diz. “Ele é poroso.”

Thor enrola a manga de sua camisa ao redor da mão e pega o frasco. Então, ele ergue a mão para que Kyle possa enxergar melhor. O líquido borbulha, brilhando intensamente sob a luz do luar.

Kyle está muito surpreso que Kyle tenha salvado sua vida, e furioso consigo mesmo por ter sido tão todo e quase pegado aquilo nas mãos.

"Por que não deixou que eu o pegasse?" Kyle pergunta. "Por que não deixou que eu morresse?"

Thor olha para ele e sorri.

"A vida é um pouco mais interessante com você nela." E então abre ainda mais seu sorriso. "E afinal de contas, para que servem os amigos?"

CAPÍTULO QUINZE

Caitlin fica ali, no topo do morro, olhando para Caleb, e por mais que se esforce não consegue imaginar por que ele está agindo de forma tão estranha. Ela nunca o tinha visto tão nervoso, sem saber o que dizer. Ela chega a pensar que está vendo gotas de suor na testa dele, e ela nunca o tinha visto transpirar antes. Por que ele está tão nervoso? Estar de volta naquele lugar, a casa de sua família, estaria deixando Caleb nervoso por algum motivo? Ela se pergunta. E o que ele quer falar com ela?

Caleb repente se ajoelha, mantendo os olhos fixos nela.

"Caitlin, eu já vivi muitos séculos, mas você é o primeiro e único amor da minha vida. Se eu tiver que viver mais mil anos, é certamente com você que gostaria de viver daqui pra frente."

De repente, algo se encaixa na cabeça de Caitlin. Ele está de joelhos. Ele está falando de passar o resto de sua vida com ela. Ele enfia a mão no bolso, e, enquanto ela observa, ele tira uma pequena caixa de veludo preto de dentro dele.

Seu coração pula dentro de seu peito. Ela está completamente surpresa. Ela não esperava que ele fizesse isso.

Ela adora Caleb com todo o seu coração, e sempre sonhou que eles pudessem ficar juntos para sempre, e que ela poderia passar a eternidade com ele. Mas até então ela não sabia se ele sentia o mesmo, se ele a amava tão intensamente quanto ela o amava. E no mundo dos vampiros, para sempre realmente significa *para sempre*, e ela havia presumido que os vampiros raramente, ou nunca, se casassem. Ela sempre havia acreditado que, se um vampiro pedisse outro vampiro em casamento, então, esta, mais do que qualquer outra coisa, seria uma prova de amor verdadeiro. Isso faz com que o amor humano não seja nada em comparação. O amor vampiro é um amor que realmente significa para sempre.

Ela já se sente como se tivesse conhecido Caleb há muitas vidas. Tudo parece certo quando ela está com ele. E quando ele se ajoelha diante dela, e ela abre a caixa e vê aquele anel enorme de safira e rubi, a emoção toma conta dela.

Ela estava sendo pedida em casamento. Instado a se casar. Para passar uma vida inteira com alguém. Há um homem no mundo que a ama o suficiente para querer passar a eternidade com ela. Ela mal consegue respirar.

Quando Caitlin ainda era jovem, uma menina, ela sonhava em um dia como este. Mas ela nunca tinha ousado imaginar, mesmo em seus sonhos mais loucos, que algo assim aconteceria em lugar tão bonito como este, no topo de uma colina, com vista para uma bela paisagem, em um castelo antigo lindo e, mais do que qualquer coisa, pelo homem que a amava. E ela nunca havia imaginado que ganharia um anel tão requintado, tão magnífico. Ela se sente mal até mesmo em pegá-lo nas mãos.

"Caitlin," continua ele, abrindo lentamente um sorriso, "você quer se casar comigo?"

Ele tira lentamente o anel de dentro da caixa, e o oferece a ela. Ela estende lentamente a mão, que está tremendo, e ele o coloca em seu dedo. Caitlin está tremendo bastante, e mal consegue falar. Ela gostaria de poder gritar sim, mas sua garganta fica seca, e sua voz fica presa em sua garganta.

"Sim", ela finalmente consegue sussurrar, ao começar a chorar. "Mil vezes, sim."

Caleb fica em pé, e eles se abraçam. É tão bom poder abraçá-lo, sentir os braços dele ao redor de seu corpo, e ela sente as lágrimas escorrendo pelo seu rosto assim que ele a envolve em um abraço. Isso é tudo o que ela quer do mundo. Ficar com o homem que a ama tanto quanto ela o ama. E ficar com ele para sempre. Saber que ele lhe pertence, e que sempre será seu.

Caitlin se inclina para trás, e Caleb faz o mesmo, e os dois ficam ali, olhando dentro dos olhos um do outro, a apenas alguns centímetros de distância. Ela pode ver o amor em seus olhos, e ambos se aproximam para um beijo. Ela sente todo seu mundo se derreter com aquele beijo, que dura alguns segundos.

Por fim, lentamente, eles se separam. Ela ergue o braço e coloca a mão no rosto dele.

"Eu te amo", ela diz. "E eu sempre te amarei."

"Mãe?" diz, de repente, uma voz.

Ambos se viram e veem Scarlet e Ruth pulando em direção a eles. Caitlin se ajoelha e estende a mão, dando-lhe um grande abraço quando Scarlet corre em direção a ela. Ela a segura, dando voltas de alegria.

"O que aconteceu?" pergunta Scarlet. "Por que você está chorando?"

Caitlin a coloca no chão, e segurando-a pelos ombros.

"Scarlet", ela fala, "nós temos uma notícia muito boa para você. Vamos nos casar! "

Casada. Parece tão surreal dizer aquela palavra. Quando faz isso, a palavra ressoa através de seu corpo como uma bomba. *Casada. Casamento.* Ela não pode acreditar. Ela. Aquilo tudo está realmente acontecendo com *ela*. Não com um de seus amigos. Mas com *ela*.

Scarlet grita em delírio, e Ruth late ao seu lado.

"Casada, casada, casada!" ela grita.

Scarlet pula para cima e para baixo histericamente, e salta para os braços de Caleb, também.

"Posso entrar na igreja? Eu posso ser a menina da flor? Eu posso usar um vestido bonito?"

Depois de rodopiar com ela, com um sorriso enorme no rosto, Caleb a coloca no chão.

"Claro que você pode," ele responde.

"Então, onde vamos viver depois disso? Onde vai ser a nossa casa?"

Caitlin olha para Caleb, que lentamente olha de volta para ela. Ambos sabem que havia chegado o momento de tomar uma decisão final quanto a Scarlet. Ambos podem ler as mentes um do outro: é hora de adotar formalmente Scarlet, para que ela faça oficialmente parte da família deles. Eles adorariam que ela fosse a filha deles. Eles querem tornar oficial o que já estava acontecendo de maneira não oficial, desde o momento em que a conheceram.

Caleb faz um sinal com a cabeça para Caitlin, dando silenciosamente sua permissão para falar em nome dos dois. Caitlin se ajoelha e afasta o cabelo do rosto de Scarlet.

"Querida", diz Caitlin, radiante: "Temos uma notícia ainda melhor para você. Se você quiser, nós queremos que você seja nossa filha. Nossa filha *de verdade*. Nós queremos ser verdadeiramente a sua mãe e pai. Gostaria disso?"

Os olhos de Scarlet se enchem de lágrimas, e as lágrimas escorrem pelo seu rosto.

"Eu estava esperando que um de vocês me perguntasse isso," ela fala.

Ela se aproxima e dá Caitlin um abraço, segurando firmemente a perna dela, em seguida, ela corre até Caleb, e o abraça também. Caitlin a pega no colo, e ela e Caleb a abraçam, dando um beijo em sua testa.

"A partir do segundo que vi vocês," Scarlet disse: "soube que jamais amaria qualquer outra pessoa mais do que amo vocês dois."

CAPÍTULO DEZESSEIS

Sam caminha com Polly ao longo da margem do rio, na periferia do Castelo de Warwick. Após seu encontro com Aiden, ele havia saído do castelo, chateado, e tinha encontrado Polly, que estava se aproximando com seus antigos colegas de coven. Polly tinha visto a expressão em seu rosto, e havia sugerido que os dois dessem um passeio.

Eles estavam andando há horas agora, à beira do rio, sem que Sam tivesse dito uma única palavra. Ele sabe que está sendo rude, e que

deveria estar falando mais, dizendo-lhe o que estava se passando em sua mente, mas ele ainda estava muito transtornado por suas emoções. Tudo o que Aiden havia dito estava girando em sua mente, repetidas vezes, cada pronunciamento saindo como uma nova bomba.

Caitlin era a escolhida, e não ele. Sua missão era apenas a de proteger Caitlin. Ele não era especial. Ele tinha o seu próprio destino. Ele não havia escolhido ser transformado - Caitlin sim. A pessoa que o tinha transformado era mais cruel, do mal. Ele tinha sangue mal correndo em suas veias. Ele tinha uma possibilidade de ser influenciado por seu lado negro. Ele era muito mais poderoso do que qualquer outro vampiro. Mas muito mais vulnerável diante do mal. E a sua pista, a pista de seu pai para ele, terminava aqui. No Castelo de Warwick. Treinar com Aiden.

Sam não sabe o que sentir ou o que pensar a respeito de tudo isso. Uma parte dele está furiosa, gostaria de gritar para Aiden, lhe dizer que ele não sabe do que está falando. Mas outra parte dele, no entanto, no fundo, sente que tudo aquilo é a verdade, que ele sempre havia suspeitado algo assim. Uma parte dele se sente como um fracasso, absolutamente insignificante. Outra parte dele se acha importante, por ser tão poderoso. Ele sente como se estivesse sendo puxado em direções opostas.

Como se tudo isso não bastasse, ele também não consegue parar de pensar sobre o que Tyler tinha dito a ele, antes de se separarem. Que era óbvio que Polly o amava. Sam dá uma olhada na direção dela, e a vê passeando, olhando para a grama, para o rio, para as árvores e para o céu. Ela parece feliz. Mas isso, provavelmente, é só porque ela tinha acabado de se reunir com seus amigos. Não lhe parece assim, tão óbvio, que ela o ama. Na verdade, nem parece que ela gosta muito dele.

No entanto, ela o tinha convidado para esta caminhada, vendo como ele estava chateado. Isso significa muito para ele, e ele aprecia sua

companhia. Ele realmente aprecia que ela tenha respeitado sua necessidade de silêncio, mas percebe que ele provavelmente deve dizer algo para ela agora.

Ele limpa a garganta.

"A reunião não foi exatamente como eu esperava," Sam começa.

Ela olha para ele, preocupada.

"O que você quer dizer?" perguntou ela.

Sam pensa um pouco em como colocar em palavras o que havia acontecido.

"Bem, hmm, Aiden, ele... não é exatamente o que eu esperava."

Polly parece feliz que ele esteja falando novamente.

"Eu sei, ele é o máximo, não é? Ele me ensinou muitas coisas – para todos nós. E para sua irmã, especialmente. Ela é uma pessoa totalmente diferente depois do treinamento com ele", diz ela de uma só vez, animada, como sempre. "O que ele disse para você? O que ele te disse? Aonde a pista de seu pai irá nos levar a seguir?"

Sam balança a cabeça. Com uma voz sombria, triste, ele diz:

"A pista não vai me levar a lugar algum." Ele faz uma pausa. "Esta visita é o fim da linha para mim. A pista me levou até Aiden. Essa era a minha pista. Era uma mensagem do meu pai. Ele quer que eu treine com Aiden."

Polly olha para ele, confusa.

"Eu não entendo," ela diz.

Sam para, e a encara.

"Aiden disse que a minha missão é diferente da de Caitlin. Que *ela* é a única pessoa especial. Que *ela* terá que encontrá-lo. Minha missão é apenas protegê-la."

Polly olha para ele.

"Aiden quer que eu fique aqui. Para treinar com ele. Ele disse que eu ainda não estou pronto. Que eu ainda sou controlado pelas minhas emoções. Que eu tenho muito a aprender. Você concorda?"

Polly olha para ele, e sua expressão se suaviza um pouco.

"Eu acho que todos nós temos muito a aprender," responde ela. "E você pode ser um pouco cabeça quente, sim," diz ela com um sorriso.

Sam consegue deixar de retribuir o sorriso. Polly tem um jeito todo especial que torna difícil para ele ficar com raiva de qualquer coisa.

"Mas ele também disse que eu tenho um lado escuro. Que eu fui transformado por uma pessoa má. Com isso, se eu não tomar cuidado, posso escorregar para o lado negro."

"Mas todos nós temos um lado bom e um lado ruim," diz Polly. "Isso não é necessariamente uma coisa ruim. Ele só nos obriga a sermos disciplinados para ficarmos no lado certo. Eu acho que qualquer um de nós, a qualquer momento, pode ser bom ou ruim, sempre podemos escorregar." Polly faz uma pausa. "A pessoa que me transformou não era o melhor das pessoas," acrescenta ela, baixinho, sua expressão se tornando sombria.

Sam olha para ela com surpresa. Ele nunca havia parado para pensar em quem a tinha transformado.

"Eu nasci uma mestiça, com pai vampiro e mãe humana, e fui abandonada em uma ilha. Mas mais tarde na vida, eu também fui transformada. Completamente transformada por um garoto – um

menino estúpido. Foi um erro de relacionamento. Eu fui apaixonada por ele por quase um minuto. E então eu percebi, tarde demais, que idiota ele era. A primeira de muitas decisões erradas quanto aos garotos, eu acho," diz ela com um suspiro.

Sam olha para ela.

"Então você vê", ela continua, "não se trata apenas de você. Eu tenho a mesma coisa dentro mim, também. E eu não virei para o lado negro. Então, isso não significa que você vá."

Sam se sente melhor por ter falado com ela. Ele não sabe o que teria feito sem ela aqui.

"Então você acha que eu deveria ficar aqui e treinar?" pergunta ele, hesitante.

"Você tem sorte por Aiden ter se oferecido. Você deveria se sentir grato por isso. É claro que você deve ficar. Não quer se tornar o melhor lutador que pode ser?"

Sam pensa nisso. Ela está certa. Ele quer tornar-se o melhor que ele poder ser. E até que Caitlin precise de sua proteção, ele acha que aquele é um lugar tão bom quanto qualquer outro. Sam começa a se perguntar se Polly ficaria aqui, também. Ele sente frio na barriga quando percebe, finalmente, que a quer por perto.

"Você vai ficar, também?" pergunta ele, hesitante, não querendo que ela ouça em sua voz que ele se importa.

Mas seu tom deve ter lhe entregado, porque de repente ela abre um grande sorriso.

"E se eu ficar?" Pergunta ela. "Você vai sentir minha falta?" ela diz, abrindo um sorriso provocante.

Sam olha para o lado, e sente seu rosto ficando vermelho.

"Você está corando," ela diz, com uma risadinha.

O rosto de Sam enrubesce ainda mais.

"Eu hmm... eu nunca... Eu nunca disse que *sentiria sua falta*," responde ele, tropeçando em suas palavras, tentando desesperadamente parecer neutro.

Polly dá uma risadinha.

"Você não precisa dizer nada. Eu posso ver isso em seu rosto."

Sam de repente olha diretamente para ela, e pode ver que ela está retribuindo o olhar. Desta vez, ela usa uma expressão diferente. Pela primeira vez, fica finalmente claro para ele que ela gosta dele. Eles olham nos olhos um do outro, e nenhum deles desvia o olhar.

"Aiden disse que eu não era especial," diz Sam baixinho, olhando em seus olhos.

Polly dá um passo adiante, e coloca a mão em seu rosto.

"Você é especial para mim," ela fala.

Sam sente seu coração batendo acelerado, e ele lentamente se inclina em direção a ela, e ela lentamente se inclina em direção a ele. Ele vê seus lábios se aproximando, e sabe que eles estão prestes a dar o primeiro beijo.

De repente, instantes antes que seus lábios se encontrem, soa uma trombeta. Ambos, assustados, se viram e olham na direção do barulho. Um grupo de seus membros coven está tocando as trombetas, e acenando bandeiras enormes em sua direção.

"Os jogos vão começar!" um deles grita. "Aiden quer vocês dois aqui!"

Passado o momento de intimidade, Sam e Polly olham para os lados, um pouco envergonhados. Ambos se viram e começam a caminhar de volta, mantendo distância, envergonhados até mesmo para andar de mãos dadas diante de todas aquelas pessoas.

Sam, com o coração ainda acelerado, não consegue deixar de se perguntar se teria outro momento como aquele.

CAPÍTULO DEZESSETE

Sergei abre os olhos, e rapidamente levanta as mãos para cobri-los, pois eles queimam com a luz. Ele se esforça para ver onde está.

Ele está deitado na lama, em uma encosta íngreme na margem de um rio. Ele vira a cabeça novamente para longe da luz, cobrindo seus olhos, que parece fazer um buraco em seu crânio. Ele olha para cima e, vendo que está debaixo de algum tipo de ponte em decomposição, ele se arrasta para a sombra, recuando cada vez mais para trás.

Finalmente, ele pode respirar novamente, e abre os olhos devagar. Ele faz uma análise da área ao seu redor, e percebe imediatamente que ele está em Londres. Ele está, de fato, sob a ponte de Londres, uma ponte que ele poderia reconhecer em qualquer lugar. Ele olha para cima e vê a madeira podre por baixo, vê as enormes fundações de pedra do outro lado, vê o desfile de barcos que atravessam o rio Tâmisa. Ele recua um pouco mais, entrando ainda mais embaixo da ponte, e os ratos correm para sair do seu caminho. Na profundidade e escuridão das sombras, ele começa se sentir mais normal.

"Ei, você!", diz uma voz. "Esse é o meu ponto!"

Sergei vê um vagabundo se arrastando em direção a ele, segurando um frasco vazio de gim, cambaleando.

"É melhor cair fora, se você sabe o que é o melhor para você!"

Sergei não está com disposição para lidar com um humano agora. Esta viagem de volta no tempo tinha sido especialmente difícil, e sua cabeça ainda está doendo, como se ele estivesse vivendo mil ressacas de uma só vez.

"Você ouviu o que eu disse?" o mendigo grita. "Eu vou te ensinar uma li..."

Tendo ouvido o suficiente, Sergei de repente se levanta e ataca. Em um único movimento, ele usa suas longas unhas para cortar a garganta do homem. Os olhos do vagabundo se arregalaram em choque quando ele larga a garrafa e estende a mão para tentar estancar o sangue escorrendo de sua garganta. Sergei sente suas presas crescerem de repente, e percebe como estava faminto. Este mendigo, ele percebe, tinha aparecido no momento perfeito.

Vendo as presas que se estendem para fora da boca de Sergei, os olhos do vagabundo se ficam cinco vezes maiores, e ele cambaleia para trás, fazendo o sinal da cruz enquanto tenta fugir. Mas já é tarde demais. Sergei agora está faminto. Ele salta pra frente e afunda suas longas presas no pescoço do homem. O mendigo grita, e Sergei estende o braço e com sua mão livre tampa a boca do mendigo enquanto suga cada vez mais o sangue correndo em suas veias.

Em poucos segundos, ele sente o corpo do mendigo ficar mole. Ele bebe até ficar cheio e, em seguida, deixa o corpo inerte cair na lama. Com o sangue do homem correndo por suas veias, Sergei se sente renovado. Ele olha para o corpo sem vida, e revoltado, dá-lhe um pontapé. Ele rola várias vezes e, em seguida, cai dentro do

Tâmisa, e começa a flutuar lentamente rio abaixo. Sergei sorri com a visão, observando o corpo sem vida flutuado pelo rio. Ele imagina a expressão do pescador que se deparar com ele, vendo-o flutuando ao passar pelo seu barco, e seu sorriso cresce ainda mais. Ele não consegue suportar a humanidade, e deseja que todo o rio estivesse repleto de corpos como aquele.

Mas, enquanto isso, ele tem um trabalho a fazer. Ele tinha voltado no tempo mais uma vez se redimir com Kyle. Ele ainda está determinado a ser o leal servo de Kyle, a liderar o exército dele, e um dia liderar a guerra contra Nova York, se Kyle resolvesse nomeá-lo, e se ele conseguir encontrar seu caminho de volta. Ele sabe que tinha cometido um erro em Paris, deixando Caitlin escapar por entre seus dedos. Ele acha que ele tinha feito o seu melhor para seduzir Polly. Ele a tinha usado e enganado. Ele sorri com a lembrança. Nada o faz mais feliz do que enganar e abusar de mulheres. Mas no final, ele não tinha conseguido. E agora, neste momento, e neste lugar, ele iria fazer as pazes com Kyle. Ele iria encontrar Polly novamente. Ele iria encontrar uma maneira de enganá-la novamente. Esse é seu passatempo favorito. E uma vez que ele já a tinha atraído uma vez, ele se sente confiante de que poder conquistá-la novamente. Desta vez, ele usaria Polly para chegar até Caitlin, e então os ofereceria a Kyle como um troféu.

Sergei sorri ao considerar seu plano. Kyle iria amá-lo para sempre.

O sol está quase se pondo, Sergei está começando a se sentir como um novo homem. A ideia de se aproveitar de Polly, mais uma vez, o enche de uma alegria perversa. Ele está tão tomado de alegria, que não consegue se controlar.

Ele se inclina para trás e invocando suas habilidades vocais, canta uma ária de uma sinfonia de Beethoven. Enquanto canta, com sua voz profissional, cada vez mais alto, habilmente acertando todas as notas, o som ecoa por baixo da ponte, e, lentamente, uma enorme

multidão de espectadores em cima da ponte fica intrigada, todos querendo saber de onde vem aquele som.

Naturalmente, eles não fazem ideia de que a música vem diretamente debaixo deles, de um vampiro singular cuja única intenção é destruir todos eles.

CAPÍTULO DEZOITO

Sam está no campo de treinamento, segurando um bastão longo, enfrentando mais um dos homens de Aiden. Há dezenas de seus guerreiros ali e, até agora, Sam havia enfrentado quase todos eles. Nenhum deles tinha representado qualquer desafio.

Sam não sabe o que é, mas sente como se todos os outros estivessem se movendo em câmera lenta, comparados a ele. Ele antecipa todos os seus movimentos, sempre um segundo a frente deles, sempre pressentindo quando deveria desviar, se abaixar, contornar ou atacar. Todos os confrontos tinham sido como cortar manteiga, e Sam se surpreende com suas próprias habilidades e poder.

Diante dele agora está Cain - grande, musculoso, e segurando um bastão longo como o Sam. Ele parte para o ataque, carrancudo. Mas ele não é páreo para Sam. Enquanto Cain desfere golpes, Sam bloqueia um após o outro. Cain não consegue sequer chegar perto dele.

Quando Sam se sente pronto, ele tira a lança das mãos de Cain com um golpe certo, e a lança voa sobre sua cabeça, caindo no meio

da multidão. Sam segue com um golpe na boca do estômago, e Cain cai de joelhos.

Um gemido surge da multidão, e Sam fica parado ali, vitorioso, tendo derrotado mais um membro do coven. Aiden sai do meio da multidão, em direção a Sam, e para diante dele.

"Você está perdendo", diz Aiden, em tom de desaprovação, balançando a cabeça lentamente na frente de todos.

Sam não sabe o que ele quer dizer com aquilo. Ele tinha derrotado todos que tinha enfrentado até ali, e com facilidade. Ele se sente mais forte do nunca. Ele tinha escutado as lições de Aiden durante toda a manhã, e ele sente como se estivesse seguindo cada uma delas, e se tornando um guerreiro melhor com cada ataque. Como assim, ele estava perdendo? O que ele queria dizer com aquilo?

"Você ainda está lutando a partir do lugar errado", continua Aiden. "Você luta a partir *daqui*," ele estende a mão e toca o coração de Sam, "e não a partir *daqui*," acrescenta ele, estendendo a mão e tocando a testa de Sam.

"Você não sabe o que você está falando," Sam dispara, em tom desafiador. "Nenhum de seus homens foi capaz de me derrotar, e você está envergonhado. É isso que está acontecendo. Lutei com perfeição, e você simplesmente se recusa a admitir isso."

A multidão suspira assustada. Ninguém nunca tinha falado com Aiden dessa forma antes. Mas Sam não sente medo. Ele fala exatamente o que pensa. Aiden balança a cabeça lentamente.

"Reativo", ele fala. "Muito reativo. O fato de você ter ganhado, não significa que ganhará sempre. Ganhar ou perder não importa. Lutar a partir do lugar certo é o que importa. A sua técnica ainda é externa, e não interna. Suas emoções o controlam."

De repente, Aiden extrai um cajado de dentro de seu manto, mexe rapidamente o braço e bate com força na lateral do corpo de Sam. Sam grita de dor, sentindo a pancada nas costelas. Ele cai de joelhos, e olha para cima com espanto. Ele não tinha notado Aiden segurando um cajado e, mais surpreendentemente, ele nunca tinha visto um golpe como aquele. Como poderia Aiden ter se movido tão rápido? Era como se uma hora ele estivesse parado ali e, no momento seguinte, já estivesse sentindo dor.

Sam olha para Aiden, cego de raiva. Ele o tinha constrangido na frente de todos os outros, e *ninguém* fazia isso impunemente. Sam inclina a cabeça para trás com um rosnado primitivo, e salta na direção da garganta de Aiden.

Sam pula através do ar, com ambas as mãos estendidas, na direção exata da garganta de Aiden. Ele não consegue controlar a raiva que toma conta dele. Ele sabe, no fundo de sua mente que deve se controlar, mas não consegue. Ele está fora de si, sedento por sangue, e não se importa com quem Aiden é.

Mas no momento em que Sam espera sentir suas mãos se fechando ao redor da garganta de Aiden, ele sente seu corpo voando pelo ar até cair de cara na lama. Sam se vira, olha para cima e vê Aiden de pé ao seu lado. Como ele tinha feito aquilo? Um segundo antes, Aiden estava diante dele. De alguma forma, ele tinha saído do caminho e jogado Sam, antes que Sam pudesse alcançá-lo.

Aiden ainda está balançando a cabeça.

"Reativo", ele diz. "Previsível. Você confia em sua força, acha que esse é o seu maior trunfo. Mas é também a sua maior fraqueza."

Sam se inclina para trás e rugue, um rugido feroz, sentindo a raiva atravessando o seu corpo como nunca antes. Sem pensar, ele se vira e pega uma lança, erguendo-a e apontando-a para o coração de Aiden.

A multidão fica suspira, horrorizada.

Aiden consegue se esquivar, e a lança passa voando por ele, indo para em uma árvore a muitos metros de distância.

Sam se dá por vencido. Ele pega a primeira arma que vê diante dele, um enorme machado de batalha, erguendo-o com as duas mãos, e parte para cima de Aiden. Mesmo enquanto faz isso, Sam, em algum nível, lá no fundo, fica chocado com suas próprias ações. É como se uma estirpe do mal tivesse tomado conta dele, algo que ele não consegue prever ou controlar, forçando-o a fazer aquilo. No fundo, ele não quer matar Aiden. É como se algo desconhecido, um lado completamente novo e mal, tivesse despertado dentro dele, e o estivesse levando para longe com suas próprias asas. Ele percebe que, mesmo que quisesse, não havia nada que pudesse fazer para se controlar. E também percebe que, paradoxalmente, Aiden estava certo o tempo todo.

Mas já é tarde demais. Ele parte para o ataque, direto para o peito de Aiden, pronto para cortá-lo ao meio.

Ouve-se outro suspiro horrorizado da multidão, e Sam espera sentir a lâmina cortar a carne de Aiden.

Mas no último segundo, em vez disso, ele sente seu corpo voando pelo ar, e sente a lâmina mergulhar na lama.

Sam, curvado, com as costas expostas, sente uma ponta afiada em suas costas.

Ele se vira e vê Aiden ali, ileso, segurando uma lança afiada apontada para ele.

Finalmente, Sam percebe que ele tinha sido derrotado, finalmente. O espírito de luta dentro dele se esgota, e a força de mal que ele havia tomado conta dele desaparece. Ele se sente vazio, oco, envergonhado e arrependido.

Aiden está parado diante dele, olhando para baixo de cara feia. Todos os outros vampiros, exceto Polly, começam a avançar em direção Sam, como se quisessem vingar seu líder.

"Não!" Aiden grita, e todos os vampiros ficam parados no lugar. "Ele não está no controle do que faz. Eu não quero que ele seja punido."

Aiden se abaixa e estende a mão. Sam se sente muito mal, tomado pela culpa, ao estender lentamente a mão e permitir que Aiden o ajude a ficar em pé - o homem que ele tinha acabado de tentar matar.

Sam fica em pé, olhando para baixo.

"Eu sinto muito," ele fala.

"Não se desculpe comigo," responde Aiden. "Peça desculpas para si mesmo. Você é imprudente. Um perigo para todos nós. É por isso que você não foi escolhido. E até que você reconheça seus defeitos, nunca conseguirá superá-los."

Sam olha para os olhos de Aiden, respira fundo e, finalmente, percebe que ele está certo. Ele percebe que ele, na verdade, ainda tem muito a aprender.

"Você vai me ensinar?" pergunta Sam. "Estou pronto agora."

Aiden olha para trás, e Sam não consegue decifrar a expressão em seus olhos. Mas, de repente, os olhos de Aiden se voltam para cima, olhando para o céu, claramente vendo algo. Sam olha para a mesma direção para ver o que é.

O coração de Sam se acelera. No horizonte, voando em direção a eles, um grupo de vampiros se aproxima, voando baixo.

E liderando-os, está sua irmã.

CAPÍTULO DEZENOVE

Caitlin voa pelo ar, com Scarlet nas costas e Caleb ao seu lado, segurando Ruth nas mãos e levando Lily nas costas. Pouco depois do pedido de casamento, Caitlin ainda está em êxtase, como se estivesse andando nas nuvens, e sua vida parece surreal. Ela estava se sentindo completamente feliz desde que eles tinham deixado o Castelo de Leeds, desde o momento em que Caleb a tinha pedido em casamento, e desde que eles tinham adotado Scarlet. Eles pararam apenas para pegar Lily no Castelo de Windsor, e para contar-lhe a notícia.

Lily tinha ficado tão feliz, que não tinha parado de gritar por dez minutos. Ela havia admirado o anel de Caitlin, e abraçado os dois longamente. Ela tinha insistido em seguir com eles, para estar lá quando Caitlin desse a notícia para Sam e Polly e todo o coven de Aiden.

Eles já estavam voando há horas, seguindo na direção de Warwick para contar a grande novidade, e durante todo o tempo, Caitlin não tinha sido capaz de parar de repassar em sua cabeça o momento em que Caleb tinha feito o pedido de casamento. Tinha sido tão surreal, e acontecido tão rápido, tão inesperadamente, e ela ficava revivendo o momento na cabeça, várias e várias vezes. Seu coração está repleto de alegria. Ela sente que agora, voando ao lado de Caleb, com Scarlet, Ruth e Lily com eles, e prestes a reencontrar seu irmão e todos os seus amigos, ela realmente tem tudo que precisa no mundo. Ela gostaria apenas de poder congelar este momento, e que tudo ficasse assim para sempre.

Na verdade, ela chega a se perguntar se talvez não pudesse. Ela não tem ideia de onde sua próxima pista deveria levá-la, e nada concreto para investigar até que descobrisse. A menos que Sam tivesse uma nova pista, ela não consegue pensar por que não poderia ficar com Aiden por um tempo, vivendo em paz e aproveitando o momento. E, claro, ela tem que planejar o casamento. Ela imagina que um casamento vampiro, por ser tão raro, deva ser um evento extraordinário.

Caitlin mergulha com os outros, assim que o clã de Aiden surge diante deles. Ela vê que todos eles, como ela suspeitava, estão no campo de treinamento, e vê Sam no meio, de frente para Aiden. Ela fica feliz ao ver que ele está ali aqui, treinando, e que Polly não tinha se afastado dele.

Eles mergulhavam e pousam, e assim que fazem isso, o coven abre caminho para eles. Ela coloca Scarlet no chão, e Caleb faz o mesmo com Ruth e Lily. Polly atravessa a multidão em volta deles e corre até ela.

"Meu Deus!" Polly grita, enquanto estende o braço e pega a mão de Caitlin, examinando-a de perto, "isso é um anel!?!"

Polly grita em delírio segurando a mão de Caitlin e inspecionando o anel, de boca aberta e com os olhos arregalados de excitação, levando a mão à boca, em choque.

Caitlin sorri, sabendo que Polly vivia por notícias como aquela. Polly ficava animada até mesmo com notícias bobas, então uma notícia como aquela deve ter sido como um terremoto em seu mundo.

"Sim," Caitlin responde, sorrindo, "é verdade. Nós estamos noivos!"

Um grande rugido de aprovação surge de todos os membros do coven, e a tensão no ar começa a se dissipar.

Polly pula para cima e para baixo como uma criança.

"AI MEU DEUS, AI MEU DEUS, AI MEU DEUS!!!!!" Polly grita, mais e mais. Ela dá um abraço em Caitlin, envolvendo-a com seus braços.

Caitlin sorri por cima do ombro, e retribui o abraço.

"Estou tão feliz por você! Estou tão animada! Como foi que isso aconteceu!? Conte-me cada detalhe! Quando é o casamento? Posso ser sua madrinha de casamento?!?"

Antes que Caitlin possa responder, Polly se afasta dela e corre para abraçar Caleb.

Caitlin não sabe que pergunta responder primeiro. Ela ainda não tinha pensado quando o casamento seria, e não tinha sequer considerado quem seria a dama de honra. Mas assim que Polly diz isso, ela percebe que é isso que quer. Ela ficaria honrada em tê-la como sua dama de honra. Embora ela ainda não faça a menor ideia de como é um casamento vampiro.

Todos os outros membros do coven correm rapidamente para perto dela, rodeando Caitlin e Caleb, abraçando-os, fazendo um milhão de perguntas de uma só vez. Caitlin reconhece muitos rostos do passado, e se sente muito amada. Ela fica emocionada ao compartilhar a notícia com todos eles, e sente prazer de ver a emoção cada um daqueles rostos.

Sam avança lentamente entre a multidão, e olha para ela. Quando faz isso, parece atordoado e confuso, como se tivesse acabado de ser interrompido no meio de alguma coisa. Ela não conseguia entender sua expressão, ou o que está acontecendo com ele. Ela não consegue dizer se ele está feliz por ela ou não. Ele apenas olha para ela, assustado.

"Sam?" ela pergunta. Ela realmente torce para que ele esteja feliz por ela.

"É verdade?" ele pergunta. "Vocês vão se casar?"

Caitlin diz que sim, sorrindo. Ela estende a mão e segura na mão de Caleb.

"É verdade," ela responde.

Sam se aproxima dela e a abraça, um abraço apertado, e ela pode sentir a força correndo em suas veias. Ele lentamente se vira e olha para Caleb, e então se aproxima e o abraça também.

"Eu sempre gostei de você", diz Sam. "Cuide bem dela."

"Eu vou," responde Caleb.

"Quando é o casamento?" Pergunta Polly.

"Onde vocês vão se casar?" Pergunta Tyler.

"Quantas pessoas vocês vão convidar?", Pergunta outro.

"Você vai ter uma festa de noivado?" Alguém grita.

A mente de Caitlin fica confusa com todas essas perguntas. Ela sempre havia sonhado com o dia de seu casamento, e agora que os preparativos estavam finalmente aqui, ela se sente oprimido por todas as coisas que tem pela frente.

"Posso ser a menina das flores?" Pergunta Scarlet.

Todos riram.

Caitlin coloca a mão gentilmente sobre o ombro da garota, beijando sua testa.

"Mas é claro que você pode."

Caitlin pega Scarlet no colo e olha para seus companheiros.

"Amigos, Caleb e eu temos mais uma grande notícia: Scarlet é a nossa filha agora."

Toda a multidão grita com entusiasmo, correndo e dando um grande abraço em Scarlet.

"Eu não sabia que você tinha uma família tão grande", Scarlet fala para Caitlin, e a multidão cai na risada.

Aiden se adianta, e Caitlin olha para ele. Ela ainda não tinha considerado qual seria a reação dele diante de tudo isso, e olhando para ele agora, ela fica um pouco preocupada, imaginando o que ele diria. Ele era sempre tão sério e tão concentrado em seu treinamento, que ela se pergunta o que ele diria de um casamento. Será que ele consideraria aquilo uma distração?

Por trás de sua barba prateada, ela vê um pequeno sorriso.

"A felicidade é uma coisa boa," ele diz, "muito poderosa Mas lembre-se: você tem um destino importante neste mundo. Nunca perca o foco."

Ele se vira e entra no meio da multidão, e antes que ela percebesse, ele havia desaparecido completamente.

Quando Caitlin se vira, vê Sam ali em pé diante dela, com a cabeça para baixo. Ele tem uma expressão estranha, enquanto observa Aiden se afastando. Ela sabe que há algo de errado com ele, e quer saber o que é. Seria algo relacionado ao seu noivado, ou alguma outra coisa?

Ela também quer saber que pista ele tinha encontrado, e por que a carta de seu pai tinha enviado ele até aquele lugar.

"Sam," ela diz, se aproximando. Ele olha para cima. "Podemos conversar?"

Parecendo desanimado, ele assente lentamente com a cabeça.

Caitlin se inclina e beija Caleb.

"Por favor, me dê licença por um momento," ela pede, enquanto se afasta um pouco da multidão, que agora cerca Caleb e Scarlet.

"O que foi que aconteceu?" Caitlin pergunta para Sam, assim que eles estão fora do alcance do grupo. "Você não está feliz por mim?"

"Não, não é isso", diz Sam, de repente, dando um sorriso forçado. "Estou muito feliz por você. Sinto muito. Eu não quis dar esta impressão. Não é nada disso."

"Então o que é?" pergunta ela.

"Não tem nada a ver com você," ele responde.

"Bem?" ela insiste. "O que é então?"

Sam hesita. Finalmente, ele respira fundo.

"É Aiden. Eu percebo isso agora. Tudo o que ele disse é verdade. Eu não estou no controle das minhas emoções. Eu me comentei mal."

Então Caitlin compreende, pois já tinha passado por isso. Tinha sido uma luta longa e difícil para recuperar o controle, e ela ainda sente como se fosse uma batalha diária, e que ela está aprendendo algo novo a cada dia. Ela sente que sua jornada está longe de acabar, mas também sente que já tinha percorrido um longo caminho. Ela se lembra de como os primeiros dias tinham sido difíceis, e sabe como Sam está se sentindo agora: emoções e paixões parecem consumi-lo, e é difícil controlá-las. Ela se aproxima e coloca a mão gentilmente em seu ombro.

"Está tudo bem," ela diz. "Eu já passei por isso. Todos nós cometemos erros. O treinamento é um processo. Isso não acontece

em um dia."

O rosto de Sam parece se iluminar um pouco. Caitlin se lembra de como ela sempre encontrava uma maneira de fazê-lo se sentir melhor, enquanto ainda eram crianças, crescendo naquele terrível apartamento em Nova York.

"Conte-me sobre a pista," ela pede para ele. "Warwick. A carta do nosso pai. O que você descobriu?"

Sam balança a cabeça lentamente.

"Isso é outra coisa. Aiden me disse que não há nenhuma pista. Que *ele* é a pista. Que este lugar é a pista. Eu estar aqui." Sam abaixa a cabeça. "Ele disse que *você* é a única que está destinada a encontrar nosso pai. Eu só estou destinado a protegê-la. Minha parte da missão está terminada. Você é a pessoa especial."

Caitlin fica chocada com as palavras dele. Ela nunca tinha imaginado que ela era mais especial do que Sam, ou que suas missões eram diferentes. Isso a faz se sentir sobrecarregada, como se ela fosse responsável por encontrar a pista final para o que quer que eles tenham que encontrar.

"Mas eu não tenho ideia do que a minha pista significa," ela diz. "Eu já pensei bastante sobre isso, analisei todos os ângulos possíveis. E não tenho a mínima ideia do que o monte de julgamento pode ser. E você?"

Sam balança a cabeça lentamente.

Caitlin suspira.

"Então receio de que não haja nada que eu possa fazer, até que consiga descobrir isso."

"E quando você descobrir?" Pergunta Sam.

Ela faz uma pausa.

"Então eu vou seguir a pista, seja ela qual for. Enquanto isso..."

"Por enquanto, não há nada que você possa fazer, a não ser divertir-se," diz Lily, se aproximando e colocando um braço ao redor de seu ombro. "Afinal de contas, esse é o seu noivado. Anime-se! Comemore. Eu insisto que você faça isso!"

Caitlin sorri, confortada, como sempre, pela presença de Lily.

"Na verdade, eu decidi que vou oferecer uma festa de noivado para vocês. Agora mesmo. Precisamos comemorar." Ela se vira para a multidão. "Não é mesmo?"

A multidão grita em sinal de aprovação.

"Há uma nova peça de Shakespeare que começa hoje em seu novo teatro Globe", continua Lily. "Romeu e Julieta. Vamos todos ao teatro." Ela olha para o grupo de vampiros. "Vamos comemorar com estes dois. Eu pago!"

O coven comunica sua aprovação com um grito, e o coração de Caitlin bate acelerado quando Caleb se aproxima e a beija.

"Mamãe?" Scarlet chama "Posso ir? Por favor? Eu sempre quis ver uma peça de Shakespeare. Por favor, por favor!"

Caitlin sorri.

"Claro que você pode, querida."

"Legal!" Scarlet salta para cima e para baixo, com Ruth latindo ao lado dela.

Caitlin fica impressionada. *Romeu e Julieta*. Ela não conseguia imaginar a peça como "nova". Ou ouvir Shakespeare ser chamado

de "novo dramaturgo". Ou seu teatro "Globe" ser considerado um "novo teatro".

Mas ela está em 1599, afinal de contas, e tudo o que era velho para ela, agora era novo outra vez. O coração de Caitlin se enche de alegria. Durante toda a sua vida, ela havia sonhado em assistir uma peça de Shakespeare. E agora, ela estava indo para realmente ver uma das primeiras produções de *Romeu e Julieta*, enquanto Shakespeare ainda está vivo e, quem sabe até presente no teatro.

CAPÍTULO VINTE

Caitlin voa, acompanhada por todos seus companheiros de coven. Eles tinham deixado Warwick juntos, em direção a Londres, rumo ao teatro de Shakespeare, para comemorar. Caitlin nunca tinha se sentido tão feliz. Ali está ela, com todos que ela mais ama, - indo comemorar seu noivado com uma nova peça de Shakespeare. Ela mal pode imaginar como seria realmente ver uma peça dele, no período e lugar em que tinha sido criada.

É tão bom ter todos juntos, e ela ainda está se animada com o pedido de casamento. Ela está transbordando de alegria. Finalmente, tudo parece perfeito em seu mundo. Pela primeira vez, ela vê um futuro brilhante pela frente. Finalmente, ela sente que pode ter tudo: uma vida feliz, cercada por pessoas que ela ama, e um tempo e lugar em que ela pode se estabelecer.

E melhor anda, ela não precisa se sentir culpada por não prosseguir a sua busca por seu pai. Ela não faz ideia de como desvendar o enigma, e não conhece ninguém que possa. Não há

literalmente nada mais a ser feito. Então, ela se sente bem para tirar algum tempo para se divertir. Afinal, quantas vezes na vida uma garota era pedida em casamento?

Se as coisas mudassem, se ela conseguisse decodificar o enigma, então ela faria o que fosse preciso, e continuaria sua busca. Mas uma parte dela secretamente deseja que isso não aconteça. Ela está tão feliz e contente ali, e realmente deseja que as coisas nunca mudem.

Enquanto voam sobre a cidade de Londres, que agora parece uma cidade inteiramente nova, transformada pela presença de todos os seus amigos e entes queridos ao seu lado. A cidade é menos chocante para ela desta vez, já tendo passado por ali antes. De alguma estranha maneira, a cidade já lhe parece familiar.

Eles sobrevoam o rio Tâmis, em seguida, assim que avistam a Ponte de Londres à distância, eles desviam para o lado direito do rio, para Southwark. Quando eles se aproximam, Caitlin identifica abaixo deles as estruturas circulares de diversos teatros e de rinhas de ursos e touros. Ela fica perplexa ao ver que a rinha de urso que ela havia visitado alguns dias antes parece estar danificada pelo fogo. Ela se pergunta quando aquilo poderia ter acontecido.

Eles mergulham, circulando sobre o bairro onde fica o teatro de Shakespeare. Lá em baixo, milhares de pessoas estão amontoadas, uns sobre os outros naquele dia quente de setembro, andando nas ruas enlameadas não pavimentadas, que também estavam cheias de cães selvagens, galinhas, gado, e uma abundância de ratos, visíveis até mesmo ali de cima.

Caitlin abre um sorriso quando Caleb, voando ao seu lado, aperta sua mão dela, olhando para ela e sorrindo. Ela pode ver como está orgulhoso em tê-la ao seu lado, e nada a deixaria mais feliz. Ela olha para seu anel mais uma vez, e novamente sente como tinha sorte por estar com ele.

Todos pousam atrás de um prédio, fora da vista da multidão, não muito longe do teatro de Shakespeare. Caitlin coloca Scarlet no chão, e Tyler faz o mesmo com Lily, e todos eles saem de trás do prédio, e encontram a multidão agitada nas ruas da cidade.

Caitlin se viu sendo empurrada pra frente e para trás, assim como os outros, e segura na mão de Scarlet com força, para que não se separem. Ela tenta ficar junto com os outros, enquanto abrem caminho através das massas sem fim, tentando chegar ao outro lado da praça, na entrada badalado Globe. Essas multidões fazem Caitlin se lembrar de quando era criança e tinha ido para a Disneylândia, e havia tantas pessoas amontoados que ela tinha levado quase uma hora para andar apenas alguns metros.

Ao se aproximarem do teatro, Caitlin olha para ele com admiração. É exatamente como ela tinha visto nos livros de história, e vê-lo pessoalmente é incrível. O teatro é grande, redondo, bastante alto, feito inteiramente de madeira, com o exterior pintado em um branco brilhante, com vigas de madeira escura entrelaçando-o, e um telhado escuro extremamente inclinado feito de palha.

Enquanto abrem caminho entre as massas em direção à entrada principal, a energia se torna ainda mais vibrante. Lily se adianta e paga o atendente, e olha para Caitlin e os demais.

"Nós temos uma escolha," ela explica. "Nós podemos nos sentar em nosso próprio camarote, apartados, ou ficar no meio, junto das massas, e ficarmos mais perto do palco. Nós ficaríamos em pé no chão o tempo todo, mas estaríamos mais perto."

Caitlin pensa, e olha para Caleb, que não parece ter qualquer preferência. Caitlin não quer se sentar afastada de tudo.

"Eu gostaria de ficar em pé," Caitlin diz, "com todos os outros, direto no chão, perto do palco. Eu quero viver esta experiência assim como as massas."

"Você é quem manda", diz Lily. "Por mim, tudo bem. Você me ajudou a economizar um monte de dinheiro – ingressos comuns custam apenas um centavo! O grupo pode ser um pouco grosseiro, tudo bem por você?"

Caitlin sorri.

"Isso é ótimo," ela diz. "Eu quero ver a verdadeira cidade de Londres."

Lily retribui o sorriso.

"É *a sua* festa de noivado," ela diz, com um grande sorriso, "pode fazer o que quiser."

Assim que Lily paga, eles sobem a entrada em estilo de rampa e entram no teatro.

"Posso sentar em seus ombros?" Scarlet pergunta, puxando a mão de Caitlin.

Caitlin sorri.

"Claro," ela diz, levantando a garota e a colocando sobre seus ombros. Scarlet grita de alegria, chutando as pernas, enquanto olha para todos os lados.

Caleb surgiu ao lado dela e segura sua mão.

Quando entram no teatro, a eletricidade no ar é palpável, e a visão tira o fôlego de Caitlin. Ela olha para cima, para os lados, para o assento de madeira, as fileiras de bancos em todos os lados, subindo abruptamente até em cima. No centro do teatro há uma arena circular, um piso térreo feito de terra, em que milhares de pessoas estão em pé, amontoadas.

O palco de madeira fica a cerca de quinze metros do chão, e é tão grande, que se estende com quase cem metros de diâmetro e quarenta metros de profundidade e é rodeado por colunas. Ela fica surpresa ao ver como o palco é simples, sem nenhuma decoração e, obviamente, sem qualquer tipo de iluminação. Ela lembra que os passeios noturnos ainda não existem neste século, e que todas as peças de teatro ainda precisam ser realizadas à luz do sol. O teatro coberto é uma invenção que ainda está por vir.

"COMPRE SEU GIM AQUI, UM QUARTILHO! GIM AQUI, UM QUARTILHO!" um homem grita de vez em quando, carregando uma bolsa pendurada no ombro com dezenas de pequenas garrafas.

Seu grupo abre caminho lentamente através da enorme multidão de plebeus, gentil e firmemente chegando o mais próximo possível do palco.

"Desculpe-me! Desculpe-me!" Scarlet não para de dizer às pessoas à frente deles.

Isso funciona como um encanto. Pessoas de toda parte se viram e abrem caminho para ela, sorrindo ao vê-la, e ela consegue chegar quase até a borda do palco.

"Mal posso esperar para ver o que Will tem neste momento", Caitlin ouve uma pessoa da multidão dizendo.

"Ouvi dizer que é uma tragédia", um deles responde.

"Não. É um romance," fala outro.

"Vocês dois estão errados," emenda outro, "é uma comédia."

Caitlin sorri para si mesma. Ainda lhe surpreende o fato daquelas pessoas nunca terem visto aquela apresentação. Mais uma vez, ela se sente grata por estar ali naquele momento, naquele dia e lugar, quando tudo estava acontecendo pela primeira vez.

Ao olhar a sua volta, tentando absorver a cena, ela também percebe que ela está um pouco surpresa: ela não tinha imaginado que o público de Shakespeare fosse assim. Ela havia pensado que ele fosse mais refinado, mais elitista e esnobe. Mas o oposto é verdadeiro. As pessoas ali são pessoas comuns e batalhadoras. Na verdade, muitos deles nem sequer parecem ser respeitáveis o suficiente para terem empregos, a maioria deles, para sua surpresa, parece ser mal encarada - bêbados, malandros, e várias pessoas desagradáveis. Se Caitlin não soubesse a verdade, teria facilmente confundido aquela multidão com um grupo de condenados.

Caitlin fica chocada que todos eles assistiriam a uma peça de Shakespeare. E ela também está surpresa que, naquela época e lugar, mesmo a pessoa mais ignorante poderia compreender uma peça de Shakespeare, à primeira vista. Pensar até que ponto o século XXI tinha ficado para trás a deixa um pouco triste.

De repente, uma onda de excitação se espalha pela multidão. As conversas começam a terminar, e os vendedores de produtos também começam a se acalmar. Os empurrões e brigas por lugares melhores também começam a desacelerar. Caitlin sente certa emoção, ao perceber que o show está prestes a começar.

Momentos depois, um ator solitário avança até o centro do palco, andando dramaticamente até a frente e parando a poucos metros de Caitlin. Caitlin pode ouvir o suspiro de Scarlet - sentada em seus ombros. Toda a multidão entra em um silêncio mortal. Na verdade, Caitlin não consegue acreditar na rapidez com que o silêncio toma conta de tudo, e no respeito daquelas pessoas com o teatro: havia milhares e milhares de pessoas indisciplinadas ali, e mesmo assim, naquele momento, ela não consegue ouvir um pio. Certamente não há celulares ou apitos para serem ouvidos ali. Isso é outra coisa que faz Caitlin apreciar aquele lugar.

O ator orgulhosamente ergue o queixo, comandando a atenção de todos, e pronuncia as linhas de abertura da peça:

Duas famílias, iguais em dignidade,

Na justa Verona, onde acontece a nossa cena,

Do antigo rancor surge um novo motim,

Em que o sangue civil torna imundas mãos civis.

À medida que o ator continua seu longo monólogo, introduzindo a peça, Caitlin fica espantada pela sua clareza de voz, por sua precisão, pela forma como os atores atuam naquela época. É realmente uma forma de arte.

A cena se desenrola, o narrador seguido por um grupo grande e barulhento de atores, que encenam uma luta de abertura em um mercado lotado, estabelecendo rapidamente a rivalidade entre as duas famílias no jogo: os Montecchios e os Capuletos.

Uma cena é seguida pela outra, e Caitlin entra completamente em transe, perdendo toda a noção de espaço e tempo. Ela nunca tinha visto um teatro como aquele, tão real e tão vivo. Aquela realmente parece a primeira vez *Romeu e Julieta está sendo* encenada. Ao se envolver com a história, Caitlin realmente esquece o final de tudo, e se pega perguntando o que aconteceria a seguir, atenta à cada palavra pronunciada.

A história se desenvolve até chegarem a uma cena de dança elaborada, uma dança formal organizada na casa de Capuleto, e onde Romeu havia entrado sem ser convidado. Caitlin se vê completamente enfeitiçada, ao assistir Romeu e Julieta pela primeira vez:

ROMEU

Quem é a senhorita, que faz

enriquecer a mão

De outro cavaleiro?

SERVO

Eu não sei, senhor.

ROMEU

Ah, ela deveras ensina a chama ardente queimar!

Parece que ela surge na face da noite

Como uma joia rica na orelha de Etíope;

Beleza demasiadamente rica para o uso, para a terra valiosa demais!

...

Será que meu coração amou até então? Negue isso, visão!

Porque a real beleza jamais tinha visto até esta noite.

Caitlin não consegue deixar de pensar na primeira vez que ela tinha visto Caleb, de seu amor instantâneo por ele. Ela também pensa, brevemente, em Blake. A cena a faz se perguntar como funciona o amor à primeira vista, que faz uma pessoa sentir-se atraída por outra imediatamente.

Caitlin observa Romeo esgueirar-se para a pista de dança, roubar uma dança com Julieta, e falar com ela pela primeira vez:

ROMEU

Se eu profanar com mãos indignas

Este santuário sagrado, a multa suave é a seguinte:

Meus lábios, dois peregrinos corados, estão prontos

Para suavizar esse toque áspero com um beijo carinhoso.

JULIETA

Bom peregrino, você faz julga mal sua mão de fato,

Que devoção masculina demonstra nisso;

Pois os santos têm mãos que as mãos dos peregrinos tocam,

E palma com palma é o beijo dos verdadeiros santos.

Caitlin prende a respiração enquanto observa Romeu se inclinar, e os dois se beijam pela primeira vez. Ele a fez pensar em seu primeiro beijo com Caleb, e depois a fez pensar em sua noite incrível juntos em Edgartown. Ela começa a se identificar cada vez mais com Julieta, sentindo que Caleb é seu Romeu, que eles vinham de duas casas diferentes, de amores proibidos. Ela começa a perder a noção do tempo e lugar à medida que se envolve com as cenas atuadas diante de seus olhos.

Logo vem a cena da sacada, e Caitlin olha fascinada, quando Romeu sobe até a varanda de Julieta e a observa, conversando consigo mesmo antes de ser detectado:

ROMEU

Mas, macio! que luz através além da janela passa?

É o leste, e Julieta é o sol.

Levanta-te, sol justo, e mata a lua invejosa,

Que já está doente e pálida de desgosto,

Que tu minha jovem és mais bela do que ela:

...

O brilho de sua bochecha envergonharia aquelas estrelas,

Como a luz do dia faz a uma lâmpada; seus olhos no céu

Por toda a região arderiam tão brilhantes

Que os pássaros cantariam achando que não fosse noite.

Veja, como descansa seu rosto sobre a mão!

O, que eu fosse uma luva nessa mão,

Que pudesse tocar sua face!

JULIETA

O Romeu, Romeu! Onde está Romeu?

Negue a teu pai e recuse o teu nome;

Ou, se tu não o fizeres, apenas jure o teu amor,

E eu deixarei de ser uma Capuleto.

Romeu dá um passo adiante no grande palco, e Julieta, no alto de uma varanda, olha para Romeu em estado de choque:

JULIETA

Como chegaste aqui, diga-me, e por quê?

As paredes do pomar são altas e difíceis de escalar,

E a morte certa, considerando que tu és,

Se algum dos meus parentes encontrarem-te aqui.

ROMEU

Com as asas leves do amor subi estas paredes;

Pois limites de pedra não podem manter o amor longe,

Caitlin sente seu coração disparar, enquanto eles manifestam o seu amor que sentem um pelo outro por minutos a fio. Por fim, lentamente, a cena chega ao fim:

ROMEU

Ó abençoada noite abençoada! Estou sem medo.

Estar na noite, tudo isso não passa de um sonho,

Lisonjeiro demais para ser substancial.

JULIETA

Três palavras, querido Romeu, e boa noite, de fato.

Se essa tua promessa de amor for honrada

e teu propósito o casamento, envie-me palavra amanhã,

Por que eu vou conseguir chegar a ti,

*Onde e que horas tu quiseses realizar o rito;
E todas as minhas fortunas no teu pé deitarei
E te seguirei, meu senhor, por todo o mundo.*

...

*Boa noite, boa noite! Partir é
doce amargura,
Que direi que boa noite até seja amanhã.*

Caitlin não consegue deixar de pensar em Caleb, e em seu pedido de casamento. Ela sente como se fosse Julieta, enquanto Julieta fica lá, esperando Romeu voltar para pedi-la em casamento, para fazê-la sua para sempre.

Enquanto a peça continua, algumas cenas se confundem em sua mente, enquanto outras se destacam com mais destaque. Ela fica surpresa quando Romeu se aproxima do Frade, pedindo sua permissão para casar com Julieta:

ROMEU

*Venha a tristeza que vier,
Ele não pode contrabalançar a alegria
Que me proporciona um curto minuto de sua visão:
Apenas uma nossas mãos com as palavras sagradas,
Então o amor devorador de morte pode fazer o que se atreve;*

Basta que eu possa chamá-la de minha.

FRADE

Estas delícias violentas têm fins violentos

E morrem em seu auge, como fogo e pó...

Ela fica estarelecida quando assiste Romeu segurando seu melhor amigo, Mercúcio, em seus braços, tendo sido esfaqueado até a morte no lugar de Romeu. Ela vê Romeu pegar a espada e esfaquear seu rival, Teobaldo, matando-o por vingança. Caitlin se lembra de Nova York, quando Caleb havia morrido em seus próprios braços, como resultado de ter sido enganada por Sam. E ainda pior, ela sente uma lágrima escorrer pelo seu rosto ao se lembrar que Blake tinha sido esfaqueado no Coliseu romano, sendo ferido em seu lugar, e morrendo em seus braços.

BENVÓLIO

Romeu dê distância, vá!

Os cidadãos estão acordados e Teobaldo, morto.

Não se surpreenda: o príncipe irá condenar-te a morte,

Se fores preso: portanto, vá-te embora, vá!

ROMEU

Ó, a sorte me faz de tolo!

Ela vê quando Julieta fica ali, na sacada, esperando Romeu, que acaba de ser banido, e que nunca poderia voltar para ela. Seu

coração se parte, ao pensar em todas aquelas vezes que Caleb a tinha deixado, como ela tinha ficado lá, esperando por ele também.

JULIETA

Vem, noite; vem, Romeo; vem tu, dia em noite;

Porque tu vens sobre as asas noite

Mais branco do que a neve nova nas costas de um corvo.

Vem noite gentil, vinde, amor, noite de escuro cenho,

Dá-me o meu Romeo; e, quando ele morrer,

Leve-o e o corta em pequenas estrelas,

E ele vai fazer da face do céu tão esplendorosa

Que todo o mundo vai se apaixonar pela noite

E não vão adorar o sol berrante.

Ela está sem fôlego, enquanto observa Julieta desesperada correndo até o Frade, desesperada por qualquer solução possível que pudesse uni-la a Romeo novamente, que pudesse acabar com o seu banimento. Ele a fez pensar em Aiden, em Pollepel, dela implorando-lhe para trazer Caleb de volta, sua promessa que faria qualquer coisa, até mesmo arriscando o filho que ainda não tinha nascido para viajar de volta no tempo e salvar Caleb.

FRADE

Tomarás este frasco, estando, na cama,

E esta bebida destilada deve beber toda;

*Quando completamente por todas tuas veias passa
Um humor frio e sonolento, sem pulso
Deve manter seu progresso natural, mas eis:
Nenhum calor, ou fôlego, dará testemunho de que vives;
O rosa dos teus lábios e bochechas deve desaparecer
E pálidas janelas cinza sobre teus olhos caem,
Como a morte, ao terminar o dia da vida;
Cada parte, privada de governo flexível,
Deve dura e austera e fria, parecer como a morte:
E com esta semelhança emprestada da morte protegida
Tu deves continuar duas e quarenta horas,
E então acordarás como de um sono agradável.*

JULIETA

O amor me dê força! e a força deve ajudar a passar.

Não há um ruído em toda a casa, toda a multidão atenta, enquanto Julieta, sentada sozinha em seu quarto, pega o frasco com o sonífero líquido que o Frade tinha lhe dado, e se prepara para beber - sabendo muito bem que beber aquilo poderia resultar em sua morte:

JULIETA

Adeus! Deus sabe quando nos encontraremos novamente.

Eu sinto um medo frio e fraco que corre em minhas veias,

E quase congela o calor da vida:

...

Vem, frasco.

E se esta mistura não funcionar?

Devo me casar, então amanhã de manhã?

...

Romeu, eu estou indo! Bebo isso por você.

Ela vê quando a enfermeira de Julieta e os pais invadem o quarto, e a encontram dormindo e julgam que está morta.

ENFERMEIRA

Ó dia lamentável!

SENHORA CAPULETO

Qual é o problema?

ENFERMEIRA

Olha, olha! Ó dia pesado!

SENHORA CAPULETO

Ó, senhor, ó senhor! Minha filha, minha única vida,

Revive, olha para cima, ou morrerei contigo!

Ajuda, ajuda! Chamem alguma ajuda.

CAPULETO

Que vergonha, traga Julieta; seu senhor acaba de chegar.

ENFERMEIRA

Ela está morta, falecida, ela está morta; A que dia!

SENHORA CAPULETO

A que dia, ela está morta, ela está morta, ela está morta!

CAPULETO

Ha! deixe-me vê-la: saiam, ai de mim! ela está fria:

O sangue dela está parado, e suas articulações estão rígidas;

A vida e estes lábios há muito foram separados:

A morte encontra-se nela como uma geada prematura

Sob a flor mais doce de todos os campos.

ENFERMEIRA

Ó dia lamentável!

SENHORA CAPULETO

Ó tempo lamentável!

CAPULETO

A morte, que a levou assim, para me fazer chorar,

Amarra minha língua, e não me deixa falar.

FRADE

Venha, a noiva está pronta para ir à igreja?

CAPULETO

Pronto para ir, mas para nunca mais voltar.

Ó filho! a noite antes do dia d teu casamento

A Morte deitou-se com tua mulher. Lá, ela se encontra,

A flor que ela era, deflorada pela morte.

A morte é o meu genro, a morte é o meu herdeiro;

Com minha filha ela se casou: Eu vou morrer,

E deixar tudo para ela; vida, viver, tudo é da morte.

Ela sente seu coração se partindo, ao observar Romeo em seu próprio mundo, ainda sem saber o que tinha acontecido com Julieta, e ao pressentir a desgraça iminente.

ROMEU

Eu sonhei que minha senhora veio e me encontrou morto

*Sonho estranho, que dá ao homem morto a oportunidade
para pensar!*

E me assoprou tanta vida com beijos em meus lábios,

Que eu revivi, e fui um imperador.

O tempo passa num piscar de olhos e a peça se aproxima do fim. Quando está quase terminando, Caitlin não consegue acreditar que tantas horas já haviam se passado. Parecia que a peça tinha apenas começado. Ela tinha ficado ali, sem se mover um centímetro, toda a multidão não se moveu um centímetro, sem intervalo, nem mesmo uma pausa – até Scarlet, em seus ombros, não tinha se mexido durante toda a peça. Eles tinham ficado completamente fascinados, do início ao fim.

E quando a peça chega às cenas finais, no clímax final, Caitlin sente as lágrimas escorrendo pelo seu rosto, totalmente imersa na história, sentindo-se como se tudo tivesse acontecido com ela. Ela não consegue deixar de pensar do tempo em King's Chapel em Boston, quando ela estava morrendo e Caleb a tinha trazido de volta. Todas as lembranças vêm à tona naquele momento, todos os amores, todas as vidas, todos os séculos. Ela se sente completamente estarecida, como se fosse Julieta ao observar Romeo ficar em cima dela, no mausoléu, e presumir que ela está morta.

ROMEU

Ó meu amor! minha esposa!

A morte, que se houver sugado o mel da tua respiração,

Não teve nenhum poder ainda sobre a tua beleza:

Tu não foste conquistada; emana beleza ainda

É carmesim tua boca e o teu rosto,

E a bandeira pálida da morte não é avançada ali.

... Ah, querida Julieta,

*Por que és ainda tão bela? Devo crer
Que a morte insubstancial é amorosa,
E que o monstro abominável a mantém
aqui no escuro para ser sua amante?
Por medo disso, vou ficar contigo;
E nunca deste palácio de noite escura
Partir novamente: aqui, aqui vou permanecer
Com vermes que são camareiros; Ó, aqui
vou configurar meu descanso eterno,
E sacudir o jugo de estrelas não auspiciosas
Desta carne cansada do mundo.*

Caitlin pode ouvir pessoas chorando ao seu redor, enquanto todos assistem horrorizados, Romeu beber um frasco de veneno de verdade, acreditando que Julieta está morta.

ROMEU

Ó verdadeiro boticário!

Tuas drogas são rápidas. Assim, com um beijo hei de morrer.

E então o horror aumenta, quando Julieta acorda do seu sono e encontra Romeu morto, realmente morto, ao seu lado, tendo apenas

se matado porque ele havia pensado, tragicamente, que ela estava morta:

JULIETA

O que está aqui? um copo, fechado na mão do meu verdadeiro amor?

Veneno, eu vejo, foi o seu fim atemporal:

Ó diabos! bebeu tudo, e não deixou nenhuma gota amigável

Para me ajudar depois? Eu vou beijar os teus lábios;

Por acaso algum veneno ainda resta sobre eles,

Para tornar a morrer como um tônico.

Ela o beija.

Teus lábios estão quentes.

...

então eu vou ser breve. Ó punhal feliz!

Esta é a tua bainha;

Toda a multidão - milhares de pessoas, visivelmente prendem a respiração quando Julieta pega a faca e a enfia em seu próprio estômago, matando a si mesma.

JULIETA

Enferruje, e deixe-me morrer.

Caitlin se vê completamente perdida quando a peça chega ao fim e os atores desaparecem atrás da cortina.

Ela lentamente olha ao redor para o público, e pode perceber pelas lágrimas, expressões horrorizadas e olhos arregalados, que aquelas pessoas realmente tinham acabado de ver aquilo pela primeira vez. Eles parecem atordoados, horrorizados, e ainda assim, inspirados. Estão todos em completo silêncio.

Por fim, os atores abrem caminho de volta ao palco, curvando-se, e a multidão irrompe em aplausos, rugindo, gritando, buzinando; as pessoas aplaudem mais alto e por mais tempo do que Caitlin jamais tinha ouvido falar em sua vida. Scarlet bate palmas acima dela, assim como Caleb, Polly, Sam, Lily, e todos os membros do seu grupo.

Lentamente, Caitlin sente-se voltando para o seu mundo e para sua realidade. Ela estende a mão e bate palmas, deixando as lágrimas escorrerem pelo seu rosto.

Finalmente, depois de se curvarem algumas vezes, os atores abrem caminho para uma figura comprida, que sai para o palco. O coração de Caitlin para de bater, quando ela percebe de quem se trata.

É Shakespeare.

William Shakespeare está parado à sua frente, a poucos metros de distância, vestido com um guarda-roupa tradicional. Ele se curva, e os aplausos se aprofundam ainda mais.

Caitlin está sem palavras.

"Gostaria de conhecê-lo?" diz uma voz.

Caitlin se vira e vê Lily ali em pé, sorrindo.

"Afinal, é sua festa. Eu sei para onde eles vão para beber. Sou amiga de vários deles. Eu posso levar todos, mas teríamos que ir agora."

Caitlin não consegue pensar em um presente de noivado melhor do que a chance de conhecer

Shakespeare. Ela quase não encontra palavras para responder.

"Uh, sim!", Ela gagueja.

Lily abre um grande sorriso ao reunir os outros, e todos começam a abrir caminho através da

multidão. Caleb segura na mão dela e a guia. Ela mal pode acreditar. Como se assistir a primeira

apresentação de *Romeu e Julieta* não bastasse, ela agora estava a caminho de conhecer William Shakespeare.

CAPÍTULO VINTE E UM

Caitlin se sente como se estivesse em um sonho quando se vê sendo levada através da multidão, por um beco enlameado, e em frente a uma pequena taberna. Ela consegue ver os atores do teatro lá, alguns ainda vestidos com seus figurinos extravagantes. Eles parecem aliviados, e estão rindo, aplaudindo, batendo nos traseiros uns dos outros. O clima é de festa, e ela fica encantada com a jovialidade daqueles atores, apesar de terem acabado de realizar uma peça tão trágica. Ela acha que é apenas a natureza de atores: capazes de mudar seus humores quando bem entendem.

Ela segura na mão de Scarlet com força, enquanto abrem caminho através da multidão, Caleb segurando a outra mão, e Lily na frente dela. Sam e Polly se juntam a eles, assim com o resto de seus companheiros de coven.

Lily entra em uma pequena taberna de pedra, descendo os degraus, abaixando a cabeça enquanto ao entrar, e todos a seguem.

A taberna é composta de uma pequena sala, com piso de pedra e bancos compridos de madeira gasta. O ambiente é alegre ali dentro, iluminado por várias tochas penduradas nas paredes. Quase uma centena de pessoas se espreme ali dentro, sentadas e em pé. O clima é jovial. Todo mundo parece relaxado, como se uma grande tensão tivesse sido quebrado, e a maioria já tem uma bebida na mão.

De todas as diferenças entre os séculos XVI e XXI, Caitlin fica mais surpreso ao ver que os bares não tinham evoluído em tudo: eles ainda parecem basicamente os mesmos, até os copos, a tábua gasta de madeira que compõe o bar, o barman ocupado atrás dele, derramando restos de cerveja. Pelo menos uma coisa não havia mudado ao longo dos séculos: as pessoas ainda gostam de beber, e ainda gostam de bons bares.

Caitlin sente um copo sendo colocado em sua mão por um garçom que passa ao seu lado, que distribuindo uma dúzia de copos para um grande grupo. Um líquido espumoso, a espuma de uma cerveja, derrama por cima do copo sobre a sua mão e punho. Ela tenta dar um passo para trás, para evitar que a espuma caia sobre seus sapatos, mas ela é empurrada por todas as direções, e não tem espaço para fazer a manobra.

"À Will Shakespeare!" grita alguém da multidão.

"À Will Shakespeare!" - A multidão grita de volta, e todos levantam seus copos e bebem.

Caitlin tenta conseguir um vislumbre dele, mas é difícil enxergar através de toda aquela gente.

"Gostaria de conhecê-lo?" Pergunta Lily.

Caitlin olha para ela, espantado que ela esteja perto o suficiente para ser apresentada. Ela não sabe o que dizer, e só consegue acenar com a cabeça em resposta.

Lily a pega pelo braço e a leva pelo meio da multidão. Enquanto abrem caminho, passando uma pessoa de cada vez, Caitlin nota as fileiras de atores sentados lado a lado, rindo entre si. A sala irrompe em música, e todos começam a cantar uma música festiva que Caitlin não conhece. Ela reconhece alguns dos atores da peça ali, incluindo Romeu, Mercúcio e Teobaldo. É engraçado vê-los ali, todos agora sentados e felizes, rindo juntos e compartilhando uma cerveja enquanto apenas momentos antes estavam matando uns aos outros no palco.

"Will, eu gostaria que você conhecesse alguém," diz Lily.

Caitlin se vira com o coração aos pulos.

Ali, em pé diante dela, está Shakespeare. Ele parece ter uns trinta e tantos anos, com cabelos meio compridos, um cavanhaque, olhos castanhos inteligentes, que a observam e olheiras fundas, como se tivesse passado a noite acordado. Há linhas de preocupação gravadas em sua testa, e ele já parece mais velho do que sua idade. O suor escorre em sua testa por causa da sala quente e lotada, mas mesmo assim, ele parece aliviado, como se estivesse feliz que sua peça tenha sido tão bem recebida.

Ele sorri para ela.

"Caitlin," ele repete, "um bom nome. Você sabe a sua origem?"

Caitlin sacode a cabeça, constrangida por não saber como responder. O que ela poderia dizer para Shakespeare que poderia fazê-la soar mesmo remotamente inteligente?

"É grego, é claro. Quer dizer "pura". Eu posso ver isso em você. Dizem que os rostos das pessoas refletem seus nomes. Você não concorda?"

Ela apenas balança a cabeça de volta em silêncio, com medo até de falar. Ela não consegue se lembrar de alguma vez ter se sentindo tão autoconsciente. Ela, é claro, não tem ideia da origem de seu nome.

"É claro," continua ele, com um sorriso maroto nos lábios, "os gregos o roubaram, como fazem com tudo. A verdadeira origem de Caitlin é realmente o irlandês. É uma variação em gaélico do velho nome francês, que foi derivado de Catherine, que por sua vez, foi derivado do grego antigo. Então lá vai - um círculo completo. Algumas pessoas atribuem à deusa grega, Hécate. Ela, é claro, está associada com a magia, bruxaria, necromancia, e encruzilhadas. Eu estou trabalhando em uma nova peça, na verdade, que apresenta Hécate - a Caitlin original, se assim prefere. Estou pensando em chamá-la *Macbeth*. Você é um jogador?"

"Eu sinto muito", diz Caitlin, sem compreender.

"Um ator?" Lily esclarece.

Um *jogador*. Significado, *ator*. Naturalmente, Caitlin percebe. O velho uso da palavra. Ele se sente ainda mais envergonhada.

"Hmm... não," ela responde.

Ela não sabe mais o que dizer. William Shakespeare estava realmente perguntando se ela atuava? Ele estava se oferecendo para colocá-la em uma de suas peças?

"WILL!" alguém grita, um grande homem corpulento, que de repente aproxima seu enorme braço e o coloca em torno de seu ombro. Ele abraça Shakespeare com força, e os dois brindam, derramando suas cervejas.

"Você me deve uma bebida", continua o homem. "Tínhamos uma aposta, lembra? E eu não me esqueci de uma única fala!"

"Você esqueceu sim," Shakespeare responde.

O homem franze a testa.

"Qual?"

"Bem, não é uma fala, mas uma frase dentro dessa fala. Você pulou uma palavra. Mas eu vou te perdoar. Barman dê-lhe uma cerveja!"

Um pequeno grito surge entre os atores.

Shakespeare então é arrastado para longe, puxado em várias direções diferentes, e antes que Caitlin consiga dizer outra palavra, já há uma dúzia de pessoas entre eles. Caitlin vira e olha para Lily, sentindo-se estúpida, como se tivesse acabado de perder uma grande oportunidade. Mas ainda assim, mesmo agora, ela não sabe o que realmente dizer a ele. Que ela ama o seu trabalho? Não parece óbvio e comum? Ou ela deveria ter tentado dizer algo inteligente? Ou ela deveria ter dito que vinha de quinhentos anos no futuro, e que ele era um grande sucesso no século XXI?

Ele provavelmente teria pensado que ela era louca. Ela poderia ter dito a ele que ela tinha visto várias versões do filme de *Romeu e Julieta*. Mas, então, ele teria perguntado a ela o que é um "filme".

"Foi o que você esperava?" Pergunta Lily.

Caitlin simplesmente assente com a cabeça, sem saber o que dizer. Conhecê-lo tinha, de fato, sido assustador. Ele tinha certa presença,

uma aura, uma energia inteligente, mas também parecia ser divertido e cheio de energia. Ela consegue entender agora como ele era capaz de escrever tantas execuções tão rapidamente: ele tinha uma personalidade maior que própria vida.

"Eu sei", diz Lily, compreendendo. "Eu também fiquei assim a primeira vez que o conheci. É um pouco assustador. O que há de mais assustador de tudo isso é que ele nem percebe que sua estrela está começando a brilhar. Ele ainda pensa claramente de si mesmo como apenas um escritor comum, um ator comum, apenas um dos meninos, assim como todo mundo."

Lily balança a cabeça lentamente, como se estivesse surpresa.

Caitlin faz seu caminho de volta para os outros, feliz por ver que eles haviam encontrado uma mesa vazia. Ela se senta ao lado de Caleb e Scarlet, e Polly e Sam, e Lily se junta a eles, com vários de seus companheiros de coven. Todos eles têm bebidas diante deles.

"Posso provar um pouco?" Pergunta Scarlet.

Caitlin troca um olhar com Caleb.

"Sinto muito, querida", ela diz, "esta é uma bebida apenas para adultos."

Caitlin repente pensa na presença de Scarlet ali, e olha ao redor, em todos os tipos de pessoas grosseiras, e de repente percebe que talvez aquele não seja o melhor ambiente para levar uma criança. Ela se pergunta por que não tinha pensado nisso antes. Talvez não estivesse acostumada a pensar com uma mãe. Ela percebe que deveria levá-la embora dali logo. Caitlin está se sentindo um pouco cansada de qualquer maneira. A energia na sala é implacável. Assistir à peça tinha sido uma das experiências mais intensas de sua vida, e ela sente que precisa de algum tempo para processar tudo.

Caitlin se inclina, segura a mão de Caleb, e ele sorri de volta para ela, com uma cerveja na mão, bebendo com todos os outros. Quando ela está prestes a sugerir que ela vá embora com Scarlet e que ele as encontre mais tarde, de repente, uma voz surge no meio do barulho.

"Caleb? É você?"

É a voz de uma mulher, e Caitlin se vira imediatamente.

A mesa parecia se acalmar, como todos eles pararam e olharam.

Ali, de pé na cabeça dele, olhando para eles, está uma das mulheres mais bonitas que Caitlin já tinha visto. Ela é alta e loira, bem proporcionada, com olhos verdes brilhantes e vestindo uma roupa que está praticamente colada ao corpo, escandalosamente decotada para o período e lugar. Ela está vestida toda de preto, e Caitlin consegue sentir imediatamente que ela é da mesma espécie que ela: um vampiro.

Caitlin olha para Caleb, avaliando sua expressão. Ela pode ver que ele está surpreso e, vendo como ele fica perturbado, Caitlin começa a se preocupar. Ela pode sentir que alguma coisa tinha acontecido entre estes dois.

"Violet?" Caleb pergunta.

Ela sorri para ele.

"Eu sempre pensei que iríamos nos encontrar novamente, em algum tempo e lugar," ela fala com um sorriso. "Algumas coisas estão destinadas, eu acho."

O coração de Caitlin começa a bater acelerado ao sentir com ainda mais intensidade a força da ligação entre eles.

Quem é esta mulher? Ela se pergunta. Ela nunca tinha ouvido falar dela antes. Por que Caleb não tinha contado a ela? Seria essa mais uma de suas ex-mulheres?

Caitlin sente a boca ficar seca de preocupação. Ela tinha achado que eles finalmente colocariam o passado de Caleb para trás, depois de tudo que ela havia passado com Sera. E agora mais essa?

Ela tinha presumida, tinha *certeza*, de que não havia mais ninguém lá fora, que poderia ficar em seu caminho. E com o anel de Caleb em seu dedo, ela havia se sentido mais segura do que nunca de que o seu destino como um casal estava ao alcance deles.

Como se lendo seus pensamentos, Violet, de repente se vira e fixa seus surpreendentes olhos verdes diretamente sobre Caitlin. Ela olha lentamente para o anel de Caitlin, como se em reconhecimento, e então olhou para cima de novo.

"Quem é ela?" Violet pergunta para Caleb lentamente, com um pouco de desdém.

Sua mesa se acalma completamente, o estado de espírito jovial quebrado. Sam, Polly, Lily e os outros olham de Violet para Caitlin e então para Caleb, e ela consegue sentir todos os olhares sobre ela. Ela está começando a se sentir constrangida, sem saber o que fazer diante de tudo aquilo.

"Essa é... um..." Caleb começa, gaguejando, "um... Caitlin," completa ele, claramente nervoso, olhando pra frente e para trás entre as duas.

"E quem é ela?" Caitlin pergunta para Caleb, agora olhando diretamente para ele. Ela consegue sentir que está começando de medo e chateação.

Ele limpa a garganta.

"Violet," ele diz.

"Eu sei," diz Caitlin, irritada. "Eu já entendi o nome dela. Eu estou querendo saber o *quê* ela é."

A mesa ficou em silêncio, a tensão pesada no ar, enquanto todos os olhos se voltam para Caleb. Caitlin consegue sentir seu coração batendo na garganta. Claramente, aquilo é algo que ele está hesitante em dizer. O que poderia ser?

Caleb olha para a mesa e, em seguida, olha lentamente para Caitlin, com olhos culpados.

"Violet é quem me transformou."

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Kyle empurra e dá várias cotoveladas para abrir caminho em meio à multidão no teatro Globe de Shakespeare. Ele fica lá por horas, apartado, durante a peça interminavelmente longa, esperando por sua chance. Romeu e Julieta. Que coisa horrível. Ele havia desprezado cada palavra, cada estúpida poesia, e tinha achado aquilo tudo um desperdício de seu precioso tempo. As únicas partes que ele tinha gostado tinham sido as partes em que Romeu e Julieta morriam. Ele só queria que eles tivessem morrido logo. Pena que ele, Kyle, não era um dramaturgo, ele pensa, ele poderia ensinar Shakespeare uma coisa ou duas.

Mas ele não está lá para tais assuntos triviais. Ele está ali para tratar de negócios, negócios *de verdade*. Ele estava esperando há muito

tempo que a peça terminasse e a plateia dispersasse. Com o veneno vampiro dentro do bolso, ele havia monitorado Caitlin, e todo seu grupo, desde que haviam chegado. Ele tinha acompanhado cada um de seus passos, enquanto assistiam à peça, e tinha esperado pelo momento certo.

Ele está orgulhoso de si mesmo. Este é o novo Kyle, que já não se desperdiça energia preciosa, confrontando seus inimigos de frente. Ele já tinha aprendido esta lição algumas vezes. Agora, ele luta de uma nova maneira, com discrição e traição. O veneno é um meio confiável, e que é hora de tentar algo novo.

Mas ele tem que chegar o mais próximo possível deles, e tem que esperar até que eles tenham uma bebida na mão. Nesse meio tempo, ele fica lá, esperando eternamente. Pelo menos, ele havia feito algo útil: durante toda a peça, ele havia caminhado ao redor da plateia, liberando dezenas de ratos, e pacotes de pulgas, soltando-os no meio da multidão. Pelo menos, quando ele deixasse aquele lugar, milhares de seres humanos estariam infectados com a peste. Ele sorri com a lembrança: ele tinha destruído o estádio de rinhas com fogo, e agora derrubaria o teatro de Shakespeare com algumas simples pulgas.

Finalmente, a peça termina e a multidão se dispersa; Kyle segue Caitlin, mantendo uma boa distância. Ele os segue ao atravessarem a rua e entrarem naquela taberna. Ele espera um bom tempo, para que eles não percebam que estão sendo seguidos, sabendo que as multidões afetariam suas habilidades psíquicas.

Finalmente, Kyle sente que o momento certo chegou, e entra no bar. Vestindo uma capa e capuz, cobrindo-lhe o rosto, ele se mistura à multidão, lentamente se aproximando da mesa de Caitlin. Ele vê Caitlin sentada, ao lado de todos os seus amiguinhos idiotas. Ele gostaria de matar todos eles, e ele o faria se pudesse.

Mas desta vez, ele se obriga a manter o foco. Ele agarra o frasco de veneno em sua mão, usando a manga para segurá-la, determinado a matá-la de uma vez por todas.

Kyle se aproxima por trás de Caitlin, e assim que faz isso, uma mulher estranha, que se apresenta como Violet, aparece na cabeceira da mesa. Kyle tem sorte: ele não tinha planejado isso, que é uma distração perfeita.

Ele se move rápido. Quando todos estão olhando para ela, ele rapidamente esvazia o frasco de veneno em sua bebida. Então ele se afasta, feliz por ter se saído tão bem. Em apenas alguns minutos, Caitlin beberia. E quando o fizesse, estaria morta dentro de dias, se não horas. Seria uma morte agonizante e cruel.

Desta vez, Kyle não iria deixar nada ao acaso. Ele iria acompanhá-los, onde quer que fossem, e assistiria os momentos finais de sua morte.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Enquanto Caitlin fica ali, olhando para um lado e para o outro entre Caleb e Violet, ela não consegue acreditar no que está vendo. Ela sente todo seu corpo começar a tremer. Como isso poderia estar acontecendo? E logo agora, que tudo parecia tão bem? Quando as coisas estavam finalmente se resolvendo? Quando todos os obstáculos para a sua relação pareciam ter sido finalmente superados?

Como um raio no céu, aquela mulher tinha aparecido, acabando com a alegria de sua festa de noivado. Não é justo. Aquilo simplesmente não é justo.

Pior, Caitlin pode ver pelos olhos de Caleb, consegue sentir, no fundo, que os dois têm uma relação especial. A pessoa que o tinha transformado? Ela ainda não havia pensado nisso. É claro que, agora que ela havia parado para pensar nisso, aquela obviamente deve ser ela.

Alguém havia transformado Caleb, em algum momento. Mas ela nunca tinha pensado que fosse uma mulher, a ainda por cima uma mulher linda como aquela. Ou que, possivelmente, os dois ainda tivessem sentimentos um pelo outro.

Caitlin ainda lembra que tinham lhe falado que a relação mais forte que se pode ter no mundo vampiro é com a pessoa que havia lhe transformado. É algo que corre no fundo de seu sangue e alma, algo que nenhum vampiro jamais conseguiria abalar. A experiência ajuda a transformar a pessoa no vampiro que ela deve ser, enquanto o sangue dela corre por suas veias.

Caitlin sabe que isso é verdade. Ela sente isso em relação à Caleb. Depois de ter sido transformada por ele, ela sente como se ele estivesse sempre com ela, como uma parte dela. Ela sente que é algo mais profundo do que o amor, mais profundo do que uma simples ligação. A sensação é realmente a de que eles são uma só pessoa.

Agora, enquanto analisa Violet, Caitlin se pergunta se Caleb tem os mesmos sentimentos por ela. Ela está sempre presente, em algum lugar dentro dele? Com que frequência ele pensa nela? Do jeito que ele está gaguejando, e a julgar pela expressão nervosa em seu rosto, Caitlin suspeita que com bastante frequência. Talvez, ela pensa, em seu inconsciente, existe outra mulher a espreita.

É demais para Caitlin. Ela não quer fazer ou dizer qualquer coisa impensada, especialmente depois de ter aprendido a lição naquela ocasião na França. E ela desesperadamente não quer presumir o pior, como também já tinha feito antes.

Mas, ao mesmo tempo, ela simplesmente não consegue simplesmente ficar sentada e ver isto acontecer diante de seus olhos por mais tempo. Seja qual for a peça que o destino esteja tentando pregar nela, ela não quer fazer daquilo. Ela tem que sair dali, aquele recinto de bebedeira, para limpar sua mente e respirar um pouco de ar fresco. Ela tem que sair antes que faça algo precipitado, ou chegue a qualquer conclusão, ou diga qualquer coisa da qual possa se arrepender depois.

Caitlin se levanta abruptamente, segurando a mão de Scarlet.

Caleb também se levanta, com um olhar preocupado no rosto.

"Onde você está indo?" ele pergunta.

Caitlin não confia em si mesma para responder-lhe, não acha que vá dizer a coisa certa. Então, ao invés disso, ela silenciosamente leva Scarlet e abre caminho no meio da multidão.

"Caitlin, você não está entendendo!" Caleb grita atrás dela: "Não é nada disso. Isso aconteceu há séculos!"

Caitlin segura a mão de Scarlet com mais firmeza, e atravessando a multidão, até finalmente chega à escada, e começa a subir os degraus.

"Mãe? Para onde vamos?" pergunta Scarlet.

Mas ela está distraída pelas palavras de Caleb, que passam pela sua mente. *Séculos atrás*. Ela quer desesperadamente acreditar que não há mais nada entre ele. Ela respira fundo, forçando-se a acreditar nisso.

Ela consegue sair de lá e, em pé do lado de fora, começa a se sentir melhor. Ela respira fundo, tentando se controlar. Ela faz um esforço para acreditar em Caleb. Ela tinha cometido o erro no passado de não lhe dar o benefício da dúvida. E ela sente que agora ela tem que crescer, se tornar uma pessoa melhor e aprender com aquilo. Ela *tem* que acreditar nele.

Racionalmente, ela sabe que acredita. Mas no fundo, emocionalmente, é difícil. Ela tinha visto a expressão no rosto de Caleb, e também no de Violet. A maneira como eles haviam se entreolhado. Como mulher, ela sabe que há algo mais naquela história.

Caitlin fica ali, sentindo-se em uma encruzilhada. Ela não sabe que caminho seguir. Uma parte dela quer fugir, como tinha feito no passado, se afastar de Caleb e de todos os outros. Mas outra parte dela, uma parte está evoluindo diante de seus olhos, sabe que ela tem que ser mais madura. Ela precisa ser paciente, ouvir tudo o que eles têm a dizer, e pensar sobre tudo aquilo; dar-lhes o benefício da dúvida e, se esforçar para ser uma pessoa melhor.

"Mãe, eu não estou me sentindo muito bem", Scarlet diz de repente.

Caitlin sai de seu devaneio. Ela se ajoelha e olha para Scarlet, afastando o cabelo da frente de seus olhos. Quando faz isso, ela percebe como a testa da menina está úmida. Ela já conhece Scarlet bem o suficiente para saber que ela não está bem. Na verdade, ela parece extremamente pálida e doente.

Scarlet estende o braço e coça os seus tornozelos com as duas mãos.

Caitlin olha para baixo, e seu coração para de bater quando ela vê que as pernas de Scarlet estão cobertas com vergões. Mordidas.

Ao mesmo tempo, Caitlin nota a presença de vários ratos, correndo por elas na lama.

Mordidas. Ao redor dos tornozelos. Grandes vergões vermelhos.

Caitlin prende a respiração quando percebe o que aconteceu. Picadas de pulgas.

Caitlin tenta tirar o pensamento de sua mente. Picadas de pulgas não significam, necessariamente, a Peste. Mas ela sabe que aquilo não é um bom presságio.

"Mãe, eu me sinto muito mal," Scarlet fala novamente.

E então, antes de terminar de falar, Scarlet de repente desmaia. Os reflexos relâmpago de Caitlin permitem que ela pegue Scarlet no ar, segurando-a em seus braços.

"Scarlet? SCARLET!?" Caitlin grita frenética.

Mas ela não responde.

Scarlet abre os olhos, suavemente. Ela parece gravemente doente.

"Mãe, nós podemos ir para casa?"

"Claro, querida", responde Caitlin, reprimindo as lágrimas.

Scarlet fecha os olhos novamente. Quando ela faz isso, Caitlin segura seu corpo nos braços e decola no ar, voando com mais velocidade do que jamais tinha feito. Ela sabe onde ela deve ir: para a única pessoa no mundo capaz de ajudar alguém que está gravemente doente.

Aiden.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Caleb fica sentado, observando Caitlin sair da taberna, em estado de choque total. Ele não consegue acreditar que tudo aquilo esteja acontecendo. Apenas momentos antes, eles estavam tão felizes, vivendo um de seus melhores dias, uma festa de noivado incrível, uma peça incrível, e se divertindo muito com seus amigos. Parecia que as coisas não poderiam ficar melhores.

E, em seguida, em questão de minutos, tudo tinha desabado, e de forma completamente inesperada. Caleb tinha ficado absolutamente chocado ao ver Violet, alguém em quem ele não pensava há centenas de anos, - e ele fica completamente sem palavras. Ele não sabe o que dizer a ela, e ele também não sabe o que dizer a Caitlin. Tudo acontece tão rápido, e ele fica tão surpreso, que antes que possa reagir, Caitlin já está de saída.

"Caitlin!" ele chama novamente.

Mas não adianta. Ela já tinha aberto caminho em meio à multidão, segurando Scarlet pela mão, e já está saindo do bar.

Caleb gostaria de ir atrás dela, e o faria, mas acha melhor deixá-la sozinha um pouco para respirar ar fresco, esfriar a cabeça e se acalmar. Ele planeja dar-lhe alguns minutos e, em seguida, sairia para falar com ela.

Nesse meio tempo, ele quer saber o que Violet está fazendo ali, e ele não quer ser rude, deixando-a sozinha.

"Ela é um pouco sensível", diz Violet, olhando para baixo e sorrindo para Caleb.

Caleb não acha graça, e não sorri de volta.

"Como é que você me encontrou aqui?" ele pergunta. "E o que você está fazendo aqui? Pelo que sei, você estava vivendo na Suécia."

Ela retribui o sorriso.

"Isso foi há quinhentos anos," ela responde. "As pessoas se mudam. Londres é a minha casa agora, e tem sido pelos últimos 200 anos."

"Você me seguiu até aqui?" Caleb pergunta. "Existe algo que você queira de mim?"

Caleb fica nervoso que talvez ela o estivesse perseguindo, querendo arruinar seu relacionamento, talvez no intuito de voltarem a ficar juntos.

Mas ele também fica um pouco perplexo, pois Violet nunca tinha sido desse tipo. Ela sempre tinha sido um pouco solitária, e desde que eles tinham se separado, centenas de anos atrás, ela nunca havia tentado entrar em contato com ele.

"Não fique se achando," Violet rebate. "Você não é a única razão pela qual alguém vive em Londres, ou vai a uma peça de Shakespeare. Esta é uma taberna muito popular. O mundo não gira em torno de você. Aconteceu de eu estar aqui. E aconteceu de eu ver você. Isso é tudo, nada mais. "

Caleb suspira, sentindo a tensão sair de seu corpo, e todos na mesa também parecem relaxar com a tensão visivelmente reduzida.

"Eu já estou indo embora", ela diz. "Acho que eu não deveria sequer ter parado para dizer olá. Mas achei que você seria mais cortês do que foi."

Caleb agora se sente mal. Ela está certa. Ela não tinha feito nada de errado, e ele lhe devia, pelo menos, um pouco de cordialidade. Ele deveria ter sido mais educado com ela.

"Eu sinto muito," ele diz. "Não foi a melhor hora. Nós acabamos de ficar noivos, e esta era nossa festa de noivado. Ela não sabia sobre você, então sua visita inesperada."

Violet ergue a palma da mão.

"Eu entendo," ela fala. "Desculpe. Desejo muita sorte a vocês dois."

Com isso, ela se vira e desaparece na multidão. Essa é a Violet de que ele se lembrava. Sempre rápido para sair, e não para perseguir. E é exatamente por isso que vê-la ali o tinha surpreendido tanto.

A mesa parece respirar aliviada com a partida dela e, lentamente, as conversas são retomadas.

"Não se sinta mal," Sam fala para Caleb, "Caitlin sempre foi assim. Ela pode ser impetuosa e territorial, não é culpa sua," completa ele.

Caleb concorda com a cabeça, agradecendo.

"Eu deveria ir e ver como ela está", diz Caleb, se levantando.

"Polly já saiu para verificar," informa Sam. "Ela vai ficar bem."

"Eu acho que eu deveria verificar eu mesmo," ele fala e, se levantando, começa a abrir caminho pela multidão.

Caleb sai à luz do sol, e olha em todas as direções procurando por Caitlin e Scarlet. As ruas estão movimentadas, e a multidão toma conta de todos os lugares. Mas ele não consegue vê-la em qualquer lugar. E ele também não sente a presença delas ali.

Ele vê Polly parada, olhando à sua volta também.

"Onde ela está?" ele pergunta para Polly.

"Seu palpite é tão bom quanto o meu," ela diz, preocupada. "Parece que a sua namorada, Violet, a assustou. Eu não a culpo."

"Polly, ela não é minha namorada. Eu não fiz nada de errado."

Polly apenas dá de ombros e olha para o lado, e Caleb percebe que ela está brava com ele, também.

Garotas, ele pensa.

Caleb volta para o bar, precisando de uma bebida. Ele volta para a mesa e se senta em frente de Sam. Ele vê todos os copos vazios e nota que Sam tinha bebido demais, e ele percebe mais uma vez como Sam é imprevisível. Uma nova rodada de bebidas chega, e Sam pega duas para si mesmo, e entrega um copo para Caleb. Caleb bebe tudo em apenas alguns goles.

"A Polly ainda está lá fora?" Pergunta Sam.

Caleb confirma com a cabeça.

"Ela também está com raiva de mim."

Sam balança a cabeça.

"Garotas," diz ele. "É melhor eu ir falar com ela," acrescenta Sam levantando-se da mesa e parecendo um pouco bêbado. Caleb olha enquanto Sam abre caminho através da multidão.

Caleb sente a cerveja subir para sua cabeça, e sente um pouco melhor. Ele quer outra bebida, mas o garçom não está à vista, e ele já pode dizer que, com todas aquelas pessoas, ele demoraria uma eternidade para chegar até ele. Ele examina a mesa procurando alguma sobra de cerveja e vê, na frente dele, a bebida intocada de Caitlin, ainda cheia até a borda. Ela já tinha ido embora, e portanto

não iria beber aquilo. Ele não vê mal algum naquilo, e acha que seria jogar aquilo no lixo. E depois de tudo o que tinha acontecido, ele realmente acha que merece mais uma bebida.

Caleb estica o braço e pega o copo dela, bebendo tudo. Ele não consegue deixar de notar um gosto um pouco estranho ao engolir, diferente do gosto normal da cerveja. Ele se pergunta se talvez sua cerveja estivesse azeda, ou parte de um lote ruim.

Mas ele não se importa. Ele quer esquecer seus problemas com sua mulher, e fazer tudo desaparecer.

* * *

Polly está chateado do lado de fora do bar, procurando Caitlin e Scarlet em todos os lugares. Ela sabe que Caitlin é capaz cuidar de si mesma, mas o fato de não encontrá-la a incomoda um pouco.

Isso só pode significar uma coisa: ela tinha indo embora, para algum lugar. E que ela deve estar muito chateada com Caleb.

E Polly consegue entender. Se esta fosse a festa de noivado de Polly, ela certamente não desejaria que qualquer ex-namorada aparecesse. É irritante, para dizer o mínimo. Não que Caleb pudesse ser responsabilizado, necessariamente. Mesmo assim, aquilo não é algo que qualquer noiva aprecie.

Polly sabe como Caitlin pode ser sensível às vezes, e só espera que ela se controle, e não deixe isso afetar as coisas entre ela e Caleb. Ela acha que eles foram o casal perfeito, e odeia ver todas essas coisas constantemente acontecendo entre eles.

Quando Polly se vira, preparando-se para voltar para o bar, de repente ela sente um aperto de uma mão fria em seu braço. O aperto é firme - firme demais para ser Caitlin, e ela se pergunta quem poderia ser, ao virar para olhar.

Polly fica horrorizada.

Ali, a poucos metros dela, está Sergei.

Ele tem quase a mesma aparência que tinha na França, e está usando a mesma roupa que ele usava na ocasião. Ela não consegue acreditar que ele esteja ali, que tinha viajado de volta no tempo. E que ele tinha conseguido encontrá-la.

Ela ainda sente um ódio ardente dele. Ele a tinha enganado, ainda em Versalhes, fazendo-a revelar onde Caitlin estava. Ele a tinha usado o tempo todo, fazendo de boba; ele tinha brincado com seus sentimentos, partindo seu coração. Ela se sente envergonhada e constrangida com a forma como tinha se apaixonado por ele, pela forma como cega e estúpida que havia confiado nele.

Agora, olhando para ele, todas as suas emoções se intensificam. Ela sente uma nova onda de raiva em relação a ele, como se tudo tivesse acontecido ontem. Que audácia ele teve ao voltar no tempo, para tentar falar com ela. Ele fica parado com um sorriso idiota no rosto, como se nada tivesse acontecido entre eles, e Polly sente sua raiva crescer ainda mais.

"Polly," ele diz, "eu voltei para você. Para encontrá-la. Eu sinto sua falta."

Polly chacoalha o braço bruscamente, tirando sua mão da dele, e olha em seus olhos.

"Não se atreva a colocar a mão em mim," ela fala para ele. "Não se atreva a colocar a mão em mim de novo."

Seu rosto parece desmoronar de tristeza.

"Eu sinto muito, Polly. Eu me comentei mal. Eu reconheço isso agora. Eu cometi um erro enorme. Eu estava sob muita pressão – eu não era eu mesmo. Aquilo não era realmente como sou.

Eu realmente amei você, durante todo o tempo . Eu continuo a amá-la."

Polly sente uma onda de raiva, ela não se contém. Ela estende a mão e lhe dá um tapa forte no rosto, fazendo um barulho tão alto que vários transeuntes se viram para olhar. Aquilo lhe faz bem, e ela sente sua raiva diminuir uma pequena fração.

Sergei parece chocado, como se ele estivesse esperando por aquela reação.

"Você mentiu para mim," ela diz, com a voz fria como o aço. "Você me usou. Você é um mentiroso. Eu nunca vou confiar em você de novo. Não importa o que você diga. Eu nem posso acreditar que você tenha mesmo voltado no tempo. Você é patético. E você está apenas desperdiçando seu tempo, se acha mesmo que serei capaz de gostar de você de novo."

Ele abaixa os olhos.

"Eu mereço isso. Eu sei. E eu sinto muito. Eu não repetir isso o suficiente. Será possível que você um dia encontre em seu coração a vontade de me perdoar?"

Polly pode ouvir a tristeza em sua voz, que certamente parece genuína. E é bom ouvir aquelas palavras, especialmente depois do que ele a tinha feito passar. E ela tem que admitir que em algum lugar, no fundo, ela ainda sente uma pequena pontada de afeto por ele.

Mas Polly rapidamente empurra esses sentimentos para longe, obrigando-se a lembrar do que ele tinha feito. E obrigando-se a pensar em Sam, de quem ela realmente gosta.

"Se você chegar perto de mim novamente," Polly diz: "Eu não vou ser tão amável. Você e eu somos inimigos agora. Eu nunca vou te perdoar. Não importa o que você diga."

"Eu voltei de volta no tempo, porque eu te *amo!*" Ele implora. "E eu sei que você ainda me ama também. Eu quero ouvir essas palavras. Por favor, diga que você ama, Polly. Assim como você costumava fazer. Diga isso de novo. Diga mais uma vez que você me ama."

Polly se vira, ao sentir que alguém se aproxima.

A poucos metros de distância, observando-os, está Sam. Ele olha para eles com os olhos arregalados, um pouco bêbado, e muito, muito enciumado.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Ao sair do bar, tendo bebido além da conta, Sam dá alguns passos e, em seguida, dá de cara com Polly e Sergei. Ele para no meio do caminho, completamente chocado pelo que vê diante dele: lá estão Polly e Sergei. E ele está pedindo a ela que repita mais uma vez o quanto ela o ama.

Sam sente ciúme e raiva ao mesmo tempo. Raiva de Sergei, que tinha claramente viajado de volta no tempo para reconquistar Polly. E também ciúmes de Polly, que devia ter acabado de declarar seu amor por ele. Por que mais ele pediria a ela para "dizer de novo"? E justo para *Sergei*, a criatura que tinha traído Polly uma vez, e que também tinha traído sua irmã. O homem que havia tentando matá-los na Catedral de Notre Dame.

E agora ali estão eles, em pé, conversando. E falando de amor.

Sam sente uma fúria avassaladora tomar conta dele.

Sergei se vira e olha para Sam, e por um segundo, Sam consegue ver o medo em seus olhos.

Ele deve mesmo ter medo, pensa Sam.

"Sam," Polly diz. Ela deve ter visto o ódio em seus olhos, também.

Mas já é tarde demais. Nada o que ela poderia dizer seria capaz de controlar as emoções que tomam conta de Sam. Ele abaixou o ombro e investe contra Sergei, empurrando-o com força, e levando-o todo o caminho de volta através da multidão.

As pessoas gritam, carrinhos são derrubados, e corpos voam, quanto Sam joga Sergei para outro lado da rua com tanta força que ele sai voando, dezenas de metros no ar, e cai em um enorme carrinho de frutas e legumes, derrubando-o. Todo o carrinho cai no chão, em cima de Sergei, que fica lá, parecendo atordoado.

"Sam, pare!" Polly grita.

Sam não consegue entender por que ela está tentando proteger Sergei. Isso só prova que ela se importa com ele, e que ela ainda o ama. E isso só faz Sam sentir ainda mais raiva.

Sam ataca Sergei novamente enquanto ele está deitado no chão, pronto para acabar com ele. Mas Sergei rapidamente fica em pé, e de repente decola no ar, voando para longe, para surpresa dos transeuntes. Sam tinha quase esquecido que Sergei era um dos seus, capaz de voar, e com reflexos tão rápidos.

Sam fica parado e vê Sergei voar para longe, como o covarde que é, com medo de lutar contra ele. Sam fica ali, respirando com dificuldade, e pode sentir os olhares chocados de todas as pessoas ao seu redor. Por enquanto, ele permite que Sergei escapasse. Se Sergei era covarde a ponto de não ficar e lutar, então ele não merece que Sam vá atrás dele.

Lentamente, a raiva de Sam começa a passar.

"Sam, o que está fazendo!?" Polly grita.

Ela está em pé ao lado dele, e parece chateada, com as mãos nos quadris.

"O que quer dizer, o que eu estava fazendo?" ele retruca. "Ele tentou matar minha irmã, e tentou matar nós dois! A pergunta certa é: O que *você* está fazendo? Por que ele estava aqui? E por que você estava falando sobre o quanto você o ama?"

Sam vê o rosto de Polly se transformar. Ele nunca tinha visto ela tão transtornada assim.

"Eu não estava falando com ele sobre o amor. Você nos ouviu mal. Eu esperava que você fizesse uma ideia melhor de mim."

"Bem, não é isso que parecia," Sam retruca.

"Bem, então," ela diz, "se você não confia em mim, então vamos seguir nossos caminhos separados. Nós nem estamos juntos!"

Sam se sente traído pelas suas emoções - raiva, ciúme, traição.

"Tudo bem," ele retruca.

"Tudo bem", ela retrucou.

Sam se vira, afastando-se dela, acotovelando seu caminho através da multidão e se sentindo arrasado. Sua raiva começa a desaparecer, sendo substituída por outra coisa. Tristeza. Ele sente que ele e Polly estavam se aproximando. E agora, aquilo tudo tinha acontecido. Ele não sabe exatamente o que, mas sente que o que quer que fosse, aquilo tinha arruinado as coisas entre eles.

Sam corre de volta para dentro da taverna, de volta à sua mesa, e se senta em frente a Caleb, precisando mais do que nunca de uma

bebida. Quando olha para Caleb, que está sentado ali, parecendo tonto, Sam se solidariza com ele.

"Meninas," Sam diz, balançando a cabeça. "Eu sei como você se sente agora", ele fala. "Simplesmente não é justo."

De repente, Sam vê que Caleb segura sua própria garganta, como se estivesse engasgando. Seus olhos se arregalam, e ele começa a tremer.

"Caleb?" Sam pergunta, preocupado. "Você está bem?"

Os olhos de Caleb se viram em sua cabeça, e ele começa a cair, prestes a desmaiar. Sam, com seus reflexos rápidos como raios, salta ao redor da mesa e pega Caleb no ar, antes que ele caia no chão. Ele segura o corpo inerte de Caleb em seus braços, enquanto os outros membros do coven começam a se amontoar ao redor deles.

"Caleb?" Sam chama, preocupado, enquanto sacode o corpo dele. "Caleb?"

Caleb não responde, e sua pele, já pálida, parece estar ficando azul.

"Precisamos de um médico!" Sam grita, no meio da multidão.

Mas, mesmo enquanto grita, enquanto a multidão assustada começa a reunir em torno dele, Sam sabe que seria inútil. Afinal, Caleb é um vampiro. E só uma pessoa que ele conhece seria capaz de curar um vampiro.

Aiden.

Sam pega o corpo inerte de Caleb e atravessa o bar, subindo correndo os degraus, passando pela porta e, com três grandes passos, saltando para o ar e levando Caleb. Ele voa o mais rápido que consegue em direção a única ajuda que ele conhece.

Ele só espera que já não seja tarde demais.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Caitlin voa na direção do Castelo de Warwick em pânico. Ela é a primeira de seus companheiros de coven a retornar de Londres, e ela segura Scarlet em seus braços com força. Scarlet tinha delirado durante a maior parte da viagem, e ao longo da última hora ou mais, Caitlin tinha visto vergões começando a se formar em seu rosto. Ela está completamente tomada pela tristeza e ansiedade. Ela tem certeza, agora, Scarlet tinha sido infectada a Peste.

Ela mergulha, ultrapassando os muros interiores do castelo, chegando ao pátio, e aterrissa suavemente. Ela corre com Scarlet através da grande porta de carvalho, e pelos corredores de pedra.

"Aiden!" ela grita, sua voz ecoando pelos corredores vazios.

"Aiden!"

Mas ele está longe de ser encontrado, e ela não sente sua presença em qualquer lugar na propriedade. *Onde está ele?* Ela pensa. Justo agora, quando ela mais precisa dele.

Caitlin corre por um corredor, chutando uma porta aberta, e subindo com pressa um lance de degraus. Ela sabia que esta ala do castelo é onde ficam os quartos, e sua primeira atitude seria deixar Scarlet confortável.

Ela abre outra porta com um chute, e se vê em um belo quarto, com uma cama grande com dossel, enormes janelas com vista para o rio

e hectares de colinas. O ambiente é tranquilo, e a roupa de cama é limpo e luxuosa. É o lugar perfeito para Scarlet descansar.

Ela corre para a cama e coloca Scarlet sobre ela, colocando a cabeça dela suavemente sobre o travesseiro. Ela estende a mão e afasta o cabelo do Scarlet, agora pegajoso, de sua testa. Mas Scarlet ainda não tinha aberto os olhos.

Caitlin está começando a se sentir oprimida e a entrar em pânico. Se fosse ela, Caitlin, que tivesse sido ferida ou estivesse doente, ela não se preocuparia e se tivesse sido um companheiro vampiro, ela também não estaria tão preocupada. Mas é outra pessoa, alguém que ela ama muito, e um ser humano. Ela se sente impotente, e não tem ideia do que fazer.

Ela sabe como é difícil sobreviver à Peste. Ela sabe, a partir de seus livros de história, que a doença havia dizimado cerca de um terço da Europa. E ela sabe que uma vez que você tenha a doença, suas chances de sobrevivência não são boas. Ela também sabe que a dor e o sofrimento são insuportáveis, mesmo para um adulto. Seu coração se parte, ao pensar na dor que Scarlet enfrentaria quando a praga atingisse seu ápice ao longo dos próximos dias.

Caitlin atravessa o quarto, pega uma toalha e a umedece em um balde de água fria, torcendo-a em seguida. Ela corre de volta para o lado de Scarlet, estende a mão e enxuga sua testa com ela. Scarlet arde de febre. Ao fazer isso, os olhos de Scarlet se abrem um pouquinho. Sonolenta, ela olha para Caitlin.

"Mãe, eu estou tão quente," Scarlet fala. "Dói tanto. Você pode fazer isso passar?"

O coração de Caitlin se parte. Ela gostaria, mais do que nunca, de estar no século XXI, para que pudesse levar Scarlet a um hospital moderno, dar-lhe antibióticos modernos, analgésicos e anti-inflamatórios. Tudo o que pudesse para fazê-la se sentir confortável.

Mas ali, naquele tempo e lugar, há muito pouco que possa fazer a não ser sentar ao seu lado, e ver a doença seguir seu curso.

"Está tudo bem, querida," diz Caitlin. "Já vai passar."

"Você promete?" Pergunta Scarlet.

Caitlin engole em seco.

"Eu prometo", ela diz.

Caitlin sente seu coração se partir dentro de seu peito. Ela não consegue na rapidez com que tudo tinha acontecido. Poucas horas atrás, ela estava tendo um dos melhores momentos de sua vida. Assistindo Romeu e Julieta, conhecendo Shakespeare e comemorando sua festa de noivado, com toda a sua família e amigos tão próximos. Ela se sentia verdadeiramente feliz e segura, como se nada jamais pudesse mudar.

E então, era como se uma tempestade a tivesse atingido.

Primeiro, Violet.

Então, Scarlet.

A doença de Scarlet tinha tirado a mente de Caitlin do problema com Violet e Caleb. Mas agora, ela pensa nele.

Onde está Caleb? Por que não está aqui?

Caitlin fica com raiva. Será que ele ficou para trás, com Violet? Por que ele não tinha voltado para Warwick? Não tinha percebido que Scarlet estava doente?

Enquanto Caitlin pensa sobre isso, ela lembra que Caleb ainda não sabia que Scarlet estava doente, uma vez que tudo tinha acontecido do lado de fora da taverna. Ainda assim, ela não consegue deixar de

sentir raiva dele. Ela queria que ele estivesse ali, agora, ao seu lado, ajudando com Scarlet. Dizendo-lhe que tudo ficaria bem.

Porque no fundo, Caitlin sente que tudo não vai acabar bem. Que sua linda e incrível vida tinha acabado de tomar um rumo muito, muito ruim. E que ela nunca voltaria a ser como antes. Na verdade, Caitlin não consegue pensar em como as coisas poderiam ficar piores.

Até que de repente, a porta se abre. Sam corre para dentro do quarto, segurando Caleb em seus braços, e o coração de Caitlin para de bater. Ela não pode acreditar. Caleb parece azul, sem vida. Seu coração, já partido, se parte novamente.

Ela estava errada sobre uma coisa: as coisas poderiam realmente ficar muito, muito piores.

* * *

Caitlin ajuda Sam a deitar Caleb na cama, colocando-o ao lado de Scarlet. A cama é tão grande, que comporta os dois facilmente, um de cada lado.

Ao absorver a cena, Caitlin não consegue acreditar no que está vendo: deitados, lado a lado, estão as duas pessoas que ela mais ama no mundo, ambos fora de si um ao lado do outro, ambos gravemente doentes. Scarlet, ela consegue entender, mesmo que tenha dificuldade em aceitar. Ela tinha visto as picadas de pulgas. Ela sabe o que a peste pode fazer. E Scarlet é humana. Mas Caleb? Ela não consegue entender o que pode haver de errado com ele. Ele é um vampiro, afinal. Imortal. Não é?

"O que aconteceu?" ela pergunta para Sam, preocupada. Ela sente seu coração batendo em sua boca. Ela nunca tinha visto Caleb assim, tão doente.

"Eu não sei," responde Sam. "Num minuto ele estava sentado lá, e no seguinte ele desmaiou. Eu voei de volta pra cá. Os outros estão logo atrás de mim."

Como se por mágica, a porta se abre e, Polly, Lily, Tyler, e uma dúzia de membros do coven, juntamente com Ruth, correm até a cama; Ruth sobre e se deita ao lado de Scarlet. Ela lambe o rosto de Scarlet repetidamente, sem sucesso, em seguida, coloca o focinho sobre seu peito e geme.

"Mas não é possível," Caitlin repete. "Caleb," ela diz, depois para, sem saber o que dizer. "Ele é um de nós. Como pode estar tão doente?"

"Eu não sei," Sam responde solenemente.

Polly corre e se ajoelha ao lado de Scarlet, pegando sua mão mole.

"O que aconteceu com *ela*?" ela pergunta, alarmada.

Quando ela olha, vê sempre vergões surgindo em todo o rosto de Scarlet. Não há alternativa.

"A Peste," Caitlin pronuncia em tom grave.

Sam levanta e anda com raiva.

"Talvez este tenha sido um ataque coordenado," ele diz. "Ambos doentes ao mesmo tempo - é muito estranho. Mas por que eles? E o que poderia deixar um vampiro doente?"

"Talvez tenha sido um ataque dirigido para outra pessoa," Caitlin diz em voz alta. Ondas de culpa tomam conta dela. Aquele ataque teria sido contra ela?

"Mas que tipo de ataque?" Pergunta Polly. "Eu não conheço nada que possa fazer algo assim com um vampiro."

"Nem eu," fala Tyler, aproximando-se e em pé ao lado da cama.

Caitlin é dominada pelo pânico. Ela coloca as mão sobre os ombros de Caleb e, lentamente, o sacode. Ela agora se sente culpada por tê-lo deixado daquela maneira. Talvez se tivesse ficado, teria impedido de algum modo o que quer que lhe tenha acontecido.

"Caleb," ela sussurra urgentemente. "Caleb, por favor, me responda."

Mas ele não responde.

"Vá encontrar Aiden!" Caitlin repente grita, assustada. Ela se vira para o grupo que por perto, de boca aberta. "Vamos! Todos vocês! Encontrem-no!", Ela grita.

Todo o grupo se apressa para fora do quarto, como se tivessem medo dela, e fecham a porta atrás deles.

Caitlin agora se vê sozinha no quarto, apenas com Ruth, Scarlet e Caleb. Ela deita a cabeça sobre o peito de Caleb, e não se contém: ela começa a chorar.

Ela estende o braço e segura na mão dele.

"Caleb. Eu sinto muito. Por favor, me perdoe".

Lentamente, Caleb abre os olhos.

O coração de Caitlin se sobressalta, e ela olha para ele com uma nova esperança. Seus olhos estão tão vidrados, que ela quase não os reconhece.

"Caleb? Você consegue me ouvir?"

Ele balança a cabeça lentamente, apertando-lhe a mão suavemente.

"Eu sinto muito", ela repete. "Por ter saído daquela forma."

Ele se esforça para falar.

"Não há nada entre Violet e eu...".

"Eu sei," diz Caitlin, chorando. "Eu sei disso, Caleb. E eu sinto muito por tê-lo deixado".

Caleb acena com a cabeça, parecendo estar satisfeito, e fecha os olhos novamente.

"Caleb?" Ela pergunta, tentando acordá-lo mais uma vez. "Quem fez isso com você? Você foi atacado? Você foi envenenado?"

Mas os olhos de Caleb permanecem fechados, e ele não responde. Finalmente, depois do que parece uma eternidade, Caleb lentamente abre os lábios.

"Jade. Não se preocupe. Papai vai estar em casa em breve."

O coração de Caitlin fica apertado. Jade. O filho dele. Ele está tendo alucinações. E falando em deixar esta terra.

Caitlin fica mais desesperada do que nunca.

"Caleb!" ela grita, sacudindo seus ombros violentamente.

Mas não faz a menor diferença. Seus olhos se fecham, e não voltam a abrir.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Caitlin corre. Um enorme, sol vermelho-sangue brilha no horizonte, e ela corre na direção para ele, através de um campo enlameado. Ela olha para baixo e vê que o campo está vivo e completamente coberto por ratos.

Milhares e milhares de ratos gritam enquanto ela corre por deles, e ao fazer isso, ela vê as pulgas saltando para fora deles em todas as direções. Um enxame de pulgas paira no ar, subindo e descendo pelas suas pernas, cobrindo todo seu corpo e picando sem parar. Ela sente sua pele em chamas devido a todas as mordidas; ela bate nas pulgas, mas não consegue se livrar delas.

No horizonte, ela vê seu pai, sua silhueta delineada contra o sol. E ela sabe que se conseguir alcançá-lo, estará segura.

Mas desta vez, o seu rosto está obscurecido. E quanto mais ela corre, mais longe ele fica.

Ela lentamente afunda na lama enquanto avança, ficando menor a cada passo. Finalmente, ela não consegue mais correr dos ratos, ficando completamente presa, completamente coberta por pulgas e depois por ratos, que a mordem em todo seu corpo.

Ela vê diante dela dois caixões. Um é grande, e o outro do tamanho de uma criança. Caleb está em um, e Scarlet no outro. Ambos estão cobertos com vergões, e ambos estão mortos.

Caitlin estende os braços, colocando uma mão sobre um caixão e a outra sobre o outro, enquanto chora. Ela estava tentando desesperadamente alcançá-los, para trazê-los de volta. Mas ela mesma está sendo sugada para dentro da terra.

Enquanto se debate, prestes a ser completamente engolida pela lama, ratos e pulgas, ela estende a mão e agarra uma última coisa. Ela olha para cima e vê que ela está segurando uma grande chave dourada. Ela está presa a uma corda, que está pendurado em uma árvore. Ela segura com as duas mãos, e lentamente se levanta.

De repente, seu pai está sobre dela, uma silhueta contra o sol.

"A chave, Caitlin," ele diz lentamente. "Ela pode te salvar. Encontre-a no monte do julgamento. O Monte de São Miguel."

Caitlin acorda sobressaltada, sentando-se na cama. Ela olha a sua volta, desorientada, e finalmente percebe que tudo tinha sido um sonho. Ela está respirando com dificuldade, e coberta de suor. Ela lentamente afasta o cabelo úmido do rosto e olha em volta, tentando se orientar.

É noite, e ela ainda está no quarto com Caleb e Scarlet. Ela tinha caído no sono em cima deles, deitada nos pés da cama.

Ela olha para eles, e vê que ambos ainda dormem, sem qualquer movimento, Ruth está deitada sobre o peito de Scarlet.

Ela sente uma presença e de repente se vira.

Há uma figura solitária no lado oposto do quarto. Ainda desorientada, por um segundo ela pensa que é seu pai.

Mas, assim que pisca algumas vezes, ela percebe que não é ele. Ela está realmente acordada agora. E vê que não é seu pai, e sim Aiden.

Ele a estuda, com preocupação estampada em seu rosto.

Caitlin se levanta e o encara.

"Por favor," ela implora. "Você pode ajudá-los?" Ela corre e segura nas duas mãos dele. "Por favor."

Aiden se adianta lentamente, passando por ela, até ao lado da cama. Ele olha para os dois com seriedade, enquanto Caitlin espera atrás dele.

Primeiro, ele vai para o lado de Scarlet, estende a mão, e a coloca em sua testa. Ele fecha os olhos por alguns segundos. Finalmente,

ele os abre novamente. Ele olha severamente para Caitlin.

"Não é bom," ele diz. "Como você suspeita, ela está com a Peste. Ela é humana. Ela é frágil. Pode ser que ela se recupere."

Caitlin sente seu coração batendo.

"Existe alguma coisa que possamos fazer? Qualquer coisa?"

Aiden balança a cabeça lentamente.

"Ela é um ser humano," é tudo o que diz.

Caitlin sente seu coração ser partir em dois. Ela não consegue suportar a ideia da morte de Scarlet. E ela não sabe como continuar sem ela.

Aiden caminha para o lado de Caleb, e coloca a mão em sua testa. Depois de alguns segundos, Aiden abre os olhos. Desta vez, porém, ele retira sua mão rapidamente, como se tivesse sido picado por uma cobra. Ele se vira e olha para Caitlin com um olhar de espanto. Ela nunca o tinha visto tão surpreso.

"Ele foi envenenado," ele anuncia.

Caitlin fica chocada.

"Envenenado? Por quem? Que tipo de veneno? Vampiros não são imunes?"

"É um tipo muito especial de veneno. Um que eu não vejo há mil anos. Um veneno feito para os vampiros. Este foi um ataque. Uma tentativa de assassinato, definitivamente."

Caitlin sente seu coração apertado, com medo de fazer a pergunta seguinte.

"Será que ele vai viver?"

Mas ela já tinha visto o olhar derrotado no rosto de Aiden.

"Não há cura para um veneno como este," ele finalmente diz, em voz baixa. "Receio que ele não tenha muito tempo de vida."

"Não," Caitlin lamenta, aos prantos. "Eu me recuso a permitir que isso aconteça!"

Aiden olha para ela, com tristeza.

"Você se lembra daquela noite, ainda em Pollepel?" ele pergunta. "Quando você pediu para ser enviada de volta? Eu lhe avisei. Eu lhe disse que a viagem no tempo era arriscada. Perigosa. Isso tudo poderia acontecer. Você sabia disso, mas você escolheu voltar. Me desculpe, mas você tem que estar preparada para deixá-lo partir em algum momento."

"Não!" Caitlin grita. "Agora não. Estamos prestes a começar uma vida juntos. Estamos prestes a nos casar! Eu não posso permitir isso! Não pode ser!"

Caitlin soluça, jogando a cabeça no peito de Caleb. Ela se vira e olha para Aiden, com uma nova resolução, e olha em seus olhos.

"Em Pollepel," ela diz, "você encontrou uma maneira. Então, tem que haver outro meio. Deve haver uma maneira. E se alguém sabe disso, é você. Diga-me. Por favor. Pense bem. Qualquer coisa!"

Aiden se levanta e caminha pelo quarto. Ele vai até a janela, e olha para fora.

Depois de vários momentos, ele suspira, parecendo triste.

"Há uma possibilidade," ele fala.

Os olhos de Caitlin se iluminam com esperança. Ela corre para o seu lado, atenta a cada uma de suas palavras.

Ele olha para ela.

"Mas é arriscado," continua ele, "e é provável que você morra no processo, mesmo que o salve."

"Diga-me," ela pede, sem hesitação. "Seja o que for. Por favor, diga-me. Eu vou fazer o que for preciso."

Ele olha para ela, e seus olhos passam através dela.

"Sim, você realmente o faria, não é mesmo? Você se mataria por ele. Você realmente o ama, não é?"

Caitlin chora.

"Sim, faria qualquer coisa." Ela enxuga as lágrimas. "Por favor, diga-me."

"Seu criador," Aiden finalmente diz. "A pessoa que o transformou. Há uma antiga lenda vampira que diz que, se um vampiro está morrendo, há uma última maneira de salvá-lo: encontrar o vampiro que o transformou. Você precisaria colher um frasco de sangue deste vampiro e, em seguida, alimentar o vampiro que está doente. Então, talvez, apenas talvez, ele possa ser salvo."

Os olhos de Caitlin começam a se iluminar com otimismo.

"Espere," Aiden dispara, pessimista. "Não é tão simples assim. Isso é apenas o primeiro passo. Uma vez que a pessoa doente é alimentada pelo sangue, ela deve, então, se alimentar do sangue de um vampiro saudável - um vampiro que o ama de verdade. Você vê, o vampiro doente é protegido por dois espíritos - o que o transformou, e aquele que ele ama agora. Então, e somente então, ele tem uma chance para o renascimento."

Aiden suspira, voltando a andar.

"Mas isso traz um risco considerável," acrescenta. "O vampiro de que ele se alimenta, aquele que ele mais ama, quase certamente irá morrer no processo. Este vampiro dá a sua vida para salvar a pessoa que ama."

As palavras são como uma bomba na cabeça de Caitlin. Ela teria que encontrar o vampiro que havia transformado Caleb. Violet. Ela teria que ir até ela e pedir sua ajuda. Em seguida, ela deixaria que Caleb se alimentasse do sangue dela, Caitlin. No processo, Caleb poderia ou não viver. E Caitlin provavelmente morreria.

"Eu vou fazer isso," ela diz, tomando uma decisão.

Aiden balança a cabeça.

"Tola," ele diz. "Impulsiva. Impetuosa. Ele provavelmente vai morrer de qualquer jeito. E você provavelmente vai morrer também. E então ambos terão desperdiçado suas vidas."

"E se eu não fizer nada?" pergunta Caitlin.

Aiden parece sombrio.

"Então, ele certamente vai morrer."

Caitlin está decidida.

"Como posso fazer isso?" ela pergunta.

Aiden olha para ela, com um olhar de desaprovação.

"E o que dizer da sua missão?" ele pergunta. "De sua busca? Seu pai? O escudo? Toda raça o vampira e humana? Você é realmente tão egoísta, a ponto de sacrificar tudo isso por um homem?"

Caitlin repente se lembra de seu sonho.

"Eu sonhei com ele ontem à noite. Com meu pai. Ele tinha uma chave. E ele me disse para encontrá-lo no Monte de São Miguel. O que significa isso?"

Os olhos de Aiden se arregalam.

"O Monte do julgamento. Claro. São Miguel era o anjo do julgamento. Seu pai está dizendo para você encontrar a chave no Monte de São Miguel. É uma antiga fortaleza vampira. Faz todo o sentido. Sim, isso é exatamente onde a chave deve estar."

Ele se aproxima e segura seus ombros, olhando para ela com atenção.

"Você tem que ir lá imediatamente," ele pede.

"Eu não posso," responde ela. "Eu tenho que salvar Caleb primeiro. Eu tenho que encontrar Violet."

"Ouça-me com muito cuidado: Uma vez que a localização da chave é revelada a você, você deve ir imediatamente. Se você não fizer isso, uma grande calamidade cairá sobre nós, e nesse caso Caleb não sobreviveria. Você não tem escolha. Você deve pegar a chave em primeiro lugar. Depois, se for necessário, você pode encontrar Violet."

Caitlin pensa muito, e acha que aquilo faz sentido.

"Eu prometo."

De repente, a porta do quarto se abre, e Sam, Polly e Lily entram apressados.

Aiden se vira e sai, antes que Caitlin possa dizer outra palavra.

"O que ele disse?" Pergunta Sam.

Caitlin fica ali, tremendo por dentro, sabendo o que deve fazer, mas se sentindo ansiosa por ter que deixá-los. Ela sabe que tem que ir, primeiro, encontrar a chave e, em seguida, obter o antídoto, mas ela se sente tão dividido sobre a ideia de deixar Caleb e Scarlet sozinhos, especialmente quando estão tão doentes.

"Pode haver uma cura," Caitlin diz. "Eu tenho que encontrá-la. Mas eu não posso deixá-los sozinhos. Vocês me prometem – vocês três - que ficarão aqui, que cuidarão deles e que não sairão de perto deles ? Eu não posso partir a menos que eu saiba que vocês estão aqui."

"Mas eu quero protegê-la," diz Sam. "Eu quero ir com você. Essa é a minha missão."

"Eu não posso ir, a menos que eu saiba que você está aqui," ela diz. "Aqui é onde eu preciso de vocês. Vocês prometem?"

Todos se entreolham, e então olham para ela.

"Nós prometemos," eles respondem em uma só voz.

Caitlin abraça cada um deles, se inclina sobre Caleb e Scarlet e os beija; então, determinada a não desperdiçar mais um precioso segundo, ela dá três passos correndo e pula para fora da janela aberta, voando tão rápido quanto consegue.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Polly se ajoelha ao lado de Scarlet, mergulhando um pano repetidas vezes em um balde de água fria, torcendo-o, e passando-o sobre a testa e bochechas dela. O coração de Polly está partindo. Essa pobre

criança está ardendo em febre. Várias vezes nas últimas horas, ela havia despertado, gritando por Caitlin. Polly havia tentando tranquilizá-la, assegurando que Caitlin estaria de volta em breve, mas Scarlet parece inconsolável.

Ruth, também, parece nervosa. Ela não quer sair do lado de Scarlet, e ela passa a maior parte do tempo se lamentando, colocando o focinho no peito dela, e rosnando para qualquer outra pessoa além Polly, Sam ou Lily, que chegue perto. Ruth está agindo como se fosse sua própria filha deitada na cama.

Polly se sente cada vez mais preocupada enquanto cuida das feridas de Scarlet. Há enormes marcas cobrindo todo seu rosto, escorrendo pus. Cada vez Polly limpa uma delas, outra começa a vazar. Ela se sente muito mal pela criança, e fica impressionada com sua valentia, considerando o quanto aquilo tudo parecia doloroso.

Polly passa a mão pelo cabelo de Scarlet sem parar.

"Eu lhe disse que você é a menina mais corajosa do mundo?" Polly fala, tentando fazê-la sorrir.

Mas Scarlet não está sorrindo. Ela alterna entre se contorcer de dor, e desmaiar. Do outro lado da cama, Lily se ajoelha ao lado de Caleb, correndo um pano frio na testa dele. Caleb, porém, está completamente indiferente. Sam caminha pelo quarto, como um animal selvagem, enjaulado.

"Eu me sinto inútil," diz Sam. "Eu gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer. Eu gostaria de poder descobrir quem fez isso com eles. Eu gostaria de poder..."

"Por favor, pare com isso," Polly se vira para ele.

Sam para em seu caminho.

"Tudo o que você está fazendo está piorando as coisas," ela fala. "Bater em alguém não vai mudar a situação."

Polly está quase sem paciência, cansada daquela situação horrível, e ainda com raiva de Sam por seu comportamento do lado de fora da Globe - por tê-la acusado de amar Sergei.

"Bem, o que mais eu poderia fazer?" Sam retruca.

"Por que você não tenta fazer algo útil," Polly dispara. Ela caminha até ele e coloca o pano molhado na palma de sua mão. "Cuide de Scarlet. Vou respirar um pouco de ar fresco."

Polly passa por ele e sai pela porta, fechando-a atrás de si.

Polly respira fundo, sentindo-se bem por ter saído um pouco. Ela realmente precisava de uma pausa de toda aquela tristeza e miséria. E ela precisa ficar longe de Sam. Ela está um pouco confusa em relação a ele, e isso, acima de todas as outras coisas, é o que está deixando nervosa. Por um lado, ela quer estar com ele. Por outro lado, ela ainda está chateada com ele. Ela se sente confusa, e não sabe o que pensar ou sentir.

"Aí está você," diz uma voz.

Polly se vira na direção do barulho. Para sua surpresa, ali, a poucos metros de distância, está Sergei. Ela não consegue acreditar.

Ela está se preparando para gritar com ele, mas antes que possa dizer uma palavra, ele levanta a mão e fala rapidamente:

"Eu sei que você está furiosa comigo. E você tem o direito de estar. E se você é não está mais interessada, tudo bem. Eu não vim aqui para tentar novamente. Entendi o recado. Eu só vim aqui para fazer as pazes. E para ajudar."

Polly olha para ele, sem saber no que acreditar.

"E como é que você se propõe a fazer isso?" Ela retruca.

Sergei dá meio passo em frente, hesitante. "

A peste que Scarlet tem, e que Caleb tem." ele fala. "Eu conheço uma cura para isso. Eu sei quem os envenenou. Foi Kyle. E eu sei onde o antídoto está. Eu posso levá-la até ele."

"E por que você faria isso?" Polly rebate, ainda sem confiar nele. "Você ama Kyle."

"Kyle e eu nos separamos. Ele é meu inimigo agora. E como eu disse, eu quero fazer as pazes. Estou verdadeiramente envergonhado pela forma como me comportei na França. Por favor, me dê uma chance de fazer as pazes com você. Deixe-me ajudar. Deixe-me dar-lhe o antídoto. Você pode salvar a todos."

Polly pensa. Ele parece tão convincente, tão genuíno. E por que ele ofereceria aquilo, a menos que estivesse dizendo a verdade? A ideia dela ajudando a todos a enche de esperança. A visão de Scarlet e Caleb deitados naquela cama é quase demais para suportar. Se houvesse uma chance que fosse de encontrar a cura, ela tem que explorá-la.

"Qual é a distância?" ela pergunta.

Sergei sorri.

"Não muito longe. Voe comigo. Eu vou te mostrar. Por favor", ele pede, implorando, "confie em mim. Eu quero ajudar. Você pode salvar a vida de ambos."

Polly o analisa, tentando usar todos os seus sentidos para detectar se ele está dizendo a verdade. Mas os seus sentidos estão obscurecidos. Ela quer desesperadamente acreditar nele, acreditar que existe uma cura. Ela tenta argumentar com ela mesma que sim. E com Caleb e Scarlet à beira da morte, que escolha ela tem?

"Eu ainda te odeio," diz Polly, "mas vou segui-lo até a cura. E é isso. E então nunca falarei com você."

Sergei sorri.

"Isso é tudo que eu peço."

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Caitlin voa durante a noite, voando o mais rápido que consegue, usando suas asas para tentar ganhar velocidade máxima, enquanto voa sozinha pela escuridão. O céu noturno está cheio de estrelas, e a paisagem rural da Inglaterra está bem embaixo dela.

Ela se sente muito sozinha. Depois de ter recentemente voado com grandes grupos de pessoas - Caleb, Scarlet, Ruth, Sam, Polly, Lily e os companheiros do coven de Aiden, agora, ela sente apenas a solidão. Ela se sente como se estivesse trilhando um caminho destinado somente para ela.

Ela relembra todos os lugares que ela já tinha visto, as épocas em que ela tinha vivido, e ela se lembra do que tinha aprendido, algumas vezes: a de que o caminho do guerreiro é sempre um que deve ser percorrido sozinho. Quando ela está realmente sozinha, explorando um novo território, é quando ela sabe que está liderando, e não seguindo. E assim ela está se tornando uma guerreira. É isso que Aiden havia lhe ensinado. E agora, isso lhe parece mais verdadeiro do que nunca.

Todos os ossos de seu corpo gostariam de estar indo em busca do antídoto para Caleb, e, com sorte, para Scarlet também. Embora Aiden tenha dito que ele funciona apenas para os vampiros, ela espera, torce, que ela também possa encontrar alguma maneira de salvar Scarlet. Mas Aiden havia insistido para que ela visitasse o Monte de São Miguel e pegasse a chave em primeiro lugar, ou então ela colocaria todos eles em perigo. Ela nunca tinha visto Aiden tão firme sobre qualquer coisa, e ele ainda havia alertado Caitlin que, se ela não o fizesse, então Caleb morreria, e ela sente que deve seguir seu conselho.

Enquanto Caitlin continua voando rumo ao ponto mais distante do sudoeste da Inglaterra, conforme instruções, o dia começa lentamente a nascer. O céu é iluminado por milhares de tons suaves de amarelo e laranja, à medida que as estrelas lentamente desaparecem. A paisagem rural, as colinas suaves, algumas poucas fazendas, a fumaça das chaminés, tudo lentamente se torna visível abaixo dela novamente.

Enquanto voa, o coração dela começa a bater mais rápido em antecipação ao possível encontro com seu pai. Será que ele estaria lá? No Monte do Julgamento, esperando por ela? Seu sonho tinha parecido tão real. Caso contrário, seria este o lugar onde ela encontraria a terceira chave, chegando muito mais perto de encontrá-lo? Ela está animada por finalmente ter decodificado o enigma, e animada que seu pai havia lhe dado a resposta em seu sonho. Ela sente a presença dele mais do que nunca, e ela se sente determinada a encontrar a chave, especialmente se esse for o primeiro passo para salvar Caleb e Scarlet.

Caitlin enxuga as lágrimas enquanto voa, tentando empurrar a tristeza para o fundo de sua mente. A ideia de perder Caleb e Scarlet é demais para suportar, e ela não pode se permitir pensar nisso agora. Ela tem que ser forte, para todos eles.

Ela finalmente faz uma curva, e a visão mais incrível se desenrola à sua frente. Ela nunca tinha visto nada parecido em sua vida, em qualquer lugar do planeta: ali, no horizonte, há uma pequena ilha, saindo para o oceano. A parte continental da Inglaterra finalmente havia terminado, encontrando o mar, ondas quebrando tudo em torno dela e ali, no oceano, talvez a quinhentos metros do continente, há uma pequena ilha. A ilha tem sua própria pequena montanha, e no topo daquela montanha, há um enorme castelo fortificado.

Ele é magnífico, a coisa mais sombria e dramática que ela já tinha visto. Ele se ergue para fora do oceano como uma criação primitiva, como se o castelo fosse construído a partir da própria rocha. Ele parece antigo, poderoso, um castelo de sonhos e lendas.

Como se tudo isso não bastasse, ao mergulhar, circulando a ilha para absorver toda a cena, ela nota uma passarela estreita que liga a ilha ao continente. A passarela se estende por centenas de metros e, à medida que as águas avançam e recuam, pelo efeito da maré, ela vê que as pedras estão apenas minimamente submersas na água. Ela percebe pelo movimento da maré que em determinados momentos do dia, a ilha seria completamente inacessível, acessível apenas por barco. Em outros momentos do dia, quando a maré recua, é possível caminhar até lá a partir do continente. É uma trilha positivamente mágica, uma passarela que atravessa o mar, levando a uma ilha mística, com uma enorme montanha e um castelo no topo.

Este deve ser definitivamente o lugar, ela pensa.

Quando Caitlin mergulha mais baixo, analisando-a por todos os ângulos, ela consegue sentir a energia da ilha. Claramente, aquele é um lugar poderoso. E ela tem certeza de que seu pai está ali, ou que o lugar guarda a chave para encontrá-lo.

Caitlin considera onde pousar. Ela poderia ter sobrevoado a ilha e pousado dentro do próprio castelo. Mas de alguma forma aquilo não lhe parecia certo. Ela tem certeza de que o coven de seu pai exigiria formalidade e respeito, que apreciaria sua entrada formal através da porta de entrada principal. Caitlin também sente necessidade de caminhar em direção ao castelo, para realmente compreender a sua arquitetura e os segredos que pode esconder.

Caitlin circula mais uma vez e aterrissa no continente da Inglaterra, na praia de areia, logo antes da entrada para a passarela. Neste momento do dia, de madrugada, não há sequer um ser humano à vista. A única companhia que ela é uma ou outra gaivota e o som das ondas.

Caitlin tira os sapatos, e caminha com os pés descalços na areia, pela passarela de paralelepípedos. Ela já está coberta por alguns centímetros de água, e a água fria a relaxa, assim como a sensação das pedras lisas sob seus pés descalços.

Enquanto caminha, dirigindo-se lentamente para o oceano, ela tem a experiência surreal de se sentir como se estivesse andando na água, as ondas indo e vindo ao redor dela, rolando suavemente ao longo da passarela, indo e vindo. A passarela está coberta por quatro ou cinco centímetros de água e, ocasionalmente, a água sobe até suas canelas, depois recua novamente.

Quando ela se aproxima da ilha, ela olha para cima e vê a enorme montanha à sua frente. Além disso, o castelo parece ainda maior, com parapeitos em todas as direções. A água já está mais alta, atingindo agora suas pernas, e ela percebe que no momento em que ela chegasse à ilha, a passarela provavelmente estaria intransponível. Ela tem sorte por ser uma vampira: felizmente para ela, ela poderia voar.

Ela finalmente chega à ilha, pisando em sua costa rochosa, e começa sua ascensão até a montanha, em direção ao castelo.

Depois de uma subida íngreme, ela chega a um portão enorme, construído com pedras, com enormes barras de ferro. Ela fica em pé diante dele, examinando-o, se perguntando se alguém iria sair para cumprimentá-la.

Enquanto fica parada ali, o portão de repente magicamente, se abre, afastando um pouco, o suficiente para ela entrar. Alguém, ela percebe, deve tê-la observado de algum lugar, possivelmente esperando por ela.

Caitlin entra pelas portas e segue em frente, todo o caminho até o topo da montanha. Quando ela chega ao topo, vê um amplo platô e um grande pátio que dá acesso ao magnífico, portão do castelo.

Ela caminha em direção a ele, e vê diante do portão um único vampiro, vestido com um manto todo branco e um capuz cobrindo o rosto, para que ela veja seu rosto. Ela se aproxima lentamente, e assim que o faz, o vampiro remove seu capuz, e olha para ela. É uma mulher, com longos cabelos loiros e olhos azuis brilhantes. Ela sorri para Caitlin.

"Irmã," ela diz. "Estamos esperando por você."

Antes que Caitlin possa responder, a vampira se vira e abre o portão. Ela atravessa a enorme entrada arqueada e, quando Caitlin a segue, a porta se fecha atrás delas. Caitlin dá alguns passos atrás dela, que não oferece mais conversa, e à medida que elas avançam, Caitlin sente como se estivesse sendo levada para um lugar muito importante.

Logo a longa passagem dá acesso a um pátio interno, iluminado pelo brilho vermelho suave do início da manhã. Ali, para surpresa de Caitlin, há pelo menos uma centena de vampiros, todos parados em atenção ao longo das laterais do pátio, alinhados em uma fila perfeita, todos vestidos com túnicas e capuzes brancos.

No centro do pátio há uma única figura solitária, um vampiro alto, vestido como os outros, o capuz puxado para trás, com grandes olhos cor de âmbar. Ele está inexpressivo. Caitlin dá um passo adiante, na direção dele. Caitlin se sente autoconsciente parada ali, diante daquele homem, a poucos metros de distância, com centenas de vampiros assistindo. Mas ela também se sente confortável, confortada por sua presença.

"Estamos muito orgulhosos de você, Caitlin," ele diz, "e seu pai, também. Você avançou muito em sua jornada, e está mais perto do que você imagina de encontrá-lo, e de salvar-nos a todos de um mal terrível. Nós estamos contando com você."

Ele enfia a mão no manto e retira um pequeno baú de prata, coberto de joias.

"A chave," ele pede.

Caitlin olha para trás, momentaneamente confusa. Mas, então, ela o vê olhando para o pescoço dela, e percebe. Seu colar. Caitlin cautelosamente tira o colar, segurando o pequeno crucifixo antigo. Ela o insere no baú, vira a fechadura, e o abre com um clique suave. Ali dentro, aninhado em um forro de veludo vermelho, há uma única chave, brilhando. Ela se parece exatamente como as outras. A terceira chave. Caitlin mal consegue acreditar.

Ele acena com a cabeça, e ela pega a chave lentamente, quase com medo de tocá-la. Ela a segura em suas mãos; é mais pesada do que parece.

"A terceira chave," ele fala. "Só mais uma, e você vai estar com o seu pai. Você fez o que nenhum outro vampiro tinha sido capaz de fazer. Agora, todos nós esperamos que você complete sua missão."

Ele respira fundo.

"A quarta e última chave espera por você no passado. Você deve voltar agora. Sem demora. Seu pai espera por você, e o assunto é urgente."

Quando ele termina de falar, ele estende a mão e lhe oferece uma taça de ouro, repleta de um líquido branco.

"Beba," ele pede, "e nós lhe enviaremos de volta."

Caitlin fica surpresa. Ela não esperava por isso. Ela certamente não quer desapontá-los, mas não pode fazer isso agora.

Ela balança a cabeça lentamente.

"Eu sinto muito," ela fala. "Mas eu não posso voltar agora. Caleb e Scarlet - meu entes queridos, eles estão muito doentes. Eles precisam de mim. Eu devo ajudá-los. Eu nunca poderia voltar sem eles."

Ele balança a cabeça gravemente.

"Você não pode se atrasar," diz ele. "Você não pode se atrasar uma vez que você tem a chave. Se você fizer isso, pode colocar em risco a missão para todos nós. E para si mesma."

"Eu sinto muito," repete Caitlin, inflexível, "mas eu não posso voltar sem eles."

"Você não percebe? Há um grande perigo à sua frente neste momento e lugar. Ficar aqui agora é a arriscar sua vida. Permanentemente. E você pode não ser capaz de salvá-los. Você está arriscando tudo por uma pequena possibilidade. Você realmente arriscaria perder tudo por isso?"

Caitlin fica parada, dividida. Ela certamente não quer aborrecer seu pai, ou seu coven, ou colocar qualquer pessoa em perigo. Mas ela

sente profundamente que não existe a menor possibilidade de que ela voltasse no tempo sem eles.

"Eu sinto muito," diz Caitlin. "Já estou decidida."

Ele suspira.

"Gostaria de ter a chave de volta?" Pergunta Caitlin.

Ele balança a cabeça lentamente, parecendo seriamente preocupado.

"Não. A chave é sua agora. Eu só rezo para que você viva o suficiente para usá-la."

CAPÍTULO TRINTA

Polly voa atrás de Sergei, seguindo-o enquanto voam pela noite. Ela tem a impressão de que estavam voando há horas, e ela tem um pressentimento cada vez pior à medida que eles avançam.

Quando o dia finalmente amanhece, uma estrutura se torna evidente na distância. De repente, ele mergulha no ar, e ela o segue.

Os olhos de Polly se abrem de surpresa, quando a estrutura vem à tona. Ali, diante deles, há um magnífico castelo, um dos maiores que ela já tinha visto, com formato de uma enorme ferradura, muros altos e parapeitos coroando cada um deles. No centro, há um pátio semicircular, com um círculo no meio, no topo de uma colina, e um monte de grama em sua extremidade distante.

"Castelo de Arundel," Sergei anuncia. "É onde eu vivo."

Sem uma palavra, ele mergulha para a direita no pátio, e Polly hesita por um instante. Ela está começando a sentir dentro dela que há algo errado. Ela se pergunta, mais uma vez, se deveria confiar nele. Mas mais uma vez, uma parte dela quer desesperadamente tentar qualquer coisa para encontrar um antídoto para Scarlet e Caleb. Ela faria o que fosse preciso e correria os riscos que precisasse, mesmo que isso incluísse acompanhar Sergei.

Polly mergulha e pousa ao lado de Sergei no pátio, e então o segue através do caminho de seixos perfeitamente bem cuidados, em direção a uma enorme porta de carvalho. Ele a abre e dá passagem a Polly, esperando que ela entre. Ele sorri para ela, e Polly retribui com uma careta.

"Eu não vim aqui para uma visita em sua casa," ela fala. "Eu vim aqui para pegar o antídoto. Onde ele está?" ela pergunta, em pé diante da porta, com as mãos nos quadris.

"Tão impaciente," Sergei responde. "Apenas relaxe. Nós estamos indo pegar o seu antídoto. Eu não o guardo do lado de fora, obviamente. Ele está guardado em segurança aqui dentro."

Polly para diante da porta aberta, debatendo suas alternativas. Ela sente uma energia escura vindo de dentro, e uma parte dela quer fugir. Mas uma parte diferente recusa-se a ouvir a razão, enquanto suas emoções insistem que ela precisa encontrar uma cura.

Polly entra no espaço escuro, mal iluminado por uma pequena janela de vidro colorido. Assim que faz isso, a porta de carvalho enorme bate atrás dela, e com Sergei em pé apenas a um metro de distância, e ela se encolhe com o barulho. Ela ouve a risada cruel de Sergei na escuridão.

"Tão nervosa," ele fala.

E em seguida, ele estende o braço, e de repente ela sente as mãos geladas sobre seus ombros. Ela se vira e tira as mãos dele de cima dela. Ela está chocada ao ver que ele ainda tem sentimentos por ela, e que ele ainda está, obviamente, tentando seduzi-la. Se ele não entregasse logo antídoto para ela, Polly decide que irá embora. Mas ele apenas sorri de volta para ela, um sorriso maligno.

"Você ainda é tão ingênuo, não é?" ele fala sombriamente.

Polly sente seu coração partir com aquelas palavras. Onde aquilo iria parar?

"Você realmente acha que eu iria levá-la a um antídoto? E por quê? Eu odeio todos os seus amigos. E não há nada que eu queira mais do que assistir todos eles morrerem de forma lenta e dolorosa."

O coração de Polly bate em seu peito. Aquilo tinha sido um truque. Tudo aquilo. Ela tinha sido enganada, mais uma vez. Agora, ela está furiosa.

Polly cerra os punhos, se preparando, e dá um soco, com alvo certo no rosto de Sergei. Mas ele é muito mais rápido do que ela pensa, e ele levanta uma única mão casualmente, interrompendo soco dela no ar.

Com a palma da mão aberta, ele aperta os dedos de Polly com tanta força, que ela começa a chorar, enquanto as juntas de seus dedos são espremidos pelas garras de Sergei. Ela não imaginava que ele fosse tão forte. Polly cai de joelhos diante da dor de suas garras. Ele continua a sorrir para ela.

"Eu te trouxe aqui porque eu gosto de brincar com você. Eu te trouxe aqui para que seja minha. Para sempre, desta vez. Minha escrava. Assim, você pode se retratar pela forma como me tratou na França. Por ter me feito de bobo, por me fazer perder Caitlin. Ter você aqui, como minha prisioneira, trará Caitlin e sua turma aqui

como um cordeiro para o abate, e então eu poderei apresentá-los como meu presente para Kyle."

Ela olha para cima e finalmente enxerga a verdadeira face cruel e feia de Sergei. Exatamente como ela se lembrava. Ela se sente furiosa consigo mesma por acreditar nele uma segunda vez.

"E se eles não vierem buscá-la, se eles nunca aparecerem para salvar você, então vou apenas mantê-la aqui, como minha escrava para sempre."

Naquele instante, várias outras meninas saem de salas contíguas, e Polly fica chocada ao ver que elas se parecem com ela. Todas elas caminham lentamente, com as mãos e os pés amarrados em correntes de prata. Como se no meio de um transe, seguindo obedientemente as ordens de Sergei, todos vão até a grande porta de carvalho e a fecham com uma enorme barra de prata. Polly engole em seco quando ela vê sua única saída barrada e bloqueada por uma dúzia de escravas vampiras.

"Não se preocupe," fala Sergei, rindo. "Você vai se acostumar a ser minha escrava. Depois de alguns séculos, você nem vai lembrar que já viveu de outra maneira."

CAPÍTULO TRINTA E UM

Sam mantém sua vigília ao lado da cama de Caleb e Scarlet, andando pelo quarto enquanto aplica um pano molhado em água fria na testa de Caleb. Lily faz o mesmo com Scarlet.

Sam está começando a se sentir cada vez mais ansioso que Polly não tenha retornado. Ela havia dito que ela estava saindo do quarto por um momento, e ele esperava que ela fosse voltar, pelo menos uma hora atrás. Ele está cada vez mais impaciente, e não consegue mais conter sua preocupação com ela.

Ficar sentado naquela quarto, vendo Caleb e Scarlet tão doentes, também não ajuda a aliviar sua ansiedade. Nem o fato de que ele ainda está preocupado com sua irmã, e que gostaria de estar lá fora, protegendo-a. Ele não quer ficar sentado ali, na qualidade de um enfermeiro. Ele sente que poderia ser mais bem aproveitado, e sua impaciência o consome.

Ele olha para Lily, que está ajoelhada no outro lado da cama e aplicando um pano na cabeça de Scarlet.

"Você pode cuidar deles por alguns minutos?" ele pergunta. "Eu quero ver como está Polly".

Lily assente, parecendo cansada e solene.

Sam se vira e corre pelo quarto, atravessando o chão antigo de pedras, em direção à porta de carvalho. Ao fazer isso, ele se pergunta por que está tão preocupado com Polly? Na verdade, ele se pergunta por que e tem sentimentos tão fortes em relação a ela. Sempre que está perto dela, ele sente como se estivesse preso em uma tempestade de emoções - felicidade, alegria, amor, ciúme, raiva, tristeza... Ele tem dificuldade em admitir para si mesmo que ele se importa com ela. Mas ele está começando a perceber que isso é óbvio. Será que ele está apaixonado por ela?

Sam atravessa a grande porta de carvalho, e fica assustado logo que ele sai. Diante dele, há dezenas dos homens de Aiden, correndo em frente ao pátio e alçando voo. Parece que todo o coven está se mobilizando para a guerra. A emoção no ar é palpável.

Sam estende a mão e segura um dos vampiros.

"O que está acontecendo? Onde você está indo?"

"Você não ouviu?" ele pergunta, parando apenas por um momento, com os olhos bem abertos em agitação. "Londres está sitiada. Há focos de incêndio em várias partes da cidade. A peste se espalhou para todos os quatro cantos. E alguém soltou um grupo de vampiros rivais das criptas, eles agora eles estão atacando os humanos. Toda a população humana está sofrendo um ataque coordenado. Sentimos que isso é obra de um clã de vampiros rivais. Nós temos que salvar os seres humanos antes que a cidade desapareça."

Com isso, ele solta a mão de Sam e salta no ar, voando com os outros. O céu escurece com todos aqueles corpos, parecendo um enxame de morcegos tomando conta do céu.

Sam olha para trás e vê Aiden, andando atrás de todos eles, olhando para cima. Ele se vira e olha para Sam.

"Há uma grande calamidade para a raça humana. Devo participar desta batalha," anuncia. "Você está sozinho aqui agora. Eu confio em você para cuidar de nosso castelo."

Sam não sabe como reagir.

"Eu quero ir também," ele diz. "Eu quero lutar com você. Eu não quero ficar aqui."

"Nós não podemos fazer o que queremos sempre. Nós fazemos o que é necessário," Aiden responde. Depois se vira para partir.

"Espere!" Sam grita.

Aiden se volta na direção dele.

"Onde está a Polly? Ela está indo com você?"

Sam sente imediatamente que há algo errado.

Aiden balança a cabeça lentamente, olhando fixamente para Sam.

"Polly nos deixou horas atrás. Antes de nós. Com Sergei."

O coração de Sam se parte. *Com Sergei?*

"Ela está em grave perigo," acrescenta Aiden.

E com isso, ele se vira e desaparece de repente. Sam procura por ele em todos os, mas ele não está em parte alguma, simplesmente desapareceu. As palavras finais de Aiden ainda ressoam, como um punhal que atravessa o coração de Sam.

Em grave perigo? Com Sergei?

Sam fecha os olhos, se concentrando, e de repente, ele a sente. Ele consegue sentir que é verdade. Ele sente, de alguma forma, que Polly está chamando por ele. Em perigo. Presa.

Sam abre os olhos de repente, sentindo o desespero de Polly. Ele não consegue suportar mais um segundo.

Sem pensar, ele dá três passos correndo e salta no ar, voando mais rápido do que jamais acreditou ser possível, deixando seu corpo guiá-lo na direção em que ele sente a presença de Polly.

Ele não tem escolha. Ela está presa, e ele tem que salvá-la.

Na pressa, ele nem sequer pensa por um segundo que Lily é agora a única pessoa deixada para trás, uma simples humana, para proteger o castelo, e duas pessoas em seu leito de morte.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Caitlin deixa o Monte de São Miguel segurando a terceira chave na mão, enquanto as palavras finais do vampiro ainda ecoam em sua cabeça. Ela tem um pressentimento ruim enquanto atravessa o céu pela manhã, voando por nuvens escuras e cinzas que anunciam uma tempestade, correndo para encontrar Violet.

Aiden tinha lhe falado sobre castelo de Violet – o Castelo de Bodiam - localizado ao norte da Inglaterra, e ela corre em direção a ele o mais rápido que consegue. Trovões cortam o céu quente de setembro, enquanto ela atravessa as pesadas nuvens da tempestade. Mas ela não diminui o ritmo. Ela tem que chegar lá, custe o que custar.

Caitlin sente as três chaves de seu pai em seu bolso, e se sente dividida tão rasgada. Por um lado, ela sente como se estivesse fugindo de suas obrigações com seu pai e toda sua espécie. Por outro lado, ela sabe que não há nenhuma maneira que ela pudesse voltar no tempo, sem Caleb e Scarlet.

Ela prefere renunciar a missão a fazer isso.

Caitlin fará o que for preciso para conseguir o antídoto. Mas seu coração bate acelerado diante da perspectiva de se encontrar com a antiga amante de Caleb e pedir sua ajuda. Caitlin é orgulhosa e ciumenta, e daria qualquer coisa para nunca ter que ver o rosto de Violet novamente. Mas ter que procurá-la, e ter que humilhar-se diante dela e pedir sua ajuda, é mais do que Caitlin consegue suportar. Mas para Caleb, e para Scarlet, ela fará qualquer coisa.

Caitlin engole seu orgulho e mergulha mais baixo, quando finalmente percebe que está perto. Ao voar sob as nuvens, ela é surpreendida pela visão: há, no horizonte, um castelo, que só pode ser Bodiam. É um castelo pequeno, mas um dos mais dramáticos que ela já tinha visto. Construído no meio de um lago,

completamente cercado por água, acessível apenas por uma ponte estreita, de madeira, que se estende por centenas de metros além do continente, o pequeno castelo tinha sido construído em um círculo perfeito. Ele tem parapeitos antigos em todas as direções, e que parecendo pairar perfeitamente sobre a água, o castelo dá a impressão de que faz parte da natureza, como se estivesse ali desde o início dos tempos.

Aquele é o cenário perfeito, Caitlin pensa, para a casa de um vampiro, isolada, cercada de água para a proteção contra os inimigos, e pouco acessível.

Desta vez, Caitlin decide não fazer uma visita formal. Não há tempo. Em vez disso, ela desce diretamente, aterrissando de maneira inesperada no pátio interno. Ela fica parada e olha em volta, surpresa ao ver que ele parece muito maior dali de baixo. O castelo é grande o suficiente para acomodar a um pequeno grupo de vampiros; sendo a residência de apenas um, ela percebe que aquele deve ser, de fato, um lugar muito solitário. Um lugar para um verdadeiro ermitão. Isso a faz se perguntar como Violet realmente é.

"OLÁ!" Caitlin grita.

Sua voz ecoa pelas paredes de pedra vazias.

"VIOLET!" Caitlin chama.

Sua voz ecoa mais uma vez, como se estivesse zombando dela. O lugar é tão vazio e desolado, que Caitlin sente como se fosse a última pessoa no mundo.

De repente, ela ouve um barulho, um barulho musical fraco, à distância. Ela ouve atentamente, consegue apenas ouvir um som baixo. Ela não consegue acreditar; é a música de um órgão, vindo de algum lugar dentro do castelo.

Caitlin atravessa o pátio e entra por uma das grandes portas arqueadas.

Lá dentro, no corredor de pedra escura, a música é um pouco mais alta. É definitivamente um órgão, enchendo as salas com o som que reverbera pelas paredes. É uma melodia assustadora, abrangente e mágica.

Caitlin segue o som, como se estivesse em transe, tentando encontrar sua origem. Ao atravessar corredor após corredor, Caitlin percebe que a música se torna mais forte, mais intensa. Finalmente, ela chega a uma sala ampla e aberta, que parece uma capela, toda de pedra, com tetos altos e lindos vitrais. O quarto está completamente vazio, exceto por um único órgão, colocado contra a parede no lado oposto do quarto. E ali, sentada diante dela, de costas para Caitlin enquanto toca, está Violet.

Ela está no meio de uma música, e Caitlin continua ouvindo, sem querer interrompê-la. Aquela é a música mais bela e mais sombria que Caitlin já tinha ouvido. É fascinante e assustadora. É como o som da morte chegando, e ao mesmo tempo o som de uma nova vida renascendo.

Caitlin sente a música com todos os poros de seu corpo. A música continua por algum tempo, e então, finalmente, acaba de forma dramática. Violet lentamente se vira e encara Caitlin, em pé. Ela é exatamente como Caitlin se lembrava: alta, distante, orgulhosa, e bela.

"Caleb lhe enviou até aqui?" Pergunta Violet, sem rodeios.

Caitlin engole em seco, sem saber como lhe contar.

"Não, ele não me mandou vir aqui," responde ela. "Eu vim por minha conta."

"O que é, então?" Pergunta Violet, abruptamente. "Eu não gosto de receber visitas, especialmente sem aviso prévio. Você veio para me dizer como você é ciumenta? Se é por isso, você está perdendo seu tempo. Caleb e eu não temos nenhum interesse um no outro. Ele é todo seu. Estou feliz por vocês dois."

Caitlin sacode a cabeça.

"Não é por isso que estou aqui," ela diz.

Caitlin respira fundo, sentindo tomada pela tristeza. Ela sente vontade de chorar, mas segura as lágrimas.

"Caleb..." ela começa. "Ele está... gravemente doente," ela diz, olhando para o chão. Ela olha para cima. "Ele foi envenenado. Aiden diz que ele tem pouco tempo de vida."

Os olhos de Violet se abrem de surpresa, e Caitlin pode ver como ela fica transtornada, e visivelmente abaixa sua guarda.

"Quem fez isso?" pergunta ela.

Caitlin balança a cabeça.

"Eu não sei. Mas eu estou supondo que tenha sido Kyle, do Coven Blacktide. E que ele voltou no tempo para fazer isso."

Violet fecha os olhos, parecendo pensar.

"Kyle. Sim, eu sei quem ele é. Isso é exatamente o tipo de coisa que ele faria. Mas por que Caleb?"

"Kyle estava atrás de mim. Eu acho que Caleb ficou no caminho."

Violet olha com raiva para ela, e Caitlin sente o peso da culpa.

"Pode me ajudar?" Caitlin pergunta finalmente. "Você pode ajudar Caleb?"

"Como? Eu não sou uma médica."

"Aiden disse que há uma chance para ele. Se eu tivesse sangue. De seu criador. Isso pode salvá-lo."

Violet suspira.

"Você está desperdiçando seu tempo. Isso é conto da carochinha. Eu nunca vi isso funcionar."

Caitlin está determinada.

"É a única chance que temos. Por favor, eu não tenho outra escolha."

Violet olha para Caitlin, e vários momentos de silêncio se seguem.

"Você realmente o ama, não é mesmo?" Pergunta Violet.

Caitlin sente as lágrimas em seu olhos, e deixa que elas rolem pelo seu rosto.

"Sim, amo," ela responde. "Muito. Estamos prestes a nos casar. Nós *vamos* nos casar."

Violet olha para ela, e Caitlin sente como se ela a estivesse analisando, olhando através de sua alma.

"Muito bem, então. Eu vou fazer isso por você. Para fazer sua vontade. Mas você está desperdiçando seu tempo. Você tem que deixá-lo ir."

Ela se vira e começa a se afastar. Caitlin a segue pelo castelo, por um corredor escuro, dando voltas e mais voltas.

"O que era aquilo?" Pergunta Caitlin. "Aquela música que você estava tocando?"

"Bach," Violet responde sem rodeios. "Sua Tocata e Fuga em D menor."

"É linda," diz Caitlin. "Mas muito sombria."

"Eu também sou," Violet responde.

Elas finalmente entram em uma com um pequeno balcão, em cima do qual há vários frascos.

Violet estica o braço de repente, pega uma pequena faca em sua cintura, e corta seu pulso. Ela então se aproxima, pega um frasco, e seu sangue pingar dentro dele. Quando ele fica cheio, Violet fecha o frasco com uma rolha.

Ela enfaixa seu pulso com um pano e, em seguida, ergue o frasco, examinando-o contra a luz do entardecer.

"Você está colocando sua esperança na recuperação de Caleb neste pequeno frasco," Violet fala. "E se não funcionar?"

Caitlin estende a mão, pegando o frasco, e o examina.

"Se isso não funcionar," ela responde, "então infelizmente não terei mais motivos para viver."

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

"Papai, acorde!"

Caleb abre os olhos devagar. Eles estão tão pesados. Eles nunca tinham ficado tão pesados, e Caleb precisa de todas as suas forças para abri-los. Ali, em pé sobre a cama, está seu filho. Jade.

Jade está sorrindo, e cheio de luz. Há luz ao seu redor, uma luz que brilha atrás dele, e Jade tem um sorriso angelical estampado no rosto.

"Papai," ele diz, "é hora de você vir brincar comigo!"

Caleb lentamente se senta na cama, cada músculo de seu corpo dolorido, e estende a mão, para tocar em Jade. A mão de Jade está quente, e seu sorriso se alarga. É tão bom poder tocar em Jade novamente, ver seu filho em carne e osso. Caleb é tomado pela emoção.

"Jade? Pensei que você estivesse morto?"

Jade simplesmente sorri de volta.

"É hora de ficarmos juntos novamente," ele responde.

Caleb fecha os olhos e sente uma sensação de paz, de conforto. Ele sente todo o seu mundo lentamente começando a se afastar, sente que se torna cada vez mais brilhante, enquanto é lentamente envolto por uma luz branca.

Ver Jade novamente. Sim. Ele gostaria muito disso.

Mas, ao mesmo tempo, ele não está pronto para partir. Ele sente que em algum lugar, no fundo, ainda há algo a fazer. Que algo ainda o prende ali.

Caitlin.

"Vamos lá, papai!" Jade pede, puxando sua mão.

"Logo," Caleb responde, à medida que Jade lentamente solta de sua mão. "Muito, muito em breve."

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Kyle nunca havia se sentido tão feliz. Seu plano está funcionando perfeitamente. Ele havia instruído bem sua equipe de vampiros, e conseguido acender fogueiras por toda a cidade de Londres; ele também tinha conseguido espalhar a peste sozinho, causando caos, destruição e devastação além do que ele havia previsto. Ele abre um grande sorriso.

É muito fácil, neste tempo primitivo, causar destruição. Não há corpos de bombeiros, força policial organizada ou internet, e tudo tinha sido construído para ser inflamável. É quase fácil demais, como jogar um fósforo em uma pilha de feno. Ele adora assistir as expressões nos rostos dos inúmeros seres humanos queimados vivos, correndo para lá e para cá, espalhando o fogo ainda mais.

Como se tudo isso não bastasse, os que sobreviveram ao incêndio saem coçando seus tornozelos repletos de picadas de pulgas e cobertos com vergões da cabeça aos pés. De uma forma ou de outra, quase toda a humanidade ali está sofrendo. Kyle se sente como uma criança novamente.

E tudo aquilo serviria ao seu propósito, sendo o desvio perfeito. Ele tinha conseguido, como esperava, conseguir que Aiden e todo o seu povo saíssem de seu castelo, correndo para ajudar aqueles seres humanos patéticos. Ele achava que seriam tão estúpido e, claro,

havia estado certo. E agora, o Castelo de Warwick apenas espera que ele o invada.

A única coisa que ele ainda espera é ver o resultado do veneno. Ele o tinha colocado na bebida de Caitlin perfeitamente, mas tinha saído antes que pudesse vê-la beber. Ele acha que ela havia ingerido o veneno, e que provavelmente está deitada em Warwick naquele exato momento, sozinha, morta ou morrendo lentamente. Mas desta vez ele não iria correr nenhum risco, iria para lá agora mesmo e se certificaria de que ela está mesmo morta. E se não estivesse, ele mesmo a mataria.

Kyle quase grita de alegria. As coisas iam tão bem há séculos, e agora ele finalmente consegue ver os resultados no horizonte. Em poucas horas, Caitlin estaria morta, e ele *finalmente*, finalmente, terá acabado com todos eles. Kyle respira fundo enquanto continua voando pela noite.

Lá, ao longe, ele vê o Castelo de Warwick, aberto, completamente desprotegido de sua visita. Kyle mergulha no ar, rumo ao pátio do castelo e se dirige aos quartos.

Kyle arromba a porta de madeira, e marcha através dos aposentos. Está escuro ali, iluminado apenas por algumas tochas ao longo das paredes. Há uma grande cama com dossel, sobre a qual dois corpos descansam - um adulto e uma criança. Kyle pode sentir o cheiro de morte no ar, a doença que paira sobre o quarto.

Aproximando-se, esperando ver Caitlin deitada aliá, e fica chocado ao descobrir que não é ela, mas Caleb. Por um momento, ele fica furioso: ela havia escapado mais uma vez, e seu namorado estúpido tinha bebido o veneno. Agora, ele ainda terá que encontrá-la.

Mas, então, ele relaxa. Ele percebe que, com Caleb deitado aqui, mortalmente doente, Caitlin voltaria em breve, e ele poderia matá-la em seguida. E, pelo menos, ele tinha conseguido envenenar um deles.

Ele olha para Caleb e Scarlet, e consegue ver imediatamente que estão gravemente doentes, e não lhes resta muito tempo de vida. Ele sorri ainda mais. Ele não planejava matar Scarlet também. Isso tinha sido um bônus.

Mas ele também pode ver que, pelo menos por agora, ambos ainda estão vivos. Isso o irrita. Ele adora a ideia de todo o sofrimento que eles devem estar passando. Mas gostaria ainda mais a se já estivessem mortos. E agora é a hora de acabar com eles.

Kyle se aproxima da cama. Caleb não reage e, claramente, está inconsciente. Seria quase fácil demais matá-lo. Então Kyle decide que vai começar com a menina primeiro. Pelo menos ela está se contorcendo, semiconsciente.

Kyle dá a volta para o seu lado da cama, e quando faz isso, de repente ele ouve um rosnado feroz e fica paralisado. Ele olha para baixo. Parado diante dele, há um lobo. Ele fica chocado, porque poderia jurar que já tinha matado este lobo, ainda em Veneza, quando tinha matado o filho de Caleb, Jade. Ele não consegue entender como ele pode estar ali novamente.

Antes que Kyle possa reagir, o lobo de repente salta, caindo com as quatro patas no peito de Kyle e afundando seus dentes afiados na garganta dele. O animal é muito mais rápido do que Kyle havia antecipado, e ele grita de dor, quando as presas afiadas cortam sua garganta, e seu sangue espirra para todos os lados.

O lobo se recusa a soltá-lo, e Kyle agarra e puxa, tentando extraí-lo, mas não importa o ele faça, Ruth simplesmente se recusa a abrir suas mandíbulas. Seu sangue continua a escorrer por toda parte, à medida que a dor de Kyle se intensifica.

Finalmente, Kyle enfia os dedos na boca do lobo, sentindo a dor seus dentes rasgam a sua pele, e força o lobo a abrir suas mandíbulas. Ele então pega o animal pelo maxilar e o gira sobre sua

cabeça, arremessando-o contra a parede. O lobo bate na parede com um baque, e cai no chão, inconsciente.

Kyle, em um acesso de raiva, atravessa a sala para acabar com sua vida. Mas antes que ele possa alcançá-lo, ele é distraído por voz.

"Deixe meu lobo em paz."

Kyle gira sobre os calcanhares e olha para a cama, sem conseguir acreditar no que vê. Scarlet está quase sentada, apoiada sobre a cama. Ela levanta o pescoço, o tanto quanto consegue, e faz uma careta para Kyle, desafiante. Kyle sorri. Ele se vira e se encaminha até.

"Você é uma menina ousada, não é?" ele pergunta. "Bem, você vai pagar por isso. Agora eu vou matar você, assim como eu matei o filho de Caleb."

Para a surpresa de Kyle, a menina não recua com medo, ou se esconde debaixo das cobertas, ou tenta fugir ou mesmo se contorcer. Em vez disso, para sua surpresa, ela nem sequer parece sentir medo. Ela se senta mais reta, e faz outra careta para ele.

"Eu não tenho medo de você," ela retruca. "E você não pode me matar mesmo se você tentar."

Kyle para em seu caminho, chocado com a audácia e coragem da garota. Ele cai na gargalhada, inclinando-se para trás rindo profundamente. Ele gosta dela. Ela tem espírito. Na verdade, se tivesse uma filha, gostaria que ela fosse assim. Sem medo diante de sua própria morte.

"Eu gosto do seu estilo," responde Kyle. "Só por isso, como um favor, eu vou matá-la rapidamente."

Kyle dá vários passos na direção dela, estendendo as mãos, pronto para sufocá-la. Mas quando ele se aproxima, de repente ele sente

uma dor alucinante em seu dedo. Ele grita de dor e, ao olhar para baixo, fica chocado tinha escondido uma pequena adaga de prata debaixo das cobertas. Quando ele se aproximou, ela de alguma forma havia conseguido cortar fora seu dedo indicador.

Kyle grita de horror e choque, quando olha para baixo e vê que lhe falta o dedo indicador, e que seu sangue jorra por toda parte. Ele estende a mão e agarra a ponta do lençol, estancando o sangue, então bate em Scarlet com a outra mão, com tanta força que ela cai de costas sobre seu travesseiro, inconsciente, e sua pequena faca sai voando pelo quarto.

Agora Kyle está furioso. Ele não consegue acreditar que ela tinha conseguido machucá-lo. Agora, ela pagaria por isso. Ela não seria mais benevolente. Agora, ele não vai matá-la rapidamente. Ao contrário, ele pretende torturá-la durante toda a noite.

Kyle se aproxima, desta vez, para estrangulá-la de uma vez. Ele estende a mão, e quanto está a poucos centímetros de distância, de repente, ele ouve um baque, e sente uma dor terrível na parte de trás de sua cabeça.

Kyle cambaleia e cai sobre uma mesa lateral, e então se vira para ver o que tinha acontecido. Ele fica surpreso. Parada diante dele há uma garota negra, vestida com algum tipo de equipamento real, segurando um candelabro, coberto de sangue. O sangue de Kyle. Ela tinha acabado de bater o candelabro na parte de trás da cabeça de Kyle, com força suficiente para mandá-lo para trás. E dói bastante.

"Seja você quem for, você vai pagar por isso," Kyle dispara.

Mas para surpresa de Kyle, ela não está com medo. Em vez disso, ela também o desafia.

"Meu nome é Lily, e eu não vou pagar por nada," responde ela.

Kyle repente solta um rugido de fúria, e se levanta e a chuta no peito com os dois pés, mandando-a para o outro lado da sala contra a parede, inconsciente.

Claramente, esta mulher, Lily, ou quem quer ela seja, é uma grande amiga de Caitlin e Caleb – a única em quem confiavam o suficiente para vigiá-los. A ideia de deixar um humano para vigiar vampiros lhe parece estúpida.

Mas uma boa ideia está se formando na mente de Kyle. Se essa Lily é tão importante para eles, então qual a melhor maneira de fazer Caitlin pagar, do que atacar sua amiga?

Kyle caminha lentamente por todo o quarto, com os olhos fixos no pescoço de Lily. Kyle precisa mesmo de mais um escravo para fazer suas vontades. E quando ele olha para a garganta dela, ele lambe os lábios, e percebe que está com fome, e não há nada que ele queira mais do que se alimentar.

Kyle atravessa o quarto, pega Lily nos braços e, sem hesitar, mergulha suas presas afiadas em sua garganta. Ela grita quando ele faz isso, de repente consciente, mas Kyle segura seu corpo se com força, sugando cada vez mais. Ele sente toda a vida se esvaindo dela, enquanto ela lentamente se transforma.

Há muitos séculos Kyle não transformava um ser humano, e o sentimento é emocionante. Ele faria dela um verdadeiro escravo vampiro, e faria com que a amiga de Caitlin se virasse contra ela.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Caitlin atravessa a noite voando, indo o mais rápido que pode. Em uma das mãos, ela segura as três chaves, sentindo a forte presença de seu pai com ela. Na outra, ela leva o frasco com o sangue de Violet, sentindo a energia pulsante através dele, orando, torcendo para que aquele pequeno frasco de sangue possa salvar a vida de Caleb. E rezando para que, em seguida, de alguma forma, eles possam descobrir como salvar a vida de Scarlet, também.

No caminho entre Bodiam e o Castelo de Warwick, Caitlin tem que sobrevoar Londres, e quando ela se aproxima, é imediatamente surpreendida. No horizonte, mesmo com tamanha distância, ela percebe que algo está terrivelmente errado. Grandes nuvens de fogo sobem para o céu, e quando ela se aproxima um pouco mais, consegue sentir o calor.

A visão abaixo dela a deixa sem fôlego. Toda a cidade parece ser uma grande bola de fogo. Os poucos sobreviventes que ela consegue ver correm pelas ruas, gritando sem parar. Outros estão deitados nas ruas, sem vida, parecendo estar infectados pela Peste. Caitlin percebe que um grande mal tinha sido perpetrado aqui, e ela imediatamente sente que aquilo tinha sido obra de Kyle e seu povo. Ela se sente mal do estômago, e uma determinação ainda mais forte de matá-lo, se conseguir encontrá-lo.

Caitlin também sente a presença de Aiden ali, e a presença de seus companheiros de coven. O problema deve ser sério, se Aiden e seus homens estão todos mobilizados para salvar os seres humanos da cidade. Mas ela não consegue sentir a presença de Sam ou Polly ali, e ela torce para que eles ainda estejam em Warwick, defendendo Caleb e Scarlet caso alguém decida atacar.

Caitlin quer desesperadamente aterrissar e ajudar os outros. Mas ela sabe que não há tempo. Ela segura o frasco com mais força, e segue em frente, acelerando pelo ar, sabendo que precisa chegar a Warwick, assim que possível, que as vidas de Scarlet e Caleb dependem dela.

Caitlin fecha os olhos e passa voando pela paisagem horrível, respirando pouco para evitar que as enormes nuvens de fumaça preta entrem em seus pulmões. Dentro de instantes, a visão fica para trás, mesmo enquanto imagens de humanos pegando fogo ainda passam pela sua mente. Ela se sente mal do estômago, mas precisa se concentrar em ao menos salvar as pessoas que pode.

* * *

Caitlin mergulha para Warwick, e tem uma sensação de medo ao aterrissar. Ela pousa no pátio, e quase sem parar corre até o quarto de Caleb e Scarlet. Ela percebe imediatamente que o lugar está vazio. Ela não consegue entender como aquilo poderia ter acontecido. Onde estariam Sam, Polly e Lily? Como poderiam ter deixado Caleb e Scarlet desprotegidos, quando ela lhes tinha pedido especificamente que ficassem com eles?

Ela reza para estar enganada, e que eles estejam lá, no quarto, esperando quando ela chegar.

Caitlin entra no quarto e imediatamente um nó se forma em sua barriga. Como ela temia, Sam e Polly não estão ali. E nem Lily.

O coração de Caitlin se parte, enquanto ela lentamente caminha pelo quarto escuro. Ela vê Caleb e Scarlet ainda deitados em suas camas. De onde está, ela pode sentir que ambos ainda estão vivos, embora aparentem estar mortalmente doentes, e a visão é como uma faca atravessando o corpo dela.

Caitlin não consegue imaginar o que poderia ter acontecido. Onde estão Sam e Polly? Onde está Lily? E Ruth?

Caitlin olha em volta com mais cuidado, e ao fazer isso, seu coração se sobressalta. Ali, encostada contra a parede e inconsciente, está Ruth.

Caitlin caminha até ela, ajoelhando-se, e sente sua caixa torácica. Ruth está respirando, mas de forma superficial. Caitlin olha para cima e vê sinais de sangue, de uma luta. De repente, ela percebe que alguém tinha passado ali e tinha machucado Ruth. Mas quem? Como? E se isso havia acontecido, por que Caleb e Scarlet estavam ilesos?

Antes que ela possa descobrir as respostas, ela ouve um grito e um rosnado, e com o canto do olho, vê algo se aproximando dela. Caitlin está tão surpresa, que mal consegue reagir a tempo quando Lily investe contra ela, com as presas estendidas e rosnando, e a joga pelo ar.

Caitlin sai voando pelo quarto e colide contra a parede, com força suficiente para abalar o quarto inteiro. Ela escorrega para o chão, atordoada, e olha para cima para ver Lily prestes a atacá-la de novo.

Caitlin não consegue processar o que está vendo. Aquela definitivamente é Lily. Mas Lily agora é uma vampira. E a está atacando. E tinha sido mais forte do que quase todos os vampiros com quem Caitlin já tinha lutado.

Ela tinha sido transformada, Caitlin de repente percebe. E por um vampiro do mal.

Kyle.

"Sim, é isso mesmo," diz Lily, com uma voz profunda, gutural. "Kyle é meu mestre agora."

Lily a ataca de novo, mas desta vez, Caitlin está preparada. Ela rola no último segundo, Lily bate com na parede, e Caitlin se vira e lhe dá uma cotovelada nas costas. Lily grita de dor quando cai no chão. Caitlin tem a chance de realmente machucá-la, mas ela não consegue. Aquela ainda é Lily, sua amiga. E ela tinha sido transformada por um vampiro monstruoso, e não tem culpa.

Caitlin pode sentir que, no fundo, o bem ainda existe dentro de Lily. E que ela ainda poderia se libertar daquilo.

Então, em vez disso, Caitlin salta sobre as costas de Lily e a imobiliza, impedindo que ela se mova ou machuque alguém, inclusive ela mesma. Lily se contorce sem parar, mas Caitlin a segura firmemente, como se estivesse tentando segurar um demônio.

"Fique longe de mim!" Lily grita.

"Lily, sou eu! Caitlin! Você foi transformada. Por um vampiro do mal. Eu sei que a velha e boa Lily ainda está aí dentro. Ela ainda está com você. Deixe que o mal vá embora, e volte a ser a Lily que eu conheço."

Lily se contorce e grita, e Caitlin sente que uma tremenda batalha está acontecendo dentro dela. É como se Lily estivesse lutando consigo mesma, como se estivesse possuída.

"Caitlin," diz uma voz, uma voz nova, de dentro de Lily. "Liberte-me, por favor. Eu não quero te machucar."

Caitlin lentamente se levanta e dá alguns passos para trás, observando atentamente. Lily se vira e olha para ela, respirando profundamente, como a respiração de um animal ferido. Lily olha para ela, e quando faz isso, seus olhos ficam vidrados, mudando de cor, do marrom ao preto para o verde. Por um segundo, Caitlin reconhece a velha Lily. Ela sente a luta épica acontecendo dentro dela.

De repente Lily estica o braço, pegando uma faca de prata do chão e erguendo o braço, e então começa a abaixá-lo. Mas ela não está tentando atacar Caitlin. Em vez disso, ela está tentando enfiá-la em seu próprio coração. Ela está tentando se matar, percebe Caitlin.

Caitlin pula e agarra a mão de Lily, pouco antes que faca atinja seu coração. Ela segura as mãos de Lily com todas as suas forças, mas Lily é tão forte, que Caitlin tem dificuldade em impedi-la. A luta parece durar para sempre, e as mãos de ambas estão trêmulas, até que finalmente, Caitlin aperta o mais forte que consegue, e Lily larga a faca.

Lily joga a cabeça para trás e grita, como se estivesse exorcizando um demônio dentro dela. De repente, Lily se vira e corre pelo quarto. Ela vai direto para os enormes vitrais, e sem pausa, salta através deles, derrubando pedaços de vidro por todos os lugares.

Caitlin fica olhando enquanto Lily voa para a noite, batendo suas enormes asas, voando o mais rápido que pode para se afastar daquele lugar.

"Ela me decepcionou," diz uma voz sombria, gutural.

Caitlin se vira lentamente, reconhecendo aquela voz. Kyle.

Ele sai das sombras, sem um olho, com a pele queimada, e agora, Caitlin consegue ver, também sem um dedo. Ele é um monstro grotesco, direto das profundezas do inferno. Ele caminha lentamente em direção a Caitlin, encarando-a de frente.

"Você é uma criatura doente," diz Caitlin. "E você vai pagar com sua vida pelo que fez com minha amiga."

Kyle sorri para ela.

"Você não conseguiu me matar da primeira vez: o que faz você pensar que pode me matar agora?"

Caitlin destemidamente dá dois passos na direção a Kyle, parando diante dele.

"E você também não conseguiu me matar da primeira vez: o que faz com que você *pense* que pode me matar agora?"

Kyle solta um grito primitivo, o rugido de um animal em fúria e Caitlin repete o gesto.

Dois adversários frente a frente, nenhum deles disposto a ceder, eles partem para cima um do outro, ambos com intuito de atingir a garganta do outro.

Desta vez, seria uma luta de vida ou morte.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Sam mergulha baixo no céu à noite, rumo ao Castelo de Arundel. Ele fica exatamente onde Sam havia pressentido, e ele consegue sentir a forte presença de Polly ali. Ele sente Polly em perigo, e a sensação percorre todo o seu corpo; ele fica surpreso pela intensidade com que tinha sido afetado.

Ele fica surpreso ao reconhecer o quanto sente por Polly, quase como se ela fosse uma parte dele.

Inicialmente, ele havia sentido raiva, ciúmes, e ficado ressentido ao ouvir que ela tinha partido com Sergei. Ele tem dificuldade em aceitar isso, e a princípio acredita que aquilo só pode significar que ela ainda tem sentimentos por ele.

Mas quanto mais ele pensa a respeito, mais ele sente seus verdadeiros sentimentos de angústia, mais ele começa a perceber

que talvez seja outra coisa. Que talvez ela tenha sido enganada, ou capturada.

Sam tinha ficado nervoso por deixar Caleb e Scarlet sozinhos com Lily, mas ele argumenta que estaria de volta em apenas algumas horas, que eles estariam a salvo, e que a vida de Polly estava certamente em perigo imediato.

Sam aterrissa no pátio interior de Arundel e fica parado, com os dois pés plantados no chão. Ele olha em volta com cautela em todas as direções. O castelo parece calmo, vazio. O noite de setembro é mais fria, e uma brisa gelada sobe do fosso.

Este castelo é um lugar estranho, em forma de ferradura, com gramado circular no meio e uma colina na outra extremidade. A construção de pedra está iluminada apenas por tochas, espalhadas ao longo de todo o exterior. Ele pode sentir o perigo de longe.

"POLLY!" Sam grita.

Sua voz ecoa pelas pedras.

Sam se vira, escolhe uma porta, e corre direto para ela. A porta é de madeira sólida e parece ter trinta centímetros de espessura, mas ele não desacelera. Ele salta no ar, usando toda sua força vampira, e chuta a porta com os dois pés. A porta é arrancada das dobradiças, e Sam corre para dentro do castelo.

Sam corre pelos corredores de pedra vazios, gritando o nome de Polly. Ele pode sentir o perigo que ela corre, e percebe que ele tinha feito a escolha certa indo até ali.

"POLLY!" Ele grita de novo, virando mais um corredor.

Ao entrar em uma grande sala, de repente, as portas se fecham ao seu redor. São portas de prata, e quando Sam gira sobre os calcanhares, ele vê que há uma dúzia delas, fechadas, cada uma,

por um vampiro. Todos os vampiros são mulheres, todas com armas mortais e encarando Sam de frente.

De pé no centro da sala está Sergei. Ele olha para Sam com um sorriso vitorioso no rosto.

"Sua Polly agora é meu brinquedinho," ele fala. "Uma escrava para mim. Como todos os outros aqui. Ela vai estar a meu serviço pelos próximos mil anos."

Sam podia sentir sua raiva aumentando, subindo pelas suas veias. Mas ele não tenta suprimi-la desta vez. Em vez disso, ele deixa que o ódio ferva e borbulhe, deixa que ele se intensifique cada vez mais, sentindo-se a ponto de explodir. Ele *quer* explodir, quer desencadear uma fúria diferente do que Sergei já tinha visto.

"Ela foi estúpido o suficiente para me ouvir," diz Sergei, "não apenas uma vez, mas duas. E agora, ela pagou o preço. Assim como você, e sua irmã."

Sergei assente sombriamente, e as dezenas de mulheres vampiras cercam Sam por todas as direções, empunhando suas armas - enormes machados, clavas, lanças e espadas longas.

A raiva de Sam finalmente atinge o ápice, e quando elas o atacam, ele pula no ar, mais alto do que todas elas, e enquanto voa, Sam estende a mão e agarra os eixos de todas as suas armas. Ele voa no ar, segurando as armas, e removendo cada arma de cada vampiro enquanto passa. Então, quando ele alcança a última vampira, ele agarra o enorme machado de batalha de prata da mão dela sua mão, e voa direto para Sergei.

Os olhos de Sergei se arregalam. Antes que ele possa reagir, Sam voa a toda a velocidade, rumo a Sergei, e balança o machado com força. É um golpe limpo. Dentro de uma fração de segundo, Sam decapita Sergei, e sua cabeça rola para longe enquanto seu corpo cai no chão.

É como se um feitiço tivesse sido quebrado. De repente, as dezenas de vampiras, que até alguns segundos antes tinham sido suas inimigas, agora parecem ter sido libertadas de um transe. Eles se afastam de Sam, e vagam pelo quarto, consolando umas às outras. Sam pode ver em seus olhos e em suas expressões, que já não são hostis a ele.

"Por favor, perdoe-nos," uma deles implora. "Nós nunca quisemos prejudicá-lo."

"Onde está a Polly?" Pergunta Sam.

Uma das vampiras se adianta.

"Vou levá-lo até ela."

Ela corre e tira um conjunto de chaves do bolso, para destrancar o portão de ferro. Mas Sam não tem tempo a perder. Ele se adianta, arrancando a enorme porta de suas dobradiças com ambas as mãos, e a joga para o lado. A garota olha para ele, chocada.

"Qual o caminho?" Ele pergunta.

Ela aponta, com a mão ainda tremendo, para um corredor. Sam segue pelo corredor, e começa a ouvir a voz de Polly, gritando e batendo atrás de uma porta. Ele para diante dela.

"Afastese!" ele grita.

Em seguida, ele se inclina para trás e chuta a porta, arrancando-a de suas dobradiças. Ele corre para dentro da cela de pedra, e encontra Polly ali, tremendo e chorando. Ela corre para seus braços, e o abraça com força. Ele a abraça de volta.

"Sam," ela diz. "Eu fui tão estúpido. Obrigada. Obrigada. Você salvou minha vida."

Ela o abraça com mais força ainda, e ele retribui o gesto. Ele não pode deixar de notar como é bom tê-la em seus braços.

E que nunca mais quer se afastar dela.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Kyle e Caitlin partem para cima um do outro com uma fúria assassina.

Caitlin o encara com coragem, e eles caem juntos como um par touros. Eles lutam, agarrando os ombros um do outro. Eles se cortam e arranham mutuamente, em um grande confronto de forças. Kyle tem o dobro do tamanho dela, mas Caitlin pode sentir a força queimando através de seu corpo, mais intensa do que ela já havia sentido. E por incrível que pareça, mesmo no meio de uma batalha tão aquecida, ela já não se sente oprimido por suas emoções. Ela se sente calma, lúcida. No controle.

Ela se concentra em sua respiração, em sua força interior, na força da vida correndo através dela. Caitlin pode sentir ódio de Kyle, sua fúria. Mas ela também fica surpresa ao perceber, um pouco mais profundo, outro sentimento: o medo. Ela fica chocada ao perceber que Kyle está com medo.

Com medo *dela*.

Depois de alguns minutos de luta, Caitlin conquista uma vantagem. Ela se vira e o arremessa, e ele sai voando pela sala, batendo em uma parede de pedra.

Kyle fica ali, olhando para ela, com os olhos arregalados, parecendo chocado. Ele rosna quando a ataca de novo, como quisesse derrubá-la. Mas, quando ele faz isso, Caitlin salta no ar e chuta seu queixo, derrubando-o de costas no chão.

Caitlin, em seguida, levanta o pé, com o objetivo de esmagar sua garganta. No último segundo, porém, ele rola para fora do caminho, e seu pé bate no chão com tanta força que faz um buraco nele. Por um segundo, ela fica presa. Kyle dá uma cotovelada com força nas costas dela, mandando-a voando pela sala de cabeça contra a parede.

Caitlin sente uma dor dilacerante nas costas e na cabeça, e momentaneamente, se sente tonta. Kyle a ataca novamente, desta vez pegando uma enorme mesa e erguendo-a acima de sua cabeça, e se prepara para esmagar a cabeça de Caitlin.

Caitlin rola para o lado bem a tempo, dando uma rasteira em Kyle e fazendo com que ele caia de cara no chão, batendo a cabeça na borda da mesa. Ela gira sobre os calcanhares, arrancou o pé de metal da mesa e o levanta, batendo com força na parte de trás da cabeça de Kyle.

Ele rola para o outro lado da sala e, finalmente para do outro lado do quarto, gemendo e quase inconsciente.

Caitlin caminha até ele lentamente, levanta a barra de metal até o alto, e se prepara para enfiá-la em seu peito e acabar com ele para sempre. Quase inconsciente, ele olha para ela, e sorri um sorriso maligno, com sangue saindo de sua boca.

"Vá em frente," ele pede.

Caitlin levanta o metal e está prestes a matá-lo, como vingança por todos que ela tanto ama quando, no último segundo, ela ouve uma voz.

"Mãe?"

Caitlin gira em direção à voz, o som das palavras de Scarlet correndo por ela. Ela vê Scarlet sentada na cama, estendendo a mão para ela.

Caitlin volta a olhar para Kyle, pronta para acabar com ele, mas já era tarde demais. Ele já está correndo para a janela aberta, e com dois passos enormes, ele salta para fora. Tudo o que Caitlin pode fazer é observar, enquanto ele se afasta voando pela noite.

"Nós nos encontraremos de novo!" ele grita, suas palavras ecoando através do céu noturno enquanto ele voa para longe, desaparecendo atrás da lua cheia.

Caitlin deixa a arma cair no chão e corre para o lado de Scarlet.

Ela a abraça com força, e segurando-a, enquanto ela chora e soluça. Ela se inclina para trás e afasta o cabelo do rosto, e a beija em sua testa. Seus vergões parecem muito piores do que antes, e ela pode sentir que ela ainda tem febre.

"Sinto muito, querida," diz Caitlin. "Eu sinto muito por tê-la deixado aqui."

Scarlet a abraça de novo, segurando-a com força e chorando.

"Dói tanto, mãe. Por favor, faz isso passar."

O coração de Caitlin se parte.

"Eu vou," Caitlin responde. "Tudo vai ficar bem. Eu prometo."

Caitlin corre para o outro lado da cama, para o lado de Caleb, e se ajoelha ali, segurando a mão dele entre as suas, enquanto ela se inclina para perto e sussurra em seu ouvido.

"Caleb," ela diz.

Nada.

Ela o aperta com mais força, com ambas as mãos, e pode sentir as lágrimas rolando pelo seu rosto. Ela consegue sentir que ele ainda estava vivo, mas apenas por um fio.

"Caleb, por favor," ela chora. "Abra seus olhos. Apenas uma última vez."

Lentamente, muito lentamente, as pálpebras de Caleb parecem tremer um pouco.

"Eu te amo Caleb," ela diz. "Eu quero que você saiba disso. Eu sempre vou te amar. E eu sempre vou ser sua esposa."

Caleb parece se mexer. Ele abre os olhos só um pouquinho mais, e Caitlin desliza uma mão por baixo de sua cabeça. Ela gentilmente levanta a cabeça dele e, com a outra mão, estende o braço e tira o frasco com o sangue de Violet do bolso.

"Caleb, eu preciso que você faça uma última coisa para mim," ela pede. "Você deve beber isso. Você pode fazer isso?"

Ele não responde.

"Caleb. Por favor. Faça isso por mim. Só esta última coisa. *Por favor.*"

Ele olha para ela, com as pálpebras trêmulas, e parece acenar um pouco com a cabeça. Caitlin respira fundo, estende a mão, abrindo o frasco, e o segura diante dos lábios de Caleb. Ela levanta a cabeça dele um pouco mais, e o força a abrir os lábios. E então, de repente, ela esvazia o frasco inteiro em sua garganta, fechando sua boca e forçando a cabeça dele para trás.

Caleb tosse e engasga com o sangue no fundo de sua garganta. Ele tosse sem parar, tentando recuperar o fôlego. O sangue faz alguma

coisa com ele, obviamente, já que, por um momento, seus olhos se arregalam.

"E agora, alimente-se de mim," ela pede chorando.

Caleb balança a cabeça lentamente.

"Eu não posso," ele sussurra. "Isso poderia matá-la."

Caitlin sacode a cabeça com firmeza.

"Não. Está tudo bem. Eu prometo. Tudo vai ficar bem."

Caleb sacode a cabeça sem parar, enquanto seus olhos começam a fechar. Caitlin o sacode pelos ombros.

"Caleb, por favor, me escute. Você tem que fazer isso. Não só por mim, mas por Scarlet. Ouça-me. Eu tenho a chave. Você tem que tentar isso. Pode funcionar. Pode ser que nos mande a todos de volta."

Caleb continua balançando a cabeça sem parar.

"Mamãe?" diz uma voz do outro lado da cama. "Eu estou com medo. Eu estou vendo coisas."

Caitlin salta para cima da cama, entre os dois, e arrasta Caleb para mais perto de Scarlet. Ela estende o braço e segura na mão de Scarlet com uma mão e na mão de Caleb com a outra.

"Agora deitamos aqui para descansar," diz Caitlin em voz alta, dando início ao ritual para seu próprio funeral. "Caitlin, Caleb e Scarlet, para que ressuscitem em outro dia, com a graça suprema de Deus."

Ela repete as palavras uma segunda vez. Assim que ela o faz, os olhos de Caleb tremem. Ela segura os dois com ainda mais força, e depois se inclina, colocando sua garganta exposta diante dos lábios de Caleb.

Então, ela coloca uma mão sob a cabeça dele e a levanta, forçando os dentes dele na direção de sua garganta.

Ela repete as palavras pela terceira vez.

Quando termina, os olhos de Caleb se abrem, e Scarlet a segura com firmeza. Ela força a parte de trás da cabeça de Caleb, empurrando-o cada vez mais perto de sua garganta.

"Caleb, por favor!", Ela implora. "Alimente-se de meu sangue. Isso é uma ordem!"

E então, finalmente, quando ela começa a sentir seu mundo girar, tornando-se mais leve, as chaves de seu pai em seu bolso se aquecem, e ela vê Caleb abrindo os seus lábios um pouco. Ela sente suas presas se estenderem e, com sua última gota de energia, Caleb se inclina para frente e mergulha suas longas presas profundamente na garganta dela.

Ela solta um grito ao sentir a dor de suas presas entrando em sua garganta.

À medida que seus dentes se aprofundam mais, Caitlin sente a sala girando e seu mundo ficando completamente branco. Ela começa a perder o sentido de seu corpo, e poderia jurar que vê Jade, pairando sobre eles, assistindo a tudo e sorrindo.

Seu mundo lentamente, inevitavelmente, fica branco, e tudo que ela consegue pensar, enquanto segura todos com força, é que, finalmente, ela está noiva.

Document Outline

- [CAPÍTULO UM](#)
- [CAPÍTULO DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRÊS](#)
- [CAPÍTULO QUATRO](#)
- [CAPÍTULO CINCO](#)
- [CAPÍTULO SEIS](#)
- [CAPÍTULO SETE](#)
- [CAPÍTULO OITO](#)
- [CAPÍTULO NOVE](#)
- [CAPÍTULO DEZ](#)
- [CAPÍTULO ONZE](#)
- [CAPÍTULO DOZE](#)
- [CAPÍTULO TREZE](#)
- [CAPÍTULO CATORZE](#)
- [CAPÍTULO QUINZE](#)
- [CAPÍTULO DEZESSEIS](#)
- [CAPÍTULO DEZESSETE](#)
- [CAPÍTULO DEZOITO](#)
- [CAPÍTULO DEZENOVE](#)
- [CAPÍTULO VINTE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E UM](#)
- [CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)
- [CAPÍTULO TRINTA](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E UM](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)

- [CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E CINCO](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E SEIS](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E SETE](#)